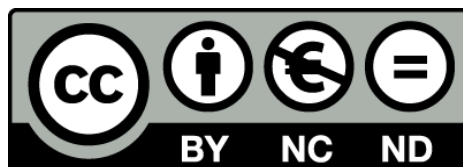


Os processos de planificação territorial e transformações socioespaciais em Vitória da Conquista-BA

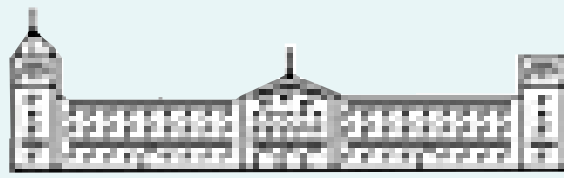
Altemar Amaral Rocha



Aquesta tesi doctoral està subjecta a la llicència Reconeixement- NoComercial – SenseObraDerivada 3.0. Espanya de Creative Commons.

Esta tesis doctoral está sujeta a la licencia Reconocimiento - NoComercial – SinObraDerivada 3.0. España de Creative Commons.

This doctoral thesis is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0. Spain License.



Universitat de Barcelona



Os processos de planificação territorial e transformações socioespaciais em Vitória da Conquista-BA

Altemar Amaral Rocha

Barcelona- España-2012



UNIVERSITAT DE BARCELONA



**Facultad de Geografia i Història
Departamento de Geografia i Anàlisi Regional
Departamento de Geografia Humana
Programa de doctorado: Planificación Territorial e Gestión Ambiental**

Tese de Doutoramento

Os processos de planificação territorial e transformações socioespaciais em Vitória da Conquista-BA

ALTEMAR AMARAL ROCHA

Orientador

Prof. Dr. Sergi Martínez i Rigol

**Barcelona
Dezembro de 2012**



UNIVERSITAT DE BARCELONA



**Facultad de Geografia i Història
Departamento de Geografia i Anàlisi Regional
Departamento de Geografia Humana
Programa de doctorado: Planificaci3n Territorial e Gestio Ambiental**

Os processos de planifica3o territorial e transforma3es socioespaciais em Vit3ria da Conquista-BA

Tese de Doutorado para a obten3o do tulo de doutor sobre o qual, apresenta as transforma3es s3cio-espaciais de Vit3ria da Conquista decorrentes dos processos de planifica3o territorial. Relacionado ao programa de P3s-Gradua3o em Planificaci3n Territorial e Gestio ambiental do Departamento de Geografia e Historia da Universidade de Barcelona – UB em conv3nio com a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB.

Comiss3o Examinadora

**Barcelona
Dezembro de 2012**

ROCHA, Altemar Amaral. Os processos de planificação territorial e as transformações socioespaciais em Vitória da Conquista-Ba - 2012. (Tese) Doutorado em Geografia, Planificação Territorial e Gestão Ambiental – Universidade de Barcelona-UB.

RESUMO

Esta tese baseia-se na análise dos processos de planificação territorial tendo em vista as transformações socioespaciais ocorridas em Vitória da Conquista, com o objetivo de compreender a estrutura Urbana da cidade. Destaca-se a produção do espaço urbano e as relações socioespaciais como fio condutor da pesquisa. Foi trabalhado o conceito de espaço geográfico do ponto de vista da epistemologia e da ontologia, pautado no conhecimento do território na gestão e planificação. Um conceito chave adotado foi o de produção do espaço e sua sistematização no pensamento geográfico, para compreender as transformações socioespaciais advindas do processo de urbanização, bem como as novas territorialidades resultantes desse processo. A metodologia da pesquisa baseia-se na articulação da epistemologia materialista e do pensamento crítico com a questão urbana, que conduz ao estudo das relações socioespaciais. Associando-se o método cartográfico com o trabalho de campo, foram realizadas várias incursões de forma empírica no espaço urbano de Vitória da Conquista para detectar tais processos e transformações socioespaciais em curso na cidade, bem como questionar a participação dos atores que são responsáveis pelas transformações constatadas, destacando a participação do poder público na criação de uma política urbana, permeada de leis e decretos que ordenam todo o movimento de transformação no espaço, além de tentar compreender como os agentes imobiliários e as incorporadoras interferiram e ainda interferem nesse processo de transformação socioespacial. Percebe-se que os processos de planificação territorial ocorridos em Vitória da Conquista-Ba são recorrentes desde a sua tenra idade no século XIX, com várias transformações espaciais ao longo do século XX; para o ordenamento dessas transformações, diversos planos setoriais foram implementados no período e ao lado desses, novas relações espaciais modelaram a cidade proporcionando uma morfologia urbana com estruturas e formas fragmentadas, mas sem perder a unidade urbana que define a cidade.

Palavras-chave: Espaço Urbano; Planificação Territorial; Produção do Espaço; Fragmentação Territorial.

ROCHA, Altemar Amaral. The territorial planning processes and the socio-spatial changes in Vitória da Conquista-Ba-2012. (Thesis) Doctorate in Geography, Territorial Planning and Environmental Management – University of Barcelona-UB.

ABSTRACT

This thesis is based on the analysis of the territorial planning processes in view of the socio-spatial changes which have occurred in Vitória da Conquista, with the aim of understanding the urban structure of the city. The production of the urban space and the socio-spatial relations stand out as the guiding line of the research. The concept of geographical space was approached in terms of epistemology and ontology, based on the knowledge on territory in management and planning. An adopted key concept was that of production of space and its systematization in the geographical thought in order to understand the socio-spatial changes brought about by the urbanization process as well as the new territorialities resulting from this process. The research methodology is based on the articulation of materialist epistemology and of critical thinking with the urban issue, which leads to the study of socio-spatial relations. By joining the cartographic method with field work, several incursions were empirically conducted into the urban space of Vitória da Conquista in order to detect such ongoing processes and socio-spatial changes in the city, as well as to question the involvement of actors who are responsible for the observed changes, by highlighting the participation of the public power in the creation of an urban policy, full with laws and decrees ordering every movement of change in space, as well as to try to understand how real estate agents and incorporators have interfered in this process of socio-spatial change. One notices that the processes of territorial planning which have occurred in Vitória da Conquista-Ba have been recurrent since their early age in the 19th century, with several spatial changes over the 20th century; for the ordering of these changes, various sectorized plans were implemented in this period and beside them new spatial relationships shaped the city by providing an urban morphology with fragmented structures and forms, but without losing the urban unit which defines the city.

Key-words: Urban Space; Territorial Planning; Space Production; Territorial Fragmentation.

ROCHA, Altemar Amaral. Los procesos de planificación territorial y de los cambios socio-espaciales en Vitória da Conquista-BA-2012. (Tesis) Doctorado en Geografía, Planificación y Gestión Ambiental – Universidad de Barcelona-UB.

RESUMEN

Esta tesis se basa en el análisis de los procesos de planificación territorial en vista de los cambios socio-espaciales ocurridos en Vitória da Conquista, con el objetivo de comprender la estructura urbana de la ciudad. Se destacan la producción del espacio urbano y las relaciones socio-espaciales como hilo conductor de la investigación. Se abordó el concepto de espacio geográfico desde el punto de vista de la epistemología y de la ontología, guiada por el conocimiento de la gestión del territorio y la planificación. Un concepto clave adoptado fue el de la producción del espacio y su sistematización en el pensamiento geográfico para comprender los cambios socio-espaciales resultantes del proceso de urbanización así como las nuevas territorialidades que resultan de este proceso. La metodología de la investigación se basa en la articulación de la epistemología materialista y del pensamiento crítico con la cuestión urbana, lo que lleva al estudio de las relaciones socio-espaciales. Uniéndose el método cartográfico con el trabajo de campo, se realizaron empíricamente varias incursiones en el espacio urbano de Vitória da Conquista para detectar tales procesos y cambios socio-espaciales en curso en la ciudad así como cuestionar la participación de los actores que son responsables de los cambios observados, destacando la participación del poder público en la creación de una política urbana llena de leyes y decretos que ordenan todo el movimiento de cambios en el espacio, además de intentar comprender cómo los agentes inmobiliarios y las incorporadoras interfirieron y todavía interfieren en este proceso de cambio socio-espacial. Se observa que los procesos de planificación territorial ocurridos en Vitória da Conquista-Ba son recurrentes desde su temprana edad en el siglo XIX, con varios cambios espaciales a lo largo del siglo XX; para la ordenación de estos cambios, varios planes sectoriales se llevaron a cabo en el período y al lado de estos, nuevas relaciones espaciales modelaron la ciudad proporcionando una morfología urbana con estructuras y formas fragmentadas, pero sin perder la unidad urbana que define la ciudad.

Palabras-clave: Espacio Urbano; Planificación Territorial; Producción del Espacio; Fragmentación Territorial.

ROCHA, Altemar Amaral. Els processos de planificació territorial i dels canvis socio-espacials a Vitória da Conquista-BA-2012. (Tesi) Doctorat en Geografia, Planificació Territorial i Gestió Ambiental – Universitat de Barcelona-UB.

RESUM

Aquesta tesi es basa en l'anàlisi dels processos de planificació territorial en vista dels canvis socio-espacials que ocorren a Vitória da Conquista, amb l'objectiu de comprendre la estructura urbana de la ciutat. Es destaca la producció de l'espai urbà i les relacions soci-espacials com fil conductor de la investigació. Es va abordar el concepte d'espai geogràfic en termes de l'epistemologia i de l'ontologia, guiado pel coneixement del territori en la gestió i la planificació. Un concepte clau adoptat va ser el de la producció de l'espai i la seva sistematització en el pensament geogràfic per comprendre els canvis socio-espacials resultants del procés d'urbanització així com les noves territorialitats que resulten de d'aquest procés. La metodologia d'investigació es basa en l'articulació de l'epistemologia materialista i del pensament crític amb la qüestió urbana que condueix a l'estudi de les relacions soci-espacials. Unint-se el mètode cartogràfic amb el treball de camp, es van realitzar empíricament diverses incursions en l'espai urbà de Vitória da Conquista per detectar tals processos i canvis soci-espacials en curs a la ciutat així com qüestionar la participació dels actors que són responsables dels canvis observats, destacant la participació del poder públic en la creació d'una política urbana, plena de lleis i decrets que ordenen tot el moviment de canvi en l'espai, a més d'intentar comprendre com els agents immobiliaris i els incorporadors van interferir i encara interfereixen en aquest procés de canvi socio-espacial. Es pot observar que els processos de planificació territorial ocorreguts a Vitória da Conquista-Ba són recurrents des de la seva primerenca edat al segle XIX amb diversos canvis espacials al llarg del segle XX; per l'ordenació d'aquests canvis, diversos plans sectorials es van dur a terme en el període i al costat d'aquests, noves relacions espacials van modelar la ciutat proporcionant una morfologia urbana amb estructures i formes fragmentades, però sense perdre la unitat urbana que defineix la ciutat.

Paraules clau: Espai Urbà; Planificació Territorial; Producció de l'Espai; Fragmentació Territorial.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFJM	Arquivos do Fórum João Mangabeira
Apt.	Apartamento
Av.	Avenida
BA	Bahia
BR	Brasil
BC	Banco Central
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BNH	Banco Nacional de Habitação
CAD	Computer-Aided Design
CAIC	Centro de aprendizagem e Integração de Cursos
CAM	Computer-aided manufacturing
CBERS	China-Brazil Earth-Resources Satellite
CEASA	Central de Abastecimento de Alimentos
CEF	Caixa Econômica Federal
CGC	Canteiro geral central
CODESAL	Companhia de Desenvolvimento de Salvador
CONAMA	Conselho Nacional de Meio Ambiente
DAFA	Digestores anaeróbicos de fluxo ascendente
DBO	Demanda Bioquímica de Oxigênio
DQO	Demanda química de Oxigênio
EIA	Estudo de Impacto Ambiental
EMBASA	Empresa Baiana de Saneamento
ETE	Estação de Tratamento de Esgoto
FAMEC	Fundação de Amparo ao Menor Carente
FGTS	Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
GPS	Sistema de Posicionamento Global
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INOCOOP	Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPTU	Imposto Territorial Urbano
ISSO	Organização Internacional de Normalização.
LAF	Lagoa Aerada Facultativa
LAMC	Lagoa Aerada de Mistura Completa
MNT	Modelo Numérico de Terreno
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PAR	Programa de Arrendamento Residencial
PDU	Plano Diretor Urbano
PMCMV	Programa Minha Casa Minha Vida
PMVC	Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista
PNH	Programa Nacional de Habitação
RAFA	Reator Anaeróbico de Fluxo Ascendente
Rima	Relatório de Impacto Ambiental
SEHAB-SP	Secretaria de Habitação – São Paulo
SFH	Sistema Financeiro Habitacional
SIG	Sistema de Informação Geográfica
SINDUSCON	Sindicato da Indústria da Construção Civil
SNH	Sistema Nacional de Habitação
TM5	Thematic Mapper
UB	Universidade de Barcelona
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-
URBIS	Empresa Baiana de Urbanização-SA
UTM	Universal Transversa de Mercator
ZEIS	Zonas Especiais de Interesse Social

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	Mapa de Localização da cidade e conexões regionais de Vitória da Conquista-BA	19
FIGURA 2	Mapa da ocupação territorial e origem do Arraial da Conquista-BA.	128
FIGURA 3	Mapa do percurso percorrido pelo Príncipe Maximiliano de Wied Neuwied no interior da Bahia 1817.	132
FIGURA 4	Mapa da Evolução territorial – Política Administrativa do Território de Vitória da Conquista-BA.	133
FIGURA 5	Foto da Primeira Igreja Católica Construída entre 1809 e 1820, ao fundo, casas coloniais do período, é o marco inicial do Arraial da Conquista-BA.	136
FIGURA 6	Mapa da Villa Imperial Victória – Núcleo urbano de 1840.	138
FIGURA 7	Rua Grande final do século XIX, atual Praça Tancredo Neves e Pça Barão do Rio Branco-	141
FIGURA 8	Aspectos das ruas e o tipo de construções edificadas Vitória da Conquista no século XIX e início do século XX.	142
FIGURA 9	Expansão urbana no entorno do Rio Verruga entre 1840 e 1940	147
FIGURA 10	Retilinação do Rio Verruga entre 1940 e 2000.	146
FIGURA 11	Espacialização da população urbana de Vitória da Conquista - 2012.	152
FIGURA 12	Morfologia urbana resultante da produção espacial entre o século XIX e XXI	156
FIGURA 13	Mapa da morfologia urbana e estrutura funcional de Vitória da Conquista-BA	157
FIGURA 14	Mapa de uso do solo urbano de Vitória da Conquista-BA- 2012.	164
FIGURA 15	Esquema interpretativo do Planejamento Ambiental e Geoplanejamento urbano.	178
FIGURA 16	Mapa das feições geológicas do espaço urbano de Vitória da Conquista-BA	183
FIGURA 17	Perfil longitudinal e esboço geológico-geomorfológico do espaço urbano de Vitória da Conquista.	184
FIGURA 18	Carta imagem do relevo com feições geomorfológicas e espaço urbano.	185
FIGURA 19	Mapa da Cobertura Vegetal e Mancha Urbana de Vitória da Conquista-BA- 2012.	187
FIGURA 20	Mapa de uso do solo urbano no entorno da Reserva ambiental do Poço Escuro.	190
FIGURA 21	Mapa de unidades ecodinâmicas e grau de fragilidade espacial da cidade de Vitória da Conquista-BA 2010	193
FIGURA 22	Fotos com processos erosivos nas margens do anel rodoviário, espaço urbano de Vitória da Conquista-BA.	195
FIGURA 23	Macro drenagem urbana de Vitória da Conquista-BA com canalização aberta revestida em pedra, convergindo para o Rio Verruga.	196
FIGURA 24	Acumulo de lixo na nascente do Rio Verruga-Reserva do Poço Escuro. Despejo de esgoto in-natura na Lagoa das Bateias.	198
FIGURA 25	Mapa do entorno da estação de tratamento de esgoto da embasa e sua estrutura de funcionamento.	199
FIGURA 26	Fotos da estação de tratamento da embasa margem esquerda do Rio	200

	Verruga; ao fundo barreira com eucaliptos contra o odor dos efluentes.	
FIGURA 27	Fotos da nova estação de tratamento da embasa margem esquerda do Rio Verruga; próximo à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB.	202
FIGURA 28	Esquema de ilustração do sistema de transferência de águas entre a bacia do Rio Água Fria e a bacia do Rio Verruga.	204
FIGURA 29	Perfil longitudinal do sistema de transposição de águas para o abastecimento humano em Vitória da Conquista-BA.	205
FIGURA 30	Fotos da problemática ambiental decorrente dos processos de uso e ocupação de áreas de inundação no espaço urbano de Vitória da Conquista	216
FIGURA 31	Mapa da expansão urbana e os Processos de Planificação até 1979 – Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados do arquivo municipal -	227
FIGURA 32	Mapa do perímetro urbano de Vitória da Conquista, definido pelo plano diretor lei nº 118-1979	228
FIGURA 33	Mapa do Perímetro urbano de Vitória da Conquista definido pela lei 205-1981.	230
FIGURA 34	Mapa do Perímetro urbano de Vitória da Conquista definido pela lei 717-93.	232
FIGURA 35	Mapa da divisão por bairros definido pela lei 952-98.	234
FIGURA 36	Vista parcial da Rua Coronel Gugé -1940- porção central da cidade de Vitória da Conquista-Ba:	242
FIGURA 37	Vista parcial da porção central da cidade de Vitória da Conquista-Ba nos finais dos anos de 1940.	243
FIGURA 38	Carta imagem de Vitória da Conquista com áreas loteadas em 1979 sem ocupação efetiva por moradias.	249
FIGURA 39	Carta imagem de Vitória da Conquista com áreas loteadas em 1979 sem ocupação efetiva por moradias.	250
FIGURA 40	Mapa da espacialização dos imóveis segundo a origem do financiamento	254
FIGURA 41	Mapa da espacialização dos imóveis segundo o seu financiamento e valor da terra.	255
FIGURA 42	Vista parcial dos Bairros Candeias, Recreio e ao fundo Bairro Boa Vista.	257
FIGURA 43	Vista parcial do Bairro Candeias, com os principais investimentos do setor residencial privado entre 2004 e 2012.	257
FIGURA 44	Mapa da verticalização urbana de Vitória da Conquista-BA.	258
FIGURA 45	Vista aérea do primeiro condomínio horizontal fechado de Vitória da Conquista implantado em 1981.	260
FIGURA 46	Vista parcial do condomínio horizontal fechado Cidade das Flores iniciado em 2011- Bairro Boa Vista - Vitória da Conquista.	260
FIGURA 47	Quadro da distribuição dos conjuntos habitacionais e condomínios fechados implantados pelo setor residencial privado entre 1980 e 2012.	261
FIGURA 48	Mapa da espacialização das políticas habitacionais em Vitória da Conquista entre 1974 e 2012.	270
FIGURA 49	Fotos do padrão de Moradia do Assentamento Vila América Bairro Boa Vitória da Conquista-BA.	272
FIGURA 50	Carta Imagem do Loteamento Vila América- assentamento popular da Política Municipal de Habitação- PMHP, entre 1999 e 2012.	273
FIGURA 51	Renda por faixa salarial e déficit habitacional de Vitória da Conquista –	275

BA 2010.

FIGURA 52	Foto da Estrutura das habitações do Conjunto residencial Europa Reunida.	276
FIGURA 53	Aspectos da produção industrial implantada em 1970.	281
FIGURA 54	Mapa das Conexões partindo de Vitória da Conquista para o Brasil.	284
FIGURA 55	Carta imagem da Hierarquia das cidades e Zonas de Influência da Cidade de Vitória da Conquista-BA.	285
FIGURA 56	Quadro da distribuição do ranking das maiores empresas em vendas no Brasil em 2012, com atuação direta em Vitória da Conquista-BA.	287
FIGURA 57	Mapa da desconcentração espacial das indústrias, comércio e serviços de Vitória da Conquista-BA.	290
FIGURA 58	Mapa das novas espacialidades de Vitória da Conquista-BA-	296
FIGURA 59	Mosaico da estrutura urbana e padrão das moradias da cidade de Vitória da Conquista-BA.	303

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	BRASIL: Evolução da população nas cidades acima de 300 mil habitantes e grau de urbanização	104
TABELA 2	Bahia: Grau de urbanização e crescimento populacional nos municípios com mais de cem mil habitantes entre 2000 e 2010	116
TABELA 3	Distribuição da População Brasileira de 1940 a 2010	265
TABELA 4	Distribuição da População Baiana de 1940 a 2010	265
TABELA 5	Distribuição da População de Vitória da Conquista de 1950 a 2010	265

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA URBANIZAÇÃO E DA PLANIFICAÇÃO TERRITORIAL.....	29
2. PLANIFICAÇÃO E URBANIZAÇÃO: UNIDADE E CONTRADIÇÃO DAS RELAÇÕES	30
2.1. Unidade e contradição das relações e a produção do espaço geográfico.	31
2.2. A articulação sociedade natureza no pensamento geográfico.....	35
2.3. A produção do espaço, a produção e a diversificação da natureza e do território.	44
2.4. Os Pressupostos da espacialidade A produção do espaço e os processos de planificação territorial.....	47
3. PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO: A DIMENSÃO SOCIOESPACIAL DO URBANO E AS FORMAS URBANAS.....	56
3.1 A produção do espaço e a forma urbana.....	57
3.2 A noção de espaço-tempo e espacialidade	62
3.3 A Centralidade urbana na definição da espacialidade e da forma da cidade	65
3.4 A produção do espaço, configuração territorial e a articulação entre os espaços internos da cidade	79
4. DA SEGREGAÇÃO À FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL DAS CIDADES: O DESAFIO DA PLANIFICAÇÃO URBANA NO BRASIL E EM VITORIA DA COQUINISTA-BA	91
4.1 Fragmentação e segregação socioespacial: tendências da urbanização contemporânea.	93

4.2	A Territorialidade e o Território: interface das desigualdades socioespaciais na morfologia das cidades brasileiras	96
4.3	A lógica da fragmentação territorial no espaço urbano das cidades brasileiras.	103
4.4	A fragmentação socioespacial das cidades: o desafio da planificação urbana no Brasil.	109
4.5	Os desafios da planificação urbana na Bahia	115
5	A FORMAÇÃO SÓCIOESPACIAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA NO CONTEXTO DA URBANIZAÇÃO.....	121
5.1	Os princípios da identidade territorial de Vitória da Conquista em seu processo de formação socioespacial	122
5.2	Transformações socioespaciais na expansão urbana e gênese da moderna cidade de Vitória da Conquista-BA	135
5.3	Vitória da Conquista: um espaço urbanizado	148
5.4	Morfologia uso e ocupação do solo urbano de Vitória da Conquista	155
6	AS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DA CIDADE E A ATUAL CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA	167
6.1	Geoplanejamento urbano e do planejamento ambiental: implicações no espaço urbano de Vitória da Conquista.....	169
6.2	A Problemática Socioambiental, as condições de ocupação e a planificação territorial voltada para a solução dos problemas ambientais	186
6.3	Das questões ambientais às contradições socioespaciais na configuração territorial urbana de Vitória da Conquista- BA	210
7	OS PROCESSOS DE PLANIFICAÇÃO TERRITORIAL E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS EM VITÓRIA DA CONQUISTA	223
7.1	A Política urbana e os processos de planificação territorial no espaço urbano de Vitória da Conquista	225
7.2	Da criação de loteamentos ao surgimento das incorporadoras: a lógica de fragmentação do espaço urbano.	241
7.3	A trajetória do mercado imobiliário em Vitória da Conquista e a espacialidade resultante do processo de apropriação do espaço urbano.	252

7.4 O sistema habitacional, as políticas habitacionais e os diversos segmentos de financiamento.	264
7.5 Avaliação da espacialidade urbana de Vitória da Conquista-BA, sua escala de abrangência territorial e as contradições socioespaciais advindas desse processo.	277
8 CONCLUSÕES	313
9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	319
Anexos	333

1- INTRODUÇÃO

A cidade desempenha, pois fundamental papel econômico no desenvolvimento do capitalismo, mas, inversamente, a urbanização é moldada, modelada, de acordo com as necessidades da acumulação capitalista. (LOJKINE, 1997, p.185.)

O processo de urbanização no Brasil veio acompanhado de enormes desafios para as cidades. De um lado, o rápido crescimento das cidades, surgindo grandes aglomerados urbanos como as metrópoles do sudeste do país. De outro, a capacidade de uso e ocupação do solo urbano pelos atores que compõem o processo de urbanização. No Caso de Vitória da Conquista, a ocupação do solo urbano demonstra que a cidade se desenvolveu de forma desordenada, não respeitando diretrizes e critérios estabelecidos. A partir do núcleo inicial, o desenvolvimento do traçado se espalha segundo os eixos viários, deixando grandes extensões territoriais sem ocupação são as áreas de “engorda”, que marca a configuração do espaço da cidade. Em contraponto, as áreas periféricas segregadas em termos de estrutura urbana abrigam parcelamentos populares de baixa renda.

Essa pesquisa tem como base a análise da ocupação urbana, advinda dos processos de territorialização e urbanização, iniciados em meados século XIX, que teve o seu marco na porção central da cidade, antiga Rua Grande e desde então, territorializou-se acrescidas de desigualdades.

Por muito tempo Vitória da Conquista teve sua expansão urbana confinada ao núcleo central da cidade. Por outro lado após 1940, a urbanização que se

desenvolveu, foi influenciada pela Segunda Revolução Industrial e respondeu, de forma incisiva à tendência de concentração.

Essa tendência pode ser observada no plano de concepção da cidade que comanda a vida urbana e marca a sociedade contemporânea, seja no plano funcional pelas formas de estruturação do espaço urbano, seja pelos processos de planificação territoriais pensados para o desenvolvimento da cidade enquanto lugar da produção de bens e consumo.

A constituição de núcleos urbanos em áreas core no contexto da produção fordista que desenvolveu-se em todo o século XX e o seu crescimento em ritmo acelerado, faz com que tais cidades passem a ter um tamanho e importância maiores que os observados em áreas urbanas de menor porte, atestando empiricamente a lógica da produção capitalista do espaço e sua tendência de produzir cidades cada vez mais centralizadas em suas formas e funções.

No entanto, as constantes transformações ocorridas no processo produtivo e as sucessivas crises que ocorreram durante todo o século XX, promoveu uma mudança na lógica da produção e do consumo, e com isso carrou uma série de mudanças estruturais no sistema produtivo, refletindo também no processo de urbanização recente das cidades brasileiras, incluindo neste caso, a cidade de Vitória da Conquista.

Assim, a tendência à concentração espacial e centralização das funções que até então se materializava na maioria das cidades funcionais, até o final dos anos 1990, passa ter uma ruptura nessa lógica com um novo processo de fragmentação territorial, ou seja, houve um rompimento da identidade entre processo e forma, no que se refere à tendência de concentração, na medida em que as novas formas espaciais produzidas no espaço urbano aparecem de forma descontínua e dispersa, contudo, entre muralhas cada vez mais segmentada, é o caso dos condomínios horizontais fechados, que ocupam extensas faixas territoriais no espaço urbano, mas ao mesmo tempo, promovem uma segregação

residencial pela incorporação de espaços fechados dentro de uma mesma espacialidade urbana.

Para Sposito (2005), “essa é uma das contradições que resultam do movimento em curso e se apresenta aos pesquisadores como desafio para compreender o mundo urbano contemporâneo”.

Na tese, considera-se a cidade como espaço urbano que pode ser analisado como um conjunto de pontos, linhas e áreas, permeados de funções, focaliza os processos e as formas espaciais que definem a morfologia da cidade. Considera o contexto da planificação territorial, como forma de produção espacial em suas conexões com estrutura social, processos e funções urbanas. Por conseguinte, estabelece a análise espacial pautado na busca da compreensão das contradições, segundo um paradigma de consenso ou de conflito embora muitas vezes sutis no contexto socioespacial.

Com o advento da urbanização, essas sutilidades foram transformando-se em espaços cada vez mais diversos e descontínuos, moldados pelo processo produtivo, mas ao mesmo tempo, cada lugar ganha com isso, particularidades e singularidades. Os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos; eles são singulares, mas também são globais (SANTOS, 2003).

O fato é que a espacialidade urbana de Vitória da Conquista apresenta-se diversa e descontínua. De um lado, a crescente onda dos condomínios horizontais fechados, que se espalha por toda a cidade, aumentando a descontinuidade do tecido urbano, de outro a alta concentração e verticalização em alguns pontos da cidade, decorrente de dinâmicas de diferentes tipos que se articulam entre si, aumentando a tendência de aglomeração urbana pela verticalização e concentração territorial das funções.

Nessa perspectiva, uma primeira preocupação foi a busca das questões que marcaram o processo de urbanização de Vitória da Conquista-Ba, destacando as principais características da urbanização no século XX,

descrevendo os elementos essenciais para a compreensão dos conceitos trabalhados na tentativa de explicar essa realidade urbana.

Uma segunda perspectiva de análise foi a busca pela compreensão das dinâmicas econômicas que produziram as condições necessárias para o desenvolvimento da cidade e produzem as novas territorialidades urbanas, evidenciando-se assim, novas espacialidades, com novos atributos socioespaciais e novas formas na composição da morfologia urbana. Além da realização de uma análise das políticas territoriais que sucederam ao longo do processo de urbanização, bem como dos processos de planificação, sobretudo aqueles que são responsáveis pela atual configuração territorial da cidade.

Com base nesses enfoques, a perspectiva de análise, é a atual configuração do espaço urbano de Vitória da Conquista- BA resultante dos processos de planificação territorial materializados no contexto da urbanização da cidade, como forma de se compreender o movimento das transformações socioespaciais, dando-se maior destaque a suas dimensões socioeconômicas, territoriais e espaciais.

O recorte analítico que apoia-se nas referidas perspectivas, apresentadas para o desenvolvimento da tese, foi pensado na medida em que as novas formas urbanas materializadas no espaço urbano de Vitória da Conquista impõem novas dinâmicas territoriais, econômicas e novas práticas socioespaciais exigem uma análise baseada nas relações entre localização e fluxo que se estabelecem articulando, cada vez mais o espaço geográfico, de modo que somente o estudo interno da cidade já não explica a realidade e deve ser superado.

É preciso destacar a relação direta entre as questões urbanas e regionais, que em Vitória da Conquista, há muito vêm trilhando caminhos paralelos, ou seja, o desenvolvimento urbano da cidade está diretamente ligado ao desenvolvimento regional que polarizou Vitória da Conquista como capital regional do ponto de vista da funcionalidade. Essa dinâmica urbana que foi constatado aqui somente é possível na medida em que há uma unidade entre a dinâmica urbana e a

dinâmica regional polarizada em Vitória da Conquista. No mapa da (figura 1), é demonstrado o plano urbano da cidade e as principais cidades do Estado da Bahia e as conexões com Vitória da Conquista de forma direta ou indireta no Estado da Bahia.

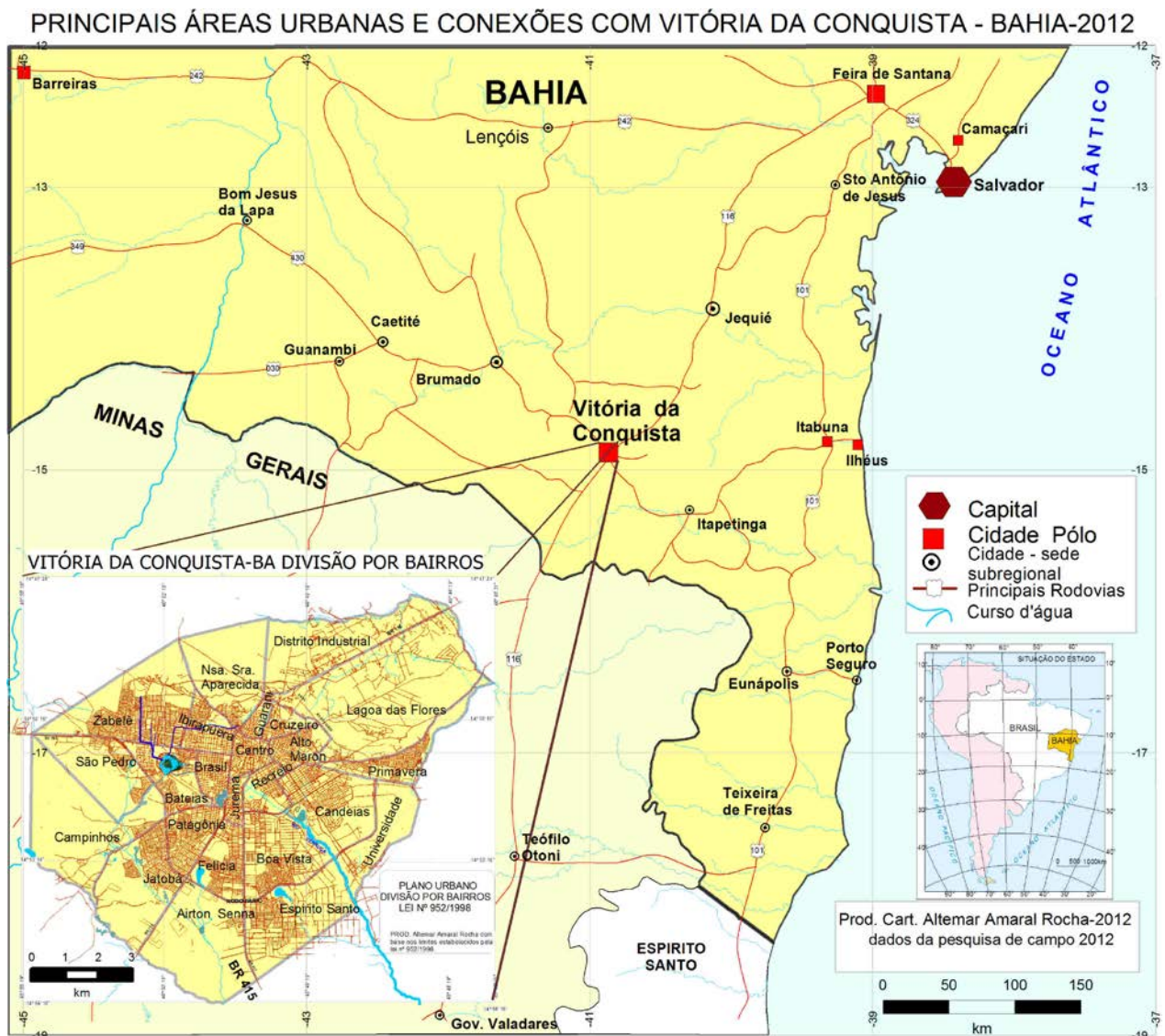


Figura 1- Mapa de Localização da cidade e conexões regionais de Vitória da Conquista-BA
Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do trabalho de campo dez -2012

A elucidação de como procedeu a expansão urbana de Vitória da Conquista, mediante a análise dos processos de planificação territorial e das

transformações socioespaciais resultantes desses processos é crucial para a compreensão dessa dinâmica urbana que se estabeleceu na cidade.

Assim, para refletir sobre as temáticas: espaço, representação do espaço, lugar, planificação territorial nos remete a esboçar um "problema de estudo", fundamentado na teoria do espaço, associadas com a cognição do conhecimento.

O objetivo principal dessa tese é compreender a estrutura urbana mediante a análise dos processos de planificação territoriais implantados ao longo do processo de urbanização, proporcionar a percepção e a representação do espaço pelo indivíduo, mediante a linguagem dos mapas, numa perspectiva em que o processo de conhecimento é concebido como produção simbólica e material, socioculturalmente organizados e mediados por signos.

Também, analisar as transformações socioespaciais urbanas desenvolvidas no espaço urbano de Vitória da Conquista-BA; diferenciar as formas urbanas no interior da cidade de Vitória da Conquista. Identificar as variáveis urbanas que resultam do processo de urbanização fordista; Analisar a estrutura, os processos e os atores que definiram as diferentes formas urbanas da cidade de Vitória da Conquista; relacionar as variáveis espaciais da cidade com os processos de planificação territorial implantados no período, levando em consideração o papel do Estado, das incorporadoras e dos agentes imobiliários nessa questão.

Essa escolha dessa temática partiu de uma problemática constatada e de uma hipótese. A problemática da pesquisa, passa pela compreensão do estudo proposto, parte de uma analogia de que as cidades são resultantes do modo de produção capitalista e por sua essência possuem diferenciações espaciais, territoriais e sociais materializados na forma de cada cidade. Dessa maneira, como a cidade de Vitória da Conquista teve sua base urbana construída? Quais as contradições socioespaciais desenvolvidas no interior da cidade entre 1980 e 2012? Que modelos de planificação territorial foram implementados no planejamento urbano da cidade?

Foi constatado que a cidade de Vitória da Conquista assim como boa parte das médias e grandes cidades brasileiras, passaram a ter uma composição na estrutura urbana cuja redefinição da paisagem é marcada pela implantação de grandes equipamentos comerciais e de serviços que estão desbancando os centros comerciais tradicionais, acirrando ainda mais a concorrência no setor funcional.

Por outro lado, foi constatada também a implantação de condomínios horizontais fechados que está em franca expansão e vem gerando um novo conceito de moradia e com isso, exigindo novos planos e novos processos de planificação territorial, como consequência disso, uma requalificação da infraestrutura urbana voltada tanto para a mobilidade quanto para os setores de comunicação, de transporte e serviços, mas ao mesmo tempo, aumenta a necessidade de moradia para os menos favorecidos que compõe o déficit habitacional local, aumentando com isso a diferenciação socioespacial da cidade e tornando a cidade cada vez mais fragmentada.

Desse modo, foi possível elaborar a hipótese, de que os processos de planificação territorial seguem uma lógica da produção e do consumo e essa expansão está diretamente ligada aos interesses fundiários e imobiliários, que buscam maior competitividade nos diversos segmentos da economia e pela concentração econômica no processo produtivo acabaram impulsionando essas novas formas espaciais, que resultaram também em transformações socioespaciais no interior de cada espaço urbano. Para compreendê-las é preciso analisar as relações socioespaciais decorrentes desse processo no interior da cidade, mas também as relações estabelecidas na esfera nacional já que o interesse desses agentes urbanos ultrapassa a escala local e regional.

A idéia central do estudo sobre a planificação e a morfologia urbana, é a eliminação das barreiras da abordagem formal dos diversos componentes dos meios teóricos e os da prática social com a identificação de processos de

planificação territorial e do espaço enquanto categorias de análise isto é, através de uma avaliação integrada desses componentes no desenvolvimento da tese.

Desse ponto de vista, fica evidente a abrangência das relações que se estabelecem entre um processo e outro. O processo de urbanização e sua expressão material que corresponde à cidade, já são bastante amplos neste caso, a planificação urbana é apenas uma dimensão das relações que se estabelecem no processo de formação socioespacial da cidade.

O que se pretende aqui nessa tese é demonstrar como essa dimensão das relações socioespaciais foi se materializando na cidade de Vitória da Conquista, produzindo novas territorialidades. Mas o reconhecimento de que novas territorialidades são produzidas a partir das dinâmicas analisadas e de que novas práticas socioespaciais surgem com as formas urbanas implantadas no processo de planificação territorial, não representa um rompimento da totalidade que é o espaço urbano e nem significa o fim da unidade espacial da cidade.

O desenvolvimento dessa pesquisa parte-se de uma reflexão sobre a realidade observada. Num segundo momento, uma associação teoria e prática, com o conceito de espaço geográfico do ponto de vista da epistemologia e da ontologia. A utilização de autores que falam sobre a gestão do território e dos processos de planificação territorial é intercalada com autores que refletem sobre o espaço urbano e a urbanização.

A discussão dos conceitos e idéias são permeadas pela lógica da contradição contida na relação sociedade-natureza de modo que pudesse dar suporte à pesquisa e alargar os horizontes de reflexão da análise socioespacial. Embora buscasse trabalhar com essa unicidade na busca da totalidade, foi necessário adotar um recorte territorial que é representado pela cidade de Vitória da Conquista e um recorte temporal foi trabalhado em fases que marcam os principais eventos da urbanização de Vitória da Conquista, mas não de forma parcelada, e sim numa sequência lógica para compreender a atual fase da urbanização que de certa forma é a expressão de todo esse movimento que

desencadeou as novas territorialidades e as novas formas de produção e apropriação do espaço.

Assim do ponto de vista dos eventos importantes para a elucidação do movimento que desencadeou as novas formas urbanas da cidade, foi feito um sequenciamento das origens do território de Vitória da Conquista no século XVIII, passando pela consolidação como núcleo urbano em meados do século XIX, constatou-se que desde a sua consolidação como núcleo urbano em meados do século XIX, até a primeira metade do século XX, a cidade de Vitória da Conquista não teve grandes transformações tanto do ponto de vista econômico quanto da expansão urbana propriamente dita, somente após 1940 é surge um vulto de crescimento urbano mais consistente, sendo paulatinamente consolidado esse crescimento entre as décadas de 1970 e 1980.

Como interesse na pesquisa é compreender as transformações socioespaciais e as transformações nas relações entre formas e processos urbanos, foi sequenciado o período entre as décadas de 1970 e 1980 e os demais processos ocorridos entre 1990 e 2012. Nesses períodos a análise ganhou intensidade do qual foi produzido uma série de informações e representações cartográficas com parâmetros para o entendimento da realidade que por um lado é representada por uma universalidade e por outro, pela singularidade que compõe a estrutura urbana de Vitória da Conquista-Ba.

Paralelamente, analisa-se o processo de formação territorial de Vitória da Conquista a partir das transformações socioespaciais ocorridas, para desvendar o que aconteceu nas terras que compõe o seu território e entender a atual configuração espacial mediante os processos de planificação territoriais materializados ao longo dos tempos, principalmente as transformações que incidiram diretamente na forma urbana e que acabam por delinear a morfologia urbana da cidade.

Com relação às transformações territoriais mais recentes, foi constatado que tais transformações tiveram início nos finais do século XX, como por exemplo,

a construção do Shopping Conquista Sul e a consolidação de outras centralidades que passaram a concorrer com o centro tradicional da cidade, é o caso da centralidade que evidencia-se na Av. Olivia Flores e seus arredores tanto do ponto de vista funcional quanto de oferta de serviços, sobretudo na área de educação e lazer. Tais transformações são referentes às novas formas de produção do espaço urbano,

Desse modo a periodização mais visada na pesquisa foi as duas últimas décadas do século XX e a primeira década do século XXI, nas quais, incide de forma mais clara, o predomínio dos processos e dinâmicas propostos para serem estudados, dos quais também orientam o processo de produção e apropriação do espaço urbano de Vitória da Conquista.

Neste contexto, foi incorporado um plano analítico para o desenvolvimento da pesquisa e elaboração da tese. O plano analítico foi permeado por um procedimento metodológico capaz de conduzir a uma elaboração de uma postura teórica onde o pensamento está voltado para a compreensão do novo, em detrimento da compreensão das origens do núcleo urbano de Vitória da Conquista e das origens economia regional que impulsionou a formação socioespacial vigente na cidade.

Para isso, um conceito chave adotado foi o de produção do espaço e sua sistematização no pensamento geográfico de modo articulado nas diversas escalas para que a análise não se fragmente. Foram trabalhados também diversos autores que abordam essa questão para compreender as formações socioespaciais advindas do processo de urbanização e sua classificação como categoria essencial na compreensão da dinâmica dos processos de apropriação e uso da natureza alocada em um dado território em detrimento dos processos de planificação territorial.

Enquanto metodologia parte-se do princípio de que os estudos a serem desenvolvidos para comprovação ou não das hipóteses levantadas, terá o caráter teórico e prático. O que significa dizer que não se concebe a análise desvinculada

da explicação da realidade, ou seja, "o que existe" e o "por que existe" estão interligados. Assim, o plano de investigação foi elaborado com base na problemática escolhida e na hipótese levantada, da qual, foi checada pelas observações e fomentada com os dados obtidos e análises realizadas.

Inicialmente foi necessário o uso de abordagens temáticas com análise, seleção e hierarquização dos atributos dos componentes da forma urbana. Posteriormente, uma análise do uso desses componentes pelo ser humano. Foi feito um levantamento de dados em órgãos públicos e privados sobre a consolidação urbana e a edificação da cidade, sobretudo no final do século XX e início do Século XXI.

Foram realizadas várias incursões de forma empírica no espaço urbano de Vitória da Conquista para detectar tais processos e transformações socioespaciais em curso na cidade, bem como questionar a participação dos atores que foram responsáveis pelas transformações visualizadas, destacando a participação do poder público na criação de uma política urbana, permeada de leis e decretos que ordenam todo o movimento de transformação no espaço, além de tentar compreender como os agentes imobiliários e as incorporadoras interferiram e ainda interferem nesse processo de transformação socioespacial.

Foi feito um levantamento dos processos de planificação territorial implantados em Vitória da Conquista-BA, das políticas territoriais, das políticas habitacionais e dos programas de financiamento para moradia, seguido de um mapeamento de todos esses processos, bem como o mapeamento da funcionalidade e do uso de solo urbano, detalhando os diferentes tipos de ocupação urbana, e as formas que cada ocupação possui.

Os estudos dos métodos de representação cartográfica auxiliaram no desenvolvimento da tese de tal forma que a representação e percepção do espaço foram sobremaneira distribuídas em todo o corpo da tese. Foi feito um levantamento sobre o uso e a operacionalização de tecnologias voltadas para o geoprocessamento (técnicas de produção de mapas em meio digital).

O plano de redação da tese organiza-se com base na articulação entre o teórico e o empírico, pautado na análise os processos de planificação territorial e as transformações socioespaciais em Vitória da Conquista, com capítulos que tratam da temática; no **primeiro capítulo**, discute-se a articulação da sociedade e natureza e as contradições dessa relação, versando sobre essa articulação no pensamento geográfico e sobre a produção do espaço geográfico e a diversificação da natureza no território, bem como a relação direta entre urbanização e planificação territorial.

O **segundo capítulo**, aborda a dimensão socioespacial no urbano com base nos pressupostos teóricos da urbanização e da produção e reprodução espacial, aborda relação entre a produção do espaço e forma urbana, aborda também a noção de espaço-tempo e espacialidade, a noção de centralidade urbana e a articulação entre os espaços internos da cidade de Vitória da Conquista, seguindo para a análise da atual configuração territorial urbana. No **terceiro capítulo**, foram apontados os desafios da planificação urbana no Brasil e em Vitória da Conquista, levando-se em consideração a fragmentação territorial e a segregação socioespacial e as desigualdades sociais que permeiam toda a estrutura urbana das cidades.

Já no **capítulo 4**, foram abordados os processos territoriais e toda a formação socioespacial da cidade de Vitória da Conquista no contexto da urbanização, demonstrando como surgiu a identidade territorial que a cidade possui na atual fase, incluindo a definição morfologia, da estrutura funcional e o uso do solo urbano da cidade.

No **Capítulo 5** foi trabalhado as formas de representação da cidade, levando em consideração os aspectos de unidade e gestão territorial. Outra questão é o uso do geoprocessamento na análise territorial, por meio da aplicação do sistema de informações geográficas, associando-se com o planejamento ambiental e o geoplanejamento urbano, para definição dos procedimentos metodológicos aplicados no mapeamento. No último tópico do **capítulo 5**, realiza-se uma avaliação socioespacial da cidade, apontando as

contradições da ocupação humana principalmente em áreas próximas às nascentes e mananciais da área urbana seguidas por uma análise das condições territoriais e ambientais resultantes da ocupação humana.

No sétimo ponto, discute-se a política urbana e os processos de planificação territorial no espaço urbano da cidade, bem como a criação de loteamentos e o surgimento das incorporadoras que comandam a lógica da fragmentação do espaço urbano. Detalha toda a trajetória do mercado imobiliário em Vitória da Conquista e a espacialidade resultante do processo de apropriação do espaço urbano. Trabalha também a política e o sistema habitacional; os programas de financiamento de moradia popular. Analisa toda a lógica da organização socioespacial e a espacialidade advinda dos processos de planificação territorial e pelas condições de uso e ocupação, mapeando as diferenças socioespaciais urbanas que aparecem em detrimento dos usos, apresenta as áreas de planejamento tradicional a novas áreas de projeção para o planejamento mais global.

No último tópico do **sétimo ponto**, realiza-se uma avaliação da espacialidade urbana, apontando as contradições da ocupação humana principalmente em relação à concentração da renda e das desigualdades sociais que se materializaram no espaço urbano da cidade. Analisa também, toda a capacidade funcional que a cidade de Vitória da Conquista possui, sua rede de articulação territorial e a reestruturação dos espaços do consumo com o surgimento de novos centros e subcentros, bem como a implantação e expansão do shopping Conquista Sul que modificou toda a estrutura funcional da cidade, tanto em termos de mobilidade urbana, quanto no incremento da especulação de áreas descontínuas mas urbanizadas que fazem parte do contexto urbano de Vitória da Conquista.

Neste sentido, a tese apresentada aqui, desponta como importante instrumento para análise do quadro espacial e social, oferecendo subsídio, em escala local para o planejamento urbano, a curto, médio e longo prazo, relacionando-se com a definição de estratégias de intervenção em problemas do

meio físico e humano e em programas de planificação territorial, advertindo ao leitor que o interesse pela forma do tecido urbano e a definição da morfologia urbana é o objeto central dessa tese, pautado na compreensão das relações entre os processos econômicos e as formas espaciais, e das relações entre os processos de planificação territorial e as transformações socioespaciais na cidade de Vitória da Conquista.

OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA URBANIZAÇÃO E DA PLANIFICAÇÃO TERRITORIAL

Ciência é um diálogo com a natureza. [...] A realidade do devir é a condição sine qua non de nosso diálogo com a natureza. (PRIGOGINE, 2002).

2- PLANIFICAÇÃO E URBANIZAÇÃO: UNIDADE E CONTRADIÇÃO DAS RELAÇÕES

Considerando a proposição dialética como base para interpretação da realidade social, cuja reflexão é o espaço geográfico, eis que a contradição da cotidianidade aparece e revela a totalidade conflitiva da relação sociedade-natureza. A unidade dos contrários possui uma dubiedade que recai sobre a análise espaço-tempo, dada pela historicidade e pelo materialismo histórico, pois, “a contradição dialética não é apenas contradição externa, mas unidade das contradições, identidade” (LEFEBVRE, 1995 p. 192.). Essa dinâmica possui uma polarização interna que é a base da contradição. Assim, ao falar de produção do espaço inevitavelmente evidencia-se a contradição dos processos e foi essa a premissa principal do ponto de partida para elucidar as questões que envolvem a sociedade e a natureza.

2.1. Unidade e contradição das relações e a produção do espaço geográfico.

“A menos que o espaço seja conceituado como realidade completamente separada da natureza, a produção do espaço é um resultado da produção da natureza” Smith, (1988, p.109). Essa produção da natureza é dada pela totalidade das relações humanas e pelas contradições existentes nelas, incluindo toda a produção dos bens materiais, “porque as coisas, do ponto de vista material não estão no espaço. As coisas, os objetos são espacialmente estendidos”. Einstein, (2003).

Quando se fala em contradição, refere-se ao seu caráter conflituoso, dicotômico e antagônico, mas no sentido da unidade de contrários. “Não existe

dialeticamente a ‘contradição’ em geral; existem contradições, cada qual com seu conteúdo concreto com seu movimento próprio, que deve ser penetrado em suas conexões, em suas diferenças e semelhanças.” (LEFEBVRE, 1995. p 238.). É nesse sentido que recai a análise da produção do espaço.

Do ponto de vista geográfico a compreensão do espaço passa pela interpretação da dimensão geométrica que é o lugar.

O lugar, [que é] assim a identidade **posta** do espaço e do tempo, é primeiramente por igual a **contradição** posta que é o espaço e o tempo, cada um em si mesmo. O lugar é a **singularidade** espacial, e também indiferente, e é isto somente como **agora espacial**, como tempo, de modo que o lugar é imediatamente indiferente ante si, como este exterior a si, a negação de si e um **outro** lugar. Este desaparecer e regenerar-se do espaço no tempo e do tempo no espaço, de modo que o tempo para si é posto espacialmente como lugar, mas esta espacialidade indiferente do mesmo modo e de imediato e posta **temporalmente** – é o **movimento**. Este vir-a-ser é porém ele mesmo igualmente o colapsar sobre si [interno] de sua contradição, a unidade **imediatamente** idêntica **aí-essente** de ambos, a **matéria**. (HEGEL, 1997, p.47,53-54). (**grifos do autor**).

Assim, pode-se dizer que a unidade espaço-tempo para análise geográfica é, sem dúvida, o lugar. Nele, a sensação/percepção empírica de simultaneidade, dada pela imagem, confunde-se, para o interesse tipicamente geográfico, com a essência dialética da realidade. Os limites e o conteúdo do lugar formam uma unidade que evolui no espaço-tempo de forma independente, mesmo quando considerados os fatores externos, como os de ordem política e econômica.

Hegel, ao tecer considerações sobre a natureza do espaço e do tempo, revela que o termo *espaço* é a determinação dada pela natureza sobre o ser, ao tempo que o conceito de espaço é abstrato, o ser o vê como se estivesse fora dele. A abstração entra na análise espacial sem levar em consideração a categoria tempo. O tempo para Hegel refere-se à negatividade presente como um ponto no espaço, isto é, o tempo permite que as determinações, ou seja, as ações que definem o conceito de espaço sejam materializadas. Mas também o conceito

de tempo é abstrato, pois o que o ser consegue definir sobre o tempo são as suas dimensões tais como presente, passado e futuro, isto na visão de Hegel corresponde ao vir a ser e como tal nasce daí os conceitos tempo-espaço.

O espaço [...] A determinação primeira ou imediata da natureza é a abstrata universalidade de **seu ser-fora-de-si**, a equivalência dele sem mediação, o espaço. Ele é o totalmente ideal ao **lado-um-do-outro**, porque é o **ser-fora-de-si** e simplesmente contínuo, porque este **fora-um-do-outro** ainda é totalmente abstrato e não tem em si nenhuma diferença determinada. [...] O tempo: A negatividade, que se refere como ponto ao espaço e nele desenvolve suas determinações como linha e superfície, são, contudo na esfera do **ser-fora-de-si**, igualmente também para si e suas determinações ai, mas simultaneamente como ponto na esfera do **ser-fora-de-si**, nesta ocasião aparecendo como indiferente ao quieto ao **lado-um-do-outro**. Assim posta para si, é ela [*negatividade*] o tempo.” (HEGEL, 1997, p.47,53-54). (**grifos nossos**) e (*grifos do autor*).

Ainda segundo Hegel:

O espaço é em si mesmo a contradição do indiferente ser-fora-um-do-outro e da continuidade sem diferenças, a pura negatividade de si mesmo e a **passagem no começo para o tempo**. Igualmente é o tempo – porque seus momentos opostos conservados juntos se supprassumem imediatamente – o imediato **cair juntamente** na indiferença, no indiferenciado fora-um-do-outro ou **no espaço**. Assim neste a determinação negativa, o ponto **excludente** não é mais somente em si segundo o conceito, mas posto e em si concreto por meio da total negatividade, que é o tempo; o ponto assim concreto é o lugar. (HEGEL, 1997, p.61) (**grifos do autor**).

Essa perspectiva de análise demonstra importantes *insights* sobre a natureza da realidade. Revela uma realidade formada por um tecido espaço-temporal fraturado. Essas observações ao serem transpostas para o cenário da discussão geográfica, mostra a tetradimensionalidade que mantém o espaço e o

tempo unidos, formando um todo contraditório: indissociável na essência e aparentando serem duas categorias em suas projeções empírica.

As relações espaço-tempo saturam a sociedade em todos os níveis. A espacialidade, em particular, é parte das forças de produção, das relações de produção e da maneira pela qual interagem os níveis ou estruturas da sociedade. As contradições entre esses níveis se multiplicam e se complicam ainda mais quando interagem dentro da matriz espaço-tempo da organização social. (GOTTDIENER, 1997, p.160)

O homem ao planejar suas ações constrói modelos abstratos cada vez mais próximos aos que serão erguidos, a posteriori, no mundo concreto. O seu caminhar interdependente no espaço/tempo geográfico, produzido pelo seu trabalho social, o tem conduzido, na maioria das vezes, a um patamar superior na proporção em que transforma as duas categorias (física e social) numa única natureza é a natureza transformada (GOMES, 1991) ou segunda natureza (SANTOS, 2008).

Para Baudrillard (1994, p. 16), uma visão linear e absoluta da história da sociedade, como a parametrizada pela ciência clássica, nada mais é do que um modelo de simulação, um tipo de hiper-realidade que não só descaracteriza como suprime o espaço-tempo dos fatos. De igual forma.

O que pensamos de espaço jamais poderá ser compreendido sem que se reflita sobre o próprio movimento que cria, recria, nega e, pela superação, redefine a espacialidade dos próprios homens. Espaço e tempo, considerados aqui como as categorias básicas da ciência moderna, são, na verdade, redimensionados na medida em que as sociedades se redimensionam. (SANTOS, D. 2002, p.23).

A identidade dos lugares é apagada e uma nova singularidade técnica passa a representar estrategicamente o lugar. Nesse contexto, a modernidade

globalizante fundiu a identidade sociocultural dos lugares, ao tempo em que construiu uma singularidade artificial a partir do movimento do capital.

Cada lugar é marcado por uma combinação técnica diferente e por uma combinação diferente dos componentes do capital, o que atribui a cada qual uma estrutura técnica própria, específica, e uma estrutura de capital própria, específica, às quais corresponde uma estrutura própria, específica, do trabalho. Isso resulta do fato de que cada lugar é uma combinação de técnicas qualitativamente diferentes, individualmente dotadas de um tempo específico – daí as diferenças entre lugares. (SANTOS, 1997, p.12,13).

A imagem de mundo moderno, abstrato, discutida por Santos (op. cit.), bem como a sensação de vazio existencial, resulta da perda do vínculo da tríade ontológica que une o homem a sua condição espaço-tempo. Pode-se dizer que, o espaço das cidades deve ser hoje, mais do que nunca, o alvo por excelência da pesquisa geográfica. A mancha urbana é a imagem refletida de um todo complexo formado por realidades diametralmente opostas. O gênero de vida urbano aglutina na imagem uma constelação de lugares singulares que, por mais distantes espaço-temporalmente que estejam, parecem coexistir na imagem.

O estudo das cidades permite compreender, em escala local, a natureza complexa do mundo moderno. O urbano é a síntese do global. Equivale a um espelho e uma projeção de uma realidade mundial homogeneizada pela produção e pelo consumo e, materializada no espaço da cidade por meio dos fluxos. Essa circulação conecta a cidade com o mundo. Permite estabelecer um elo dentro de uma rede virtual, fazendo surgir deste processo a metrópole e, evoluindo o cidadão à condição de cosmopolita.

A imagem da cidade precisa ser decifrada pelo geógrafo, mas não somente isso. Pois por natureza, a geografia tende a ser metodologicamente heterogênea. Neste sentido, seu caráter pode mudar, para George (1979), dependendo de ser ela considerada como um processo descendente ou, em outras palavras, como uma culminância das relações naturais numa “paisagem natural”, que define uma

“ecologia do homem”, ou então como um processo ascendente e conquistador, a partir da “ação do homem”, cujo ponto de partida é o estabelecimento humano e o campo de aplicação, seu meio circundante no sentido mais apropriado a cada caso.

Assim, o urbano deve ser encarado na análise geográfica enquanto sistema ilusório de sobreposições infinitas de imagens. Essas sobreposições criam as condições de isolamento e, ao mesmo tempo, mascaram as descontinuidades espaço-tempo que separam as paisagens urbanas. Para o geógrafo, às vezes, um bairro pode esconder várias células espaço-temporais. Por outro lado, uma pequena cidade do interior pode apresentar características homogêneas suficientes para ser caracterizado como um único bloco espaço-tempo.

Não se vê a dimensão real do problema quando se está dentro dele, contrariando uma expressão corriqueira, mas sim, quando se está dentro e fora dele, simultaneamente. A ilusão da tridimensionalidade perde o sentido quando se está acima do objeto observado. Segundo Harvey (1992, p.224), Ptolomeu imaginava como o globo como um todo seria visto por um olho humano que o visse de fora. Neste nível a realidade da imagem justaposta revela a sua natureza plana e, passa-se a perceber que a profundidade é função única do movimento.

2.2. A articulação sociedade natureza no pensamento geográfico e suas implicações na planificação urbana

A relação sociedade natureza bem como todo saber e todo conhecimento sobre o mundo e sobre as coisas há muito tempo tem estado condicionado pelo contexto geográfico e ao mesmo tempo, associado ao ecológico e cultural em que produz e reproduz as variações da formação social. Leff (2002). Afirma que as

práticas produtivas, dependentes do meio ambiente e da estrutura social das diferentes culturas, geraram formas de percepção e técnicas específicas para a apropriação social da natureza e da transformação da natureza.

Na relação sociedade-natureza, diversas são as formas de leitura da realidade, desde a Grécia antiga, passando pela concepção cartesiana de natureza e da racionalidade do pensamento, até uma visão determinista do século XIX. Eis que surge uma nova configuração do pensamento contemporâneo segundo a qual a nova concepção de natureza fica assim, configurada em suas linhas gerais:

Tudo aquilo que se considerava rígido, se havia tornado flexível; tudo quanto era fixo, foi posto em movimento; tudo quanto era tido por eterno, tornou-se transitório; ficava comprovado que toda a natureza se movia num eterno fluxo e permanente circulação. (ENGELS, 1991 p. 23.).

Assim, o homem enquanto ser social domina e ao mesmo tempo produzem a natureza que, de acordo com Engels (1991), os homens fazem, eles mesmos a sua história na medida em que evoluem enquanto espécie. Mas, nessa produção histórica, mesmo nas sociedades atuais, verificaremos que predominam os efeitos não previstos; que as forças não controladas são muito mais poderosas do que as postas em movimento de acordo com o plano estabelecido. E não pode ser diferente na produção para as necessidades de sua vida, isto é hoje em dia a produção social.

Já para LEFEBVRE, (1995 p. 228.) 'O homem, em sua atividade prática, tem diante de si a natureza. Entre ele a natureza, durante sua ação, o homem inventa meios, intermediários: os objetos que ele cria e, notadamente os instrumentos'. Nessa concepção, os instrumentos não são exteriores à natureza; embora agindo sobre ela, fazem parte dela objetivamente. É no conjunto dos meios que se realiza o poder humano sobre a natureza.

Para Santos (2002), a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica. Que significa o conjunto dos meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo cria espaço. Na verdade estas relações entre o conhecimento teórico e os saberes práticos aceleraram com o capitalismo e com isso, intensificaram as técnicas paralelas ao desenvolvimento dessa tecnologia, desenvolveu-se a ciência moderna e sua racionalidade tanto científica quanto econômica.

“Com o modo de produção capitalista produz-se, a articulação efetiva entre o conhecimento científico e a produção de mercadorias por meio da tecnologia” Leff (2002), apropriando se cada vez mais do ambiente. No principio tudo eram coisas, dádivas da natureza, quando utilizadas pelos homens a partir de um conjunto de intenções sociais, passam também, a ser objetos. Santos (2004, p. 65), diz que assim a natureza se transforma em um verdadeiro sistema de objetos e não mais as coisas e, ironicamente, é o próprio movimento ecológico que completa o processo de desnaturalização da natureza, dando a esta última um valor. Para Engels:

Somente a organização consciente da produção social, de acordo com a qual, produza e se distribua obedecendo a um plano, pode elevar os homens, também sob o ponto de vista social, sobre o resto do mundo animal, assim como a produção, em termos gerais, conseguiu realizá-lo para o homem considerado como espécie. A partir daí, iniciar-se-á uma nova época histórica, em que os homens como tais, (e com eles, todos os ramos de suas atividades, especialmente as ciências naturais) darão à sociedade um impulso que deixará na sombra tudo quanto foi realizado até agora. (ENGELS, 1991 p26 e 27.)

Essa concepção demonstra que Unicamente o homem conseguiu imprimir seu selo sobre a natureza, não só trasladando plantas e animais, mas também modificando plantas e animais em tão elevado grau que as consequências de sua atividade só poderão desaparecer com a morte da esfera terrestre. Engels

argumenta ainda que: Sendo assim, temos uma nova concepção entre as relações do homem com a natureza. Decorrente disso, o que obtemos é uma dialética entre sujeito e objeto, numa relação intensa a qual corresponde a uma objetivação e modificação das forças naturais, tanto as que o homem encontra em si mesmo quanto as que ele vê ao seu redor.

Milton Santos (2004) demonstra uma teoria do espaço mediante a análise do sistema de objetos e sistemas de ação, associada a uma epistemologia pautada em categorias essenciais para a ciência geográfica tais como a paisagem, o território, a configuração territorial, o lugar, a região e o espaço. Nessa base epistemológica, a produção das formas e conteúdos é precedida da noção de totalidade para a afirmação do discurso filosófico e do discurso geográfico.

A noção de totalidade como categoria analítica, capaz de ajudar a construir uma teoria e uma epistemologia do espaço geográfico deve estar imbuída de uma unidade, “a unidade dos contrários”. Para Milton Santos (2004), segundo essa idéia, todas as coisas presentes no Universo formam uma unidade. Cada coisa nada mais é que a parte da unidade, o todo, mas a “Totalidade” não é uma simples soma das partes. As partes que formam a “Totalidade” não explicam a realidade, mas ao contrário, é a “Totalidade” que explica as partes. Outra forma de explicar a unidade dos contrários é pela relação dada a compreensão da atualidade que é a unidade do universal e do particular. Assim, tem-se que o particular se origina no universal e dele depende.

Há que considerar que o conhecimento na atualidade tenta romper com um paradigma dominante, que, é pautado numa racionalidade teórica perceptível nos vários níveis de conhecimento como é o caso da racionalidade ambiental ou racionalidade ecológica que define as regras do pensamento ambiental e a forma como a sociedade atua sobre a natureza. Para Boaventura dos Santos (1993), existe um paradigma emergente o qual tende a suprimir o conhecimento dominante que, promoveu a hiperdisciplinarização do saber científico, e toda a problemática existente no tocante ao conhecimento científico. Santos M. (2004 p.

76), diz que “no paradigma emergente, o conhecimento é total, tem como horizonte a totalidade universal’... mas sendo total é também local. Constitui-se em redor de temas que em dado momento, são adotados por grupos sociais concretos”.

Nessa mesma perspectiva de análise, Boa Ventura dos Santos (1993), define o paradigma emergente como o conhecimento pós-moderno já que ao mesmo tempo em que ele é local é também total porque constitui projetos cognitivos locais, cuja ação é dada pela analogia e pela tradução dos conceitos noutros espaços atualmente produzidos e consumados socialmente. Santos (2004), afirma que, “o conhecimento emergente sendo total não é determinístico, sendo local, não é descritivista. É um conhecimento sobre as condições de possibilidades da ação humana projetada no mundo a partir de um espaço-tempo local”.

Essa concepção de ciência nos conduz para uma articulação entre as ciências na análise da relação sociedade natureza na forma holística, tal como define Milton Santos (2008 p. 96), “na sua relação com a natureza, o homem não tem uma atitude de repetição, mas sim de invenção”. A relação entre o homem e o seu entorno é um processo sempre renovado que tanto modifica o homem quanto a natureza. Neste sentido, não dá para a geografia ser apenas determinista e ou descritivista como afirma Boaventura dos Santos (1996) acerca do conhecimento.

No pensamento de Milton Santos (1978, 79, 94, 96, 97 e 2004), encontra-se uma análise sobre a relação sociedade natureza bem distribuída em toda a sua teoria sobre o espaço geográfico. Destacam-se aí, alguns tópicos, tais como: a aplicação do trabalho sobre a natureza em “o homem e a produção”; a ação humana e a geografização do espaço; A natureza e suas próteses e o novo sistema da Natureza que aborda diversos tipos de atuação do homem sobre a natureza e abre caminho para mais tarde implementar o tema “a diversificação da Natureza com base no dialogo da noção de totalidade, da unidade dos contrários

do universal e do particular, permeada pela discussão sobre a divisão do trabalho”.

Trata-se de questões pautadas numa dialética espacial. Para Santos (2004, p.63), “espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações”. É com base nessa idéia e nas noções de técnica e de tempo, de razão e de emoção, que é proposta a construção de um sistema de pensamento que busca entender o espaço geográfico na passagem do século e, paralelamente, alicerçar a crença em um futuro melhor para todos os homens. Contrapondo-se à realidade de um mundo movido por forças poderosas e cegas, impõe-se a “força do lugar”, capaz de antepor-se, pela densidade humana, ao processo da globalização atual que intensifica as relações sociedade-natureza.

As questões ontológicas moldam a relação do homem com a natureza e inauguram o discurso geográfico na medida em que se constitui no elo que torna indivisível a dimensão do ser e do pensamento, responsável pela construção do conhecimento. A discussão ontológica (SILVA, 1992) é o embrião do pensamento geográfico, moldado pelo conhecimento filosófico.

O conhecimento filosófico (PRIGOGINE, 2002) caracteriza-se por ser um conhecimento inclusivo. O conhecimento popular, artístico, técnico, mítico/religioso e metafísico se fundem na perspectiva filosófica. Este caráter inclusivo transformou o conhecimento filosófico em uma forma de conhecimento mais próxima da sociedade, uma forma mais humana de conhecimento.

Na filosofia, a relação metodológica do sujeito e objeto na produção do conhecimento, é, diretamente, a própria relação entre a sociedade e a natureza. Promissora em relação ao método científico que a ciência clássica inauguraria a partir do século XVI, porém, dual, na medida em que estabelece a polaridade homem/meio como condição de produção do conhecimento.

O caráter atemporal da Geografia pode ser explicado por meio do discurso ontológico. Assim, o discurso ontológico pode ser visto enquanto a primeira manifestação do pensamento geográfico. Em consequência, o conhecimento filosófico deriva da evolução das formas primitivas do fazer geográfico. O

produto/significado, desse fazer geográfico primitivo num espaço geográfico criado pela consciência evoluída do homo sapiens foi o primeiro objeto de inquietação/discussão do homem, enquanto ser empírico dotado de uma possibilidade projecional metempírica/metafísica.

O fazer geográfico necessariamente proposital, nos primórdios, relacionava-se com a condição biológico-genética de sobrevivência da espécie, frente às adversidades naturais. Organizar o espaço geográfico desde então passou a ser um atributo humano. Um atributo existencial necessário à consolidação da sua presença num Planeta, que passaria, então, a ser seu. Até que ponto pode-se afirmar que conhecimento filosófico é uma fase do conhecimento geográfico? Quais as implicações disso no pensamento geográfico moderno? Não há dúvida de que a pertinência destas relações é o dispositivo que coloca a Geografia, na atualidade, como ciência capaz de romper com os grilhões que, inclusive, a aprisionaram na camisa de força das formas pré-moldadas do reducionismo cartesiano, e que representa a própria crise atual da ciência clássica, com a possibilidade de largar na linha de frente do processo de construção de um novo paradigma para as ciências. O processo que, de certa forma, já se iniciou encontra dificuldade em responder a estas perguntas, na medida em que ainda depende da formalização de um discurso homogêneo, por meio de uma linguagem independente.

O fazer geográfico é, por força da lógica, anterior ao pensar geográfico. Este, por sua vez, quando surge, revela-se elaborado em um discurso. Pode-se dizer que as origens do pensar geográfico estão vinculadas ao desenvolvimento dos processos de linguagem. Dessa forma, possivelmente, ambos surgiram concomitantemente. As etapas de sistematização deste discurso equivalem ao desenrolar da história filosófica do homem. Pode-se afirmar que a filiação recíproca entre conhecimento filosófico e conhecimento geográfico responde pela própria natureza e constituição do homem epistêmico. Assim, a presença da filosofia na história do pensamento geográfico é tão forte que o objeto metodológico de sua pesquisa poderia ser (e, de certa forma é) a própria ética na

relação homem/homem e homem/meio, ou seja, na relação sociedade/natureza, no espaço-tempo.

A priori, o conhecimento surge enquanto conhecimento de mundo, e surge a partir do momento em que o homem epistêmico se desprende do homem empírico. Neste momento o homem se vê no mundo. Essa metafísica permitiu-lhe refletir sobre a condição de sua existência no mundo, por meio do desenvolvimento de uma linguagem própria diferenciada dos demais seres vivos.

Esta linguagem surge na forma de discurso que materializa a realidade empírica, dando condição de existência real ao homem, nas práticas sociais em grupo. Piaget (1978) dedicou especial atenção ao homem enquanto ser epistêmico. Para este autor “o estudo dos processos de pensamento presentes desde a infância inicial até a idade adulta. Interessou-se basicamente pela necessidade de conhecimento típico do homem, que o define como espécie ‘homo sapiens’”. (RAPPAPORT in FIORI e DAVIS, 1981, p.51).

Em contraposição, Vigotsky, (1998), define o homem enquanto ser epistêmico, mas segundo o autor, é pela cognição que o pensamento se estrutura e em consequência disso, o conhecimento. Vigotsky, (1998, p.45), afirma que “o surgimento do pensamento verbal e da linguagem como sistema de signos é um momento crucial no desenvolvimento da espécie humana”, momento da passagem do ser biológico para o ser sócio-histórico, pela mediação simbólica.

Neste sentido, discurso geográfico revela a dimensão simbólica e ideológica que surge como consequência da presença e ação do homem no mundo. Neste sentido este discurso deve ser ontológico, para que garanta a busca da essência da realidade dentro da totalidade complexa, holística e dialógica do ser no mundo.

As origens do poder vinculam-se às próprias origens do homem enquanto ser social, por meio do surgimento de hierarquias locais. Sabendo-se que o substrato terrestre, permeado por seres humanos, é o objeto máximo de estudo da geografia e, sendo este substrato correspondente ao que hoje conhecemos como ambiente terrestre, incluindo todas as demais formas de vida, tem-se

caracterizada a complexidade do mundo vivido e do mundo pensado pelo homem. Leff (2002) classifica essa complexidade como um saber sobre as formas de apropriação do mundo e da natureza através das relações de poder que se inscreveram nas formas dominantes do conhecimento.

Este desprendimento metafísico em relação à natureza fez surgir um homem epistêmico. Tal mecanismo permitiu aos seres humanos construir seu próprio mundo, um mundo idealizado/planejado, graças ao livre-arbítrio característico da essência subjetiva da espécie humana.

Pode-se dizer que a origem do homo sapiens promoveu a ruptura entre um espaço natural pretérito concebido/idealizado como uma espécie de primeira natureza (SANTOS, 1996), para um espaço artificial/virtual, imagem projetada do mundo empírico, desenvolvida especialmente, e intencionalmente, para um homem epistêmico.

Assim a teoria geográfica explica que “na história humana, todo saber, todo conhecimento sobre o mundo e sobre as coisas tem estado condicionado pelo contexto geográfico, ecológico e cultural em que produz e se reproduz determinada formação social”. (LEFF, 2002, p.21). A reação contrária aos desígnios de uma natureza consciente e misteriosa forçaria o homem a assumir uma posição defensiva, acreditando poder, por meio do conhecimento sistematizado, estabelecer as leis para, posteriormente, controlar os fenômenos naturais que, de certa forma, determinavam a condição da presença humana nos diversos espaços terrestres.

Bachelard ensaiando uma crítica sobre o projeto de ciência racionalista, inspirada na alienação do homem, do espaço natural, considera que:

“O espírito científico deve formar-se **contra** a Natureza, contra o que é, em nós e fora de nós, o impulso e a informação da Natureza, contra o arrebatamento natural, contra o fato colorido e corriqueiro. O espírito científico deve formar-se enquanto se reforma. Só pode aprender com a Natureza se purificar as substâncias naturais e puser em ordem os fenômenos baralhados” (BACHELARD 1996, p.29). (grifo do autor)

Essa ausência da percepção de pertencimento e a insatisfação frente a indiferença do mundo levou o ser humano a construir mundos paralelos. Espaços perfeitos em sua representação matemática. Novo éden abstrato de leis frias, em tudo previsível e, em tudo, controlável. Irreal e ilusório. Novo mundo reduzido em escala, miniaturizado através de técnicas geométricas. O mundo das cartas passa a ser o mundo dos geógrafos. E, na condição de deuses desses novos mundos, o transportam em suas bolsas e, às vezes, em seu bolso.

Esse é o mundo que os geógrafos construíram para si através da ciência cartográfica. Nele, eles apontam com o dedo e localizam precisamente as suas pequenas casas quadradas e retangulares. Ensinam a todas as pessoas que elas também moram ali. Dentro daquelas linhas. Na superfície de uma folha de papel.

Nesse mundo racional as questões ontológicas foram subtraídas. A ação do homem é representada de forma absoluta, na alteração de um determinado trecho de uma curva de nível. No desenho de novas linhas paralelas ou perpendiculares, ou, ainda, formando ângulos intermediários. O geógrafo contemporâneo preso no próprio espaço que construiu, e que, ao invés de espaço-prisão, chamou de espaço geográfico, deve almejar libertar-se desses velhos sistemas interpretativos de inspiração iluminista que construiu reencontrar-se com o mundo empírico e reconstruir seus vínculos de pertinência com a natureza.

2.3.A produção do espaço, a produção e a diversificação da natureza e do território.

Em geografia, a análise espacial nos remete a contemplação da paisagem enquanto algo que representa o real. Mas o conhecimento do real é entendido

como processos materiais, é uma emergência epistêmica relativamente recente Leff (2002 p.25). De certa forma, os aspectos visíveis da paisagem são, a princípio, os precursores da busca pelo conhecimento do real. Para atingir os aspectos invisíveis depende-se de uma análise mais detalhada e, para tanto, teórica da paisagem.

A paisagem, neste contexto, é entendida como uma categoria de análise que não deve ser confundida com o espaço, nem deve ser vista como algo que inserida no espaço, pois o espaço é a dimensão da forma e reflete ao mesmo tempo, paisagem, lugar e território. Einstein (2003), afirma que “objetos físicos não estão no espaço. Estes objetos são espacialmente estendidos”. (Grifos do autor)

Numa análise clássica, o território é dado pela configuração das ações dimensionadas pela sociedade tais como rodovias, ruas, avenidas, portos, aeroportos etc. Já o lugar é a métrica, o geométrico do espaço que está representado pela singularidade e particularidade das coisas, universalizadas e transversalizadas pelo modo mais abrangente da sociedade atual que, em última análise, corresponde ao modo de produção capitalista. A paisagem entra aqui como algo que ao mesmo tempo é representada pelos aspectos visíveis e concretos do real. Mas essa concretude ocorre quando se compreende que “o concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações” (Marx, 1965). Neste sentido, a *paisagem* e o *espaço*, não são sinônimos, paisagem refere-se ao conjunto de formas, que num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima. Santos (1999 p.79).

Na dinâmica que fundamenta a relação sociedade-natureza, destacam-se diversos momentos de diversificação da natureza com padrões específicos, para cada momento histórico. “Desde muito cedo, no decurso da evolução da humanidade, o homem descobriu que o seu mundo variava acentuadamente de lugar a lugar” (HARTSHORNE, 1978, p.16). Por muito tempo, a diversidade da natureza era dada pelas forças sociais vigentes da época. Com o advento da

industrialização, acentuam-se as atividades humanas, aplicando novos meios e instrumentos que vão diversificando ainda mais a natureza que passa a ser vista como recurso, ou melhor, que a transforma em propriedade privada e, na base de extração de matéria prima para a produção. Lefebvre entende que:

O homem é o ser da natureza que penetra na natureza **(pelo conhecimento)** e a domina **(pelos instrumentos)**; e se ele parece, por causa dos meios que emprega sair da natureza, é apenas para poder reencontrá-la de modo mais profundo, tanto entorno de si como dentro de si. (LEFEBVRE, 1995. p 228.) (grifos do autor)

Assim, surge uma nova concepção de natureza e de mundo ao qual busca relacionar as transformações espaciais ocorridas com o advento do capitalismo e suas diversas etapas, que em cada momento, imprime na natureza novas formas de “dominação”, de uso e de troca. Mas, segundo Marx (1984), a idéia de dominação da natureza é reducionista e fragmentária, pois, começa com a natureza e a sociedade sendo dois domínios separados e tenta unificá-los, e o que devemos fazer é o procedimento oposto. Ou seja, Marx considera a relação sociedade natureza como sendo uma unidade e qualquer separação que exista entre elas é o resultado simultaneamente histórico e lógico.

Para Smith (1988), ao invés da dominação da natureza, devemos considerar o complexo processo de produção da natureza, já que o argumento de dominação da natureza pode ser unidimensional e livre de contradições.

A produção da natureza é entendida como um paradoxo, já que tradicionalmente, a idéia de natureza transmite um conceito onde ela é vista como algo que não pode ser produzido, é uma dádiva divina, “é a antítese da atividade humana” (Smith, 1988). No entanto, existe uma diferenciação básica, é a diferenciação do homem perante os animais que se faz a partir do momento em que ele começa a produzir para viver (Engels, 1991). Essa produção não cessa,

ao contrário ela aperfeiçoa e especializa-se na medida em que homem como ser social historicamente, transforma a si mesmo, a sociedade e a natureza.

Assim, a produção da Natureza é uma produção social, na medida em que a sociedade passa a se articular e se estruturar mediante essa interação e uso, transformando a natureza em recursos cada vez mais diversos. Essa ação proporciona uma potencialidade de uso acelerada no território de cada sociedade, que causa uma espacialidade diferenciada e com novos instrumentos acrescentados àqueles que a própria natureza já possui, um desses exemplos é a disseminação de espécies vegetais e animais por diversos pontos da Terra.

Neste sentido, pode-se falar em produção e reprodução do espaço, conjugado com essa produção da natureza. A produção espacial é entendida aqui pela distribuição de atividades que, segundo Santos (2004), resulta na totalidade de recursos e por sua vez na divisão territorial do trabalho. Essa divisão é materializada na formação socioespacial de uma determinada sociedade.

2.4. Os Pressupostos da espacialidade urbana na produção do espaço e os processos de planificação territorial

A sociedade atual revela-se como uma sociedade urbana, real, concreta e virtual. Concreta e real na medida em que revela uma cotidianidade materializada numa geometria singular e particular, que corresponde ao *lugar*. Virtual porque está permeada por um fator universalizante, mediatizada por sistemas de simbólicos da linguagem e do modo de produção. Na visão de Sposito (2003), uma primeira perspectiva de análise pode ser a compreensão do que seja o ambiental nas cidades. Pois na maioria das vezes confunde-se o ambiental com o natural, sem levar em conta o social que permeia a questão ambiental.

As paisagens urbanas escondem lugares. Para Carlos (2007) “os guetos e favelas” desenvolvem-se em tal grau de isolamento que podem se constituir uma unidade de contradição, desenvolvendo um modo de vida bastante independente. Esses lugares são paisagens urbanas indesejáveis do ponto de vista do capitalismo, mas é a condição da contradição que sustenta o próprio modo de produção.

Em sua maioria, tais lugares são os que espacialmente falando, estão localizados em áreas de alto grau de fragilidade ambiental quer seja nas encostas, ou nas planícies de inundação. O fato é que a cidade, “resultado maior da capacidade social de transformar o espaço natural, não deixa, em função disso, de ser parte desse espaço e de estar submetida às dinâmicas e processos da natureza” (SPOSITO, 2003, p. 295).

Pode-se dizer que, o espaço das cidades deve ser hoje, mais do que nunca, o alvo por excelência da pesquisa geográfica e da análise socioambiental, mas não sob o ponto de vista apenas do ecologismo, como afirma Seabra (2003), a sociedade mobiliza-se na atualidade muito mais conforme os impulsos e demandas do movimento ecológico, naturalizando o processo social.

“A mancha urbana é a imagem refletida de um todo complexo” (CARLOS, 2004) formado por realidades diametralmente opostas, absorvendo a dimensão social e a da natureza. O gênero de vida urbano aglutina na imagem uma constelação de lugares singulares que, por mais distantes espaço-temporalmente estejam, parecem coexistir na imagem.

O estudo das cidades permite compreender, em escala local, a natureza complexa do mundo moderno. O urbano é a síntese do global. Equivale a um espelho e uma projeção de uma realidade mundial homogeneizada pela produção e pelo consumo e, materializada no espaço da cidade por meio dos fluxos. Essa circulação conecta a cidade com o mundo. Permite estabelecer um elo dentro de uma rede virtual fazendo surgir deste processo a metrópole e, evoluindo o cidadão à condição de cosmopolita. Pois, “a natureza ou naturalidade do mundo

cósmico, dádiva, entra na história humana pela sua geografia”, Seabra (2003 p. 311).

A imagem da cidade e seus aspectos socioespaciais, precisam ser decifrados pelo geógrafo. O urbano deve ser encarado na análise geográfica enquanto sistema ilusório de sobreposições infinitas de imagens. Ilusório porque a realidade urbana não existe como tal, existem apenas correlações. (LEFEBVRE, 2006 p. 38).

Essas sobreposições criam as condições de isolamento e, ao mesmo tempo, mascaram as descontinuidades espaço-tempo que separam as paisagens urbanas. Para o geógrafo, às vezes, um bairro pode esconder várias células espaço-temporais. Por outro lado, uma pequena cidade do interior pode apresentar características homogêneas suficientes para ser caracterizado com um único bloco espaço-tempo. Neste sentido:

O ambiental como resultado das relações entre o natural e o social deve ser visto como de resto tudo mais, a partir da dimensão temporal. Trata-se neste caso, das formas como se articulam ou entram em contradição duas escalas temporais – a da natureza e a da sociedade. (SPOSITO, 2003, P.295).

A materialização dos eventos sociais num determinado ponto da superfície pode ser entendida em termos de produção e de reprodução espacial, levando em consideração a análise das relações sociais com a natureza, sendo impulsionada pelo modo de produção vigente. Percebe-se que o ritmo de transformação da natureza pelas causas ditas naturais, é diferenciado do ritmo de produção e reprodução implementado pela sociedade, sobretudo no modo de produção capitalista, que tem como base o estímulo à produtividade e a exploração da natureza transformada em recursos para o desenvolvimento das forças produtivas e da sociedade como um todo.

A territorialidade implica a localização, a orientação e a representação dos dados socioeconômicos e naturais, que contribuem para a compreensão do espaço geográfico. Para que se tenha uma representação do espaço, parte-se da observação da realidade. O estudo da morfologia urbana, parte do pressuposto teórico de que as cidades se desenvolvem sobre a égide do capitalismo, rompendo com as tradições seculares adquiridas pelo processo de produção do espaço pela humanidade. Os aspectos fundamentais dos estudos de geografia tendem a lidar com conteúdos relativos à superfície construída, às edificações, ao uso do solo e ao estudo morfológico de áreas concretas da cidade (CAPEL, 2002).

Neste sentido, a análise da morfologia urbana, está diretamente relacionada com a busca de como as cidades se desenvolveram ao longo do tempo histórico e como o pensamento geográfico analisa essa morfologia, pois, sabemos que a forma das coisas é em si o espaço.

A análise espacial nos remete a contemplação da paisagem enquanto algo que representa o real. Mas o conhecimento do real, segundo Leff, (2002, p.25), entendido como processos materiais, é uma emergência epistêmica relativamente recente. De certa forma, os aspectos visíveis da paisagem são, a princípio, os precursores da busca pelo conhecimento do real. Para se atingir os aspectos invisíveis, depende, uma análise mais detalhada e, para tanto, teórica da paisagem. A paisagem, neste contexto, é entendida como uma categoria de análise que não deve ser confundida com o espaço, nem deve ser vista como algo que inserida no espaço, pois o espaço é a dimensão da forma e reflete ao mesmo tempo, paisagem, lugar e território.

Numa análise clássica, o território é dado pela configuração das ações dimensionadas pela sociedade tais como rodovias, ruas, avenidas, portos, aeroportos etc. Já o lugar é a métrica, o geométrico do espaço que está representado pela singularidade e particularidade das coisas, universalizadas e transversalisadas pelo modo mais abrangente da sociedade atual que, em última análise, corresponde ao modo de produção capitalista. A paisagem entra aqui

como algo que ao mesmo tempo é representada pelos aspectos visíveis e concretos do real. Mas essa concretude segundo Marx, (1965) ocorre quando se compreende que “o concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações. Neste sentido, a paisagem e o espaço”, segundo Santos (1999, p.79), não são sinônimos, paisagem refere-se ao conjunto de forma que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e natureza. “O espaço são essas formas mais a vida que as anima.”

O espaço geográfico, sob a perspectiva da cidade, ou do campo, traz a marca da sociedade que o produz ao longo de um tempo histórico. Harvey (2006 p. 145), afirma que “O espaço geográfico é sempre o domínio do concreto e do específico”. Esse domínio configura-se mediante uma produção e uma organização espacial que, singulariza-se na medida em que ganha especificidade enquanto estrutura dos processos sociais materializados sob uma ótica universalizante, (Santos, 2007).

Para Santos (2008, p.106), “cada lugar combina variáveis de tempos diferentes”, isto é não existe lugares onde tudo seja novo ou onde tudo seja velho. Neste sentido, há que considerar no planejamento para uma reconfiguração urbana, uma coexistência entre esses elementos citadinos de idades diferentes. Lefebvre (2006) aponta que há dois grupos de questões que ocultam os problemas das cidades e da sociedade urbana na atualidade, destaca-se neste contexto, as questões de moradia, e as questões da organização da produção industrial e da planificação territorial da cidade, bem como o da planificação global.

Para Lefebvre (2006), essas questões urbanas, produziram em ordem de posicionamento diferenciado, uma explosão da morfologia tradicional das cidades, associando-se com o rápido crescimento urbano, ou seja, uma expansão da urbanização da sociedade, da qual a planificação territorial em curso não soluciona as contradições existentes no processo de produção do espaço urbano.

A planificação territorial, conjugada com a atual divisão territorial do trabalho, moldada por uma multiplicidade e diferenciação de lugares passa a ser mais exigente e com alto grau de expansão no âmbito espacial. Assim, não basta apenas uma organização espacial e uma planificação territorial para o enfrentamento das contradições erigidas nesse processo. Neste contexto, Lefebvre destaca que:

A realização da sociedade urbana exige uma planificação orientada para as necessidades sociais, as necessidades da sociedade urbana. Ela necessita de uma ciência da cidade (das relações e correlações na vida urbana). Necessárias, estas condições não bastam. Uma força social e política capaz de operar esses meios (que não são mais do que meios) é igualmente indispensáveis. (LEFEBVRE, 2006, p. 142).

Ora! A sociedade urbana materializa-se no espaço geográfico mediante processos de produção e reprodução espacial, refletindo numa espacialidade que se expressa pela formação territorial, social e econômica, seguindo a lógica e o sentido dado pelos agentes formadores do espaço. Nessa perspectiva, Güell (2006, p. 60) aponta a “planificação estratégica” para as cidades em detrimento da urbanização tradicional. Para Güell (2006), essa planificação, deve contemplar os processos sociais, econômicos, fisioespaciais e ambientais que por sua vez estão presentes em uma série de projetos setoriais de porte tradicional que se materializam em uma determinada cidade.

Para Santos (2004, p. 337), mais do que a formação socioeconômica, a formação socioespacial, exerce um papel mediador na planificação territorial, uma vez que é o uso do território que supõe as formas geográficas e, por conseguinte, as normas de uso, seja do ponto de vista jurídico ou costumeiro, formais ou informais. Maricato (2002) enfatiza que para concretizar a planificação territorial em um determinado espaço urbano, é necessário, construir “espaços” de participação social. Por outro lado, essa participação social, sempre recai no fato de que a forma urbana é precedida de desigualdades e contradições.

Em determinados espaços urbanos, tais contradições são demasiadamente grandes para serem acomodadas em uma proposta de planificação que não seja globalmente integradora, orientada para as necessidades sociais Lefebvre (2006, p. 145).

Na análise geográfica da produção e da organização social do espaço a relação sociedade natureza se faz através do trabalho que, por ser um ato social, conduz a transformações territoriais e a espacialidades diferenciadas conforme os interesses das forças produtivas em um dado momento.

PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO: A DIMENSAO SOCIOESPACIAL DO URBANO E AS FORMAS URBANAS

“A forma urbana tem seguido o mesmo ritmo periodizável de formação e reformação induzidas pela crise que moldou a paisagem macrogeográfica do capital desde os primórdios da industrialização” (Soja, 1993 p. 210).

3. A PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO: A DIMENSAO SOCIOESPACIAL DO URBANO E AS FORMAS URBANAS

O estudo das cidades e suas formas são movidos pela lógica da representação do espaço urbano. Neste capítulo, produz-se uma contribuição à discussão da modernidade do pensamento geográfico à luz do momento de crise e ruptura do paradigma vigente e, fomenta a discussão de uma ciência concreta, que se materializa num espaço concreto. Assim, a análise da(s) forma(s) urbana(s), parte do princípio da produção e reprodução do espaço no capitalismo. Portanto, o estudo do desenvolvimento da noção de espaço ou das inúmeras noções que interferem na representação do espaço – deve ser compreendidas por diferentes pontos de vista. As análises estão voltados para o desenvolvimento de uma abordagem teórica sobre o processo de urbanização, levando-se em consideração, a produção do espaço urbano, e o estudo das formas que são integrantes da configuração territorial e da espacialidade das cidades no Brasil e no mundo. Enfoca os processos de planificação territorial e as transformações socioespaciais da cidade de Vitória da Conquista-Ba, levando se em conta a abordagem da forma urbana e seus processos de produção.

Cabe ressaltar que os processos socioespaciais materializados no espaço urbano interferem diretamente na relação sociedade-natureza. Neste caso, a articulação da epistemologia materialista e do pensamento crítico-social com a questão ambiental e a espacialidade, é preponderante no estudo das relações de interdependência existentes entre os componentes do meio natural e da sociedade. Assim, uma reflexão sobre a realidade observada, associada com a base teórica é fundamental para elucidar algumas questões acerca dessa relação.

Paralelamente, analisa-se o processo de formação territorial de Vitória da Conquista a partir das transformações socioespaciais ocorridas, para desvendar o que aconteceu nas terras que compõe o seu território e entender a atual configuração espacial mediante os processos de planificação territoriais

materializados ao longo dos tempos, principalmente as transformações que incidiram diretamente na forma urbana e que acabam por delinear a morfologia urbana da cidade.

3.1 A produção do espaço e a forma urbana

No estudo da urbanização e da produção do espaço urbano, a análise da configuração territorial e da dinâmica espacial aliada há algumas considerações teórico-conceituais da geografia são imprescindíveis para o desvendamento da forma urbana. Para tanto, são abordados teoricamente, os conflitos que ocorreram na consolidação do território e sua influência na produção e reprodução da natureza, mediante ações humanas que remontam a origem da cidade, as funções desempenhadas e as transformações socioambientais decorrentes, os setores produtivos, a estrutura interna da cidade e o seu significado.

Lefebvre (2006) propõe uma abordagem política da questão urbana cujos preceitos vão desembocar nos anos de 1980, como base teórica para estudar sobre as contradições urbanas e os movimentos sociais urbanos. Essa abordagem influenciou sobremaneira o pensamento dos geógrafos a partir da segunda metade do século XX, pela forma como tratou da questão espacial, ultrapassando o plano dos conteúdos para colocá-la na perspectiva de um entendimento que envolve a lógica da forma e a dialética dos conteúdos.

Para Lefebvre o urbano não se constitui como um sistema por ser “socio-lógico”; não se define suficientemente pela função ou pela estrutura e, ao eleger a forma como elemento de abordagem, o faz na perspectiva de que seja considerada a questão da circulação e da centralidade; assim, para o autor, “a cidade atrai para si tudo o que nasce da natureza e do trabalho, noutros lugares:

frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e situações”. Lefebvre (2006 p.111).

Quanto à produção do espaço e sua relação com os agentes sociais e a escala de abrangência, é preciso tecer algumas considerações sobre a situação relacional, Correa (2011 p. 41) considera duas questões básicas nessa análise a primeira considera a produção do espaço como decorrente da ação de agentes sociais concretos, com papéis não rigidamente definidos, portadores de interesses, contradições e práticas espaciais que ora são próprios de cada um, ora são comuns. A segunda diz respeito à escala que a ação humana se realiza na dimensão espacial.

Já estudo da forma urbana, parte do pressuposto teórico de que as cidades se desenvolvem sobre a égide do capitalismo, rompendo com as tradições seculares adquiridas pelo processo de produção do espaço pela humanidade. Os aspectos fundamentais dos estudos de geografia tendem a lidar com conteúdos relativos à superfície construída, às edificações, ao uso do solo e ao estudo morfológico de áreas concretas da cidade (CAPEL 2002).

Neste sentido, a análise da forma urbana, está diretamente relacionada com a busca de como as cidades se desenvolveram ao longo do tempo histórico e como o pensamento geográfico analisa essa morfologia, pois, sabemos que a forma das coisas é em si o espaço.

Na análise da forma urbana, os padrões de organização espacial decorrem destas relações, refletindo, em certos casos, o funcionamento da estrutura econômica, política e social de cada lugar havendo também uma inversão da coerção de um sobre o outro, Isto é, em termos estruturais. Para Lefebvre (2006), depois da industrialização, a vida urbana ganha uma forma, que se tornou função em novas estruturas. Para o autor, formas, estruturas, funções urbanas agiram umas sobre as outras e se modificaram movimento este que o pensamento pode hoje reconstruir e dominar. Lefebvre (2006)

Outro fator importante nesta análise é a capacidade de especialização das cidades em termos socioeconômicos. À medida que vai ocorrendo o processo de

urbanização, as cidades vão ganhando uma configuração espacial semelhante a outras de igual porte, mas cada uma com suas particularidades, resultado da forma de organização da sociedade envolvida, e sobre o modo de produção em que está inserida.

A grande cidade capitalista é o lugar privilegiado de ocorrência de uma série de processos sociais, entre as quais a acumulação de capital e a reprodução social têm importância básica. Estes processos criam funções e formas espaciais, ou seja, criam atividades e suas materializações, cuja distribuição espacial constitui a própria organização espacial urbana. (CORREA 1989 p 36)

Entre processos sociais, de um lado, e as formas espaciais de outro, aparece um elemento mediatizador que viabiliza os processos sociais para organizar as formas espaciais. Este elemento viabilizador constitui-se em um conjunto de forças atuantes ao longo do tempo, postas em ação pelos diversos agentes modeladores, e que permitem localizações e realizações das atividades e da população na cidade. São os processos espaciais, responsáveis imediatos pela organização desigual e mutável da cidade capitalista.

O espaço geográfico, sob a perspectiva da cidade, ou do campo, traz a marca da sociedade que o produz ao longo de um tempo histórico. Em Vitória da Conquista, fica mais evidente que a cidade vai se reproduzindo apagando sua história, passível de ser aprendida nas construções, no desenho das vias de circulação, construindo uma forma e estrutura sempre cambiante, no modo de vida e no contato entre os indivíduos, no cotidiano citadino.

Para Carlos (1999). Isso significa que há uma relação necessária entre espaço e sociedade, na medida em que a produção da vida não é só a produção de bens e mercadorias, mas, sobretudo de relações sociais. Nessa concepção, percebe-se uma dinâmica social uma vez que ao longo da história, os indivíduos sempre produziram um mundo, com idéias e modos de interpretação distintos e

ao mesmo tempo integrados pelo ciclo do avanço da humanidade aliados a um modo de vida, uma cultura, a cidade e o campo. Neste sentido, o espaço urbano é produto humano e social em constante processo de transformação.

Assim, ao pensar a cidade como um espaço construído, devemos levar em consideração que ela é antes de qualquer coisa resultado do trabalho humano materializado em casas, avenidas, prédios, praças, viadutos, etc. segundo Carlos (1999); é o trabalho social que produz a cidade enquanto espaço de vida urbana, dos contatos imediatos do dia a dia. Para Carlos, a cidade é um produto que vai se construindo ao longo de uma história que, junto com sua fisionomia, transforma também a vida de seus habitantes e, conseqüentemente, as relações no espaço urbano.

É claro que a dimensão socioespacial, de um determinado lugar, segue uma conjuntura mais abrangente. No caso de Vitória da Conquista, houve uma mobilidade espacial da população sob a ótica da localização rural e urbana, entre a 1940 e 1990, com uma inversão de valores percentuais de ocupação. Vários fatores podem ser elencados nessa questão tais como: a ampliação das relações capitalistas no campo, que desestrutura as antigas relações tradicionais de trabalho (a parceria, o arrendamento etc.); a mecanização da agricultura, a substituição da lavoura por pastagem e a grande especulação imobiliária foram causas que estimularam a fuga da população do campo para a cidade, isso num primeiro momento. Associado a esses fatores teve os efeitos da intensificação das comunicações entre essas duas realidades geográficas.

Os atrativos da cidade, veiculados pela mídia sobre uma sociedade desvinculada de condição econômica, levou a essa derrocada para a cidade. Enquanto o campo repelia a cidade atraia.

Fica claro o aparecimento de novos conglomerados urbanos mesmo nas cidades existentes. Constata-se a expansão de seu crescimento associado, por um lado à industrialização e modernização e por outro, fatores internos como a crescente terceirização e, expansão da organização espacial específica.

A acelerada expansão das cidades gera uma diferenciação no arranjo espacial, que muitos autores classificam como segregação, associada à diferenciação espacial. Harvey (2006) considera que a diferenciação residencial deve ser interpretada em termos de reprodução das classes sociais dentro da sociedade capitalista. Afirma que a estabilidade de um bairro e seus sistemas de valores leva a reprodução e permanência de grupos sociais dentro de estruturas residenciais, enquanto que a segregação gira em torno da renda real.

Assim, as áreas residenciais intraurbanas, aparecem em padrões locacionais que, são “segregacionadas” a partir da evolução e cristalização das inúmeras ações criadas pelo trabalho social. Estes são relativos às operações econômicas e ao sistema de controle e de decisão. No entanto, na medida em que se evolui o quadro urbano, intensifica-se os traços de diferenciação espacial que, pode se confirmar ou não em segregação. Descrevendo o significado da segregação, Corrêa afirma:

A segregação residencial pode ser vista como um meio de reprodução social e neste sentido o espaço social age como elemento condicionador da sociedade. Neste sentido, enquanto o lugar de trabalho, fábricas e escritórios constituem-se no local de produção, as residências e os bairros, definidos como unidades territoriais e sociais constitui-se no local de reprodução. (CORREA 1991, p. 89)

Por outro lado não podemos dissociar esse fenômeno de reprodução da organização espacial. Na verdade o primeiro termo é condicionado pelo segundo, de acordo com Lefebvre (2006), “a totalidade do espaço se converte no lugar da reprodução das relações de produção”. Sendo que tais relações concentram-se no centro da sociedade estrutura e classes sociais distintas.

Para compreender a diferenciação da estrutura espacial urbana, torna-se necessário vincular a organização espacial como condição básica da existência

da segregação residencial. Corrêa (1991, p.74), afirma que “a origem da segregação residencial remonta ao próprio aparecimento da cidade e das classes sociais, as quais se verificam ao mesmo tempo”. A evidência desse fato ocorre em uma estrutura espacial abrangente, mas não constitui algo que tem uma exterioridade imediata. Segundo Santos (2008, p.52), o tema *estrutura* refere-se não a um padrão espacial, mas a maneira como os objetos estão organizados e interrelacionados.

Considerando a diferenciação da estrutura espacial urbana, associada à organização espacial da cidade, nota-se uma concentração espacial das atividades e funções, principalmente nas grandes e médias cidades, isso como consequência do processo urbano industrial, do qual significa a reprodução do espaço articulado, vinculado ao aprofundamento da divisão e especialização do trabalho mais geral pela ligação direta da acumulação do capital a nível local nacional e internacional que, expressa-se pela ocorrência do fenômeno urbanização.

Em Vitória da Conquista, as relações de produção sempre tiveram ao longo da história, uma boa concentração populacional baseada na relação de trabalho e consumo. A taxa de urbanização da cidade sempre esteve acima ou igual à média nacional o que demonstra uma tendência de consolidação de um espaço urbano.

Neste contexto, nota-se que o processo de urbanização veio acompanhado de enormes desafios para as cidades. De um lado, o rápido crescimento das cidades, surgindo grandes aglomerados urbanos. De outro, a capacidade de uso e ocupação do solo urbano pelos atores que compõem o processo de urbanização.

3.2- A noção de espaço-tempo e espacialidade

A assimilação da categoria espaço-tempo na análise produção do espaço e da territorialidade urbana significa mais do que a chegada de um novo elemento, representa em última instância a construção de uma nova identidade epistemológica, representada por meio da contradição entre a superfície simultânea da imagem e a natureza espaço-temporal singular do objeto que a emite. Para Harvey (1996, p.187), “O espaço e o tempo são categorias básicas da existência humana”.

No passado recente, espaço e tempo coincidiam amplamente, na medida em que as dimensões espaciais da vida social eram dominadas pela presença, por atividades localizadas, (GIDDENS, 1998). Atualmente, essa relação espaço-tempo, é dada pela universalização dos fenômenos sociais, e pela singularidade das coisas em sua forma e identidade. Neste sentido, o desvendamento da espacialidade dada pela relação espaço tempo, passa, sobretudo pela diferencialidade das formas.

Essa nova imagem do mundo oferecerá resistência, sem margem para dúvida, ao processo de espessamento e impermeabilização da superficialidade da relação sociedade/natureza, mesmo no discurso e prática ambientalista/ecológica, construindo novas condições de avançar na essência do problema, em sua condição de pólo dialético da realidade. O espaço-tempo continuará sem sentido fenomenológico, ao passo que no materialismo histórico, dentro de sua abordagem dialética, a sua análise dependerá de um equacionamento improvável entre as questões de ordem neo e pós-cartesianas.

A tentativa de construir um discurso geográfico pós-moderno afina-se com uma abertura para os novos elementos conceituais oriundos dos ramos científicos que fomentam a discussão do momento de crise do paradigma vigente, premente, a Física. Assim, a noção de espaço-tempo da física é recebida e traduzida como categoria de análise geográfica, na medida em que traduz espaço e tempo absolutos e relativos, em uma categoria explicativa moderna e condizente com a natureza contraditória e complementar do espaço geográfico. Para Harvey (1996, p.187), “O espaço e o tempo são categorias básicas da existência humana”.

No passado recente, espaço e tempo coincidiam amplamente, na medida em que as dimensões espaciais da vida social eram dominadas pela presença, por atividades localizadas, (GIDDENS, 1998). Atualmente, essa relação espaço-tempo, é dada universalização dos fenômenos sociais, e pela singularidade das coisas em sua forma e identidade. Neste sentido, o desvendamento da espacialidade dada pela relação espaço tempo, passa, sobretudo pela diferencialidade das formas.

A espacialidade de um determinado lugar se expressa pela formação territorial, social e econômica, por conseguinte, segue a lógica e o sentido dado pelos agentes formadores do espaço. Na análise geográfica da organização social do espaço a relação sociedade natureza se faz através do trabalho que, por ser um ato social, leva a transformações territoriais e a construção de espaços diferenciados conforme os interesses da produção no momento.

A territorialidade implica a localização, a orientação e a representação dos dados socioeconômicos e naturais, que contribuem para a compreensão do espaço geográfico. Para que se tenha uma representação do espaço, partem-se da observação da realidade buscando levantamento de dados, classificação, comparação e, posteriormente elaboração de mapas, cartas, tabelas, gráficos, fotografias e textos que representam os aspectos observados.

A análise espacial nos remete a contemplação da paisagem enquanto algo que representa o real. Mas o conhecimento do real, segundo Leff (2002, p.25), entendido como processos materiais, é uma emergência epistêmica relativamente recente. De certa forma, os aspectos visíveis da paisagem são, a princípio, os precursores da busca pelo conhecimento do real. Para se atingir os aspectos invisíveis; depende de uma análise mais detalhada e, para tanto, teórica da paisagem. A paisagem, neste contexto, é entendida como uma categoria de análise que não deve ser confundida com o espaço, nem deve ser vista como algo que inserida no espaço, pois o espaço é a dimensão da forma e reflete ao mesmo tempo, paisagem, lugar e território.

Numa análise clássica, o território é dado pela configuração das ações dimensionadas pela sociedade tais como rodovias, ruas, avenidas, portos, aeroportos etc. Já o lugar é a métrica, o geométrico do espaço que está representado pela singularidade e particularidade das coisas, universalizadas e transversalizadas pelo modo mais abrangente da sociedade atual que, em última análise, corresponde ao modo de produção capitalista. A paisagem entra aqui como algo que ao mesmo tempo é representada pelos aspectos visíveis e concretos do real. Mas essa concretude segundo Soja (1993) ocorre quando se compreende que “o concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações”. Neste sentido, a paisagem e o espaço, segundo Santos (1999, p.79), não são sinônimos, paisagem refere-se ao conjunto de forma que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima.

A sociedade atual revela-se como uma sociedade urbana, real, concreta e virtual. Concreta e real na medida em que revela uma cotidianidade materializada numa geometria singular e particular, que corresponde ao *lugar*. Virtual porque está permeada por um fator universalizante, mediatizada por sistemas de simbólicos que materializam a forma urbana.

3.3 A Centralidade urbana na definição da espacialidade e da forma da cidade

Abordar sobre os termos conceituais da espacialidade e dos aspectos socioespaciais do espaço urbano na atual fase não é tarefa muito fácil, pois como já foi dito anteriormente, a cidade é, ao mesmo tempo, um conceito e uma realidade. Lidar com esse desafio exige “a compreensão do conjunto e de suas

partes, bem como suas mutações sincrônicas e diacrônicas, que se revelam por meio de tempos e espaços múltiplos”. (SPOSITO, 2005 p.261).

O estudo da espacialidade urbana está diretamente relacionado à compreensão da lógica da produção espacial e o processo de urbanização. Muitas são as possibilidades de análises a serem realizadas sobre o espaço urbano. No entanto, um estudo mais sistematizado pode ser incorporado ao processo de compreensão da dinâmica urbana que, cada vez mais cria a espaços fragmentados em sua forma e essência. Nesse tópico busca-se a compreensão das dinâmicas e lógicas que orientam a contínua estruturação do espaço urbano.

Uma das tendências dessa dimensão é compreensão da dinâmica da expansão urbana da cidade e do processo de urbanização. É o caso da tese esboçada aqui sobre a cidade de Vitória da Conquista, onde analisa as consequências dos processos de planificação territorial no espaço urbano da Cidade. Para esse tipo de estudo, uma das formas de esquematização metodológica é o zoneamento das atividades e dos atores que atuam nas diversas fases da urbanização, da gestão urbana e da planificação territorial, expandindo essa análise para todo o espaço urbano.

A análise esboçada aqui demonstra que o fenômeno da expansão territorial urbana não é recente. Evidencia-se na pesquisa realizada que no decorrer do século XX, a acentuação dessa expansão, desenvolveu-se nos moldes do modo de produção capitalista, engendrado pela lógica fordista de organizar o espaço geográfico, dado pela geometria espacial, pela retilinização das ruas e avenidas, empregando neste caso uma visão racionalista do território tanto por parte dos que planejam a cidade quanto por aqueles que comandam a gestão pública dos espaços materializados na lógica da urbanização contemporânea.

Pode-se dizer que a organização espacial das cidades no século XX, tem seguido essa lógica do fordismo e do racionalismo arquitetônico que segundo Capel (2005), teve a sua massificação por volta de 1930 principalmente Estados Unidos seguido pela maioria dos países da Europa no Pós Guerra.

No entanto, verifica-se que na produção do espaço urbano, existe uma sobreposição de formas espaciais advindas desse processo. Assim, as formas urbanas decorrentes da produção de uma determinada sociedade, bem como a apropriação do espaço pelas forças produtivas, geram múltiplas formas de territórios e territorialidades, porque essas relações não são homogêneas nem no espaço nem no tempo.

Ao longo dos tempos, diferentes formações sociais ocuparam diferentes parcelas do espaço geográfico em diferentes tempos, constituindo, por meio desse movimento, seus territórios. (SPÓSITO, 2005). O espaço geográfico é, então, expressão da maneira como esses diferentes tempos materializam-se no território originando-se a forma e a estrutura espacial de cada lugar, permeado de paisagens que permanecem no lugar, transformam-se ou desaparecem.

Essa complexidade de processos sociais e territoriais produz uma lógica de espacialização que gera diferenças no espaço e no tempo, isso porque, há uma diversidade de processos no interior de cada sociedade, desencadeando movimentos de territorialidade, que necessitam de uma planificação territorial no contexto de cada sociedade.

Do ponto de vista do processo de urbanização, as cidades passam a ter uma composição na forma e estrutura, constituída desse processo de territorialização decorrente da movimentação no interior da cada sociedade. Assim, é preciso desvendar o que permanece, o que se transforma ou desaparece, para poder compreender a lógica da composição morfológica do lugar, buscando através da universalidade dos processos territoriais e da singularidade de cada lugar, definir a lógica espacial que foi responsável pela materialização da forma urbana presente em cada cidade.

Para Santos (2008), o espaço se estrutura a partir de relações de fluxos. Esses fluxos podem ocorrer no interior de uma região, de uma cidade ou entre bairros de uma mesma cidade, pode aparecer também fluxos estruturantes entre o centro e a periferia urbana, onde diferentes espaços se materializam, neste

caso, as desigualdades socioespaciais são mais visíveis na relação centro periferia.

Na morfologia da maioria das cidades brasileiras, a periferia representa uma forma espacial marcada pelas desigualdades espaciais, Aydalot (1980) apud Sposito (2005), afirma que o espaço expressa as desigualdades entre modos de produção dominantes e dominados onde o centro aparece como o espaço de origem da urbanização em cada cidade, enquanto a periferia representa uma lógica de produção espacial desigual e combinada (SANTOS 2008), marcada pela necessidade de usos entre um lugar e outro. Em alguns casos, o centro funciona como uma força aglutinadora e organizadora da estrutura urbana é o caso da cidade de Vitória da Conquista que ainda prevalece essa centralidade urbana aglutinadora de serviços e produtos do consumo diário.

Segundo Correa (1991), o centro da cidade é moldado pelo processo de concentração das atividades comerciais, bens e serviços, dos mecanismos de gestão pública e privada de áreas de lazer, e toda uma simbologia do patrimônio histórico que resiste no centro. Há que destacar que o centro é a porção da cidade mais democrática, no que se refere a sua acessibilidade. Já que o centro de Vitória da Conquista é servido por agências bancárias, terminal de ônibus urbano, clínicas médicas, hospitais, e quase todos os serviços públicos estão localizados no centro da cidade. Essa centralidade urbana faz com que o fluxo de pessoas em direção a um mesmo ponto da cidade crie uma série de congestionamentos no sistema de transporte e trânsito da cidade.

A possibilidade do acesso ao centro confere a ele uma característica popular e dinâmica. Além do acesso ao centro, que tem como motivo principal o trabalho, ele é também ponto de “transbordo”, isto é, de passagem onde os trabalhadores mudam de ônibus. Do centro irradiam e para ele convergem as mais diferentes linhas de ônibus urbanos vindas dos mais variados pontos da cidade e de municípios próximos.

É nas proximidades e saídas dos terminais de ônibus que temos um comércio voltado às classes de menor poder aquisitivo. Nas ruas próximas às

feiras livres do centro da cidade, concentram boa parte dos pontos de parada de ônibus intermunicipais, e dos transportes alternativos que estacionam-se na Praça Hercílio Lima, na Avenida Crescêncio Silveira e ruas adjacentes, na Rua da Misericórdia, na proximidades da Central de Abastecimento (Ceasa). Nesses locais estão os pontos de maior acessibilidade ao comércio popular que vai da Praça da Bandeira, passando pela travessa Santa Rita até às proximidades da Avenida Lauro de Freitas, caminho e passagem obrigatória para quem chega ou parte do centro da cidade.

Entre a Ceasa e esses pontos de parada de transporte alternativo, encontra-se um verdadeiro mercado ambulante, organizado com suas barracas encostadas ou vendedores ambulantes que atuam oferecendo de tudo um pouco em suas gôndolas moveis. Nessas barracas, e gôndolas ambulantes, vende-se de tudo: relógios, tesouras, alicates, ventiladores, canetas, panos de cozinha, salgadinhos, refrigerantes, água, tudo a preços atraentes.

Em outros pontos do centro da cidade, há uma especialização de serviços médicos hospitalares é o caso da Rua Góes Calmon, e da Ascendino Melo, indo em direção à Av. Otávio Santos no Bairro recreio.

Embora essa dinâmica do centro da cidade seja uma característica marcante desde a antiguidade, é por meio do avanço do modo de produção capitalista que essa necessidade do consumo amplia-se numa magnitude cada vez maior, fazendo com que os centros comerciais e de serviços, se especialize na oferta concentrada e diversificada de atividades voltadas para os diversos segmentos da sociedade local e regional.

No caso de Vitória da Conquista, essa dinâmica é cada vez mais regional do que local já que a cidade atende uma região com mais de 2 milhões de pessoas que convergem diariamente para o espaço urbano da cidade para a realização dos diversos tipos de atividades ofertados principalmente no centro funcional. Para Correa (1991), as ligações da cidade com o mundo exterior, amplia-se qualitativamente e quantitativamente após as seguidas revoluções tecnológicas e industriais que se sucedem desde os finais do século XIX e todo o

século XX. Ampliando as escalas de atuação no início do Século XXI, com uma multiplicidade de papéis que a cidade ganha nos dias atuais.

Ao passo que o centro da cidade especializa-se em serviços dos mais diversos tipos e funções, outras características surgem como é o caso da verticalização de 3 a 5 andares, voltados para atender a demanda comercial, criando por outro lado um esvaziamento das populações que ai residem.

Essa tendência faz com que o centro da cidade tenha uma condição de hipervalorização dos espaços durante um determinado horário do dia em detrimento de um esvaziamento em outro, na medida em que as pessoas somente estão no centro para o consumo e serviço, mas residem em outros bairros e ou cidades próximas de Vitória da Conquista.

Para Castells (2009), o centro é a partida da cidade que delimitada espacialmente, desempenha um papel ao mesmo tempo integrador e simbólico, transformando-se neste sentido, num local geográfico, pois materializa-se num território e ao mesmo tempo, possui um conteúdo social na medida em que, define todas as ligações internas e externas da cidade, consolida uma serie de funções que estabelecem comunicação entre os diversos componentes da estrutura urbana.

Desse modo, o centro não pode ser visto fora do contexto de toda a estrutura urbana, bem como os processos decorrentes das ações desempenhadas por cada ator que faz da espacialidade urbana, uma condição especifica de sua forma e estrutura.

Por outro lado, é preciso destacar que numa centralidade urbana, o estrangulamento dos espaços no território, gera novos subcentros e por sua vez polarizam-se, transformando em uma policentralidade que segundo Lefebvre (2006), expressa-se pela ruptura do centro funcional, por vezes análogos, por vezes complementares, seja por dispersão das funções ou por segregação. Para Sposito (2005), uma centralidade materializada no interior de uma cidade, traduz-se em novos níveis de polaridade, que radiam fluxos materiais, com novos

símbolos e, por conseguinte, novas formas da urbanidade que materializa-se no centro da cidade.

O nível abrangência da centralidade urbana extrapola os limites da espacialidade urbana que exprime um centro pautado em critérios de funcionalidade e de territorialidade demarcada pela densidade das atividades comerciais e de serviços nela contida, por outro lado a centralidade de uma cidade não está contida em limites espaciais pois sua hierarquia, vai além dos limites intraurbanos, ou seja um determinado tipo de serviço pode ter um raio de alcance regional, nacional ou internacional, fazendo com que a funcionalidade dessa cidade na rede urbana seja cada vez mais concreta e dominante.

Por outro lado, é importante considerar a articulação entre as diferentes escalas de abrangência do espaço urbano na qual define a morfologia da cidade. Assim, na análise da lógica da produção espacial, é preciso compreender as relações que se sobrepõe e combinam simultaneamente numa espacialidade que define a forma urbana em cada pedaço da cidade, tornando-a singular em sua morfologia e universal em sua função.

Em Vitória da Conquista, verifica-se a existência em determinados locais da cidade, um conjunto de bens e atividades que permitem um intercâmbio com outros pontos da cidade, estes locais são equivalentes na função e na forma, é o caso das feiras livres que estão espalhadas entre o centro da cidade e subcentros comerciais nos bairros, ao lado das feiras livres, prosperam um tipo de comércio popular que se repete em todas as feiras interbairros com maior abrangência na feira da Central de Abastecimento (Ceasa).

Tal especificidade acaba por produzir certa homogeneidade entre os espaços, revelando uma espacialidade onde as características e funções são equivalentes entre si. Mas essa lógica da espacialidade, não ocorre no espaço urbano como um todo e sim entre as partes do espaço que se fragmenta, em razão de uma funcionalidade criada e controlada, para responder a determinadas necessidades essenciais à reprodução da dominação, e logo, para maior eficácia do modo de produção (ALVES 2010, p. 50).

Com a existência desta homogeneidade no espaço urbano, a centralização das atividades fragmenta-se em partes que, funcionalmente, levam a uma hierarquização espacial, dada em torno dos centros de decisão, dominação e comercialização. Ou seja, acaba por produzir zonas de comércio e serviços específicos em cada setor, é o caso do segmento de saúde onde 90% das clínicas e laboratórios estão situados na Avenida Otávio Santos e o seu entorno.

Essa extrema funcionalidade em determinados espaços da cidade, gera a negação da multifuncionalidade, que possibilitaria o intercâmbio entre os diversos segmentos de serviços e do comércio. Com a segmentação do território mediante a hiperespecialização dos segmentos de serviços e comércio, é inevitável a existência de uma hierarquização dos setores produtivos e de circulação para o consumo, tornando-se como hegemônico o domínio das logomarcas que representam o mercado internacional da produção industrial nos diversos segmentos do consumo.

Ao lado dessa hiperespecialização, ocorre também uma hipervalorização do espaço, o solo urbano passa a ser consumido não somente por quem tem necessidade de ocupação e uso mas também pelos que almejam a obtenção de lucros acima do valor de mercado na medida em que o centro das atenções estão voltados para o segmento predominante nessa porção territorial da cidade.

No caso de Vitória da Conquista, essa hipervalorização ocorre de disseminada no centro funcional da cidade com a chegada de grandes empresas nacionais e transnacionais que buscam os melhores locais para a sua instalação. Destaca-se no setor de comércio de vestuários e farmacêuticos uma hipervalorização do espaço no entorno da avenida Lauro de Freitas, onde foi instalado recentemente, 90% dos grandes empreendimentos de vestuários e farmacêuticos que chegaram na cidade, outra hipervalorização é verificada no entorno da avenida Otávio Santos que concentra 90% dos estabelecimentos de saúde tais como clínicas e consultórios médicos.

Do ponto de vista da hipervalorização pelo segmento de comércio e serviços, destaca-se dois subcentros que estão em franca expansão. É o entorno

do Shopping Conquista Sul na Avenida Juracy Magalhães e toda a extensão da Av. Olivia Flores no Bairro Candeias. Nestes dois subcentros, ocorre uma homogeneização pelo consumo de alto padrão, diferenciado do centro funcional da cidade. E, por conseguinte, uma tendência à hierarquização do espaço pelas grandes marcas do consumo mundial.

Evidencia-se com isso, o fortalecimento do consumo de classe, fragmentando cada vez mais o espaço pela apropriação e uso do solo pelas camadas mais privilegiadas da sociedade local, privatizando e elitizando o consumo nesses locais citados (Av. Olivia Flores e Shopping Conquista Sul).

Para Carlos (2007), na expansão urbana, sobretudo nas médias e grandes cidades ocorrem processos distintos de espacialidade um deles é a relação da cidade com áreas extensas produzidas através das redes de suas esferas de influência; significando a existência de uma multiplicidade de espaços sociais que se justapõem e que ganham vida através dos fluxos de mercadorias de todos os tipos, criando um circuito de conexões não somente de um único ponto no território, mas de todos os lugares da cidade.

Por outro lado, ocorre a fragmentação territorial dentro de uma media ou grande cidade, onde a hierarquia dos lugares e ou de suas funções faz com que seja privilegiado no status quo urbano da sociedade. Carlos (2007) afirma que esse fenômeno se revela a partir das modalidades dos usos que contemplam características culturais, étnicas, religiosas diferenciadas o que para a autora, refere-se aos “guetos urbanos”. Pois para Carlos, os lugares são dotados de uma realidade físico-sensível, que corresponde a um uso do espaço, quando ocorre um sugestionamento ou um empecilho de uso pela sociedade como um todo, surgem as diferenciações socioespaciais.

Essas diferenciações socioespaciais em Vitória da Conquista, são factíveis e perceptíveis em todos os aspectos da análise geográfica, seja pelo grau de alfabetização dos moradores, pelo fator renda, ou pelo numero de filhos em todos os aspectos, há uma diferenciação espacial entre os bairros da cidade, fazendo com que, seja possível identificar na morfologia urbana da cidade, distintas

espacialidades, conforme a renda, que define padrões de moradia, e por conseguinte, padrões de consumo entre outros.

Essa identidade pautada no consumo promove algumas estruturas socioespaciais, pautadas na segregação residencial, e ou na segregação socioespacial que, dissemina em diferenciações territoriais por todo o espaço urbano. Assim a homogeneidade, é dada pela centralidade das funções, mas a diferencialidade das formas ocorre pela desigualdade socioespacial moldada pela segregação e fragmentação do território.

Nessa lógica de espacialidade, o reconhecimento da diferença, pautada no consumo e o reconhecimento da existência do outro, enquanto pertencente a um grupo específico, promove pela separação, um pacto de não agressão, como também um conflito entre os grupos, justamente pelo reconhecimento da diferença.

Numa cidade, o surgimento de lugares que concentram grupos sociais moldados pela renda patrimonial e pelo poder de consumo, seja de alta como de baixa renda, na maioria das vezes, é resultante da planificação urbana que promove ações estratégicas por parte do poder estatal aliado a interesses de empreendimentos privados.

Amparados pela legislação urbana os órgãos de planejamento exercem suas funções de gestores e estabelecem onde e como construir, com quais dimensões, com que atividades, neste sentido, têm-se uma cidade legal, planificada, que funciona, mas uma grande parte dos eventos da urbanização contemporânea escapa dessa planificação e logo passa a ser considerado como problema seja pela clandestinidade, ou pelo descumprimento das normas de legalização dos equipamentos no tocante ao uso do solo urbano.

Assim logo aparecem áreas ocupadas desprovidas de qualquer infraestrutura urbana seja pela fragilidade ambiental como é caso das áreas de nascentes da cidade tais como Lagoa das Bateias, Lagoa do Jurema, Campinhos, Lagoa do Renato Magalhães, ou pela ocupação em áreas de encostas, como é o caso do Bruno Barcelar, do Nossa Senhora Aparecida, do

Panorama, toda a encosta da Serra do Peri Peri e outros locais que deveriam ser preservados mas estão repletos de moradias e ou atividades econômicas. O que a legislação permite em alguns casos, para estabelecer-se em alguns desses locais é seguirem as normas de ocupação permitidas, respeitando tamanho de lotes, área passível de construção, excluindo-se neste caso as áreas de preservação permanente já definida na legislação.

Pode se dizer que o espaço urbano como um todo seja áreas destinadas a preservação ambiental áreas com problemas de uso e ocupação entra na lógica da comercialização para toda a sociedade, que têm acesso a este ou aquele lugar de modo diferenciado, lugares com maior infraestrutura e maior valorização para uns enquanto para outros não.

Para Alves (2010), a relação entre a homogeneidade, a fragmentação e a hierarquização do espaço não ocorre de maneira uniforme e linear, os lugares em constante mobilidade, podem e se alteram nas posições de poder, controle, produção e comercialização. Segundo Alves a centralização faz parte do processo de produção espacial, na hierarquização dos centros e subcentros, pautada na funcionalidade dos fragmentos do espaço, a centralidade dos poderes administrativos assume papel de destaque. É nela que o Estado instala os poderes de decisão, de onde controla, regula a vida social.

Numa cidade de porte médio em grande expansão como é o caso de Vitória da Conquista, a centralidade e sua espacialidade, começa a criar fragmentos socioespaciais, com novas estruturas funcionais na medida em que o velho centro funcional, já não responde mais aos anseios dos consumidores e ou dos detentores do processo produtivo e de circulação das mercadorias.

A fragmentação espacial dessa funcionalidade, passa pela criação de centros especializados em determinados serviços, estabelecendo com isso, novas funções aos antigos espaços especializados, ou mesmo cair numa decadência momentânea, a depender do raio de abrangência dessa nova espacialidade, levando a uma valorização/ desvalorização imobiliária de áreas da cidade.

É o caso da estrutura do antigo Shopping Conquista Center e seu entorno e do antigo Shopping Itaipara e seu entorno, ambos entraram em decadência com o fechamento de quase todas as lojas após a implantação do novo Shopping Conquista Sul, mais amplo e com maior funcionalidade, atendendo a uma tendência nacional das grandes corporações do segmento de entretenimento, lazer, e consumo integrado.

A nova centralidade para o consumo que surge com o Shopping Conquista Sul, altera toda a lógica funcional da cidade, passando pela necessidade de modificações nas vias de circulação e de toda a mobilidade urbana, exigindo novas linhas de ônibus e transporte coletivo, maior capacidade de circulação de veículos no entorno do estabelecimento, melhorias na infraestrutura urbana, melhoria na segurança pública, maior flexibilização do sistema viário entre o centro tradicional histórico e o shopping.

Percebe-se com isso, uma grande influencia do setor privado nas decisões do poder estatal, na medida em que foram investidos valores elevados de dinheiro público, cerca de 200 milhões de reais na montagem da infraestrutura para o funcionamento do shopping Conquista Sul e ao mesmo tempo grandes áreas da cidade ainda estão sem nenhuma infraestrutura mínima para que o cidadão possa ter o direito à cidade.

Tais especializações funcionais revelam a atuação das incorporadoras aliadas aos que controlam os diversos segmentos especializados em diversão como é o caso da rede de cinemas onde uma ou duas empresas controlam todos os cinemas dos shoppings a nível nacional, daí, vem os segmentos de alimentação com os fest foods, os segmentos de vestuários onde três ou quatro marcas controlam 90% dos shoppings em todo o país, são as chamadas lojas âncoras, que sustentam toda a hierarquia deste centro do consumo contemporâneo onde multifuncionalidade e diversidade desaparecem, pois o modelo já foi previamente pensado, e não há espaço para inovação e mudanças bruscas dos segmentos que ali atuam. Esse segmento age em paralelo e simultaneamente ao controle estatal, fazendo “surgir” os centros especializados,

valorizando áreas antes pouco procuradas para a implementação de atividades econômicas de grande porte e redirecionando, com acordos entre o poder estatal, e as empresas de financiamento as áreas em que prioriza o crescimento da cidade.

Essa é uma tendência que começou em Vitória da Conquista com a implantação do Shopping Conquista Sul em 2004 e se espalhou com a chegada de grandes empresas do setor de hipermercados controlados por multinacionais elegendo algumas áreas da cidade para sua instalação, a área que está absorvendo toda essa nova lógica da espacialidade urbana é a Avenida Olivia Flores e seu entorno que começa receber os grandes hipermercados, agências bancárias, grandes edificações e centros comerciais específicos de alguns segmentos do mercado, nessa área concentra também a maior renda per capita do espaço urbano, com pessoas de maior nível de escolaridade, e maior poder aquisitivo, criando assim um clima perfeito para o consumo onde tudo funciona para que essa lógica seja atrativa aos consumidores do entorno e também aos consumidores espalhados por toda a cidade.

Constata-se com isso uma desvalorização dos chamados centros tradicionais da cidade, sobretudo nas ruas que estão próximos ao Shopping Conquista Center e Praça Tancredo Neves, nesses locais houve uma diminuição do número de estabelecimentos comerciais, com o fechamento dos espaços de lazer e entretenimento como é o caso do cine Madrigal o último a resistir fora dos shoppings centers e uma série de galerias existentes nessa área ou fecharam ou mudaram de função comercial para não fechar.

Pode-se dizer que esse fenômeno de dispersão altera toda a lógica do processo de centralização existente na cidade que ainda é forte e é vivenciado até o momento. No entanto, essa dispersão implica numa desvalorização dos núcleos centrais estruturados ao longo dos tempos e valoriza novos espaços de uma funcionalidade definida por uma lógica econômica e pelo crescimento da população em curso. Nessa lógica, as empresas passam a se deslocar para os novos centros por uma série de razões, nova clientela, maior comodidade nos

novos edifícios, possibilidade de estacionamento. Tudo isso faz com que novos consumidores sejam atraídos para essa nova centralidade, criada pelo novo shopping, e pelas novas lojas e estabelecimentos empresariais e comerciais da AV. Olívia Flores no Bairro Candeias.

Em oposição ao papel da centralidade urbana demonstrada até aqui, verifica-se também na morfologia do espaço urbano de Vitória da Conquista uma tendência à periferação que se desenvolve com o aumento da população, sobretudo a população de baixa renda que migram de outras cidades menores em busca de trabalho ao chegarem a Vitória da Conquista, o destino certo são os bairros periféricos que possuem menor valorização da terra urbana, bem como da locação dos imóveis para moradia, estabelecendo com isso uma lógica chamada por vários autores como sendo a lógica centro \Leftrightarrow periferia.

Em Vitória da Conquista os interesses fundiários e imobiliários são, sem dúvida, os principais motores da extensão da cidade. A lógica de produção do espaço urbano tem sido orientada pela implantação de novos loteamentos desde 1950 e pelo contínuo lançamento de novos produtos imobiliários de forma a atingir novos consumidores e/ou estimular novas demandas àqueles que já haviam consumido outros produtos imobiliários anteriormente.

Essa lógica tem levado a cidade de Vitória da Conquista a crescer mais territorialmente do que demograficamente ou economicamente, um fato que pode comprovar isso é o elevado número de loteamentos implantados na cidade, entre 1950 e 2010 foram lançados cerca de 260 novos loteamentos representando mais de 90.000 lotes urbanos e, em sua maioria verifica-se um grande número de lotes não edificadas. Para Sposito, essa realidade evidencia uma realidade onde:

“A cidade virou negócio e, contrariamente, às tendências anteriores de expansão territorial urbana, o que se tem na cidade atual é o espaço planejado, resultado da intenção e das estratégias de parcelamento fundiário e produção imobiliária e não da história, propriamente dita, pensada como um resultado de múltiplas ações, individuais e coletivas, que se acumulam lentamente. Por último, é preciso lembrar que a tendência à contínua expansão territorial urbana, verificada no

século XX, constitui expressão das políticas urbanas no século XX.” (SPOSITO 2005 p. 294).

Em Vitória da Conquista o período inicial dessa nova expansão urbana a partir de 1970, é marcada pela redefinição da estrutura urbana onde a elite conquistense passa a buscar melhores condições de moradia deixando as antigas estruturas do centro da cidade para ocupar áreas suburbanas, com o intuito de afastamento da densidade habitacional e dos problemas gerados pela convivência entre atividades comerciais e residenciais nas áreas centrais e pericentrais da cidade.

Esse processo de afastamento do centro da cidade gerou uma corrida incessante dos loteadores na promoção de novas áreas para moradia nos diversos cantos da cidade. Tanto na modalidade de lotes adensados como na modalidade de chácaras e sítios urbanos para construção de grandes residências surgindo lotes com área de 5.000 m² de terreno ou mais, porém, esse boom imobiliário iniciado nos anos de 1970 entrou em decadência nas décadas seguintes, sendo retomado com força no início dos anos 2000 permanecendo nos dias atuais com uma nova dinâmica da qual veremos mais adiante.

3.4 A produção do espaço, configuração territorial e a articulação entre os espaços internos da cidade.

Analisando a produção espacial da cidade e sua configuração territorial em termos mais abrangentes, Sposito (2005) afirma que as novas formas de produção do espaço urbano e as práticas socioespaciais que delas decorrem e as reforçam levam à reflexão acerca da mudança do sentido da cidade. Santos (2008), por outro lado afirma que a configuração territorial diz respeito aos

aspectos visíveis da paisagem, ou seja, aquilo que é possível absorver no momento da observação do lugar, mas essa configuração atua no território, deixando as marcas de cada período que configurou-se no tecido urbano, refletindo toda a produção espacial do passado associada aos atuais processos de urbanização que materializam-se no espaço urbano.

Em relação à estrutura interna da cidade, pode-se afirmar que na produção espacial de uma determinada cidade, a primeira configuração territorial é percebida a partir de sua área nuclear que normalmente é mais densamente ocupada e no seu entorno, vai-se formando uma estrutura periurbana marcada por uma mistura de usos rurais e urbanos, pouco definida em sua morfologia.

Esse perfil de cidade é verificado em Vitória da Conquista principalmente após a década de 1980 com a implantação de uma grande quantidade de loteamentos que não foram ocupados por moradias, configurando-se num espaço urbano onde os usos ainda meio rurais meio urbano, evidencia uma convivência pacífica no tocante à produção de bens meramente rural no contexto da cidade periférica, destacando-se, por exemplo, o Bairro Campinhos, e o Bairro Lagoa das Flores que são os maiores produtores de produtos hortifrutigranjeiros do município.

Nessa relação campo cidade, percebe-se que o espaço rural, de certa forma, é o espaço de resistência ao projeto de globalização da cultura. No entanto, nas últimas décadas, este meio converte-se gradativamente em “espaço urbano potencial” (LEFEBVRE, 2006). Destituído do elemento humano que, quando não migra para as cidades, aglutina-se em povoados (estágios iniciais do urbano). Consolida-se na análise geográfica uma perspectiva de futuro urbano. Esta perspectiva posiciona a discussão teórica sobre as cidades e sobre a tensão cidade/campo dentre as temáticas mais interessantes da atualidade.

O enfoque rural e urbano e, por decorrência, o rurano, leva em consideração a organização do território em subespaços articulados, tanto entre si como inseridos numa lógica global. Para dar conta desses conceitos, propõe-se buscar distintas matrizes teóricas que vêm tratando da análise do urbano, do rural

e sobre as relações entre ambos e as novas configurações/determinações decorrentes.

Lefebvre (2006) trata a ruralidade, o campo, como o lugar de produção e de obras; a vida urbana, como forma de mediação simbólica ou de representações entre cidade e campo; e os tecidos urbanos, constituídos por diferentes malhas/redes são possibilidades de superação da tradicional oposição cidade campo.

Em se tratando da configuração territorial, evidenciam-se diversas abordagens. No dizer de Milton Santos (1997), a configuração territorial é o território e mais o conjunto de objetos existentes sobre ele; seja qual for o país e o estágio do seu desenvolvimento, há sempre nele uma configuração territorial formada.

Já Raffestin (1993), não tem dúvida de que os geógrafos vêm confundindo território com espaço. Para ele, apenas quando os “atores” se apropriam de um espaço é que este se torna território, ou seja, territorializam o espaço. Neste sentido, ocorre a territorialidade que é multidimensional já que o espaço é a forma das coisas. Assim, o território se forma a partir do espaço, pois a dimensão espacial é anterior à territorial.

Lefebvre (2004) demonstra isso muito bem quando analisa a transformação do espaço pelos circuitos e fluxos que instalam tais como: rodovias, canais, estradas de ferro, circuitos comerciais e industriais etc., o território nessa perspectiva é um espaço onde se projetou uma sociedade movida pelo trabalho. É neste contexto que podemos analisar a dinâmica interna das formações territoriais locais ou mesmo nacional.

A análise da configuração territorial e da dinâmica espacial exige para seu eficiente desenvolvimento, algumas considerações teórico-conceituais. Na análise da cidade de Vitória da Conquista e o modo como ela foi se consolidando territorialmente, parte-se da dinâmica espacial materializada, o como ela insere-se nas novas condições das relações sociais, econômicas e políticas.

Em Vitória da Conquista, as relações de produção sempre tiveram ao longo da história, uma boa concentração populacional baseada na relação de trabalho e consumo. A taxa de urbanização da cidade sempre esteve acima ou igual à media nacional o que demonstra uma tendência de consolidação de um espaço urbano densamente ocupado.

Neste contexto, nota-se que o processo de urbanização veio acompanhado de enormes desafios para as cidades. De um lado, o rápido crescimento das cidades, surgindo grandes aglomerados urbanos. De outro, a capacidade de uso e ocupação do solo urbano pelos atores que compõem o processo de urbanização.

No Caso de Vitória da Conquista, a morfologia de ocupação do solo urbano demonstra que a cidade se desenvolveu de forma desordenada, não respeitando diretrizes e critérios estabelecidos. A partir do núcleo inicial, o desenvolvimento do traçado se espalha segundo os eixos viários, deixando grandes extensões territoriais sem ocupação urbana, servindo de pastagens para o gado e outros animais, são as áreas de “engorda”, que marca a configuração do espaço da cidade.

O processo de expansão da cidade de Vitória da Conquista é marcada pela periferização de grandes áreas que foram ocorrendo lado a lado com o aumento da concentração populacional evidenciado assim, uma estrutura urbana, pautada na relação centro-periferia, desde meados do século XX até os dias atuais. Essa realidade pode ser constatada na análise do desenho urbano que retrata a forma como se desenvolveu e foi parcelada a cidade, podendo-se obter um cenário da sua ocupação.

Analisando a estrutura interna da cidade de Vitória da Conquista, pode-se dizer que em meados do século XX, havia um núcleo urbano mais densamente ocupado no entorno do centro funcional, rodeado por áreas mescladas de usos rurais e urbanos, pouco definido na morfologia urbana da cidade. No entanto, nos últimos anos, essa morfologia ganhou novos contornos e os espaços mesclados pelo mundo rural vão sendo paulatinamente

ocupado por moradias, asfalto, automóveis, indústrias, e os mais diversos serviços oferecidos no espaço urbano.

Constata-se que anteriormente os espaços vazios da cidade eram ocupados lentamente por usos citadinos, com a crescente valorização das propriedades e a tendência de acumulação pela aquisição da propriedade privada por diversos segmentos do capital, a terra urbana passa a ser vista como uma forma de aumentar a capacidade de obtenção de mais valia de forma rápida já que nos últimos anos, a terra urbana está valorizando muito acima da inflação, tornando um atrativo maior para os investidores.

As incorporadoras retiram financiamento do setor habitacional, compra terrenos e constroem rapidamente com valores acima do valor de mercado pois a procura é maior que a demanda o mercado de imóveis está superaquecido em Vitória da Conquista. A produção do espaço urbano, agora ocorre por meio das praticas de loteamento de terras em condomínio fechado, antecipando a ocupação urbana por meio de uma infraestrutura pronta mais com valores maiores que os praticados em loteamentos convencionais. Essa lógica vai tornando mais definida a morfologia urbana da cidade, criando fragmentos territoriais mais claros do antes onde a segregação agora passa a ser definida não somente pelo nível da renda de habitantes, mas também pelos muros que rodeiam os condomínios fechados.

Atualmente, com a acentuação da divisão do trabalho e das técnicas de produção em um novo paradigma, o processo produtivo passa a compor um novo ritmo de espacialização para alguns segmentos produtivos é necessário uma proximidade das estruturas produtivas e do fornecimento de matéria prima com isso, uma produção fabril passou a atrair varias outra produções menores e com isso, foi promovendo o crescimento, relativamente maior, da cidade criando assim novas estruturas que exigem maior complexidade da organização espacial a verticalização é uma marca dessa nova postura do processo produtivo, isto é o setor produtivo marcado pela larga produção de bens de consumo, chega com força na urbanização das cidades maximizando os espaços com a construção de

edifícios cada vez mais elevados, comprimindo o território em detrimento da verticalização das áreas da cidade.

Em Vitória da Conquista a verticalização da cidade ainda é pouco expressiva, o tecido urbano da cidade, continua se entendendo mais horizontalmente do que verticalmente, dada a grande quantidade de loteamentos que foi se estabelecendo sem controle estatal, assim, ainda existe uma grande quantidade de lotes que não foram ocupados por moradia e pouco a pouco as casas vão surgindo em meio aos grandes espaços descontínuos da cidade. Existe alguns pontos da cidade que a verticalização chegou com maior intensidade é o caso do bairro candeias onde concentra a maioria dos novos edifícios construídos nos últimos 10 anos. Mesmo assim, a verticalização somente representa 3% do total de moradias existentes no espaço urbano da cidade.

Dentro da lógica da produção espacial, constata-se que a terra urbana e a habitação são objetos de interesse generalizado (CORREA 2011 p. 47), com maior valorização em áreas onde a infraestrutura já está pronta, onde os agentes do capital já montaram a estrutura do consumo, gerando uma contradição básica entre o acesso a moradia e questão do trabalho, uma vez que as pessoas normalmente trabalham em centros muito valorizados, mas habitam lugares totalmente distintos e distantes do seu local de trabalho.

O que se percebe é que na tentativa de solucionar os problemas advindos da falta de moradia, o poder público atua na organização do espaço urbano, com iniciativas de implantação de uma política habitacional, voltada para as camadas sociais de menor poder aquisitivo, expandindo o território urbano na medida em que os locais próximos aos centros funcionais já estão hipervalorizados, a solução encontrada pelo poder público é a instalação dos conjuntos residenciais em áreas distantes dos centros de trabalho e consumo, gerando novos fluxos de mobilidade, exigindo a instalação de novos equipamentos públicos tais com escola, postos de saúde, áreas de lazer; precisa incentivar a instalação de novos equipamentos de consumo básico como supermercados, farmácias, e outros itens

básicos do consumo urbano, gerando uma progressiva expansão territorial do uso do solo residencial, de serviços e do comércio como um todo.

Nessa perspectiva altera toda a relação entre o centro consumidor e os lugares de moradia modificando o que Sposito (2005), chama de relações centro-periferia. Em Vitória da Conquista a expansão territorial predominante é do tipo horizontal, neste sentido, constata-se uma expansão periférica na direção leste e sudeste mais próximo ao centro da cidade onde a ocupação é definida pela população de classe média, média alta e alta, em todas as demais direções e em lugares bem mais distantes do centro funcional estão todos os bairros mais populares com o predomínio de habitações autoconstruídas, ou construídas pelas políticas habitacionais dos últimos 30 anos.

Nessas áreas ocupadas pela população de baixa renda ainda há uma carência muito grande de infraestrutura urbana, falta de pavimentação asfáltica nas ruas, dificuldade no abastecimento de água, dificuldade no acesso a determinados serviços, por outro lado, uma característica marcante da cidade de Vitória da Conquista é o surgimento das feiras livres que se espalham por todos os cantos da cidade, facilitando sobremaneira o acesso ao consumo básico das famílias que habitam as áreas mais periféricas.

Existe alguns subcentros onde as feiras livres ocorrem. Além da feira tradicional na central de abastecimento (Ceasa), no centro funcional da cidade, existem outras centrais de abastecimento menores no Bairro Brasil, funcionando como um subcentro que atende metade da população da zona oeste da cidade, a Feira e a central de abastecimento do Bairro Patagônia a feira e central de abastecimento do bairro Alto Maron, e outras feiras pontuais espalhadas ao ar livre que abastece o bairro Zabelê nos finais de semana, o Bairro Espírito Santo e outros bairros mais periféricos da cidade.

Essa característica funcional das feiras é marcante em todo o nordeste brasileiro, e funciona como um patrimônio histórico da região, tradicionalmente tais feiras servem para o intercâmbio e troca entre os produtos típicos agrícolas produzidos nos arredores da cidade com os produtos industrializados voltados

para o setor alimentício, vestuário e limpeza. São os principais itens que aparecem nas feiras livres de Vitória da Conquista. Os produtos de hortifrutigranjeiros são vendidos em sua maioria pelos próprios produtores que ali mesmo consomem outros produtos da cesta básica.

No tocante à configuração territorial e sua articulação, verifica-se ainda outros fenômenos funcionais na cidade, o aparecimento de novas formas de comercialização e de novos espaços para o consumo vai se revelando por meio da multiplicação de novos centros funcionais do consumo aliado à valorização de modernas estruturas de edificações associadas ao consumo que alteram toda a paisagem urbana, gerando uma nova configuração do espaço urbano, novas imagens e novos papéis urbanos surgem e com isso a produção de novos espaços aliados a toda essa contemporaneidade que se instala na cidade.

Essa nova realidade exigida por seus atores é constatada no espaço urbano de Vitória da Conquista, com a construção de um novo aeroporto em curso para o pouso de aeronaves maiores que faça conexões internacionais. A construção de centro de convenções também em curso, bem como um centro de logística de distribuição de mercadorias atacadista já aprovado no orçamento estadual e federal em 2012, nova hotéis de bandeira internacional que já instalaram na cidade em 2012, tudo isso faz parte do novo mercado do consumo integrado a uma escala global que se instala na cidade.

Pode-se dizer que Vitória da Conquista começa a se inserir nessa tendência internacional de maneira bastante incisiva. As transformações socioespaciais voltadas para esse fim são marcantes em diversos segmentos da espacialidade urbana.

A cidade passa a ter então uma nova redefinição em sua estrutura urbana, aliada as expressões da planificação territorial já vivenciada tais como: aumento da proporção de lotes não edificados e de “vazios urbanos” não loteados entre um loteamento e outro, fazendo com que a morfologia urbana seja mais extensa e menos definida do ponto de vista da paisagem urbana contemporânea, ou seja, falta nestes locais ruas e avenidas pavimentadas, repletas de edificações

parques, lojas, supermercados escolas universidades, edifícios modernos mansões, ainda há muito espaço vazio na cidade, sem nenhuma função urbana a não ser a função de valorização capitalista da terra privada.

Outra questão é a forte tendência do aumento da atuação das incorporadoras no aumento dos valores fundiários e imobiliários bem como sua atuação processo de produção do espaço urbano, gerando uma sobreposição destes aos interesses nos setores comercial, de serviços e dos equipamentos públicos, definindo padrões locacionais e toda a sua espacialidade. É o caso do Shopping Conquista Sul a sua localização foi a partir da implantação de um loteamento, pois o proprietário fundador do shopping foi o incorporador e construtor tanto do shopping quanto do loteamento Morada dos Pássaros I, II, e III, local onde situa-se o Conquista Sul.

Outra tendência dessa nova espacialidade de Vitória da Conquista é o aparecimento dos loteamentos fechados para fins habitacionais, também denominados de “cidades planejadas”, mas planejadas pela iniciativa privada onde o custo da moradia já inclui tal planejamento, ou melhor, tal fechamento de muro, promovendo uma extensão segregacionada do tecido urbano. Essa questão será discutida em outro capítulo com mais detalhes.

Na articulação entre os espaços urbanos no interior de uma cidade é preciso destacar que essa articulação somente é possível quando ocorre o desenvolvimento socioespacial integrado seja pelas políticas de urbanização de maneira geral ou pela adoção dos processos de planificação mais abrangentes que não somente seja estratégico para solucionar o problema da funcionalidade dos setores do consumo e dos detentores de tais segmentos.

Souza (2011), afirma que a articulação entre os espaços no interior de uma cidade faz parte do desenvolvimento socioespacial e particularmente do desenvolvimento urbano que na visão do autor, seria estratégias de planejamento e de gestão para solucionar os problemas, principalmente problemas de injustiças sociais. Castells 2009, também chama a atenção para a questão da planificação urbana nesse aspecto para Castells (2009 p.333) a planificação urbana, não tem

um significado social único, ou seja, para cada intervenção o efeito social produzido é totalmente diverso, assim, segundo o autor, não devemos basear a planificação em modelos porque para cada espaço uma planificação deve ser pensada. Assim, a articulação entre os espaços internos da cidade deve ser pensados a partir dos problemas detectados em cada fragmento do território para a partir daí, elaborar uma política de atuação.

Podendo pensar em estratégias locais que promovam o desenvolvimento socioespacial de maneira integrada no tocante a essa articulação é necessário frisar que cada lugar precisa ter alguns requisitos mínimos para que a qualidade de vida seja iniciada no lugar onde vive partindo desse pressuposto, a regeneração e a adequação do lugar aos costumes de cada indivíduo, a privacidade e segurança tanto no interior das moradias quanto nos arredores das vizinhanças; a funcionalidade e o ordenamento das infraestruturas oferecidas em cada ponto desses espaços seja um bairro, um condomínio e ou um determinado equipamento público; a comunicação entre os diversos segmentos da sociedade e da vizinhança. Fazendo com que cada indivíduo se sinta apoiado no convívio social apropriando-se do lugar para a sua vivência no dia a dia. A estética do lugar deve ser articulada com os demais lugares da cidade, seja com a existência de lugares comunitários tais como praças, parques, áreas de lazer, ruas e avenidas que propicie o acesso e o ir e vir das pessoas.

A falta desses atributos mínimos gera insatisfação, raiva e como consequência a depredação do patrimônio público existente, além de conflitos sociais entre os ocupantes de cada lugar. O desenvolvimento socioespacial pressupõe que cada lugar é prescindido de uma singularidade que deve ser preservada quando da planificação ou da intervenção política em tais lugares.

No entanto o que se verifica de fato é um processo contrário a esse. A planificação abre caminho para o surgimento de novos centros repletos de contradições entre o bem estar e qualidade de vida dos moradores do local. À medida que novos centros vão sendo implantadas e novas centralidades vão se constituindo, as contradições da espacialidade urbana como diz Castells (2009 p.

275), o centro urbano não é uma entidade espacial definida de uma vez por todas, mas a ligação de certas funções ou atividades que preenchem um papel de comunicação entre os elementos de uma estrutura urbana. Essa centralidade é, no entanto hierarquizadora das funções e dos lugares internos de uma cidade.

Essa dinâmica como afirma Sposito (2005 p. 305), é reforçada pelo aumento crescente da importância do consumo nas práticas cotidianas de nossa sociedade, e os conteúdos simbólicos, que antes eram associados ao centro tradicional, são transferidos aos novos espaços centrais como os shoppings centers e neles recriados.

No entanto, como já foi dito anteriormente, essa lógica da espacialidade urbana, gera uma sobreposição de papéis entre os que já existem na cidade com os novos segmentos implantados nessa nova dinâmica, reforçando a diferenciação interna da cidade, no que diz respeito a segregação socioespacial, mas ao mesmo tempo, articula toda a cadeia produtiva e a circulação da cidade gerando um sistema contraditório porque ao mesmo tempo ele atrai pessoas para o convívio diário e as expulsa no contexto da apropriação do território para moradia entre outros. Essa integração e articulação só se concretizam pelo consumo dos espaços e mercadorias.

Percebe-se que as atuais práticas socioespaciais decorrentes das novas formas de produção do espaço urbano atuam em diversos níveis e escalas gerando uma complexidade espacial com alto grau de funcionalidade nos diversos centros da estrutura interna da cidade bem como da rede urbana da qual essa cidade faz parte.

É preciso destacar que a cidade de Vitória da Conquista, possui uma convergência de atividades que propiciou o surgimento de economias de aglomeração em diversos pontos da cidade, aumento o índice de crescimento urbano, sobretudo nos últimos 10 anos. Esse crescimento urbano é sobremaneira de forma horizontal, sobressaindo em alguns pontos a verticalização como já foi dito aqui.

A fragmentação do território é notória no espaço urbano de Vitória da Conquista e a hierarquização das funcionalidades marca de um lado a lógica produtiva da cidade e de outro convive com o aprofundamento das diferenças entre um lugar e outro, pois as incorporadoras vão aos poucos vendendo a cidade em pedaços cada vez mais superfaturados.

Nessa lógica de produção espacial, cada lugar da cidade passa a ter uma multiplicidade de símbolos e signos derivados do processo produtivo que desenha no espaço urbano a marca inequívoca do capitalismo tendo como carro chefe, os símbolos do consumo, homogeneizados nos centros funcionais, mas fragmentados no território urbano, promovendo ao mesmo tempo uma singularidade dada pelo cotidiano do lugar e uma universalização dada pela lógica consumista desses símbolos por parte dos habitantes da cidade.

A compreensão lógica da produção do espaço urbano em sua totalidade, passa pelo entendimento dos agentes que atuam na produção espacial, uma vez que esses agentes desencadeiam processos espaciais diferenciados em cada momento e em cada lugar. No caso de Vitória da Conquista, esses agentes espaciais foram diversificando-se a cada momento histórico, proporcionando mudanças bruscas na configuração territorial que resultou em espaços e subespaços intraurbanos que repercute na sua capacidade de atuar como cidade polo regional, desempenhando um posicionamento hierarquizado na rede urbana.

Neste sentido, a análise da estrutura interna da cidade passa pelo conhecimento da atuação dos agentes que atuam na produção espacial e o reconhecimento dos processos que promovem o valor econômico, social, político e cultural a cada pedaço da cidade, buscando a compreensão de como cada canto da cidade articula entre si. No entanto, é preciso buscar entender também como as interações espaciais que resultam da articulação entre as partes que compõe o espaço urbano estão e quais são as relações advindas desse processo de interação, já que tais relações orientam o processo de estruturação da cidade como um todo. Nos próximos capítulos iremos verificar como essas relações espaciais foram sendo estruturadas na cidade de Vitória da Conquista.

DA SEGREGAÇÃO À FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL DAS CIDADES: O DESAFIO DA PLANIFICAÇÃO URBANA NO BRASIL E EM VITORIA DA CONQUISTA-BA

*“A palavra fragmentação impõe-se com toda força, porque não há regulação possível, **esta atuando no território**, apenas consagra alguns atores e estes, enquanto produzem uma ordem em causa própria cria uma desordem em tudo mais” (Santos, 2003, p. 86)
(Grifos nossos).*

4. DA SEGREGAÇÃO À FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL DAS CIDADES: O DESAFIO DA PLANIFICAÇÃO URBANA NO BRASIL E EM VITÓRIA DA COQUINISTA-BA

Neste capítulo, o empenho é demonstrar a passagem da segregação residencial à fragmentação socioespacial das cidades brasileiras, sobretudo os tipos de segregação cuja dinâmica territorial tem efeitos sobre a convivência social e pode colocar bloqueios à construção de projetos coletivos no plano das cidades e da sociedade que desafia a planificação urbana no País.

Nesse sentido, o ponto de partida foi a territorialidade das desigualdades que marcam profundamente a morfologia urbana das metrópoles e demais cidades do Brasil, o que importa nessa análise é a forma como se materializa os diversos tipos de segregação que cerceia uma grande parcela da sociedade brasileira, resultando em novas características da pobreza relacionadas com o impacto da crise do mundo do trabalho sobre os segmentos com baixa qualificação profissional, incidindo na lógica da produção do espaço urbano.

São discutidos nesta análise os processos espaciais de segregação, o território e a territorialidade, envolvendo, toda a lógica de produção do espaço urbano. A definição da problemática espacial nos remete ao sentido lato da urbanização enquanto processo. No período atual, há uma preocupação em se relacionar território e territorialidade, e suas vertentes do desenvolvimento e desigualdades com um enfoque maior para estudos urbanos. Por outro lado, não há como compreender se o vetor que comandam a urbanização e as formas como ela se materializa nas cidades, sem levar em consideração o conceito de produção do espaço, em seu sentido mais amplo.

O ponto de partida dessa análise foi a cidade de Vitória da Conquista-BA, cujas desigualdades sociais seguem a lógica da produção do espaço capitalista,

concentrado nas cidades brasileiras, refletindo o modo como a questão social e econômica se materializa no lugar e interfere na vida de cada cidadão.

São discutidos nesta análise os processos espaciais de segregação, o território e a territorialidade, envolvendo, toda a lógica de produção do espaço urbano. A definição da problemática espacial nos remete ao sentido lato da urbanização enquanto processo. No período atual, há uma preocupação em se relacionar território e territorialidade, e suas vertentes do desenvolvimento e desigualdades com um enfoque maior para estudos urbanos. Por outro lado, não há como compreender se o vetor que comandam a urbanização e as formas como ela se materializa nas cidades, sem levar em consideração o conceito de produção do espaço, em seu sentido mais amplo.

4.1 Fragmentação e segregação socioespacial: tendências da urbanização contemporânea

O estudo da espacialidade urbana está diretamente relacionado à compreensão da lógica da produção espacial e o processo de urbanização. Muitas são as possibilidades de análises a serem realizadas sobre o espaço urbano. No entanto, um estudo mais sistematizado pode ser incorporado ao processo de compreensão da dinâmica urbana que, cada vez mais cria lugares fragmentados e intensifica a segregação socioespacial. Para Carlos (2007), “O lugar permite pensar a articulação do local com o espaço urbano que se manifesta como horizonte”. Segundo essa perspectiva, é daí que pode se realizar a análise do lugar na medida em que o processo de produção do espaço é também um processo de reprodução da vida humana.

Uma das tendências da urbanização é a singularização do lugar que em sua análise permitiria entender a produção do espaço atual uma vez que aponta a

perspectiva de se pensar seu processo de mundialização pela lógica do capital. Mas o mesmo tempo, o lugar pode ser compreendido como a construção social do espaço e neste caso, pode-se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço, pela ótica do concreto e do real. Mas “também é possível perceber-se a fragmentação do mundo na dimensão do espaço, do indivíduo, da cultura, etc.”. (Carlos, 2007: 14), seguindo esse raciocínio, a autora destaca:

“A generalização da urbanização e da formação de uma sociedade urbana produz novos padrões de comportamento que obedecem a uma racionalidade inerente ao processo de reprodução das relações sociais, no quadro de constituição da sociedade urbana revelado na prática socioespacial. Ao lado da tendência à homogeneização, caminha progressivamente o processo de fragmentação do espaço e da sociedade”. (Carlos 2007, p.11)

Quando se fala em fragmentação espacial das cidades, o que surge no primeiro plano é a segregação urbana, empregada aqui para qualificar as formas mais evidentes da divisão social do espaço urbano. Do ponto de vista teórico conceitual, a cidade é a configuração socioespacial que corresponde às formas mais manifestas desta diferenciação das atividades e dos indivíduos.

Singer (1998), diz que a cidade é o modo de organização (sócio) espacial que permite à classe dominante maximizar suas atividades produtivas e reproduzir fragmentos espaciais cada vez mais segregados. Já Lefebvre (2006) diz que a cidade se intensifica, organizando a exploração de toda a sociedade, produzindo nessa exploração os fragmentos socioespaciais, evidenciados pela segregação das residências e pela diferenciação dos investimentos na infraestrutura urbana em detrimento do poder aquisitivo da população. Pois como afirma Rodrigues (1992), a cidade é o centro da decisão política do urbano e nesse sentido, amplia os fragmentos urbanos pela incorporação de territórios

cada vez mais voltados para a reprodução do capital (HAVEY 2006) e da acumulação da produção como um todo.

No caso do espaço urbano, a fragmentação aparece enquanto produto da atividade dividida entre o processo de produção e a apropriação privada do lugar. Carlos (2011) afirma que esta “fragmentação” se aprofunda, divide o espaço em parcelas cada vez menores, que são compradas e vendidas no mercado, como produtos de atividades cada vez mais parceladas.

A esse fenômeno pode se atribuir o papel do mercado imobiliário, associado às políticas habitacionais do país, que financiam e engessa a produção de moradias, provocando uma hipervalorização do solo urbano e seus traços topográficos. Segundo Sposito (2003), “o espaço topográfico da cidade”, deve ser visto à luz de sua formação geológica, seguido de um conjunto de condições geomorfológicas que interfere diretamente na condição de ocupação e valorização do solo urbano. Além disso, uma análise da estrutura topográfica do lugar, e a avaliação da capacidade de drenagem, é importante na medida em se pretende implementar um projeto de moradia com padrão definido pelos investimentos adquiridos no momento do planejamento da estrutura, seja de condomínios fechados e ou abertos.

Na maioria das cidades brasileiras, houve uma mobilidade espacial da população sob a ótica da localização da espacialidade rural e urbana, entre 1940 e 1980, com uma inversão de valores percentuais de ocupação, ou seja, é uma urbanização que está em rápida ascensão. Vários fatores podem ser elencados nessa questão tais como: a ampliação das relações capitalistas, aumento do consumo, inserção do país no processo de globalização e mundialização das atividades produtivas bem como a mundialização das estruturas sociais.

Com a inversão da demanda populacional a partir dos anos de 1980, novos arranjos espaciais urbanos passam a fazer parte das cidades brasileiras, mesmo nas cidades onde a estrutura urbana existente já era marcada pela grande concentração populacional como é o caso do Rio de Janeiro e São Paulo. Essa expansão das cidades brasileiras nos finais do século XX é marcada por um lado

à industrialização e modernização e por outro, fatores internos como a crescente terceirização e intensificação da divisão do trabalho, além da expansão das novas formas de moradia tais como a incorporação dos condomínios fechados (verticais e horizontais), espaços industriais (condomínios de empresas) espaços comerciais e de serviços (como os centros empresariais, os shopping centers entre outros) que passam a ser o carro chefe da urbanização recente do Brasil.

A acelerada expansão das cidades brasileiras produz uma lógica na urbanização recente que vai da segregação à fragmentação dos espaços urbanos nas médias e grandes cidades do País. Essa passagem entre um processo e outro pode ser compreendido pela afirmação de Sposito que diz:

“A distancia entre os desiguais, na cidade, não se opera mais, predominantemente, a partir da lógica da perifierização dos mais pobres e de destinação, aos mais ricos das áreas centrais e precicentrais, as melhores dotadas de meios de consumo coletivo (infraestruturas, equipamentos e serviços urbanos). Os sistemas de segurança urbana oferecem condições para que a separação possa se aprofundar, ainda que se justaponham no *centro* e na *periferia* segmentos sociais com níveis *desiguais* de poder aquisitivo e com *diferentes* interesses de consumo”. (SPOSITO, 2011 p. 140).

A fragmentação urbana neste caso é marcada pela diferenciação socioespacial onde a reestruturação urbana, configura uma busca pela descentralização das desigualdades e das diferenças socioespaciais no espaço urbano de cada cidade brasileira, sobretudo nas grandes cidades do País.

4.2 A Territorialidade e o Território: interface das desigualdades socioespaciais na morfologia das cidades brasileiras

Para demonstrar como essas desigualdades territoriais são materializadas, neste tópico, segue a produção de uma base teórica que fundamenta toda a discussão acerca da segregação e da produção espacial das cidades. Discute-se diferentes conceitos de espaço, tempo, lugar, território e paisagem como categorias básicas para a interpretação do processo de produção do espaço e da morfologia urbana. Traduz toda essa abordagem teórica numa leitura de lugar voltado para explicações lógicas de toda a formação e produção do espaço numa escala local tendo em vistas as transformações globais do processo produtivo.

Cotidianamente, confunde-se território e espaço, território e territorialidade. Na geografia, essa questão também ainda não está totalmente clara. Para Milton Santos (2001), o território é a uma extensão apropriada e usada, já a territorialidade seria o ato de pertencer àquilo que nos pertence, ou seja, uma preocupação com o destino dentro da própria área de vivência e reprodução.

O espaço para (Santos 2008), seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam com estes objetos. Neste contexto, o espaço é o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, entrelaçado pelas “forças produtivas e pelos meios de produção” Harvey (2006), nessa relação espaço e sociedade, surge a produção de uma organização espacial que é moldada pelas ações do modo de produção capitalista.

Assim, as relações espaciais, se expressam pela territorialidade. Tal territorialidade apresenta dimensões sociais primordiais, que são materializadas pelos elementos espaciais essenciais ao processo de produção do espaço geográfico e, por conseguinte do espaço urbano, pois o “espaço geográfico é sempre o domínio do concreto e do específico” (HARVEY 2006 P. 145.).

Todavia, as dimensões sociais do território, materializam a sua territorialidade pelo viés político, econômico e cultural. No Brasil, essa condição de territorialidade tem seus primórdios com a inserção do País no modo de produção capitalista, marcada pelo nascimento de uma dinâmica de reprodução e ampliação do capital, essa inserção, condicionou uma divisão interna do trabalho pela diversificação da produção agrícola, pela expansão indústria manufatureira e

fabril, aliada a uma economia mercantil, consolidando uma acumulação primitiva do capital.

Na maioria das cidades brasileiras, observa-se uma tendência de produção e reprodução do espaço urbano repletos de diferenças étnicas, sociais e econômicas, formando unidades de vizinhança que agrupam domicílios com características particulares, conforme a organização social do território de cada cidade. A intensidade desse processo de diferenciação intraurbana é distinta entre as metrópoles brasileiras, disseminando-se entre as cidades médias em menor escala; a razão disso advém de suas trajetórias produtivas, políticas e da singularidade da produção espacial de cada cidade. Em particular, o peso das classes sociais menos favorecidas na estrutura social urbana tem grande importância na concentração espacial da pobreza e em certa medida, na segregação residencial dos moradores em cada bairro da cidade.

Neste contexto As desigualdades sociais já se acentuam no País, pois com o fim da escravatura no final do século XIX e com a inserção do Brasil no modo de produção capitalista, o processo de urbanização ganha força, no primeiro momento, absorvendo boa parte dos negros recém-libertos; essa condição pode ser explicada com o surgimento das primeiras favelas do Território brasileiro no Rio de Janeiro com as favelas do Morro da Providencia e Santo Antônio, em Santos-SP, Salvador e Recife com as autoconstruções subnormais, e no Belenzinho - São Paulo com os aglomerados de ex-escravos nos finais do século XIX. Num segundo momento como absorção de mão de obra fabril, sobretudo de imigrantes europeus e japoneses no início do Século XX, expandindo sobremaneira o espaço urbano da cidade de São Paulo e Rio de Janeiro.

Os elementos espaciais da territorialidade urbana materializam-se num primeiro momento, de forma horizontal com um maior dimensionamento das áreas na superfície do solo urbano, Baudrillard (1993), e em um segundo momento, com a verticalização e hierarquização dos fluxos, Guattari (1985) e Santos (2008).

A territorialização das formas urbana ganha dimensões correlatas pela disseminação de paisagens cada vez mais semelhantes nas áreas de moradias populares segregadas pela dimensão da forma Lojkine (1997), singularizada pelo aspecto de cada lugar e materializada no contexto da produção do espaço urbano. O espaço nessa lógica é a diferenciação dessas formas Lefebvre (1995).

A territorialidade nos dizeres de Haesbaert (1995) configura-se por tendências gerais de diferencialidade das formas espaciais ao passo que se desterritorializa pela mobilidade das forças produtivas e pela perda de identidade na medida em que mundializa-se as relações sociais e econômicas de cada lugar Giddens (1991).

Na produção do espaço urbano, e reprodução espacial, reflete dilemas territoriais tais como a segregação socioespacial, com isso, a instabilidade das instituições sociais. Para Carlos o processo de reprodução do espaço nas cidades:

Apresenta como tendência a destruição dos referenciais urbanos; isso porque a busca do incessantemente novo, como imagem do progresso e do moderno, transforma a cidade num instantâneo, que novas formas urbanas se constroem, sobre outras, com profundas transformações na morfologia, revelando uma paisagem em constante transformação. Nesse contexto, as práticas urbanas são invalidadas/paralisadas ou mesmo cooptadas por relações conflituosas que geram, contraditoriamente, estranhamento e identidade, como decorrência da destruição dos referenciais individuais e coletivos que produzem a fragmentação do espaço (realizando plenamente a propriedade privada do solo urbano) e com ele, da identidade, enquanto perda da memória social, uma vez que os elementos conhecidos e reconhecidos, impressos na paisagem da cidade, se esfumam no processo de construção de novas formas urbanas. (CARLOS 2004, p. 9)

O processo de transformação do espaço urbano gera conflitos pautados na desigualdade social na medida em que nem todos os ocupantes da cidade são reconhecidos como atores da produção e reprodução espacial, pois sempre que ocorre algum ordenamento territorial, os habitantes são considerados como

usuários dos serviços e equipamentos urbanos, mas nunca é concebida a sua cidadania pela participação enquanto ator do processo.

Nesse contexto a cidadania é formalizada pelo ato do consumo do espaço e pelo uso do solo e equipamentos públicos enquanto habitante do lugar, Harvey (2009), afirma que o direito a cidade deve ser um direito em que satisfaça as necessidades humanas e não apenas as necessidades do consumo, pois na medida em que aumenta o consumo no espaço urbano a cidade passa a ser cada vez mais cara em todos os aspectos, circulação, moradia, etc., distanciando a população de baixa renda do processo produtivo. No caso do Brasil, essa condição social leva ao surgimento das favelas e guetos urbanizados, mas não incorporados ao espaço urbano formal.

Na produção de espaço, a territorialidade se expressa geralmente pela base jurídica e formal que define as regras e normas aplicáveis ao território como um todo. Para Capel (2002), a produção do espaço urbano é o resultado das práticas dos agentes que atuam dentro da base do modo de produção capitalista utilizando os mecanismos legais a sua disposição ou realizando suas práticas de ocupação e uso à margem da lei e posteriormente legaliza suas ações do mesmo modo ocorrem às invasões de áreas urbanas pelos chamados sem teto, ou sem moradia que erguem na sombra das edificações já legalizadas, os barracos que posteriormente, transformam-se nas chamadas favelas estes por sua vez atuam à margem da lei e dificilmente tem os seus direitos atendidos pela base legal que fornece a chamada identidade territorial formal no espaço urbano para o autor:

En una sociedad capitalista, la ciudad y el espacio en general, no pertenecen a sus habitantes y no son modelados en función de sus intereses, sino de acuerdo con los intereses, a veces contradictorios, de una serie de agentes. En esencia estos agentes son: los propietarios de los medios de producción; los propietarios del suelo; los promotores inmobiliarios y las empresas de la construcción; y, por último, los organismos públicos, agentes y árbitros a la vez en el proceso de producción del espacio urbano – agentes en cuanto que realizan operaciones concretas que contribuyen a modelar la ciudad, y árbitros en cuanto que

intervienen en los conflictos surgidos entre los otros agentes contribuyendo a superar sus contradicciones. (Capel, 1983 p. 85).

Desse modo, há que observar que a produção do espaço urbano não só materializa as desigualdades sociais, como também as reproduz (MARICATO, 2002). No Brasil, a questão da habitação emerge na pauta das discussões e nas lutas de classe, sobretudo a dos trabalhadores urbanos que buscam uma moradia e acabam por ocupar áreas tais como fundo de pântanos, planícies de inundação, margens de rios e córregos, encostas dos morros entre outros. Mas tudo isso é apenas uma das facetas da segregação urbana, pois o padrão de moradia, (sobretudo as moradias das áreas de ocupação) reflete um processo de segregação e discriminação no espaço urbano advindo de fatores econômicos sociais e culturais, tais como a renda familiar, as políticas educacionais, as políticas habitacionais a especulação imobiliária entre outros.

O estudo sobre a estrutura urbana e suas formas ainda carece de uma consistência maior já que na maioria das vezes, estuda-se a hierarquia, as redes, os aspectos econômicos, mas o estudo da forma urbana e suas desigualdades socioespaciais, estão mais concentrados em alguns institutos de pesquisa e não conseguem alcançar uma grande parcela de pesquisadores e interessados no estudo dessa questão.

Do ponto de vista da estrutura, a segregação espacial é a mais evidente no processo de urbanização, sobretudo no Brasil, constata-se que o ato de morar na cidade, revela o modo como o processo de segregação é materializado no espaço urbano, impondo uma condição em que a morfologia socioespacial passa a ser cada vez mais segmentada. Para Carlos:

A segregação é a negação do urbano e da vida urbana. Seu fundamento é a existência da propriedade privada da do solo urbano, que diferencia o acesso do cidadão a moradia, produzindo a fragmentação dos elementos da prática socioespacial urbana separando os lugares da vida, enquanto elementos autônomos: neste nível a existência da propriedade privada da terra realiza

desigualdades que esta na base do desenvolvimento da sociedade capitalista. (CARLOS 2004, p. 141).

Já Lojkin (1997), aponta que a segregação socioespacial, se manifesta de forma mais visível quando a renda fundiária urbana afasta uma grande parcela da sociedade do “direito à cidade” isto é em obter moradia, já que o preço do solo urbano faz com determinados lugares do espaço urbano, passe a ter uma valoração acima do que normalmente as pessoas de baixa renda estão habilitadas a pagar.

Para Soja (1993). O Estado é o responsável por essa valoração especulativa na medida em legitima todas as ações do setor imobiliário, atribuindo por meio de legislação regulatória uma série de medidas como os planos de revalorização das áreas urbanas degradadas, e de regulamentação do uso do solo e dos espaços públicos, tudo isso, amplia a mais valia dos capitais imobiliários dessas áreas e, por conseguinte, o capital como um todo.

Essa percepção nos leva a acreditar que o processo de urbanização, cria uma matriz espacial multiestratificada Soja (1993). Tal matriz é composta por relações espaciais nodais, relações de poder, relações de dominação e subordinação. Essas relações transformam o território, numa configuração de novas territorialidades, consolidando uma dinâmica espacial cada vez mais estratificada, na medida em que uma grande parcela da sociedade não tem acesso aos mínimos requisitos sociais da vida contemporânea.

Botelho (2007), afirma que a urbanização acompanha a lógica de acumulação do capital por meio da reprodução dos mecanismos de estruturação da produção industrial. Já Lefebvre (2006), entende que a sociedade industrial transformou-se em urbana na medida em que o urbano passou a ser o indutor das relações de produção e de sua própria reprodução. Essa reprodução é marcada pela desigualdade das relações estabelecidas no direito à cidade, ou seja, no direito a vida urbana com as condições de moradia, condições de transporte, condições de uso dos equipamentos públicos entre outros.

O fato possuir nas cidades, sobretudo nas grandes cidades zonas específicas para cada função, nos leva a acreditar que existe uma segregação pela implementação dessas estruturas urbanas. Lojkine (1997) aponta algumas formas de segregação neste contexto; entre elas o autor destaca a oposição entre o centro e a periferia, a separação de zonas de moradia classe alta e classe popular, a segregação pelo uso dos transportes coletivos e demais bens públicos como creche, escolas etc.

4.3 A lógica da fragmentação territorial no espaço urbano das cidades brasileiras

No Brasil, as relações de produção geraram ao longo da história, uma concentração populacional baseada nas relações de trabalho, sobretudo da atividade primária. Contudo no início do século XX, houve uma inserção do País no capitalismo concorrencial e com isso, a concentração da população agora passa a ser comandada pela urbanização mediada pelas relações de trabalho e consumo.

TABELA 1 – BRASIL: Evolução da população nas cidades acima de 300 mil habitantes e grau de urbanização

MUNICÍPIOS	População 2000	População 2010	% Urbano	MUNICÍPIOS	População 2000	população 2010	% urbano
São Paulo - SP	10.434.252	11.253.503	99,1	Belford Roxo - RJ	434.474	469.332	100,0
Rio de Janeiro - RJ	5.857.904	6.320.446	100,0	Campos dos Goytacazes - RJ	406.989	463.731	90,3
Salvador - BA	2.443.107	2.675.656	100,0	São João de Meriti - RJ	449.476	458.673	100,0
Brasília - DF	2.051.146	2.570.160	96,6	Aparecida de Goiânia - GO	336.392	455.657	99,9
Fortaleza - CE	2.141.402	2.452.185	100,0	Caxias do Sul - RS	360.419	435.564	96,3
Belo Horizonte - MG	2.238.526	2.375.151	100,0	Porto Velho - RO	334.661	428.527	91,2
Manaus - AM	1.405.835	1.802.014	99,5	Florianópolis - SC	342.315	421.240	96,2
Curitiba - PR	1.587.315	1.751.907	100,0	Santos - SP	417.983	419.400	99,9
Recife - PE	1.422.905	1.537.704	100,0	Mauá - SP	363.392	417.064	100,0
Porto Alegre - RS	1.360.590	1.409.351	100,0	Vila Velha - ES	345.965	414.586	99,5
Belém - PA	1.280.614	1.393.399	99,1	Serra - ES	321.181	409.267	99,3

Goiânia - GO	1.093.007	1.302.001	99,6	São José do Rio Preto - SP	358.523	408.258	93,9
Guarulhos - SP	1.072.717	1.221.979	100,0	Macapá - AP	283.308	398.204	95,7
Campinas - SP	969.396	1.080.113	98,3	Mogi das Cruzes - SP	330.241	387.779	92,1
São Luís - MA	870.028	1.014.837	94,5	Diadema - SP	357.064	386.089	100,0
São Gonçalo - RJ	891.119	999.728	99,9	Campina Grande - PB	355.331	385.213	95,3
Maceió - AL	797.759	932.748	99,9	Betim - MG	306.675	378.089	99,3
Duque de Caxias - RJ	775.456	855.048	99,7	Olinda - PE	367.902	377.779	98,0
Teresina - PI	715.360	814.230	94,3	Jundiá - SP	323.397	370.126	95,7
Natal - RN	712.317	803.739	100,0	Carapicuíba - SP	344.596	369.584	100,0
Nova Iguaçu - RJ	920.599	796.257	98,9	Piracicaba - SP	329.158	364.571	97,9
Campo Grande - MS	663.621	786.797	98,7	Montes Claros - MG	306.947	361.915	95,2
São Bernardo do Campo - SP	703.177	765.463	98,3	Maringá - PR	288.653	357.077	98,2
João Pessoa - PB	597.934	723.515	99,6	Cariacica - ES	324.285	348.738	96,8
Santo André - SP	649.331	676.407	100,0	Bauru - SP	316.064	343.937	98,3
Osasco - SP	652.593	666.740	100,0	Rio Branco - AC	253.059	336.038	91,8
Jaboatão dos Guararapes - PE	581.556	644.620	97,8	Anápolis - GO	288.085	334.613	98,3
São José dos Campos - SP	539.313	629.921	98,0	São Vicente - SP	303.551	332.445	99,8
Ribeirão Preto - SP	504.923	604.682	99,7	Pelotas - RS	323.158	328.275	93,3
Uberlândia - MG	501.214	604.013	97,2	Vitória - ES	292.304	327.801	100,0
Contagem - MG	538.017	603.442	99,7	Caucaia - CE	250.479	325.441	89,2
Sorocaba - SP	493.468	586.625	99,0	Canoas - RS	306.093	323.827	100,0
Aracaju - SE	461.534	571.149	100,0	Itaquaquecetuba - SP	272.942	321.770	100,0
Feira de Santana - BA	480.949	556.642	91,7	Franca - SP	287.737	318.640	98,2
Cuiabá - MT	483.346	551.098	98,1	Caruaru - PE	253.634	314.912	88,8
Juiz de Fora - MG	456.796	516.247	98,9	Ponta Grossa - PR	273.616	311.611	97,8
Joinville - SC	429.604	515.288	96,6	Blumenau - SC	261.808	309.011	95,4
Londrina - PR	447.065	506.701	97,4	Vitória da Conquista - BA	262.494	306.866	89,5
Niterói - RJ	459.451	487.562	100,0	Paulista - PE	262.237	300.466	100,0
Ananindeua - PA	393.569	471.980	99,8	Ribeirão das Neves - MG	246.846	296.317	99,27

Fonte: Censo do IBGE-2000/2010

A taxa de urbanização das cidades brasileiras passou de 50% no início dos anos 1970, chegando a 80% em 1996, o que evidencia uma consolidação do urbano em todo o País já nos finais do século XX, aumentando ainda mais nos anos 2000, sobretudo nas cidades com mais de 300 mil habitantes, nessas cidades o grau de urbanização já está próximo dos 100% em quase todas elas. Veja os dados da tabela 01.

O processo de urbanização no Brasil segue a lógica do capitalismo mundial, onde a maioria da população passa a viver nas cidades, moldando o estilo de vida ao ritmo da produção e consumo de mercadorias. Com a

consolidação da espacialidade urbana, o Brasil chega a um percentual de 84,35% das pessoas morando em cidades no ano de 2010. De acordo com o censo de 2010, em algumas cidades o grau de urbanização chega a 100% da população morando no espaço urbano, principalmente nas cidades acima de 300 mil habitantes e em áreas metropolitanas essa concentração é bem mais elevada.

Conforme os dados do censo 54,73% da população Brasileira residem em cidades acima de 100 mil habitantes, perfazendo um total de 383 cidades com esse número de habitantes ou mais. Isso não quer dizer que o direito a cidade já é uma realidade para todos os habitantes.

Neste contexto, nota-se que o processo de urbanização veio acompanhado de enormes desafios para as cidades brasileiras. De um lado, o rápido crescimento das cidades, surgindo grandes aglomerados urbanos. De outro, a capacidade de uso e ocupação do solo urbano pelos atores que compõem o processo de urbanização, evidenciando-se assim um sistema de apropriação do espaço urbano pautado na especulação e exclusão, criando com isso, uma estratificação do solo urbano em cada cidade na medida em que expande-se as forças produtivas no interior de cada cidade, sobretudo as grandes cidade do País.

A realidade das médias e grandes cidades brasileiras, sobretudo as áreas metropolitanas do país, é repleta de desigualdades e pode ser facilmente confirmada pela análise dos dados referentes ao aumento das favelas, por exemplo, em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, aliadas ao rápido aumento das desigualdades em cidades medias com a acelerada expansão urbana destas cidades.

Segundo dados do IBGE no ano 2000 o Brasil possuía 16.433 favelas, com um crescimento anual de 3% ao ano, seguindo a projeção em 2010 temos cerca de 22.000 favelas. Essa previsão já é confirmada na cidade de São Paulo e no Rio de Janeiro que possui um banco de dados municipal para monitoramento das favelas.

Em São Paulo, no ano 2000, de acordo com o IBGE, existiam 612 favelas. No ano de 2009, a (SEHAB-SP) registrou 1636 favelas. Já na cidade do Rio de Janeiro, conforme dados do IBGE, no ano 2000 a cidade possuía 513 favelas em 2010, esse numero já ultrapassou 980 favelas. Em Salvador a terceira maior cidade do País, não existe um cadastro oficial de favelas, mas conforme a CODESAL (2010), o número de áreas de risco na cidade é de 540 pontos de riscos, isso nos dá uma idéia do numero de favelas em Salvador, já que as áreas de risco referem-se às ocupações por moradias irregulares em encostas e ou áreas de inundação.

Do ponto de vista da morfologia urbana as favelas refletem uma condição de segregação residencial que remonta ao inicio da urbanização brasileira já que em todas as grandes cidades do país as favelas sempre estiveram presentes em sua formação territorial como é o caso da Favela do morro da Babilônia no Rio de Janeiro, que teve sua origem por volta de 1907. No mesmo período, a Prefeitura do Rio havia baixado um decreto municipal que proibia a construção e ou permanência de moradores nos cortiços da cidade isso fez com que as encostas dos morros se transformassem em um novo lugar de moradia para uma grande parcela da sociedade carioca.

O que se observa no Rio de Janeiro é uma tendência da organização socioespacial do território expressar diferenças étnicas, socioeconômicas e culturais formando unidades de vizinhança que agrupam domicílios com características particulares.

A intensidade desse processo de diferenciação intraurbana é marcada pelas altas taxas de concentração habitacional nas favelas, formando grandes aglomerados nas encostas como é o caso do morro da Babilônia e mais outras centenas de ocupações nos morros da cidade. O tipo de moradia no Morro da Babilônia segue um padrão de rupturas marcado pelas irregularidades e deficiências das construções das casas ao passo que na porção formal do território, a morfologia segue a lógica do ordenamento territorial e com isso uma hipervaloração dos espaços de moradia e dos espaços de usos coletivos como é

o caso da praia de Copacabana, transformando se em espaços de consumo e por consequência espaços de segregação.

Em São Paulo essa hipervaloração do espaço também pode ser verificada com a análise das desigualdades socioespaciais entre o Bairro Morumbi e a Favela Paraisópolis

Enquanto o Bairro Morumbi representa um dos mais altos níveis de valorização imobiliária, as moradias da Favela Paraisópolis não representam atratividades para o circuito produtivo (do ponto de vista formal), mas com o processo de reestruturação espacial da favela começa a ser cobiçada por inúmeros mecanismos de valorização. Ela aparece enquanto resistência a tendência da sobreposição do valor de troca sobre o valor de uso.

Em Salvador-BA as desigualdades socioespaciais também são marcantes em todos os cantos da cidade. Uma dessas marcas da cidade é disparidade entre bairros de classe alta e ocupações (favelas) que formam espaços unívocos, mas ao mesmo tempo segregado, ocupando a mesma porção territorial com territorialidades distintas. É o caso da favela Calabar e o Bairro de Ondina

Calabar em Salvador, Morro da Babilônia no Rio de Janeiro e Paraisópolis em São Paulo são exemplos da situação habitacional no Brasil, que possui uma maior concentração urbana nas regiões metropolitanas onde a morfologia urbana é marcada pelas desigualdades socioespaciais com um crescimento da população favelada a cada ano, os filhos saem da casa dos pais para ir morar em outro barraco, em outra invasão e as famílias não conseguem sair do ciclo da submoradia.

Segundo Maricato (2002), 80% dos moradores de favelas no Brasil, estão nas regiões metropolitanas. Isso evidencia toda a contradição existente no processo produção do espaço urbano, pois o desenvolvimento industrial e econômico do país é maior justamente nessas regiões e na medida em que ocorre o crescimento econômico inversamente ocorre o aumento das desigualdades sociais, sobretudo quanto ao aspecto da moradia. Esses processos de desigualdades no Brasil são gerados por processos macro-sociais e

espaciais onde as organizações sociais dos territórios das metrópoles passaram pela experiência da industrialização acelerada e ao mesmo tempo não houve planejamento, tão poucas políticas territoriais que freassem a lógica da concentração da renda em detrimento da favelização das moradias de grande parcela da população.

Constata-se que a morfologia socioespacial das cidades brasileiras é marcada por padrões e graus de segregação residencial semelhantes, moldados pelos processos de mobilidade sociais ascendentes e descendentes, evidenciando contradições e dificultando a interpretação de novas tendências de organização do espaço social das metrópoles decorrentes das macrotransformações no tempo e no espaço.

No caso das cidades médias essa tendência de desigualdades socioespaciais também é verificada, pois na medida em que a cidade expande-se, aumenta a percepção das desigualdades socioespaciais. Sposito (2003) afirma que o destaque às especificidades das formas de produção, consumo e apropriação do espaço em cidades médias deve ser objeto de estudo, em função da necessidade de se conhecer melhor a realidade urbana dessas cidades confrontando as com a realidade metropolitana.

A análise da estruturação ou reestruturação das cidades médias em contraposição às regiões metropolitanas a meu ver ocorre pelas diferenças estruturais que existe nas formas de produção do espaço urbano, para Sposito (2004), as relações entre os interesses fundiários e imobiliários permeadas pela atuação do poder público têm orientado no âmbito de nossa formação socioespacial, as ações que geram a (re) produção ampliada do espaço urbano.

No caso de Vitória da Conquista-BA, essa reprodução ampliada do capital, pode ser facilmente detectada, uma forma de verificar tais desigualdades socioespaciais é a lógica de distribuição da renda. Conforme dados do IPEA, (2003), a cidade de Vitória da Conquista possuía 60,89% da população economicamente ativa com rendimentos de até um salário mínimo, em 2009, este índice foi de 59% o que evidencia uma alta taxa de concentração da renda e uma

retroalimentação da pobreza que incidem diretamente na morfologia urbana da cidade constata Rocha (2011), ao analisar as contradições socioespaciais e a espacialidade urbana da cidade de Vitória da Conquista-BA.

4.4 A fragmentação socioespacial das cidades: o desafio da planificação urbana no Brasil

O desafio da planificação urbana no Brasil nesse início do século XXI, é resolver a questão da fragmentação socioespacial presente nas pequenas, médias e grandes cidades do país. Nesse tópico destaca-se as diferenças existentes nos diversos fragmentos urbanos de cada cidade brasileira mediante uma abordagem teórica que explicita a questão da fragmentação socioespacial pela lógica da acumulação materializada no urbano pela valorização do capital, representada pela crescente integração entre o setor imobiliário e o capital financeiro.

A metodologia para a análise da fragmentação socioespacial das cidades, baseia-se na articulação dos pressupostos teóricos da urbanização contemporânea com o uso dos dados do censo 2010 do IBGE, analisando a menor unidade territorial criada para fins de controle cadastral da coleta do Censo que são os setores censitários. Diferentes escalas de abordagem oferecem uma alta variação na análise dos dados socioespaciais e econômicos. Com isso estabelece-se uma visão detalhada dessa fragmentação. Dessa forma, os indicadores propostos buscam visualizar características relativas aos domicílios e às pessoas em cada cidade mediante uma análise mais abrangente e contextualizada da planificação territorial urbana desenvolvida no Brasil, podendo demonstrar com isso, quais são os desafios dessa planificação urbana. Para a operacionalização, das variáveis definidas na elaboração do trabalho foram

utilizadas bases cartográficas digitais e dados que foram cruzados na geração de mapas temáticos para essa análise. Este trabalho está voltado para o desenvolvimento de uma abordagem teórica sobre o processo de urbanização, levando-se em consideração, a produção do espaço urbano, a fragmentação socioespacial e o estudo das formas que são integrantes da configuração territorial e da espacialidade das cidades no Brasil e no mundo. A pesquisa em questão enfoca os processos de planificação territorial e as transformações socioespaciais das cidades brasileiras, levando se em conta a abordagem da fragmentação socioespacial, a forma urbana e seus processos de produção. Os resultados dessa pesquisa mostram, por exemplo, o avanço do número de favelas nas médias e grandes cidades do país, bem como o aumento da população que nelas residem.

A abordagem socioespacial, aqui é trabalhada num par dialético, o que implica uma relação sociedade-espaço definida mutuamente em movimento. Desse modo, o espaço não será visto apenas como um espaço social, mas também a sociedade espacializada, ou seja, a dimensão espacial dos habitantes materializada em cada lugar pela cotidianidade. São analisadas as estratégias dos atores e agentes que produzem a heterogeneidade espacial que desencadeia uma fragmentação socioespacial com diferentes graus de desigualdade territorial. Tais agentes modeladores do espaço desempenharam e continuam desempenhando profundas transformações no interior de cada cidade, principalmente nas grandes metrópoles do país.

Nas cidades brasileiras, existem diferentes agentes sociais, principalmente ligados ao capital imobiliário, que atuam na dinâmica espacial e acabam por (re) produzir e ampliar a desigualdade socioespacial em diferentes escalas espaciais. Assim, o urbano deve ser encarado na análise geográfica enquanto sistema ilusório de sobreposições infinitas de imagens. Essas sobreposições criam as condições de isolamento e, ao mesmo tempo, mascaram as descontinuidades espaço-tempo que separam as paisagens urbanas. Para o geógrafo, às vezes, um bairro pode esconder várias células espaço-temporais. Por outro lado, uma

pequena cidade do interior pode apresentar características homogêneas suficientes para ser caracterizado como um único bloco espaço-tempo.

O processo de formação territorial das cidades deve ser analisado para desvendar o que aconteceu nas terras que compõe o seu território e entender a atual configuração espacial mediante os processos de planificação territoriais materializados ao longo dos tempos, principalmente as transformações que incidiram diretamente na forma urbana e que acabam por delinear a morfologia urbana das cidades brasileiras.

Aliado ao rápido crescimento das cidades surge o processo de metropolização, sobretudo nas grandes cidades representadas pelas capitais dos estados federativos do País. As principais metrópoles que surgem no Brasil já na primeira metade do século XX, foram São Paulo e Rio de Janeiro, seguidas por Belo Horizonte, Salvador e Recife. Mas com a consolidação da urbanização no país nos finais do século XX, praticamente todas as capitais federativas englobam zonas metropolitanas, além de outras cidades que funcionam com centros regionais passaram a compor as regiões metropolitanas.

Atualmente são 40 regiões metropolitanas no Brasil, no entanto, conforme o censo do IBGE (2010) existe apenas 15 cidades com mais de um milhão de habitantes. Essa tendência a metropolização no país vai além da simples aglomeração e ou conurbação urbana, fica claro que a criação das chamadas regiões metropolitanas está diretamente relacionada com as políticas habitacionais do governo federal que estipulou um maior número de investimentos para as chamadas regiões metropolitanas. Com isso, as cidades médias que almejam investimentos nessa área passaram a aglutinar-se em regiões metropolitanas para tentar canalizar tais investimentos no setor habitacional.

A rápida expansão das cidades brasileiras, fez com que houvesse um descompasso entre os investimentos públicos destinados à moradia e número de habitantes morando em condições precárias. Isso eclodiu numa realidade onde a fragmentação socioespacial e a segregação residencial aumenta

significativamente nas grandes cidades do País. Essa realidade pode ser constatada na fala de Carlos (2007) sobre a cidade de São Paulo:

“Na Grande São Paulo, um sério descompasso entre crescimento econômico, crescimento urbano, entre provimento de moradias e infraestrutura básica (bens de consumo coletivo) que estão na base do surgimento de muitos movimentos sociais urbanos que põem em cheque o modo como se dá o parcelamento do solo urbano a partir do direito que a sociedade confere à propriedade privada. Como consequência temos um processo de produção espacial onde a reprodução da vida, nem sempre apresenta as condições mínimas de subsistência, isto porque há ou inexistência ou deficiência de rede de água, esgoto, asfalto, escolas, hospitais ou mesmo iluminação e transportes. As favelas e os cortiços, por exemplo, com áreas ínfimas, onde se acotovelam famílias numerosas numa promiscuidade que lembra-nos as descrições de Engels sobre a situação de moradia dos operários na Londres do século XIX”.(Carlos, 2007, p.38).

Essa fragmentação socioespacial aliada à segregação residencial evidenciada em São Paulo pode ser notadamente vista na maioria das cidades do Brasil como um todo, com o avanço do número de favelas nas médias e grandes cidades do país, bem como o aumento da população que nelas residem. No Brasil, segundo o IBGE, no ano de 2000, o número de moradores nas favelas era de 6.535.634 habitantes em 2010 esse número já alcançou 11.425.644 habitantes com 6.329 favelas, sendo que 88,2% dessas favelas estão localizadas em regiões metropolitanas com mais um milhão de habitantes, isso evidencia o quanto o espaço urbano das cidades brasileiras é fragmentado.

Em São Paulo, há um predomínio de favelas de pequeno porte a grande maioria dos aglomerados urbanos entre 50 e 500 domicílios. Tais aglomerados são bastante significativos, pois eles são muitos e estão espalhados por toda a cidade, evidenciando-se a grande fragmentação do espaço pela compartimentação das moradias. Essa condição socioespacial, aponta para uma homogeneização do território. Essa produção do espaço é homogênea, pois repete as mesmas feições da paisagem em lugares distintos, é o todo em

pedaços cada vez mais fragmentados mediante a reprodução das desigualdades socioeconômicas que como aponta Sposito (201, p.138), são “marcas da formação social brasileira”.

Percebe-se essa mesma realidade homogeneizada fragmentada e desigual em outras cidades brasileiras. O maior percentual de população em condições de submoradias é Belém do Pará com 55% da população. Em Salvador, 33% da população, vivem em favelas com um alto grau de desigualdade socioeconômica espalhada por toda a cidade. Na grande Recife são mais de 15% da população vivendo em condições de submoradias. Em Belo Horizonte esse número ultrapassa os 13% da população em favelas, já no Rio de Janeiro, o número chega a 22% da população morando em favelas com um alto grau de favelização, homogeneizada em todos os cantos da cidade.

No Rio de Janeiro de acordo com Marcelo Lopes de Souza, a fragmentação socioespacial da cidade teve início com a clássica segregação residencial, ou seja, “o empurramento dos pobres para espaços desprezados pelas elites” (Sousa, 2006, p. 466). Para o autor, nos anos de 1970 essa fragmentação ainda era inexpressiva, tendo o seu marco histórico definido nos anos de 1980, com o acirramento das “ocupações” em morros da cidade. Essas “ocupações” expandem-se nos 90, chegando ao estágio atual com uma homogeneização em todo o território da cidade do Rio de Janeiro.

O desafio da planificação territorial das cidades brasileiras é justamente romper com o processo de fragmentação socioespacial acelerado que as grandes cidades do país vêm ganhando já que a solução dos problemas passa por diversas esferas do conjunto social. De acordo com Sousa (2006:508), “a fragmentação tem emergido, nas últimas décadas, sob as circunstâncias de um grande e crescente medo”. Isso porque o autor analisa a fragmentação, sobretudo no Rio de Janeiro pela ótica da crescente atuação do tráfico de drogas nas favelas da cidade.

Para Sposito (2011. p. 142), a fragmentação socioespacial, “trata-se de um aprofundamento das desigualdades” na medida em que houve uma inversão no

processo de incorporação de equipamentos urbanos, pois no passado as incorporações de glebas distantes do centro da cidade eram destinadas a periferização das camadas mais pobres, hoje essas áreas já se conurbaram e, ricos e pobres formam espaços urbanos contínuos ou descontínuos com bastante proximidade o que combina a desigualdade social e fragmenta o espaço urbano com uma intensidade cada vez maior.

Neste sentido, não dá mais para planejar o espaço simplesmente pela ótica da inclusão dos pobres nos padrões de urbanização preconizados pelos defensores da estética urbana, pois a questão passa agora pela valorização do espaço em termos financeiros e neste caso é o capital que define o que deve ser mudado ou incorporado em tais áreas fragmentadas.

Para Santos (2003, p. 81), “a fragmentação revela um cotidiano em que há parâmetros exógenos, sem referencia ao meio. A assimetria na evolução das diversas partes e a dificuldade ou mesmo a impossibilidade de regulação, tanto interna quanto externa, constituem uma característica marcante” desse processo de fragmentação das cidades uma vez o desenvolvimento urbano passa pelo desenvolvimento socioespacial de cada lugar nas cidades como diz Sousa (2006, p. 61) “quando se constata uma melhoria da qualidade de vida e um aumento da justiça social” estamos falando de um desenvolvimento socioespacial que na visão de Sousa, “precisa contemplar não apenas as relações sociais, mas, igualmente, a espacialidade”.

Eis ai a questão básica da planificação territorial das cidades: a espacialidade, mas não somente a espacialidade, a forma urbana que cada bairro possui, a singularidade de cada construção de cada via de acesso e o cotidiano das pessoas nesse contexto deve ser pensado no momento da adoção de cada plano de projeto urbano. Pois como afirma Carlos (2007, p. 20), a cidade e “a metrópole esta cheia destes lugares, vazios de sentido para o cidadão comum, do ponto de vista das possibilidades amplas do uso, mas sob a mesma concepção — onde as formas se impõem a apropriação”.

Analisando a questão da fragmentação e seu desafio para a planificação urbana pode se dizer que “O processo de produção da sociedade se, de um lado cria um espaço homogêneo, de outro, produz sua fragmentação que se concretiza de modo diferenciado”. Essa fragmentação produz um constante movimento de atração-expulsão da população do centro para a periferia e vice versa. “Produz também uma multiplicidade de centros que tende a dissipar a consciência urbana na medida em que o habitar hoje a metrópole tem um sentido diverso, mudando hábitos e comportamentos, bem como formas de apropriação do espaço público, além da dissolução de antigos modos de vida e relações entre as pessoas”. (Carlos 2007, p. 36-38).

Cabe ressaltar que numa grande cidade como é o caso da maioria das metrópoles brasileiras uma reestruturação urbana pode sucumbir o espaço urbano em um antagonismo onde os extremos da riqueza e da miséria predomine. Nesse processo de planificação urbana a reestruturação pode produzir como afirma Soja (2006, p. 164), “uma cidade extraordinariamente volátil, segmentada, fragmentada, descentralizada, amorfa” heterogênea na cultura, mas homogênea na estrutura urbana, onde a estrutura social é desestabilizada em detrimento das novas funções que o espaço ganha com a planificação.

4.5 Os desafios da planificação urbana na Bahia

No Estado da Bahia, o desafio da planificação urbana é ainda maior na medida em que a urbanização não está completamente consolidada. Conforme os dados do IBGE (2010) são apenas 72,07% da população morando em cidades ao passo que no Brasil como um todo, o percentual de já é de 84,35%, isso evidencia uma tendência de crescimento urbano ainda latente nos próximos anos na Bahia.

Segundo os dados do IBGE, o Estado da Bahia, teve a partir dessa última década um crescimento no número de cidades com mais de cem mil habitantes, que nos finais do século XX eram doze cidades agora já são dezesseis cidades com mais de cem mil habitantes. Observa-se que nessas cidades o grau de urbanização já é bastante elevado, em todas elas o grau de urbanização supera a média do Estado e equipara a média nacional.

Com relação ao crescimento populacional um destaque é a cidade de Camaçari que teve na última década um crescimento de 34% ou 3,4% ao ano. Em Camaçari houve essa explosão populacional, movida pela rápida industrialização implantada na cidade nos últimos dez anos. Essa industrialização foi impulsionada pelas políticas estaduais que carrearam grandes investimentos no setor produtivo, sobretudo no setor automobilístico com a vinda da Ford nos finais do século XX e início do século XXI, a qual foi instalada em no Polo industrial de Camaçari e com isso um grande contingente populacional foi atraído para a Cidade, tornando num dos maiores crescimentos populacionais do País. (ver dados da tabela 2).

TABELA 2- Bahia: Grau de urbanização e crescimento populacional nos municípios com mais de cem mil habitantes entre 2000 e 2010

Município	Total da população 2000	Total da população 2010	Crescimento 2000-2010	Total da população urbana 2010	Percentual de urbanização
Total: Bahia	13.070.250	14.021.432	6,80%	10.105.218	72,07%
Salvador	2.443.107	2.676.606	8,80%	2.675.875	99,97%
Feira de Santana	480.949	556.756	13,70%	510.736	91,73%
Vitória da Conquista	262.494	306.374	14,40%	274.805	89,70%
Camaçari	161.727	242.984	34,50%	232.045	95,50%
Itabuna	196.675	204.710	4%	199.668	97,54%
Juazeiro	174.567	197.984	11,90%	160.786	81,21%
Ilhéus	222.127	184.231	-20,50%	155.300	84,30%
Lauro de Freitas	113.543	163.414	30,60%	163.414	100,00%
Jequié	147.202	151.921	3,10%	139.452	91,79%
Alagoinhas	130.095	142.160	8,50%	124.245	87,40%
Teixeira de Freitas	107.486	138.491	22,40%	129.412	93,44%
Barreiras	131.849	137.428	4,10%	123.734	90,04%

Porto Seguro	95.721	126.770	24,50%	104.090	82,11%
Simões Filho	94.066	118.020	20,30%	105.808	89,65%
Paulo Afonso	96.499	108.419	11%	93.457	86,20%
Eunápolis	84.120	100.246	16,10%	93.442	93,21%

Fonte: IBGE Censo - 2010

É possível destacar também que em algumas cidades baianas o grau de urbanização chega a 100% é o caso de Lauro de Freitas e Salvador em outras esse percentual já está acima dos 90%. No entanto estamos falando de menos de 5% das cidades baianas que em sua maioria, cerca de 50% dos municípios ainda estão com menos de 50% da população morando em área urbana e apenas 9% dos municípios baianos estão acima da média nacional que é de 84,35% de urbanização.

Há que observar que o Estado da Bahia possui um percentual elevado de pessoas morando em favelas. Entre as capitais do nordeste brasileiro Salvador é a que apresenta o maior número de habitantes morando em condições precárias, são mais de 880.000(oitocentos e oitenta mil) habitantes ou 33,1% da população morando em favelas.

Sendo assim, o processo de planificação urbana deve antecipar a esse crescimento populacional das cidades baianas, sobretudo nas maiores cidades como é o caso de Salvador, hoje com mais de dois milhões e seiscentos mil habitantes, Feira de Santana com mais de quinhentos mil habitantes e Vitória da Conquista com mais de trezentos mil habitantes. Estas são as maiores cidades do Estado que polarizam uma rede urbana com uma movimentação centralizada nos eixos de circulação entre ambas.

Na década de 1980, Salvador e região metropolitana apresentou crescimento econômico proveniente da implantação do complexo petroquímico, siderúrgico, um pouco mais tarde, do turismo. Com isso, a Capital baiana experimentou um processo de segregação marcado pelo aumento das favelas e um conseqüente aumento da desigualdade social.

Atualmente, a Região Metropolitana de Salvador concentra mais de 80% da indústria de transformação, do estado. No entanto esse grande volume da

produção industrial não é capaz de resolver a problemática das desigualdades socioeconômicas presente na estrutura urbana de Salvador. Essa condição redefine a dinâmica urbana bem como a diferenciação socioespacial da cidade, na medida em que não há mais uma relação direta da divisão do trabalho com o desenvolvimento da escala local de produção, ou seja, toda a produção que é local agora passa a ser comandada pela mundialização da econômica. Neste sentido não mais existe a possibilidade de uma intervenção para a redução das desigualdades sem que haja uma interferência na lógica que estrutura a produção como um todo.

No caso de Vitória da Conquista-BA, as desigualdades socioespaciais estão presentes em toda a conjuntura urbana, mas não é tão marcante quanto as desigualdades socioespaciais da Capital baiana tanto pelo percentual de pessoas existentes na condição de pobreza quanto no percentual total da população como um todo, mas em termos relativos em todas as cidades baianas, as desigualdades socioespaciais, acabam promovendo uma diferenciação do espaço urbano cada vez mais homogeneizado pela lógica da mundialização contemporânea.

Uma questão que chama a atenção no tocante à planificação urbana em Vitória da Conquista é sua especificidade de polo regional, ou capital regional, mesmo com o status de cidade média, a funcionalidade da cidade é maior que muitas cidades que são capitais dos Estados da Federação. Neste sentido, ao pensar o planejamento urbano da cidade, é imprescindível a adoção dessa espacialidade extraurbana, ou seja, a quantidade de pessoas que estão diariamente na cidade é muito maior do que a habita o seu núcleo urbano, pois planificar a não é somente pensar no seu funcionamento enquanto pólo sociopolítico ou socioespacial, mas na singularidade que cada cidade carrega ou seja a marca deixada pela modernização de sua espacialidade ao longo do século XX e, identificar os símbolos e signos dão identidade ao espaço urbano da cidade.

A análise dos planos e dos processos de planificação que serão analisados nos capítulos seguintes apontam uma relação direta com a história da formação territorial do município discutida no capítulo seguinte, e toda a sua identidade territorial e socioespacial, advinda desses processos de planificação materializados nos dois séculos de existência, dão ao espaço urbano de Vitória da Conquista um conjunto heterogêneo de fragmentos urbanos, que incorpora as contradições e conflitos próprios de singular formação socioespacial, econômica e política.

A FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA NO CONTEXTO DA URBANIZAÇÃO

“Arraial da Conquista, Principal localidade do distrito, é quase tão importante como qualquer vila do litoral. Contam-se aí umas quarenta casas baixas e uma igreja em construção.” (Wied-Niweud, 1817).

5. A FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA NO CONTEXTO DA URBANIZAÇÃO

O município de Vitória da Conquista tem uma história que remonta à colonização exploratória do território brasileiro, pertence ao processo de colonização portuguesa do século XVIII e início do século XIX. A busca do ouro, na faixa de terras entre o Rio Pardo e de Contas, aliado às políticas de interiorização do Governo Português, levaram a uma ocupação efetiva das terras hoje pertencentes ao município de Vitória da Conquista e Região.

Por volta de 1750, ocorreram as primeiras expedições portuguesas pelas terras pertencentes hoje ao município de Vitória da Conquista. Nesse período, o território era ocupado por tribos indígenas, principalmente os índios Camacans que habitavam as margens do Rio Verruga e, no entorno da Serra do Periperi. Os portugueses ocuparam as terras indígenas e passaram a consolidar o arraial que deu origem à cidade.

Neste capítulo iremos ver a trajetória da formação territorial de Vitória da Conquista, levando-se em consideração os processos socioespaciais decorrentes das ocupações territoriais ocorridas ao longo do século XIX e XX, passando pelas diversas configurações territoriais que a cidade teve em cada momento, analisando as formas materializadas na paisagem urbana e os processos de planificação que sucederam em cada momento histórico analisado.

5.1 Os princípios da identidade territorial de Vitória da Conquista em seu processo de formação socioespacial

Estudar o território sem compreender como foram estabelecidas as fronteiras que proporcionaram as atuais configurações territoriais existentes, deixa a princípio obscuro o processo de formação e transformação das estruturas socioespaciais presentes na atual configuração territorial.

Hartshorne (1936) introduziu a importância do contexto histórico e cultural na gênese e evolução dos limites e fronteiras. Para esse autor, os limites podem ser classificados pela paisagem natural no momento de sua formação, mas o estudo de suas mudanças bem como das etapas de delimitação e demarcação do território devem seguir a dinâmica sociocultural e econômica desenvolvida e materializada no espaço geográfico. Para Raffestin (1993) os diversos estudos sobre esse assunto, estão negligenciando a importância das concepções de fronteira e de suas funções e efeitos sobre a organização espacial. Nessa perspectiva de análise, Raffestin afirma que a fronteira constituiu e constitui um meio de diferenciação territorial, mas também uma divisão temporal das atividades humanas.

No caso do de Vitória da Conquista, esta diferenciação territorial, remonta a sua própria origem já que por volta de 1750, as terras que hoje pertencem ao seu território passaram a ter atividades humanas voltadas para a transformação da paisagem tipicamente natural em uma paisagem com traços da produção de bens voltados para o mercado, sobretudo o mercado europeu.

Vitória da Conquista tem uma história que remonta à colonização exploratória do território brasileiro, pertence ao processo de colonização portuguesa do século XVIII e início do século XIX. A busca do ouro, na faixa de terras entre o Rio Pardo e de Contas, aliado às políticas de interiorização do Governo Português, levaram a uma ocupação efetiva das terras hoje pertencentes ao município de Vitória da Conquista e Região. Entre 1725 e 1760, vários sertanistas adentraram pelas terras no trecho entre o Rio Pardo e o Rio de Contas dentre eles Destacam-se: o Coronel Pedro Leolino Mariz -1724-1758; o Coronel André da Rocha Pinto 1724-1732; Domingos Dias do Prado 1724-1732; João da Silva Guimarães -1734-1758 e João Gonçalves da Costa 1752-1819, o

início dessa ocupação pode ser confirmada pela carta do Vice-Rei da Bahia Vasco Fernandes Cesar de Menezes ao Rei de Portugal João V, em 15 de março de 1728, onde ele descreve:

Sobre a conquista do '*Gentio bárbaro*' no sertão do Rio de Contas, Rio Verde e Rio Pardo: Senhor, em carta de 12 de agosto do ano passado dei conta a Vossa Majestade, da entrada, e conquista que mandei fazer no sertão desta Capitania desde as Minas do Rio das Contas até o Rio Pardo, Rio Verde e cabeceiras do rio São Matheus. Comandava aquela entrada o Coronel André da Rocha Pinto, e em outras diligencias, Domingos Dias do Prado, que descobriu vários Ribeiros com boa pinta de ouro, entre o Rio das Contas e o Rio Pardo. (MENEZES, 1728 p.260).

As entradas faziam parte da política de ocupação territorial no interior das terras pertencentes ao chamado sertão – termo designado para denominar terras que estavam imediatamente após a costa litorânea do Brasil, composta por floresta Ombrófila Densa, na medida em que o estrato arbóreo diminuía passava-se então ao sertão. Neste caso o sertão correspondia a cerca de 70% do território da Colônia Portuguesa.

Essa ocupação seguiu a lógica da política de colonização vigente. Isto é o sistema de sesmarias do governo Português. Portugal precisava estabelecer um sistema de produção em que as terras permanecessem sob o domínio da Coroa e, ao mesmo tempo, fosse barato. Como representavam um recurso precioso para a implementação do projeto exploratório, era importante que a cooptação da mão-de-obra fosse facilitada ao máximo com incentivos para aqueles que se propusessem a fazer o trabalho árduo de abrir caminhos pelos sertões e dominar os habitantes, foi o que fez o Português João Gonçalves da Costa que teve a perspicácia de embrenhar pelas matas das terras pertencentes ao atual território de Vitória da Conquista para realizar essa tarefa que interessava à Corte portuguesa do século XVIII. João Gonçalves da Costa partiu de Minas Novas no início da década de 1750, juntamente com o Mestre de Campo João da Silva Guimarães, que tinha como comandante geral o Coronel Pedro Leolino Mariz.

As buscas por divisas minerais eram uma constante nesse período e, para garantir essas divisas existia uma política de fixação territorial por parte do Governo Português que consistia na doação de terras para quem tivesse interesse em produzir e desenvolver atividades mercantis no território. No entanto os colonizadores para obter a mão de obra deveriam subjugar os chamados Gentios Bravos (Índios nativos dessa Região). Numa dessas incursões pelos sertões da Bahia, Mariz (1757), define metas da ocupação territorial exploratória da região. Segundo Mariz, (1758), em seu governo na Vila de Minas Novas, foram abertas estradas entre Minas Novas e Rio de Contas, passando pelas terras do Rio Pardo. Além disso, foi instalados postos de fiscalização de fronteiras e, com as descobertas do salitre na Serra dos Montes Altos, foram abertas as estradas que ligavam o sertão à Capital da Bahia, passando pela Vila de Sant'Anna, pela Vila do Rio das Contas, indo por Maracás, até Cachoeira, seguindo o Rio Paraguaçu.

Outro caminho que nesse período já existia era a ligação entre Minas Novas e a Vila do Rio de Contas, passando pelo território do Rio Pardo. Nesse período, existia um conflito de interesses territoriais no tocante as divisas entre os estados da Bahia e Minas Gerais.

O Estado de Minas Gerais foi criado por decreto Pelo Governador de São Paulo Conde de Assumar, em 1720. No entanto, os limites territoriais definidos no decreto, ocupavam terras pertencentes à Bahia, que comandava boa parte das terras entre minas novas até o Rio São Francisco. Ocorre que os limites estabelecidos pelo decreto, iam muito além dessas fronteiras. Foi definido que partindo da foz do rio Verde Grande no Rio São Francisco, seguindo pelo Rio Verde Grande até a sua nascente, e daí passando pelo divisor de águas entre a serra das almas até o Valo fundo, daí em reta até a barra do Rio Mosquito no Rio Pardo, daí, seguindo pelo divisor de águas entre o rio Pardo e o Rio Jequitinhonha até a Serra do Salto.

O fato é que esses limites não eram conhecidos nem pelos colonos, nem pelos exploradores da mineração que transitavam entre Minas e Bahia, havendo,

contudo, conflitos jurídicos, políticos e religiosos. Assim foi definido por decreto em 1757, que as terras de Minas Novas pertenceriam a Minas Gerais, seguindo os limites definidos entre as bacias do Rio Pardo Rio Jequitinhonha e Rio Verde. Para evitar mais conflitos de interesses no território do Sertão do Rio Pardo, o Governador da Bahia Conde de Azambuja, pede ao Ouvidor da Comarca de Jacobina, José Joaquim de Almeida Araujo que, comandava juridicamente todo esse território do interior da Bahia, para legislar sobre o assunto. O ouvidor então define em edital:

Faço saber que pelos termos da demarcação da dita Vila do Rio das Contas com das Minas Novas, todos os moradores e habitantes do Rio Pardo para cá pertencem à jurisdição da Vila do Rio das Contas subordinada a Comarca de Jacobina e, por conseguinte aos domínios da Bahia. Por servir o dito Rio Pardo de divisas aos termos de uma e de outra Vila, como também de um e de outro Governo, mando a todos os moradores e habitantes desse *território* (grifos meus) que não obedeçam aos governos e jurisdições das Minas Gerais. (ARAUJO, 1766 p. 266).

Em contrapartida, os ocupantes desse território para manter a garantia da ocupação deveriam explorar ao máximo os chamados recursos naturais, seja derrubando as matas para o plantio e ou empenhar-se em descobrir minas de ouro e pedras preciosas.

No caso do interior da Bahia o chamado Sertão Baiano, a atividade que mais sobressaiu naquele período e permanece até os dias atuais foi a pecuária principalmente com a criação de gado bovino. O gado bovino propiciava uma atividade mais duradoura isso fez com que os donatários de terras tivessem uma justificativa do uso de suas terras perante a coroa Portuguesa e com isso, após oito anos de ocupação eles garantiam o título da propriedade de suas terras.

Foi o que fez o Português João Gonçalves da Costa ao chegar aqui nas terras entre a bacia do Rio Pardo e Bacia do Rio de Contas, o principal interesse de sua entrada aqui nessas terras era a procura por pedras preciosas, mas aliado a essa atividade, João Gonçalves da Costa, fixou-se em pontos estratégicos do

território para praticar a pecuária, angariar fundos econômicos e acumular bens e propriedades. A principal barreira para essa empreitada era atrair o nativos para o trabalho ou expulsá-los de suas aldeias ou cooptar mão de obra para suas atividades laborais, nesse sentido, os primeiros contatos com os indígenas era quase sempre conflituoso e, com isso, as batalhas sempre ocorriam quando os nativos resistiam ao processo de ocupação territorial.

Seguindo esta lógica, os povos que aqui viviam se mostravam, aos olhos do conquistador, um atrativo a mais para a ocupação das terras conquistadas, ainda que elas, a princípio, não mostrassem riqueza evidente. No caso das terras entre o Rio Pardo e o Rio de Contas, as principais tribos que aqui habitavam eram os Camacãs que sempre defendiam seu território com muito afincos, os botocudos que eram inimigos mortais dos Camacãs.

Os gentios bravos, como eram chamados os índios no período do Brasil colônia, representavam um recurso precioso para a implementação do projeto exploratório. Neste sentido era importante que a cooptação da mão de obra fosse facilitada ao máximo com incentivos para aqueles que se propusessem a fazer o trabalho árduo de abrir caminhos pelos sertões e dominar os habitantes nativos do lugar.

João Gonçalves da Costa, bem como os demais sertanistas, encontraram tribos com um grau de organização que se refletia numa resistência em subordinar-se aos ditos “conquistadores”. Foi verificado que quanto maior a densidade populacional e a organização dos “gentios”, maiores e mais sangrentas eram as tentativas de subjugar-los.

No entanto, o grupo de João Gonçalves da Costa, foi aos poucos, ocupando terras e por outro lado, atacando os gentios resistentes aos seus domínios, criando assim uma extensa faixa territorial que alguns anos após a sua ocupação passou a ser conhecido como o Sertão da Ressaca, nome originário do Rio Ressaca, ponto de partida da ocupação territorial. (ver mapa da figura 2).



Figura 2- Mapa da ocupação territorial e origem do Arraial da Conquista-BA. Fonte: elaborado pelo autor com base na reconstituição cartográfica do século XVIII e XIX informações do livro de Maximiliano Viagem ao Brasil-1817 e informações da Compendiosa Carta de João Gonçalves da Costa -1783.

Com um pouco mais de vinte anos atuando nas terras entre o Rio Pardo o Rio de Contas, João Gonçalves ocupou uma extensa faixa territorial cujo marco inicial, são as terras entre a Fazenda Ressaca, próximo ao Valo Fundo na divisa entre a Bahia e Minas Gerais, seguindo em direção nordeste, ocupando as terras

da atual sede urbana de Vitória da Conquista, que entre 1753 e 1783, era denominado de Arrayal de Nossa Senhora da Victória. Esse fato é confirmado com uma carta de próprio punho enviada por João Gonçalves da Costa, onde ele assina: Arrayal de Nossa Senhora da Victória, 30 de julho de 1783. A carta é destinada ao Ouvidor dos Ilhéus sobre a anexação do território do Sertão da Ressaca, ao domínio da comarca de Ilhéus.

Os feitos de João Gonçalves ficaram conhecidos das autoridades portuguesas a partir de 1779, quando o então governador do Estado da Bahia Manuel da Cunha Menezes, ficou sabendo das diversas atividades desenvolvidas por ele, principalmente a abertura das estradas que permitia o escoamento da produção do interior da Bahia para a Europa. Sobre João Gonçalves o Governador afirma:

Lembrei-me de abrir uma estrada, que em linha reta cortasse pelo meio da Capitania até sair na estrada geral do Rio São Francisco, para cujo efeito, tendo noticia de um homem, que com a sua família vivia nas cabeceiras da citada Capitania, no sertão da ressaca, chamado João Gonçalves, o qual obrigando-se não sei o motivo para aquele deserto por dilatado tempo, não logrou ver o fruto do seu trabalho, ...mas como lhe foi agregando alguns casais de índios domésticos e teve com que comprar alguns escravos, hoje tem no racho (*arraial da Conquista*) mais de 60 pessoas e rodeados das fazendas de gado, fornece gado para Nazaré. Fiz vir o homem a minha presença, propus-lhe as conveniências que se lhe seguiriam se houvesse um caminho mais curto e para umas povoações sem açougues e sem gados para a lavoura e transportes, e povoações para onde principiava a entrar com abundancia dinheiro da Fazenda Real e de Particulares, para madeira de construção de navios e de outras embarcações menores: não lhe desagradou a proposta, prometendo-me entregar a estrada em 3 anos. No mês de outubro passado, se concluiu a estrada parando o honrado homem com sua gente no sitio chamado Funil, sitio do próprio, para dele destacarem as estradas para as demais vilas *entre Ilhéus, Camamu, Jaguaribe e Salvador*. (grifos meus). (MENEZES, 12 de agosto de 1780)

Esta foi a primeira notícia oficial sobre a existência do arraial da Conquista, bem como o Português João Gonçalves e sua gente. Como o próprio Governador

afirma, nesse período, 1780, já existia cerca de 60 pessoas morando no Arraial. Após ser conhecido pelas autoridades Portuguesas, em 1781, João Gonçalves da Costa ganha o título de Capitão Mor da Conquista e do Sertão da Ressaca. Esse fato é confirmado em Carta Patente do Governador da Bahia Marquês de Valença em 31 de julho de 1781.

Com sua patente de capitão em mãos, João Gonçalves da Costa, ganha não somente reconhecimento, mas a titularidade de suas terras que iam muito além das fronteiras da Bahia, e assim continua expandindo o território e aumentando suas propriedades, como foi relatado em sua memória sumária e compendiosa da conquista do Rio Pardo (1807). Nela João Gonçalves narra a ocupação territorial ao sul do Rio Pardo entre os atuais municípios de Encruzilhada, Macarani e divisa Bahia/Minas Gerais, no passado essas terras pertenciam a Vitória da Conquista-Ba. Em outra narrativa, João Gonçalves aponta outra ocupação territorial na Barra do Catolé- atual Itapetinga. Segundo Costa (1807), seguindo sua trajetória pelo rio, várias tribos de botocudos se avistavam fumegando nas florestas, após sua navegação pelo Rio Pardo entre a barra do Catolé até a foz, em Canavieiras, João Gonçalves da Costa, partiu pelo litoral até Ilhéus e, de lá negociou com o Governador Conde da Ponte, a abertura de uma estrada entre o litoral e sertão, a qual devido a sua idade avançada não teve condições de seguir na empreita. A estrada foi iniciada em 1810, pelo brigadeiro Felisberto Caldeira Brant Pontes, aproveitando os trechos de estrada construídos pelo Capitão Mor João Gonçalves entre o Valo fundo e a barra do Rio Catolé no Rio Pardo.

Vale destacar que o processo de ocupação territorial na Bahia foi realizado imerso em resistências dos povos nativos, que em diversos pontos do Território do Sertão da Ressaca, entraram em conflito armado. Evidenciando-se assim, que o projeto de ocupação foi construído nos limites da oposição da própria vivência territorial dos nativos. Percebe-se com isso que a política de ampliação do território implantada pela Coroa Portuguesa, proporcionou diversos confrontos no contexto cultural, social e territorial, em contrapartida, foram elaborados planos de

controle legislativo para tentar solucionar as contradições emanadas desse processo de ocupação territorial no interior da Bahia e em todas as partes da Colônia.

Toda essa ocupação territorial pode ser confirmada em uma documentação original de 1817, escrita pelo Príncipe Maximiliano de Wied Neuwied que percorreu o trajeto entre ilhéus e a divisa de Bahia com Minas Gerais. Em sua trajetória por este território Wied (1817), observou toda a natureza e os aspectos socioespaciais existentes naquele período. Com base em suas anotações, foi possível elaborar um mapa demonstrando as principais ocupações territoriais existentes no início do século XIX e toda a extensão territorial comandada por João Gonçalves da Costa e, por conseguinte, transferida para os domínios econômicos e políticos de Vitória da Conquista. (ver mapa da figura 2).

Wied-Neuwied (1817), além de abordar toda a relação sociedade/natureza existente aqui na Bahia no início do século XIX, garantiu uma fonte primorosa sobre o contexto espaço-tempo de Vitória da Conquista, na medida em que descreveu não somente os aspectos naturais das paisagens que ainda hoje pode ser comparada, mas também, mapeou e demarcou no território os primórdios da espacialização de cada uma das principais cidades da Bahia nos dias atuais. Com isso, hoje é possível ter uma noção dessa espacialização e toda a sua formação territorial, mediante o mapeamento de seu percurso em 1817 pelo interior da Bahia denominado naquela época de Sertão da Ressaca. (ver mapa da figura 03)

É importante destacar que processo de ocupação do território no Brasil Colônia fazia parte de projeto maior dos Portugueses, com objetivos, que consistia na acumulação primitiva de capital ancorado na expansão comercial e na ampliação cada vez maior dos lucros alcançados pela utilização do trabalho escravo.

CAMINHOS DE MAXIMILIANO WIED-NEUWIED-1817

VIAGEM AO BRASIL: DE ILHÉUS À MINAS-DE-MINAS À CONQUISTA-DE-CONQUISTA À CAPITAL DA BAHIA



Figura 3 - Mapa do percurso percorrido pelo Príncipe Maximiliano de Wied Neuwied no interior da Bahia 1817. Fonte: elaborado pelo autor com base na reconstituição cartográfica do século XIX, e dados do Livro Viagem ao Brasil de Maximiliano-1817.

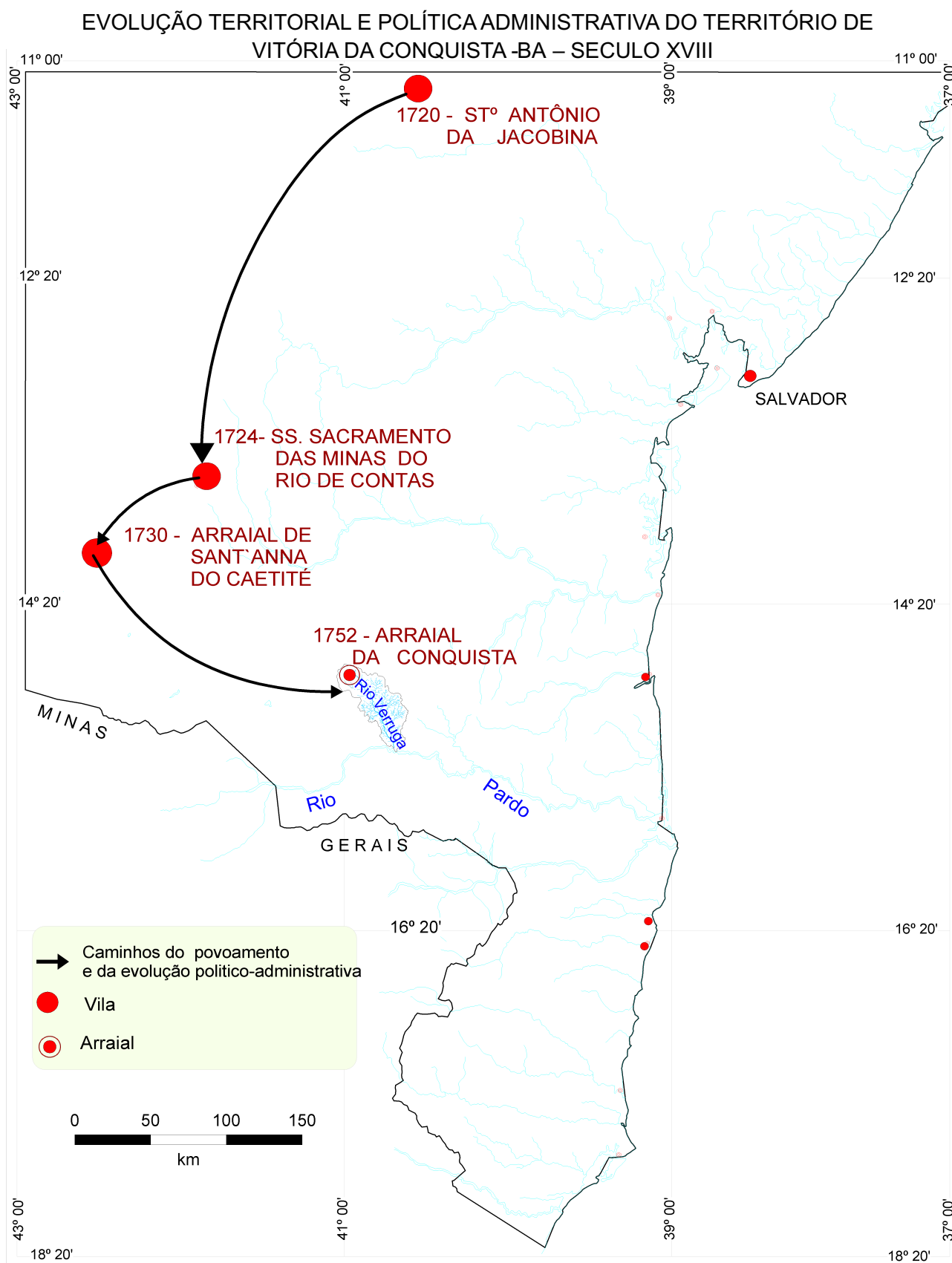


Figura 4 - Mapa da Evolução territorial – Política Administrativa do Território de Vitória da Conquista-BA. Fonte: elaborado pelo autor com base na reconstituição cartográfica do século XVIII e informações da SEI-2003.

Esse processo de colonização não significou somente a anexação de novos territórios ao domínio português, mas também um processo geoestratégico, cuja ação política estava centrada na conquista das terras propriamente dita, na exploração dos habitantes locais e no tráfico de escravos. Para a consolidação dessas geoestratégias o governo Português contou com pessoas que estavam dispostas a cumprir suas metas, aplicando uma legislação cujo comando central, era baseado numa hierarquia exterior e metropolitana.

No interior da Colônia, havia uma população mesclada e, ao mesmo tempo ilhada no território, que aos poucos iam constituindo culturas diversas, sob uma mesma base territorial, com ilhas de desenvolvimento (SANTOS 2004), devido à grande extensão territorial e a falta de caminhos que interligassem os diversos pontos ocupados. Quanto à continuidade das terras, há de considerar que ela é remanescente da Vila de Santo Antônio da Jacobina, criada em 1720, que administrava toda a extensão de terras entre o sertão da margem direita do Rio São Francisco e o litoral sul baiano e sua fronteira com Minas Gerais; cuja dimensão territorial era maior que a Espanha. (ver mapa da figura 04).

Dessa comarca, surgiu em 1724, a Vila do Sacramento das Minas do Rio de Contas, cuja dimensão territorial estava em torno de 100.000 km². Ao Sul surgiu Minas Novas que comandava toda a extensão de terras entre o São Francisco, e o Rio Pardo; e entre Minas Novas e Rio das Contas, vários pontos de apoio foram aparecendo ao longo do século XVIII. Nesse fracionamento a Vila do Rio de Contas passa então a comandar toda essa porção territorial, inclusive as terras pertencentes ao Arraial de Sant'anna do Caetité (1730) e do Arraial da Conquista (1750). Por volta de 1810, ocorre o desmembramento da Vila Nova do Príncipe e Santana do Caetité, com uma extensão territorial de cerca de 52.000 km². Em 1840, desmembra-se o arraial da Conquista, que passa a ter o status de Villa.

5.2 Transformações socioespaciais na expansão urbana e gênese da moderna cidade de Vitória da Conquista-BA

Existem diversas versões para a gênese do povoado que se transformou na cidade de Conquista e, de como ela era no passado. Uma delas pode ser observada nos manuscritos de viajantes europeus por essa região:

“Arraial da conquista, principal localidade do distrito, é quase tão importante quanto qualquer Vila do litoral. Contam-se aqui, umas quarenta casas baixas e uma igreja em construção. Os moradores são pobres, daí a razão porque os ricos proprietários das redondezas empreenderam a construção da igreja as suas expensas... Além dos recursos da cultura dos campos, a venda do algodão e a passagem de boiadas, proporcionam os meios de vida da população... passam por aqui, boiadas que chegam a mil cabeças por semana, que se destinam a capital”. (WIED-NEUWIED, 1817 p. 409).

O crescimento do povoado ocorre principalmente pela sua localização estratégica, isto é, ponto de ligação entre o litoral e o sertão baiano, além disso, possuía e ainda possui uma condição climática favorável para os viajantes que por aqui passavam e acabam ficando. Essa realidade do Arraial da Conquista é mostrada por Wied-Neuwied em 1817:

A situação de Conquista não é desagradável, sobretudo por que do fundo do vale, cercado de colinas suavemente inclinadas, avistam-se os flancos e os cimos dessas colinas cobertas de matas. Numa das vertentes, sombreada por umbrosas florestas, Conquista forma uma retângulo alongado. A igreja construída no lado mais alto ocupa o meio deste. As matas espessas que enchem toda a área em volta do retângulo dão-lhe a aparência de um prado verde claro e tornam muito agradável o aspecto da vila. (WIED-NEUWIED, 1817 p. 410).

A forma urbana de Vitória da Conquista em 1817 já possuía uma característica das cidades da Europa que em sua planificação, os traçados das ruas seguiam o modelo matemático e no caso Conquista como bem demonstrou Wied-Neuwied, a forma retangular da vila já demonstrava os indícios de uma tenra urbanização no estilo modernista que a definia. Ao centro dessa área quase retangular foi construída a primeira igreja matriz, tradição de toda a colonização Portuguesa no Brasil, todo povoado cujas funções eram habitar descendentes diretos de Portugal, tinha como primeiro passo a construção da igreja, símbolo da religiosidade predominante em toda a sociedade europeia dos séculos XVI, XVII e XVIII; que foi introduzido no território da colônia e marcava toda a tenra morfologia urbana que surgia com as povoações, veja a foto da figura 5, a localização da igreja e a espacialidade da praça.



Figura 5- Foto da Primeira Igreja Católica Construída entre 1809 e 1820, ao fundo, casas coloniais do período, é o marco inicial do Arraial da Conquista-BA. Fonte: Arquivo público municipal-2009

Assim, o arraial cresce e passa a ter no início do século XIX, status de Vila, cuja principal atividade econômica é o comércio, aliado à criação de gado. (Observe o mapa da figura 06).

A expansão da aglomeração na Villa Victória, que foi predominante até o início do século XX, extrapola o Retângulo descrito por Wied-Neuwied (1917), e passa a ter novas ruas que eram marcadas pela irregularidade do traçado, cujas estruturas apresentavam-se em leito carroçável estreito; cercado de terrenos que mais confundiam-se com fazendas.

Os arruados eram constituídos em sua maioria de casas alinhadas umas com as outras sem espaços de circulação entre ambas, os terrenos das casas estendiam-se até os fundos de vale, e ou encostas de morros, predominavam também construções junto às estradas e ou caminhos de roça, que normalmente só trafegavam as tropas e os animais oriundos das fazendas que circundavam o núcleo urbano desse período e ou das tropas oriundas do São Francisco e do Norte de Minas Gerais, com destino ao litoral.

A transição para uma urbanização de fato, cuja expansão da aglomeração fosse estabelecida, ocorre de forma muito lenta e gradual. Logo os primeiros arruados ganham contornos mais retilíneos, chegando a compor uma forma urbana predominante no século XIX, que são as ruas em sistema ortogonal.

No mapa figura 06, observa-se algumas questões da formação territorial da cidade de Vitória da Conquista. Uma dessas questões é que no lugar que se localiza a feira livre do Século XIX e a igreja matriz ao lado da Rua Grande, são onde atualmente funciona o centro administrativo, econômico e financeiro da cidade. Sendo que o trecho do rio verruga visível no mapa de 1840, hoje é canalizado, passando a ter suas águas correndo em canais subterrâneos, desde meados do século XX.

De acordo com Neuwied (1817), Conquista possuía uma aparência que agradava os visitantes, sobretudo porque do fundo do vale, cercado de colinas suavemente inclinadas, avistam-se os flancos e os cimos dessas colinas cobertas por matas. Essa observação da paisagem do lugar que passou a ser a atual cidade de Vitória da Conquista, já possuía no início do século XIX, uma configuração bastante singular como descreve Neuwied, “numa das vertentes, sombreada por umbrosas florestas, Conquista forma um retângulo alongado”,

com uma igreja construída no lado mais alto, ocupando todo o centro do retângulo, percebido pelo Príncipe em 1817.



Figura 6- mapa da Villa Imperial Victória – Núcleo urbano de 1840. Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados municipais e fotos do final do século XIX e início do século XX

Eis aí uma definição clara da composição inicial da forma urbana que a cidade de Vitória da Conquista passaria a ter dos primórdios de sua urbanização até meados do século XX. Essa forma inicial foi definida pela topografia do lugar e pela herança dos Colonizadores Europeus que tinha como princípio básico o Catolicismo atrelado ao Estado e, por conseguinte, em todos os vilarejos fundados no Brasil nesse período, a primeira obra a ser construída era uma igreja para demonstrar como deveria ser a conduta social e culturas dos moradores de cada lugar.

A configuração territorial e a espacialidade do arraial que, passou a ter o status vila e mais tarde tornou-se Vitória da Conquista, foi constatada desde 1808, por um Viajante da Coroa que descreve: “A Villa está edificada em terrenos acidentados ao pé da serra do Periperi. As casas são térreas e a maior parte de telhas. A praça é quadriculada e de ladeira, ficando no centro a Matriz. (...)” (AGUIAR, 1979.). O núcleo urbano do Arraial da Conquista durante a primeira metade do século XIX passa ser a Villa Victória em 1840.

Essa estrutura do vilarejo pode ser visualizada na (foto da figura 6), percebe que o ritmo socioespacial da vila nesse período foi moldado pela condição econômica dos habitantes da época que se resumia às famílias do Capitão mor Antônio Dias de Miranda e seus descendentes, as famílias do Coronel João Gonçalves da Costa e seus descendentes, além de alguns outros comerciantes, tropeiros, vaqueiros, ferreiros e artesãos que por aqui aportaram.

Isso por que durante muito tempo por mais de dois séculos (séc. XVIII e XIX), a atividade econômica que prevalecia nas terras pertencentes a atual Vitória da Conquista era a pecuária extensiva que não necessitava de grande quantidade de mão de obra, mesmo tendo à disposição na época a mão de obra escrava, e indígenas para realizar tarefas, a vasta região não era povoada tão densamente.

Em uma fala do Príncipe Neuwied (1817) ele confirma essa condição socioespacial da época quando ele diz “o Governo colocou nessas aldeias, diretores portugueses para civilizar os selvagens”; mas esse processo atua muito lentamente e com pouca eficácia, pois os “diretores são eles próprios, homens

incultos, muitas vezes soldados e ou marinheiros”. Segundo Neuwied, estes serviam apenas para escravizar índios e fiscalizar os já escravos negros trazidos da África.

O Arraial da Conquista teve suas primeiras edificações construídas às margens do Rio Verruga no local que mais tarde foi chamado de rua grande, hoje três praças: Praça Caixeiro Viajantes, Praça Barão do Rio Branco e Praça Tancredo Neves. A presença da água explica o início do núcleo urbano nessa posição, assim como todas as cidades brasileiras que tiveram origem no século XVI ao XIX, todas elas tiveram um núcleo central às margens de um rio ou de uma lagoa. No caso do Arraial da Conquista, as casas foram edificadas com os fundos de quintais voltados para a beira do córrego que marca o leito principal Rio Verruga. Os primeiros arruamentos seguiu o curso do rio, com ruas perpendiculares que davam passagem de um lado para o outro, a rua grande era o centro de tudo e funcionou como principal centro funcional desde a sua fundação até meados da década de 1940, quando teve sua ampla espacialidade subdividida em quarteirões e praças menores.

A preocupação com certa planificação já era perceptível em Conquista desde os anos de 1840 quando da sua passagem de Arraial para Villa Victória. O perfil urbano de Conquista era definido por representantes da comunidade que estava em formação nessa época. Havia uma preocupação com a expansão urbana principalmente com a abertura de becos e travessas perpendiculares ao centro da Vila que funcionava ao redor da Rua Grande.

Logo após a passagem para o status de Vila em 1841, foi criada uma comissão para elaborar e definir a abertura de novas ruas do Vilarejo Segundo essa comissão (1841) deveria haver três becos, novos com duas braças de largura cada um, outro em direitura à fonte, lugar indispensável para o trânsito dos que vão buscar água. Na rua nova também uma outra abertura com quatro braças e meia, por ser a ligação com a Estrada Geral que se segue para diferentes lugares.

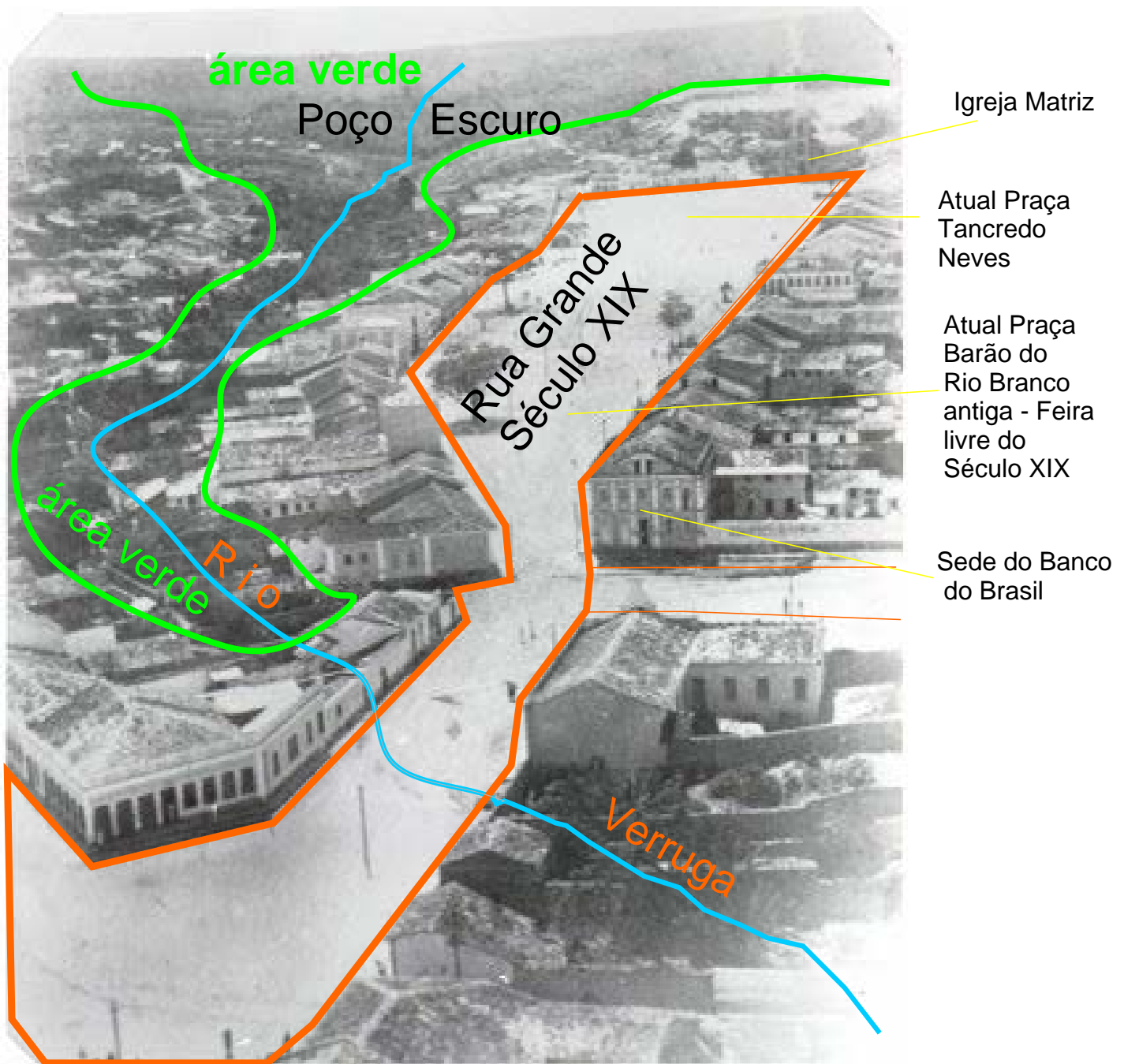


Figura 7- Rua Grande final do século XIX, atual Praça Tancredo Neves e Praça Barão do Rio Branco-Fonte: Elaborado pelo autor-2011 Fotos: arquivo municipal.

A comissão segue o seu planejamento, apontando ainda mais quatro ruas travessas, e uma direita além das existentes, para com isso melhorarem o fluxo de pessoas e animais nessa estrutura que aos poucos se constrói. Vale lembrar

que passavam pela Vila Imperial Victória em 1840, mais de “duas mil cabeças de gado por semana”, (AGUIAR, 1979), de certa forma, isso preocupava os moradores pela convivência entre essa grande quantidade de gado e as pessoas que aqui habitavam. Assim, a necessidade de expandir o número de ruas o mais rápido possível para que as boiadas não mais trafegassem pelas ruas centrais do Vilarejo e, acomodar os migrantes que chegavam.

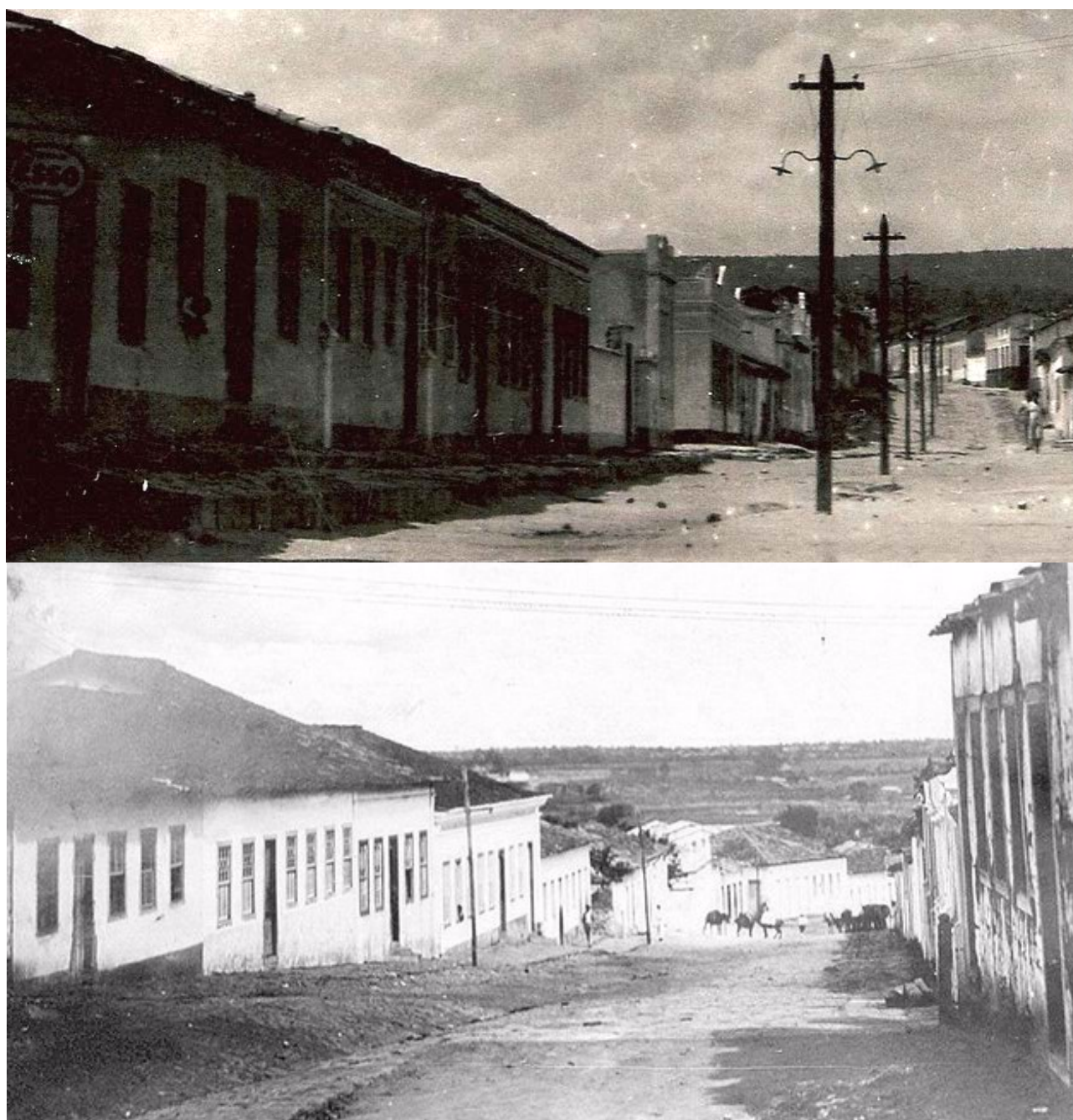


Figura 08- Aspectos das ruas e o tipo de construções edificadas Vitória da Conquista no século XIX e início do século XX. fonte: arquivo público municipal 2009.

Na Villa Victória, antiga Conquista do século XIX, embora a topografia do núcleo urbano estivesse em declive acentuado, inicialmente prevaleceu a construção de casas térreas uma ao lado da outra sem espaço e limite entre as edificações, seguindo um padrão arquitetônico português, com os casarões geminados e alinhados direto com a rua, tais construções, seguiam um padrão de moradia que utilizava-se de materiais existentes ao redor do Vilarejo, tais como tijolos, fabricados o barro do próprio quintal e telhas produzidas com argila das planícies de inundação que circundavam toda a Vila.

Nas moradias do século XIX, as telhas e tijolos eram fabricadas pelos próprios moradores dos quais utilizavam-se de pequenos fornos fabricados por eles mesmo na queima da cerâmica- (são as populares olarias- termo empregado para explicar o funcionamento da fabrica de telhas de e tijolos de cerâmica).

Outro material bastante utilizado eram as madeiras de grande porte para batentes, portas e janelas que encontrava-se em abundancia no território, as portas e janelas eram fabricadas com madeira de forma mais robusta possível já que naquele período nesse contexto inicial, não utilizavam o concreto a base de cimento para as edificações. Segundo Castells (2000), a questão da moradia pode ser desvendada pela compreensão do processo social que a determina, assim destaca que:

A quantidade, a qualidade, o status e a forma da moradia resultam da conjunção de quatro sistemas: o sistema de produção deste bem durável que ela representa, o sistema de distribuição social deste produto; o sistema de distribuição social dos homens (função de seu lugar na produção e na gestão); o sistema de correspondência entre dois ou mais sistemas de distribuição. O resultado assim obtido, articula-se no sistema ideológico (utopias urbanísticas, imagens arquiteturais etc.) que o reforça e dá-lhe uma coerência, através de sua constituição em forma material e em mito residencial. A profundidade significativa da moradia pode ser desvendada desta forma, a partir da compreensão do processo social que o determina. (CASTELLS, 2000, p. 209).

De acordo com a forma da moradia, seu processo de fabricação, os utensílios utilizados em cada época, e o seu mecanismo de evolução pode-se compreender como seu uso se tornou socialmente reconhecido e economicamente necessário. É importante destacar que a ocupação deste tipo de habitat, ou seja, os casarões geminados do século XIX, no primeiro momento, foram a base da elite que comandava a sociedade local e num segundo momento, com o advento de novas tecnologias da construção tais casarões perderam o seu atrativo arquitetônico, sendo na maioria das vezes abandonados ou demolidos para a construção de novos modelos de moradia.

No território próximo à Villa Victória não existia tantos vilarejos por perto. O que existia eram pontos de parada das tropas entre a Capital baiana e Minas Gerais passando pelo interior dos dois Estados; e pontos de parada entre o litoral sul da Bahia e as áreas de mineração - Chapada de Diamantina e Minas Gerais - passando pelas terras pertencentes a então Vila Victória. Mais tarde esses pontos de parada de tropas e tropeiros constituíram-se em arraiais e posteriormente vilarejos. Com o passar dos anos, as relações socioespaciais advindas dessa formação social incorpora novos valores sociais e os costumes da população local, passa por alterações significativas seja pelas demandas econômicas e socioculturais, seja pela expansão das formas e funções comerciais que a Villa Victória passa a exercer. Esse fenômeno acentua a estratificação social e a cada momento, novas classes sociais surgem no núcleo urbano, seja pelo fim da escravatura ou mesmo pela fixação de viajantes que passavam por aqui e aqui ficavam.

Assim, percebe-se que a estrutura espacial da sociedade conquistense, remonta a própria origem e, os traços socioculturais presentes no convívio citadino é resultado de toda essa formação. Outro fator a considerar é que o status de Vila perdura por mais de 50 anos e, em 1840, ocorre sua emancipação, passando para a categoria de cidade, embora, permanecesse com a mesma característica analisada anteriormente que era a de centro comercial e produtor de itens oriundos da atividade agropecuária.

No início do século XX, a estrutura socioeconômica urbana de Vitória da Conquista é comandada pelo processo produtivo de pequenos produtores, aliada a uma ocupação nas margens dos rios e ou nas planícies de inundação, pois, com o a abolição da escravatura em 1888, uma grande massa humana e negra, migra para o espaço urbano. Ocupando áreas próximas de alagados (mananciais e nascentes), ou para os povoados e distritos que compunham o município de Vitória da Conquista, o que requer uma mudança de comportamento tanto por parte da burguesia local, que começa a defender suas terras de possíveis invasões, quanto por parte das autoridades governamentais que ditam medidas para manter a “ordem” estabelecida.

Do ponto de vista econômico, Vitória da Conquista permanece com a predominância da agropecuária e do comércio local. Estende-se daí uma influência maior para a formação de uma rede de pequenas localidades que mais tarde consolida-se como um pólo regional. Essa influencia firmou-se, entre as décadas de 1930 e 1940, quando inicia-se a construção de várias rodovias como é o caso da BR 116 (Rio-Bahia), da BR 415(Rodovia Conquista Ilhéus), e da BR 407, que antes era apenas caminho de tropeiros, constituindo-se, numa malha rodoviária intensa, ligando o centro urbano ao Centro-sul e ao Nordeste do país e o litoral baiano ao Oeste da Bahia.

As transformações espaciais foram mais visíveis na medida em que se intensificava a urbanização. Com a expansão urbana, percebe-se a diminuição da cobertura vegetal. No caso de Vitória da Conquista, a malha urbana está montada numa estrutura de drenagem que compreende diversas nascentes e mananciais da bacia do Rio Verruga. Evidencia-se aí, uma redução drástica das matas ciliares e como consequência, a diminuição do fluxo d'água natural da bacia.

Entre 1840 e 1940, período de consolidação do espaço urbano de Vitória da Conquista-Ba, várias foram as alterações sofridas pelo Rio Verruga no trecho urbano da cidade, nele destacamos a diminuição das matas ciliares nos diversos cursos d'água do espaço urbano. A retilinização e terraceamento do canal

principal do Rio, passando ser receptáculo de águas residuárias e de toda a poluição produzida pela população local. (ver mapas figura 9 e 10).

A expansão do espaço urbano em Vitória da Conquista fez com que houvesse uma diminuição contínua do ambiente natural no entorno das principais nascentes do alto rio Verruga, dando lugar a problemas urbanos como o da erosão, desmoronamentos de encostas, assoreamento dos cursos d'água, uso de áreas para deposição de lixo, entre outros. Essa expansão é marcada essencialmente pela inserção da cidade no processo produtivo do capitalismo. Como é o caso da implantação na década de 1970, do distrito industrial dos Imborés às margens da BR 116, consolidado nos anos oitenta e noventa do século XX. Assim, novas dimensões do território urbano são definidas a partir de 1980, incorporando grande parte das áreas de produção agrícola ao perímetro urbano da cidade.

Essa expansão urbana proporcionou algumas mudanças significativas no curso principal no alto rio Verruga. Comparando os mapas das figuras 9 e 10, percebe-se que entre o início da urbanização, até meados do século XX, a calha do rio Verruga sofreu um processo de retificação, alterando o curso e o leito natural do rio, com isso, outros processos foram sucedendo-se a este, destacando-se a canalização de grande trecho do canal do rio, e um conseqüente aterro de áreas inundáveis, proporcionando uma mudança completa no ambiente que antes possuía uma extensa faixa de vegetação arbórea e, algumas áreas de planície de inundação. No mapa da figura 10, destacam-se alguns pontos que sofreram essas mudanças, como é o caso da extensa faixa de terras onde fica o centro urbano da cidade, a central de abastecimento, a Avenida Bartolomeu de Gusmão e outros pontos como a Baixa da Égua, Lagoa do Jurema e a Baixa do Sapo nestas áreas foram grandes as alterações feitas com o aterro e ou corte de terreno, provocando um desnível terreno e uma alteração da carga exutória da bacia neste trecho.

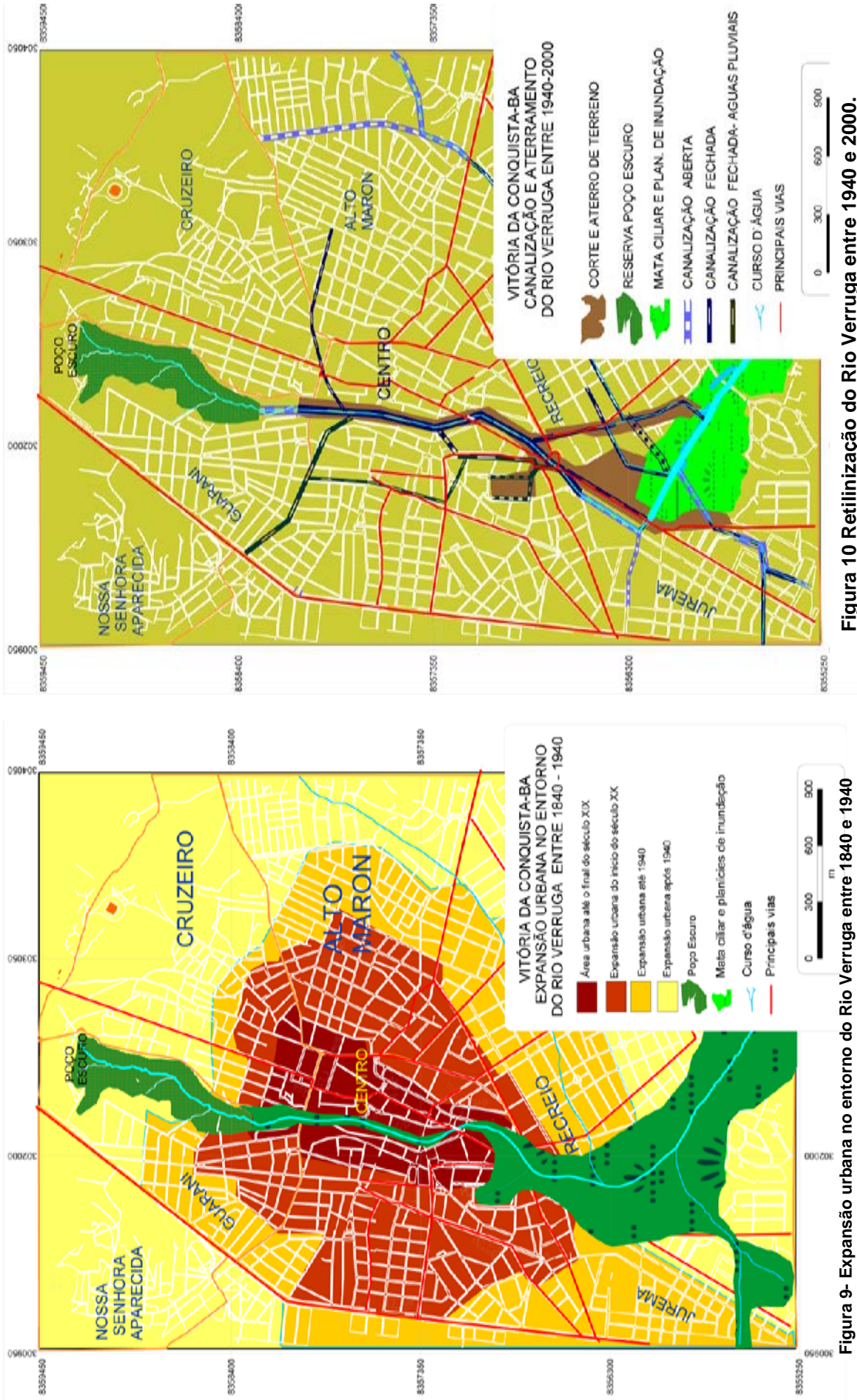


Figura 9- Expansão urbana no entorno do Rio Verruga entre 1840 e 1940
Fonte: elaborado pelo autor com base em dados da PMVC-2009.

Figura 10 Retilização do Rio Verruga entre 1940 e 2000.
Fonte: elaborado pelo autor com base em dados da PMVC 2009

Neste contexto é que se define a contradição das relações de produção desenvolvidas no âmbito da configuração do território de Vitória da Conquista, tendo em vista a problemática ambiental e toda sua complexidade, sendo um espaço bem sucedido na produção agrícola e ao mesmo tempo, um grande aglomerado industrial de abrangência regional, comportando forças produtivas distintas, causando um descompasso entre o processo de desenvolvimento social e o produtivo, em detrimento das alterações do ritmo da natureza, ou seja, vivenciamos dois tempos em um mesmo espaço, o da natureza e o da sociedade.

5.3 Vitória da Conquista: um espaço urbanizado

Aqui, a preocupação é explicar o processo de urbanização de Vitória da Conquista, de modo a situar as condições que em período recente potencializaram a centralização de uma economia regional, calcada nas desigualdades sociais que caracteriza a cidade como um todo. Há, pois que considerar tanto as condições externas do processo que possibilitaram a formação regional e o próprio surgimento da cidade, quanto às condições internas que engendraram atividades e população à cidade, de modo a mostrar que a formação urbana e regional expressa o desenvolvimento da produção mercantil, industrial e agropecuária.

No entanto, há também de se considerar aqui as bases conceituais que fundamentam toda a temática estudada. Nesse sentido, cabe-nos destacar como se relacionam os fatores e categoriais da ciência geográfica com a infraestrutura traçada para a consolidação dos conceitos teóricos escolhidos.

Como fator dessa consolidação, fica claro o aparecimento de novos conglomerados urbanos mesmo nas cidades existentes. Constata-se a expansão de seu crescimento associado, por um lado à industrialização e modernização e

por outro, fatores internos como a crescente terceirização e, expansão da organização espacial específica.

As aceleradas expansões das cidades geram uma diferenciação no arranjo espacial, que muitos autores classificam como segregação, associada a diferenciação espacial. Harvey (2006) considera que a diferenciação residencial deve ser interpretada em termos de reprodução das classes sociais dentro da sociedade capitalista. Afirma que a estabilidade de um bairro e seus sistemas de valores leva a reprodução e permanência de grupos sociais dentro de estruturas residenciais, enquanto que a segregação gira em torno da renda real.

Sistematizando o que foi colocado, pode-se dizer que a evolução do espaço urbano passa essencialmente por uma singularidade da totalidade enquanto processo dinâmico e contínuo do lugar. Marx, analisando a ação do capitalismo sobre o espaço, adverte que a historicidade aparece como campo de mediação entre a singularidade e universalidade do lugar, manifestado, entre a vida econômica, a cultura e a política. Neste caso, a história seria o fio condutor para se chegar a compreensão da totalidade social evidenciada no espaço socialmente produzido.

Vale, entretanto, destacar um ponto que preconiza um antagonismo entre a concepção da relação de produção com o processo de formação do econômico-social. Da mesma forma que a construção social do espaço não se manifesta determinada por uma causalidade advinda das condições naturais, a formação do econômico-social restringe a uma estrutura dominante que, possibilita o surgimento de outras ações norteadas por ele.

Este fato é consumado por uma materialidade social onde as ações se concretizam. De acordo com Corrêa (1991), “a organização social é materialidade e, uma dimensão da totalidade social construída pelo homem ao fazer sua própria história”. Ela é a própria sociedade espacializada.

A organização do espaço em uma determinada cidade e, neste caso de estudo, uma cidade de médio porte, traduz-se numa hierarquização dos centros urbanos da região, pois, os bens de serviços têm uma localização diferenciada

segundo os diversos graus de necessidades da população vinculadas ao mercado, e as facilidades de vias de comunicação e transporte estabelecidas pela acessibilidade ao local. Isso reflete nas condições de absorção ou repulsão entre o desdobramento das atividades e dos movimentos sociais que tem como palco o espaço socialmente produzido.

Se analisarmos de forma mais profunda o fenômeno da urbanização, deparar-nos-emos com a dificuldade de definir e concretizar a sua identidade específica. Poderíamos utilizar um critério funcional que, segundo Santos (2008), as cidades seriam um organismo urbano que atende as necessidades primárias e imediatas das populações locais. No entanto, queremos concretizar a cidade como palco da evolução social que, para compreender a sua importância e seus limites, é necessário compreender a divisão do trabalho e a ideologia, o que as distingue e o que indissociavelmente as liga.

No caso de Vitória da Conquista, a urbanização é marcada pela rápida expansão do número de habitantes no meio urbano. Segundo dados do IBGE (1992), em aproximadamente 40 anos, entre 1950 e 1990, a distribuição da população urbana/rural se inverteram. Passamos de praticamente 65% de população rural nos anos 50, para mais de 75% em 1991, e, praticamente 90% de população urbana em 2010.

Este fenômeno é explicado por alguns fatores intrínsecos aos momentos históricos vivenciados e, por uma exterioridade particular que pode ser definida pelo fato de Vitória da Conquista, ser uma cidade cortada por diversas rodovias federais que ligam o Brasil de Norte a Sul e Oeste a leste. Assim, as relações de produção que ao longo do tempo materializaram-se aqui, conduziram a uma concentração populacional baseada na relação de trabalho e consumo, pessoas que aqui chegaram, fixaram residências e com isso, dobrou a população urbana em pouco mais de 25 anos, o que não se conseguiria apenas com a taxa de natalidade do lugar.

Nota-se, como fatores, a localização geográfica da cidade que funciona como pólo regional, por situar-se num entroncamento rodoviário, além do grande

fascínio da cidade sobre o homem, criando uma impressão de se conseguir uma vida mais fácil, isto é, maior possibilidade de ascensão social. Além da grande taxa de natalidade que, associada à “melhoria” das condições de vida daqueles que compunham a paisagem urbana.

A taxa de urbanização da cidade sempre esteve acima ou igual à média nacional o que demonstra uma tendência de consolidação de um espaço urbano da cidade pólo regional. Essas causas expressam a consequência do fenômeno urbanização, que por sua vez resulta num aglomerado humano, composto pela diferenciação da estrutura espacial das residências nos bairros da cidade.

Alguns bairros possuem uma característica mais popular e por consequência um maior adensamento populacional, essas características forma surgindo seja pela adoção das políticas públicas de habitação popular ou pela incorporação de loteamentos mais baratos, voltados para uma faixa populacional de menor poder aquisitivo, é o caso dos Bairros Brasil, Ibirapuera e Patagônia, que surgiram por intermédio de extensos loteamentos entre os anos de 1950 e 1970, como também o bairro Zabelê que possui vários assentamentos populares implantados pelas políticas públicas habitacionais entre os anos de 1970 e 1990. Nestes quatro bairros citados, concentram cerca de 100.000 habitantes, sendo, portanto os mais populosos da cidade. (veja o mapa da figura 11).

Com relação à distribuição da população urbana em Vitória da Conquista tem-se a seguinte estrutura. Dos 24 bairros existentes, há uma concentração maior nos bairros da zona oeste, tais como o bairro Patagônia, o Bairro Brasil e o Bairro Zabelê, que juntos possuem 35% da população urbana. Na cidade há bairros que embora seja extenso territorialmente, possuem menos de 15% da sua área ocupada, é o caso dos bairros Airton Senna e Universidade que, possuem pouco mais de 1.000 habitantes e sua estrutura de lotes suportam mais de 20 mil moradias algo em torno de 100 mil habitantes. Isto em condições normais de ocupação. (Veremos mais sobre essa questão no capítulo VI).

Mas ao passo que ocorre a consolidação do urbano, aumenta as desigualdades socioespaciais na cidade, sobretudo nos bairros mais distantes do

centro como é o caso do Zabelê, Jatobá, Cruzeiro e Espírito Santo; nessas áreas concentram a grande maioria da população de baixa renda é onde existe também um grande numero de autoconstruções de moradias.

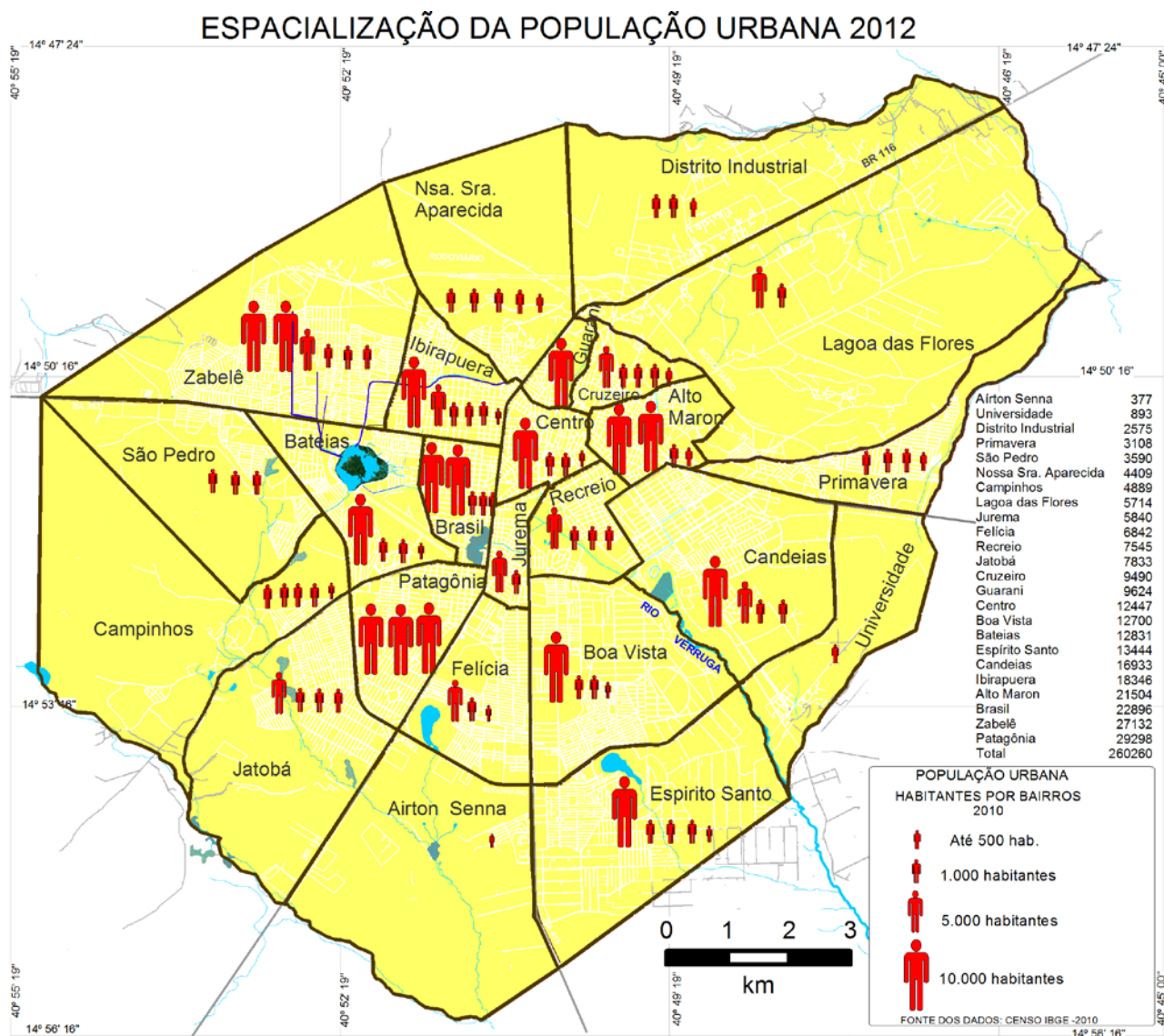


Figura 11- Espacialização da população urbana de Vitória da Conquista - 2012. Fonte: Produzido pelo autor com base nos dados do Censo do IBGE- 2010.

Neste contexto, nota-se que o processo de urbanização veio acompanhado de enormes desafios para a cidade. De um lado, o rápido crescimento da população, surgindo grandes aglomerados urbanos. De outro, a capacidade de uso e ocupação do solo urbano pelos atores que compõem o processo de urbanização.

Assim, a representação do urbano pode ser entendida como sendo uma importante ação que remete à geografia o desenvolvimento de ferramentas de estudo da cidade, de forma a compreender o processo de urbanização que evoluiu até o estágio atual e, futuras projeções das formas e dinâmicas que possivelmente desencadearam nesse processo.

A operacionalização do plano de estudo sobre os níveis de concentração, e da diferenciação da estrutura espacial urbana de Vitória da Conquista se faz mediante à constatação das variáveis aplicadas ao desenvolvimento desta pesquisa que consiste na diferenciação urbana onde entra as causas, a configuração e a intensidade de sua intensa ocorrência e, a renda que está sendo considerada a sua origem, distribuição e nível de concentração. Essa retomada do direcionamento das ações do nosso trabalho é na verdade uma forma de redefinir as áreas urbanas da cidade.

O ponto básico para a compreensão deste direcionamento está na identificação das contradições espaciais que forma a estrutura urbana que, segundo Armando Corrêa (1992, p.120), “a contradição espacial é também uma contradição econômica”. Neste sentido, a retomada do processo de formação do espaço urbano em Vitória da Conquista é essencial para essa compreensão.

Através da atividade terciária escudada na força dos comerciantes exportadores e importadores que, sempre buscou atender as necessidades dos moradores locais e na ampliação do seu raio de atuação, observa-se que em Vitória da Conquista houve um carreamento de lucros da produção agropecuária, ao longo do século XIX e início do século XX, onde novas áreas e fronteiras se consolidam em torno de sua ação.

No decorrer do século XX, Vitória da Conquista sempre foi uma cidade com forte comércio varejista e atacadista orientado principalmente para as cidades circunvizinhas. A ele interligado e por ele muitas vezes possibilitado amplia-se a gama de produtos industrializados, com processo industrial intematizado na cidade. No entanto, a iniciativa industrial na cidade de Vitória da Conquista não tem como agentes apenas os comerciantes. Há também um direcionamento dos

lucros obtidos na agropecuária, sobretudo a cafeicultura dos anos 1970 que diversifica suas atividades investindo no comércio e na indústria.

O processo de industrialização conquistense que se consolida a partir dos anos 1970 como consequência de expansão da economia brasileira, desde cedo teve ligações com o mercado regional e nacional. Do ponto de vista da indústria, aqui localizada, há relações estreitas e complementares com a agropecuária regional e a atividades comerciais da cidade. Esse fato é consumado pela troca que, propicia o fornecimento de matérias-primas, extralocais e a circulação de mercadorias produzidas localmente.

A par das transformações substanciais do agrário regional que influi no processo de urbanização local, ocorre a seleção dos empreendimentos, ou seja, da fase anterior sobram àqueles estabelecimentos que se tornam afetivamente industriais e que pelo ramo exercido, pelas inovações tecnológicas e aumento de capital continua concorrendo efetivamente. A antiga atividade comercial atacadista perde seus termos de concorrência para as novas empresas de comercialização e para novas distribuidoras especializadas.

Toda essa evolução baseia-se no fato de que as forças produtivas da indústria, que tende a concentrar-se nas cidades, atuam poderosamente sobre os campos. Em particular, a nível da região, a fronteira agrícola esta fechada no sentido de que as terras de mata estão todas privatizadas e as terras de campo a muito já estão apropriadas e, não há fronteiras em expansão nem para o Oeste nem para o Norte da região, o único ponto em ascensão agrícola é a porção Sul e Sudeste e Central do Sudoeste da Bahia que mantém certo equilíbrio, sobretudo com a nova agricultura.

Na moderna agricultura como na indústria citadina, a o acréscimo da produtividade e o rendimento econômico se dá pelo estancamento da força de trabalho como afirma Lefebvre (1981, p.136), “ao utilizar a técnica e a organização do trabalho, a produção capitalista esgota simultaneamente as fontes de riqueza; a terra e os trabalhadores”.

Neste caso, enquanto a disseminação dos trabalhadores agrícolas quebra a sua força de resistência dirigindo-se para as cidades, a concentração aumenta a dos trabalhadores urbanos. Para efeito de análise, a cidade continua, portanto, a desempenhar papel essencial nesta transformação e é aí que entra as categorias de análise da organização espacial que são: estrutura, forma e processo.

A estrutura, a forma e os processos de produção espacial, refletem na composição da morfologia urbana da cidade é o que segue na análise do tópico seguinte, com uma qualificação do uso do solo urbano e das práticas espaciais que levaram ao atual momento da configuração territorial da cidade.

5.4 Morfologia uso e ocupação do solo urbano de Vitória da Conquista

Na análise da forma urbana, os padrões de organização espacial decorrem destas relações, refletindo, em certos casos, o funcionamento da estrutura econômica, política e social de cada lugar havendo também uma inversão da coerção de um sobre o outro, isto é, em termos estruturais. Para Lefebvre (2006), depois da industrialização, a vida urbana ganha uma forma, que se tornou função em novas estruturas.

Para o autor, formas, estruturas, funções urbanas agiram umas sobre as outras e se modificaram movimento este que o pensamento pode hoje pode reconstruir e dominar. Lefebvre (2006). Outro fator importante nesta análise é a capacidade de especialização das cidades em termos socioeconômicos. À medida que vai ocorrendo o processo de urbanização, as cidades vão ganhando uma configuração espacial semelhante a outras de igual porte, mas cada uma com suas particularidades, resultado da forma de organização da sociedade envolvida, e sobre o modo de produção em que está inserida.

Entre processos sociais, de um lado, e as formas espaciais de outro, aparece um elemento mediatizador que viabiliza os processos sociais para organizar as formas espaciais. Este elemento viabilizador constitui-se em um conjunto de forças atuantes ao longo do tempo, postas em ação pelos diversos agentes modeladores, e que permitem localizações e realizações das atividades e da população na cidade. São os processos espaciais, responsáveis imediatos pela organização desigual e mutável da cidade capitalista.

Em Vitória da Conquista, fica evidente que a cidade vai se reproduzindo apagando sua história, passível de ser apreendida nas construções, no desenho das vias de circulação, construindo uma forma e estrutura sempre cambiante, no modo de vida e no contato entre os indivíduos, no cotidiano cidadão. (ver imagens da figura 12)

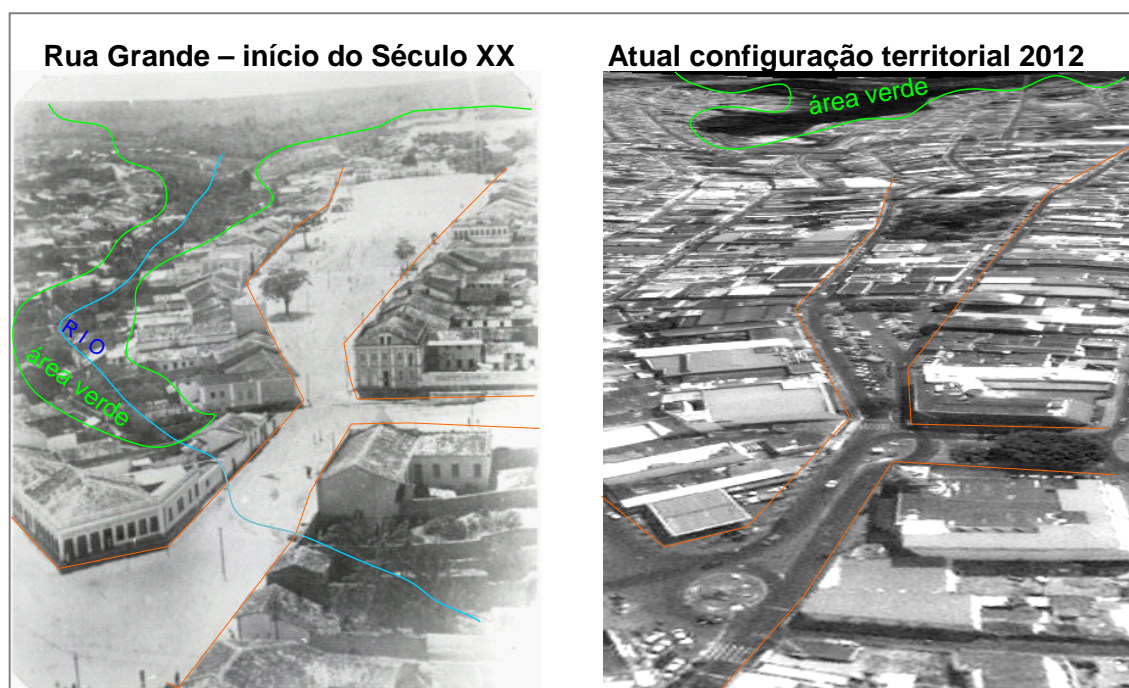


Figura 12. Morfologia urbana resultante da produção espacial entre o século XIX e XXI
 Fonte: Elaborado pelo autor-2011 Fotos: arquivo municipal e imagem Spot3D-2010

Na urbanização, a dimensão socioespacial de um determinado lugar, segue uma conjuntura mais abrangente e com o passar do tempo, as transformações socioespaciais sempre ocorrem. No caso de Vitória da Conquista, houve uma mobilidade espacial da população sob a ótica da localização rural e urbana, entre

a 1940 e 1990, com uma inversão de valores percentuais de ocupação, levando a uma configuração morfológica funcional distinta em cada período.

Observando o mapa da figura 13, constata-se que a cidade de Vitória da Conquista - BA possui um arranjo espacial que teve seu início partindo de um núcleo central daí, expandindo-se de forma concêntrica pelos circuitos de ligação entre os demais centros regionais pode se dizer que tudo isso ocorreu de forma acelerada em função das discontinuidades territoriais existentes no espaço urbano.

MORFOLOGIA E ESTRUTURA FUNCIONAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA -BA 2012

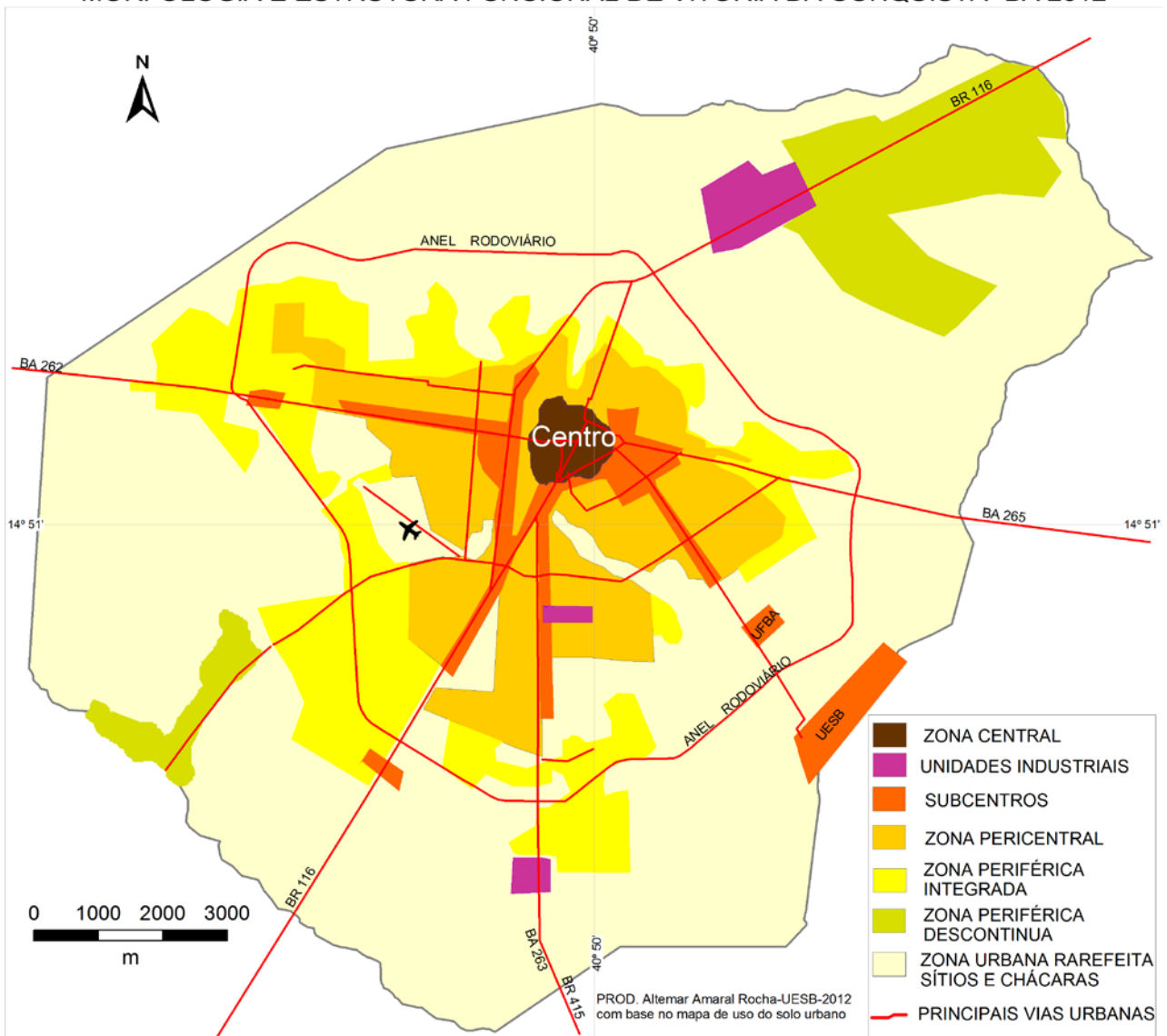


Figura 13- Mapa da morfologia urbana e estrutura funcional de Vitória da Conquista-BA- 2012.
Fonte: Produzido pelo autor com base no mapa de uso do solo urbano da cidade.

Do ponto de vista teórico conceitual, evidencia-se que a acelerada expansão das cidades gera uma diferenciação no arranjo espacial, que muitos autores classificam como segregação, associada à diferenciação espacial. Harvey (2006) considera que a diferenciação residencial deve ser interpretada em termos de reprodução das classes sociais dentro da sociedade capitalista. Afirma que a estabilidade de um bairro e seus sistemas de valores leva a reprodução e permanência de grupos sociais dentro de estruturas residenciais, enquanto que a segregação gira em torno da renda real.

Para Carlos (1999). Isso significa que há uma relação necessária entre espaço e sociedade, na medida em que a produção da vida não é só a produção de bens e mercadorias, mas, sobretudo de relações sociais. Nessa concepção, percebe-se uma dinâmica social uma vez que ao longo da história, os indivíduos sempre produziram um mundo, com idéias e modos de interpretação distintos e ao mesmo tempo integrado pelo ciclo do avanço da humanidade aliados a um modo de vida, uma cultura, a cidade e o campo. Neste sentido, o espaço urbano é produto humano e social em constante processo de transformação.

Ao pensar a cidade como um espaço construído, deve levar em consideração que ela é antes de qualquer coisa é o resultado do trabalho humano materializado em casas, avenidas, prédios, praças, viadutos, etc. segundo Carlos (1999); é o trabalho social que produz a cidade enquanto espaço de vida urbana, dos contatos imediatos do dia a dia. Para Carlos, a cidade é um produto que vai se construindo ao longo de uma história que, junto com sua fisionomia, transforma também a vida de seus habitantes e, conseqüentemente, as relações no espaço urbano.

Assim, as áreas residenciais intraurbanas, aparecem em padrões locacionais que, são “segregacionadas” a partir da evolução e cristalização das inúmeras ações criadas pelo trabalho social (Maricato 1996). Estes são relativos às operações econômicas e ao sistema de controle e de decisão. No entanto, na medida em que se evolui o quadro urbano, intensifica-se os traços de diferenciação espacial que, pode se confirmar ou não em segregação.

No Caso de Vitória da Conquista, a morfologia de ocupação do solo urbano demonstra que a cidade se desenvolveu de forma desordenada, não respeitando diretrizes e critérios estabelecidos. A partir do núcleo inicial, o desenvolvimento do traçado se espalha segundo os eixos viários, deixando grandes extensões territoriais sem ocupação são as áreas de “engorda”, que marca a configuração do espaço da cidade.

A análise do desenho urbano da cidade retrata a forma como se desenvolveu e foi parcelada, e dela pode-se obter um cenário da sua ocupação. Ainda com relação ao espaço urbano, percebe-se que o uso da cartografia torna-se uma ferramenta importante para o planejamento. Por exemplo, o mapeamento de uso do solo urbano que, no caso de Vitória da Conquista – BA evidencia-se uma série de processos de uso e ocupação do solo. Onde as desigualdades são visíveis em todos os cantos da cidade.

O processo de urbanização no Brasil veio acompanhado de enormes desafios para as cidades. De um lado, o rápido crescimento das cidades, surgindo grandes aglomerados urbanos como as metrópoles do sudeste do país. De outro, a capacidade de uso e ocupação do solo urbano pelos atores que compõem o processo de urbanização.

No Caso de Vitória da Conquista, a morfologia de ocupação do solo urbano demonstra que a cidade se desenvolveu de forma desordenada, não respeitando diretrizes e critérios estabelecidos. A partir do núcleo inicial, o desenvolvimento do traçado se espalha segundo os eixos viários, deixando grandes extensões territoriais sem ocupação são as áreas de “engorda”, que marca a configuração do espaço da cidade. Em contraponto, as áreas periféricas desqualificadas em termos de estrutura urbana abrigam parcelamentos populares de baixa renda.

Essa ocupação urbana, advinda desde o século XVIII, teve o seu marco às margens do rio Verruga em áreas próximas da sua nascente e com isso, a sua expansão deu origem uma série de transformações nos corpos d'água que compunham as nascentes e mananciais da bacia do rio Verruga, principalmente aqueles que fazem parte do Alto rio Verruga.

A análise do desenho urbano da cidade retrata a forma como se desenvolveu e foi parcelada, e dela se pode obter um cenário da sua ocupação. Ainda com relação ao espaço urbano, percebe-se que o uso da cartografia torna-se uma ferramenta importante para o planejamento. Assim, a representação do urbano pode ser entendida como sendo uma importante ação da cartografia que remete à geografia o desenvolvimento de ferramentas de estudo da cidade, de forma a compreender o processo de urbanização que evoluiu até o estágio atual e, futuras projeções das formas e dinâmicas que possivelmente desencadearam nesse processo.

Lefebvre (2004 p. 85) chama atenção que o fenômeno e o espaço urbano não são apenas projeção das relações sociais, mas lugar e terreno onde as estratégias se confrontam. Esse confronto é dado pela projeção das relações sociais no solo, daí que vem a necessidade de mapear o uso do solo urbano, sobretudo quando este espaço materializa-se em áreas de nascentes e mananciais de bacias hidrográficas, dos quais, emanam transformações nos corpos d'água da bacia.

Assim, o primeiro aspecto que chama a atenção quando se observa a paisagem urbana é o choque dos contrastes, das diferenças. Contrastes que vão desde o tipo de utilização que se faz da cidade à diferença entre as mesmas utilizações, isto é, a diversidade dos usos do solo e dentro de cada uso, a complexidade da vida em sociedade urbana.

Tais diferenciações baseiam-se no fato de que em função da divisão social do trabalho, a cidade é antes de qualquer coisa uma concentração de pessoas exercendo uma série de atividades concorrentes ou complementares, o que enreda uma disputa entre usos. Por outro lado, a produção do espaço deverá, necessariamente, refletir tais contradições.

Em contrapartida, o espaço da reprodução da vida se manifesta no uso residencial, incluindo o lazer e a infraestrutura necessária: escolas, creches, hospitais, prontos socorros, transporte e serviços em geral, todos meios de consumo coletivo. Entretanto, o modo de utilização se articula, necessariamente,

à existência da propriedade privada da terra e, portanto, as condições de acesso ao solo urbano serão determinadas pelo valor que, em seu movimento, redefine constantemente a dinâmica da utilização desse solo. De acordo com Carlos (1999): “Essa dinâmica conduz, de um lado, a redistribuição do uso de áreas já ocupadas levando a um deslocamento de atividades e/ou dos habitantes; e de outro à incorporação de novas áreas que importam em novas formas de valorização do espaço urbano”.

Essa realidade exposta acima já é visível no espaço urbano conquistense, pois, ampliou-se a área do centro comercial, atingindo bairros residenciais tais como Bairro São Vicente, Sumaré e parte do bairro Recreio. Além da expansão dessas atividades ao longo das principais avenidas que formam o eixo viário urbano da cidade.

Com relação à configuração do território urbano do ponto vista político-administrativo, a atual área foi definida de acordo com a lei municipal nº. 205/80, que estabelece o atual perímetro urbano e, a lei nº. 798/95 estabelece oficialmente os bairros para o arranjo espacial urbano da cidade. Mais recentemente, a lei nº. 952/98 cria novos bairros e redefine as fronteiras e limites do perímetro urbano, que do ponto de vista funcional, é impreciso e não contempla áreas já urbanizadas ou em outros casos, estende demais a área urbana, incluindo muitas localidades tipicamente rurais ao contexto urbano. Tudo isso justificado por gestores, como uma das maneiras de aumentar a arrecadação do município. Com isso, a cidade de Vitória da Conquista, atualmente conta com 24 bairros que englobam diversas áreas conhecidas popularmente como bairros e na verdade são loteamentos, mas que por motivos ainda não explicados, são anexados nessa divisão interna que de fato não está totalmente clara para a sociedade local.

O mapeamento do uso do solo urbano constitui elemento essencial para o conhecimento do processo de urbanização de Vitória da Conquista e dos condicionantes antrópicos da qualidade ambiental da área urbana.

Demandas de áreas verdes e de infraestrutura de saneamento ambiental, assim como a qualidade do ar e da paisagem urbana são fatores que variam, entre as diversas localidades, em função do tipo de uso do solo e a intensidade de ocupação que elas apresentam. A valoração dada pelo capital especulativo do setor imobiliário acaba influenciando no destino final do uso e ocupação do solo urbano.

A análise do uso do solo urbano é marcada pela busca do entendimento e do desvendamento da forma urbana e, sua amplitude na condição socioambiental da bacia hidrográfica e do lugar. Lefebvre (2004 p.116), afirma que a forma urbana tende, certamente, a romper os limites que busca aprisioná-la. Seu movimento procura sua via, o caráter contraditório desse movimento permite uma relação antagônica entre o ambiente e o processo de produção do espaço urbano.

Nesse sentido, a análise do uso do solo evidencia áreas da cidade onde o uso é mais intenso, ou seja, onde existe maior densidade de área construída por metro quadrado, a tipologia (horizontal e vertical) dessa ocupação, o padrão (baixo, médio e alto) das edificações e o tipo de uso (residencial, industrial, comércio e serviços etc.); permitindo variadas abordagens e relações que possam subsidiar análises, diagnósticos e prognósticos geoambientais e ou socioambientais.

Há que se observar que a área urbanizada de Vitória da Conquista-BA, compreende todas as quadras e imóveis (terrenos vazios e terrenos em construção) delimitados pelo decreto municipal de 1993, que cria o novo sítio urbano de Vitória da Conquista.

Cabe ressaltar que do total da área coberta pelo perímetro urbano, cerca de 70% dela está inserida na drenagem da bacia do Rio Verruga; o que torna de suma importância a análise do uso do solo urbano, para o desvendamento da estrutura socioambiental da bacia.

A classificação de uso e ocupação foi estabelecida da seguinte maneira: 1. Uso Residencial Horizontal – Baixo Padrão; 2. Uso Residencial Horizontal –

Médio e Baixo Padrão; 3. Uso Residencial Horizontal - Médio e Alto Padrão; 4. Uso Residencial Vertical – Médio e Baixo Padrão; 5. Uso Residencial Vertical – Médio e Alto Padrão; 6. Uso Comercial e Serviços; 7. Uso Industrial e Armazéns; 8. Uso Residencial e Comercial / Serviços; 9. Uso Residencial e Industrial / Armazéns; 10. Uso Comercial / Serviços e Industrial / Armazéns; 11. Garagens; 12. Equipamentos de Uso Público; 13. Hospital clinica e postos de saúde; 14. Feiras Livres; 15. Escolas; 16. Terrenos Vagos; 17. Sítios chácaras e áreas não loteadas; 18. Outros Usos; além dos usos como a agricultura, pastagem e áreas de vegetação.

Esta classificação é a base para o mapa de uso do solo urbano de Vitória da Conquista e, cada quadra fiscal assume uma classe de predominância. Observe o mapa da figura 14.

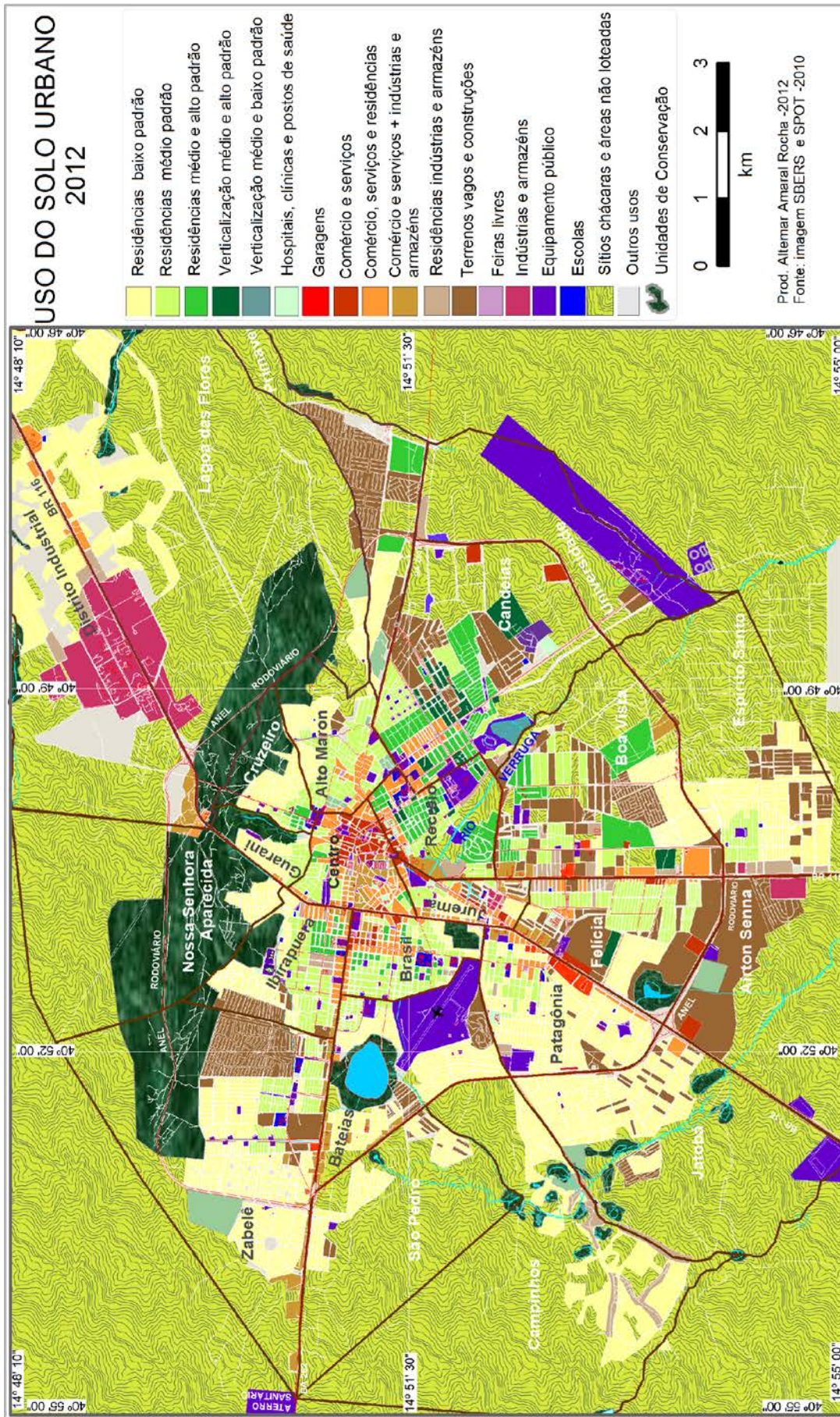


Figura 14- Mapa de uso do solo urbano de Vitória da Conquista-BA- 2012.
Fonte: Produzido pelo autor com base no banco de dados da PMVC e em

Esta predominância é estabelecida quando a área construída da classe de maior incidência encontra-se entre 40% a 60% da área construída total da quadra. No caso das quadras não ocupadas ou minimamente ocupadas, a predominância é de terrenos vagos.

Verifica-se uma grande quantidade de área mapeada, que não fazem parte da mancha urbana, mas, no entanto, estão delimitadas como área urbana. É o caso dos bairros de Campinhos, São Pedro, Universidade, Aírton Senna e outros, nestes, percebe-se que mais de 70% do território são ocupados com Sítios chácaras e áreas não loteadas.

As principais considerações sobre o uso e ocupação urbana em uma área que compreende; diversas nascentes derivadas de um terreno de cobertura detrítica com intensidade elevada é que a pressão sobre esses mananciais é muito grande, pois do ponto de vista geoambiental, o sitio urbano é moldurado por uma bacia de ordem Quatro e, em toda a extensão da malha urbana, compreende cerca de cinco microbacias que convergem para a direção sul-sudeste e, é nesta mesma direção que concentra toda a expansão urbana que, exerce uma grande influência no escoamento superficial, aumentando o fluxo de águas num mesmo canal, propiciando inundações e alagamentos em período de chuva concentrada.

FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DA CIDADE E A ATUAL CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA

6. FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DA CIDADE E A ATUAL CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Na análise da forma urbana, os padrões de organização espacial decorrem destas relações, refletindo, em certos casos, o funcionamento da estrutura econômica, política e social de cada lugar havendo também uma inversão da coerção de um sobre o outro, isto é, em termos estruturais. Para Lefebvre (2006), depois da industrialização, a vida urbana ganha uma forma, que se tornou função em novas estruturas.

Para o autor, formas, estruturas, funções urbanas agiram umas sobre as outras e se modificaram movimento este que o pensamento pode hoje reconstruir e dominar. Lefebvre (2006). Outro fator importante nesta análise é a capacidade de especialização das cidades em termos socioeconômicos. À medida que vai ocorrendo o processo de urbanização, as cidades vão ganhando uma configuração espacial semelhante a outras de igual porte, mas cada uma com suas particularidades, resultado da forma de organização da sociedade envolvida, e sobre o modo de produção em que está inserida e do tipo de planificação que se realiza.

O planejamento nos moldes convencionais é destinado prioritariamente para áreas de maior concentração humana, sem preocupar-se com as demais porções territoriais. Com isso, os resultados são limitados e não resolvem os problemas propostos. No entanto, o planejamento numa proposição dialética, implica a compreensão do ambiente de forma ampla e holística, de modo que as ações sejam visualizadas no todo, porém, detalhável ao nível necessário para enfrentar os problemas diagnosticados.

6.1 Geoplanejamento urbano e do planejamento ambiental: implicações no espaço urbano de Vitória da Conquista

A análise em questão leva em conta os pressupostos teóricos aplicados ao estudo urbano, utilizando recursos do geoprocessamento. O processo de geração de informações geográficas utilizando SIG supõe o uso de técnicas cujo processo é complexo, envolve as diversas fases que compreendem o geoprocessamento.

No plano conceitual o geoprocessamento é um conjunto e não apenas um ramo específico das técnicas avançadas para registrar os fenômenos geográficos, o tratamento e armazenamento dos dados para a confecção de um mapa. Neste caso, o georreferenciamento das informações e seu processamento necessitam dessas técnicas abordadas. A este conjunto de técnicas é denominado geotecnologias (TEIXEIRA & CHRISTOFOLETTI 1999).

Brito&Rosa, (1996) chamam atenção para a diferença básica entre geoprocessamento e o Sistema de Informações Geográficas observando que, o software e sua aplicação fazem a diferença determinando a interface entre ambas. Há que se considerar que essas tecnologias são interdependentes.

O geoprocessamento pode ser definido como sendo o conjunto de tecnologias destinadas a coleta e tratamento de informações espaciais, assim como o desenvolvimento de novos sistemas e aplicações, com diferentes níveis de sofisticação. Em linhas gerais o termo geoprocessamento pode ser aplicado a profissionais que trabalham com processamento digital de imagens, cartografia digital e sistemas de informação geográfica. (BRITO&ROSA 1996, p. 7).

Assim diferem o geoprocessamento e SIG somente no trato do conceito, pois geoprocessamento e SIG são interdependentes. Pelo fato de serem interdependentes, o geoprocessamento envolve todas as etapas do processo de desenvolvimento da informação desde o princípio, na geração da imagem e seu

processamento, tornando-se importante na confecção da base cartográfica, (dados vetoriais) que permite confiabilidade e visualização da informação além de consulta na própria imagem (dados raster). Assim, a entrada de dados espaciais e de seus atributos tem como ponto de partida essas tecnologias.

Neste caso, destacam-se a fotografia convencional, produzida a partir de levantamentos aerofotogramétricos, e o processamento de imagens orbitais obtidas por satélite. É importante ressaltar que nenhum processo de geração de mapas a partir de imagens orbitais e, ou fotografias aéreas, excluem o trabalho de campo - Reambulação. Neste contexto, a cartografia digital é utilizada na produção da base cartográfica onde serão implementadas as informações geográficas.

A aplicação do GPS (Global Position System) é muito importante para o georreferenciamento dos dados. Para Teixeira&Christofolletti (1999), georreferenciamento é a “Situação em que uma entidade geográfica é referenciada espacialmente por meio de sua localização, utilizando para tal um sistema de coordenadas conhecidas”.

E por último, o Sistema de Informações Geográficas propriamente ditas, compondo o bloco das geotecnologias. No entanto, cabe analisar o SIG no contexto do geoprocessamento; para Brito&Rosa:

O Sistema de Informação Geográfica é um caso específico do Sistema de Informação. Seu desenvolvimento começou em meados da década de 60. O primeiro sistema a reunir as características de um SIG foi implementado no Canadá, em 1964, sendo chamado de “Canadian Geographic Information System”. Em seguida foram desenvolvidos outros sistemas. Dentre eles podemos destacar os sistemas de New York Land use and Natural Resources Information Systems (1967) e Minnesota Land Management Information System (1969). Nas décadas posteriores ocorreram consideráveis avanços em equipamentos e software. Permitindo o desenvolvimento de sistemas mais potentes e novas aplicações, popularizando principalmente os CAD's (Computer Aided Design). Cujos objetivos são diferentes dos SIG's, No começo da década de 80. A evolução da tecnologia foi afetada pelos avanços em hardware e software, com o uso mais efetivo na manipulação das informações geográficas, bem como a ligação

entre a base de dados gráfica e alfanumérica (BRITO&ROSA, 1996. p.8).

Do ponto de vista conceitual, Teixeira&Christofolletti(1999), consideram SIG um Sistema baseado em computador, que permite ao usuário coletar, manusear e analisar dados georreferenciados. Nessa direção, de forma mais abrangente, ROSA ampliam o raio de ação do SIG incluindo a base cartográfica, para que seja dada a referência espacial destacando, como parte de um sistema mais amplo. Destaca ainda que a tecnologia do SIG automatiza tarefas que eram feitas manualmente facilitando complexas análises, através da integração de dados de diversas fontes. Assad&Sano,(1993) destacam a agilidade de manipular as informações, considerando o geoprocessamento, e dentro dele o SIG, como sistema destinado ao tratamento automatizado de dados georreferenciados que manipula dados de diversas fontes e formatos dentro de um ambiente computacional ágil e capaz de integrar as informações espaciais temáticas e gerar novos dados derivados dos dados originais.

Para Lamparelli et all. (2001), ocorre uma divisão dentro do SIG formando um sistema que engloba programas, procedimentos e módulos, ou subsistema integrado e projetados para dar suporte ao armazenamento, processamento, análise, modelagem e exibição de dados ou informações espacialmente referenciadas, constituída numa única base de dados. Embora apareçam os subsistemas, estes não são independentes, mas visam permitir a manipulação das camadas e ou layers em módulos de acordo com o objetivo do SIG. Nesta perspectiva, pretende-se que vários setores utilizem o mesmo sistema, ou parte dele, em rede, ou de forma individual a partir de uma matriz única-a base cartográfica georrefenciada.

Hoje o Sistema de Informações Geográficas tem sua aplicação em vários setores, desde o comércio, até nas mais avançadas empresas de telecomunicações. Todavia é no serviço público que se nota a carência desse meio de informação. É importante ressaltar que há outros tipos de informações

conhecidas apenas como informações gerenciais, cujo plano se assenta em uma base de dados sem vinculação com a base cartográfica.

Nesta mesma linha, ASSAD & SANO (1993) ampliam o conceito de SIG destacando suas principais características chamando atenção para a possibilidade de:

- Integrar numa base de dados, as informações espaciais provenientes de dados cartográficos, dados de censo e cadastro urbano e rural, imagens de satélite, redes de MNTs (modelos numéricos de terreno)
- Combinar várias informações através de algoritmos de manipulação, para gerar mapeamentos derivados;
- Consultar, recuperar, visualizar e desenhar o conteúdo da base de dados geocodificadas.

Dentro dessas características, temos um esboço da aplicação do SIG em áreas específicas, tendo como produto final o desenho, aqui classificado como mapa. O que se propõe, pois, com o sistema, é a associação da base cartográfica, com as variáveis a serem operacionalizadas e, realizado o georreferenciamento; associar ao banco de dados chegando ao objetivo que é a geração de documentos relacionados à Cartografia Temática. Todo esse processo deve levar então à tomada de decisões via consulta e visualização.

Hoje, com as avançadas técnicas de obtenção de fotografias aéreas digitais e a evolução da aerofotogrametria é possível adquirir produtos de qualidade e precisão. O avanço no imageamento por satélite também tem dado suporte ao mapeamento. Consideramos, entretanto, algumas dificuldades que estão sendo sanadas a partir do uso do Satélite *Ikonos* e *spot* que geram produtos em escala grande para cadastro urbano.

Outro avanço a ser considerado é o georreferenciamento por parâmetros orbitais que permite estabelecer coordenadas UTM e geodésicas com facilidade. Seguem-se os avanços na área da geodésia com o surgimento do GPS de precisão e das Estações Totais.

Diante das considerações sobre Geoprocessamento e SIG observa-se que a Cartografia tem papel importante no processo de geração de uma base de dados, a elaboração da base cartográfica deve requerer critérios rigorosos visando facilitar problemas na alocação dos dados geográficos.

O conceito de cartografia tem sido objeto de discussão durante o processo de evolução desta ciência. Assim, para chegar à sua conceituação passa-se, necessariamente, por uma discussão inicial que diz respeito ao conceito da própria Cartografia, tendo como base as definições apresentadas por diversos autores. Para Oliveira, por exemplo, a cartografia é:

Vocábulo criado pelo historiador português Visconde de Santarém, em carta de 8 de dezembro de 1839, escrita em Paris, e dirigida ao historiador brasileiro Adolfo Varnhagem. Antes da divulgação e consagração do termo, o vocábulo usado tradicionalmente era cosmografia. 2. Conjunto de estudos e operações científicas, artísticas e técnicas, baseado nos resultados de observações diretas ou de análise de documentação, visando a elaboração e preparação de cartas, projetos e outras formas de expressão, bem como a sua utilização (ACI). OLIVEIRA (1988 p. 97).

Embora se limitasse à carta topográfica como conceito inicial e posteriormente ao mapa, os conceitos vinculavam aos procedimentos apenas analógicos – mapa impresso sobre papel. Estes procedimentos envolviam observação direta, preparação de originais e produção final do mapa. Com a evolução da produção cartográfica, da obtenção de fotografias aéreas e da geomática, o conceito evolui as aplicações em meio digital.

Com os avanços da geomática e dos sistemas CAD, CAC e CAM e demais aplicações em meio digital, o conceito modifica e, conforme Brito&Rosa (1996), “Pode ser entendida como sendo a tecnologia destinada à captação, organização e desenho de mapas”. Para Assad & Sano (1993) “Mapa é uma representação gráfica dos fenômenos geográficos geralmente numa superfície plana e que num ambiente computacional, a noção deve ser entendida para incluir diferentes tipos

de dados geográficos, como imagens de satélite e modelos numéricos de terreno”.

Conceitos mais recentes que levam em conta as novas técnicas dão conta que a Cartografia é a Organização, apresentação, comunicação e utilização da geoinformação nas formas visual, digital ou táctil que inclui todos os processos de preparação de dados, no emprego e estudo de todo e qualquer tipo de mapa.

Nesse sentido, ocorre uma ligação direta do mapa com o Sistema de Informações Geográficas, tanto em meio digital quanto analógico. Convém observar que recentemente há uma definição do mapa como: Apresentação ou abstração da realidade geográfica, ferramenta para apresentação da informação geográfica nas modalidades visual, digital e tátil. No caso específico da base cartográfica, convém observar sua função no Geoprocessamento, pois é essencial ao SIG, uma vez que lhe é parte intrínseca. Assim, a base cartográfica é:

Um mapa que contém os elementos planialtimétricos fundamentais necessários à apresentação de um determinado espaço geográfico. Um conjunto de dados cartográficos arranjados em forma de mapa, propiciando referências para os dados do usuário. TEIXEIRA & CHRISTOFOLETTI (1999 p 55).

Sobre as diferentes formas de apresentação do mapa OLIVEIRA (1988) estabelece as diferenças básicas entre a carta, o mapa e a planta. Neste caso, interessa-nos os conceitos sobre carta a planta. É fato que o traçado urbano toma várias formas, dependendo da topografia. Embora, ainda um pouco impreciso, alguns autores, como OLIVEIRA, destaca que:

Carta urbana é uma carta em escala grande das áreas de concentração populacional incluindo os seus subúrbios, em geral com a representação detalhada dos logradouros públicos e das informações inerentes às ruas; dos edifícios mais importantes e outras características compatíveis com a escala da carta. Sempre

que houver importância, o relevo será representado. O mesmo que planta da cidade. (OLIVEIRA 1988 p. 83).

No plano conceitual, a cartografia temática parte sempre de um mapa básico ou mapa de fundo. Embora pareça menos rigoroso na precisão, é necessária uma base segura para evitar erros de análise e tomada de decisões. Será neste mapa que deve-se fazer a leitura e buscar informações para análise espacial. Portanto, todas as informações contidas no mapa devem ser o mais próximo da realidade evitando, no trato estatístico, intervalos longos, adotando escalas compatíveis e simbologias adequadas. Estabelece-se assim que Cartografia Temática:

Trata da parte da Cartografia que diz respeito ao planejamento, execução e impressão de mapas sobre um fundo básico, ao qual serão anexadas as informações através da simbologia adequada, visando atender às necessidades de um público específico (DUARTE, 1995, p. 7)

Para Brito, a coerência é importante para a representação dos fenômenos ao afirmar que “A Cartografia Temática é um ramo específico da Cartografia, cujo maior objetivo é apresentar a distribuição espacial de uma ou mais ocorrências ou fenômenos sobre uma base cartográfica coerente ou precisa”. (BRITO, 2002, p.5). É comum a concepção de que o mapa temático deve emitir uma informação ou comunicar, observando que “Da mesma forma que a representação gráfica em geral, a Cartografia Temática em seu âmbito específico, tem uma tríplice função: registrar, tratar de comunicar informações” (MARTINELLI, 1991, p.38). Neste caso, chamamos atenção para o fato de manter os dados sempre atualizados através de registros temporários. Martinelli (2002) destaca o processo de informatização na elaboração de mapas temáticos. A substituição do mapa elaborado analogicamente por meio digital pode ser encontrada hoje em

softwares mais comuns para SIG que permitem elaborar mapas temáticos a partir de bases disponíveis e ou adicionadas. Assim:

Hoje, grande parte da geração, tratamento e fornecimento de informações estão automatizados. Diz-se da informática, a ciência que aplica à informação um tratamento lógico e automático. É possível, assim, acelerar o fluxo de informações solicitadas pela demanda, diminuindo sensivelmente o tempo entre as observações de campo e a disponibilidade das informações para os usuários (MARTINELLI, 1991, p. 43).

Do ponto de vista dos que tratam com rigor o SIG, o mapa temático não se constitui como tal, mesmo em meio digital, mas é produto do SIG. Os requisitos de um SIG de maior envergadura podem ser notados no processo de mapeamento temático digital, desde sua precisão até possibilidade de georreferenciamento. É certo, também, que todo SIG gera mapas temáticos. Todavia, não é senso comum que todo programa de mapeamento temático seja, por natureza um SIG.

Martinelli (1991) propõe um sistema mais abrangente envolvendo a realidade e resultando no mapa. Refere-se à realidade mapeável em contato com a realidade reconhecida no espaço. Destaca o papel do mapeador como responsável pela informação que permita que o leitor extraia a informação de forma mais fácil. Tudo tem como início e final o mapa.

A leitura e análise do mapa requerem experiência acumulada e técnica, bem como um procedimento coerente por parte do cartógrafo ou mapeador a fim de evitar distorções no processo de extração de informações do mapa.

No espaço urbano, a análise pela topografia, essa proposição, na medida em que consegue integrar diversas especificidades das relações sociedade-natureza. Uma delas é o processo de urbanização, principalmente quando esse processo concentra-se em bacias hidrográficas de grande relevância, neste caso, há um grande confrontamento de problemas a serem analisados.

Assim, o planejamento urbano, deve ser complementado pelo estudo das questões ambientais, fundamental para a elucidação dos diversos problemas existentes, oriundos das relações sociedade-natureza e para uma fluidez dos projetos elaborados. Mas não somente isso, é preciso saber que o planejamento nos moldes tradicionais, sempre priorizou e valorizou o econômico em detrimento das demais questões, neste sentido, o planejamento ambiental deve ser visto como um agente diferenciado e integrador, que promove a equidade social e as práticas culturalmente adequadas e que privilegie a qualidade de vida. Para Franco (2001), o planejamento ambiental passa pelo planejamento territorial estratégico, econômico-ecológico, sociocultural e agrícola, acrescido do planejamento urbano, hidrográfico, geomorfológico, hidrogeológico entre outros. Almeida (1999) fala a respeito do planejamento ambiental baseado na superação de conflitos:

Sendo o planejamento ambiental um processo de tomada de decisões, relativo a um conjunto de problemas interdependentes da produção social do espaço, significa que este planejamento se dá num contexto em constante mutação, caracterizado por um alto grau de incerteza [...] a antecipação da definição de ações a serem realizadas implica o estabelecimento de um equilíbrio dinâmico ente compromisso e flexibilidade. (ALMEIDA, et al., 1999, p. 128).

Neste contexto, o Geoprocessamento entra como um dos recursos que proporciona ao planejamento urbano e ao planejamento ambiental, o detalhamento necessário ao diagnóstico e prognóstico de forma mais abrangente e ao mesmo tempo holístico. Dada a sua flexibilização ou pelo grau de interdependência proporcionado no processo de tomada de decisões.

No caso da análise socioespacial urbana, o geoprocessamento, utilizado no planejamento, resulta no Geoplanejamento, que na visão de Veiga & Xavier-da-Silva, (2004 p.194.) “pode ser entendido como um processo gerador de conhecimento necessário para a análise de uma determinada área geográfica,

levando em consideração a territorialidade e a espacialidade dos fenômenos envolvidos e suas características geoambientais”.

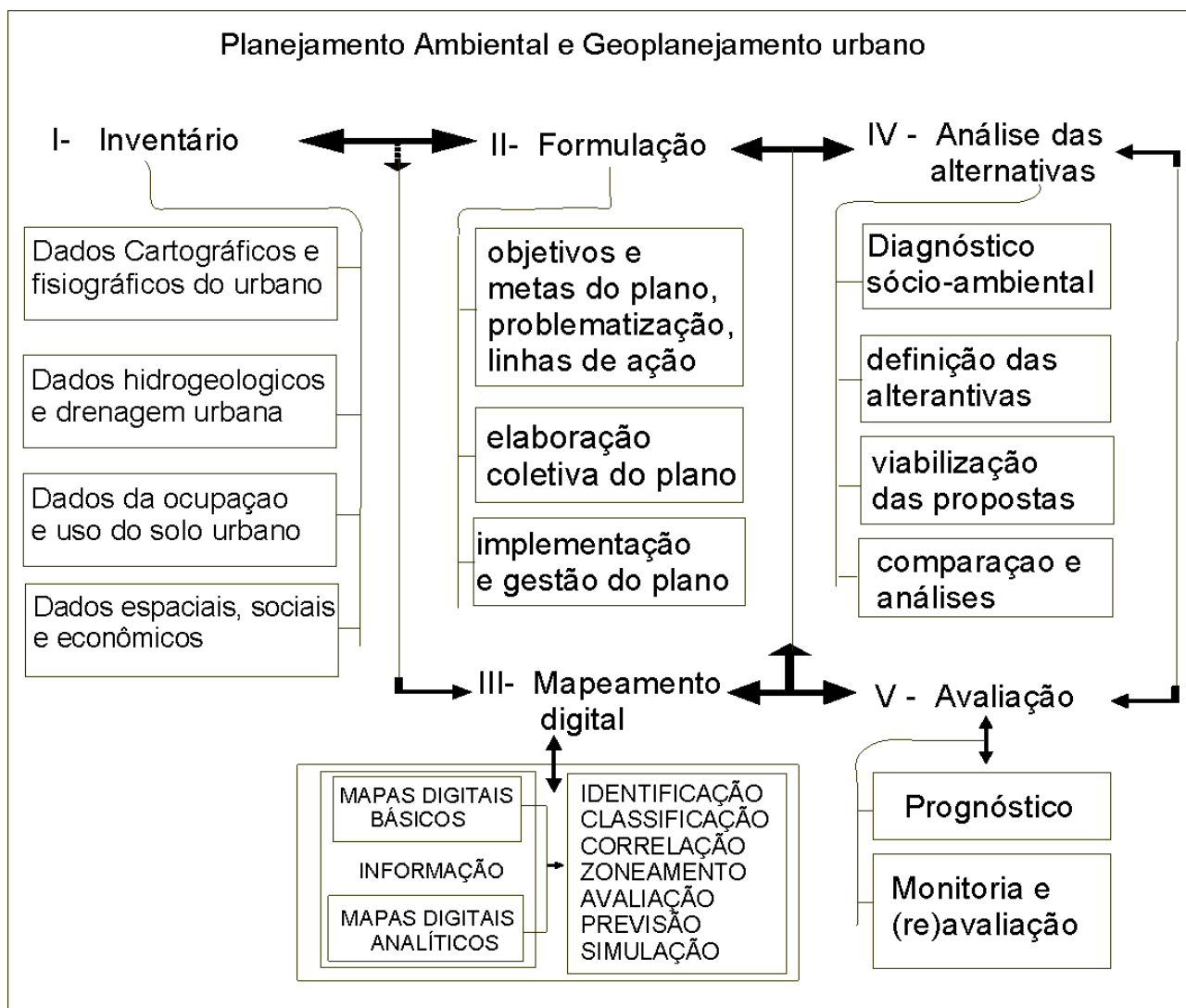


Figura 15- Esquema interpretativo do Planejamento Ambiental e Geoplano urbano
Elaborado pelo autor com base em Canholi (2005); Xavier da Silva (2004).

O geoplano proporciona uma maior amplitude na análise socioespacial, uma vez que desenvolve-se com ele ações paralelas entre o diagnóstico e o prognóstico dos problemas detectados no processo, conforme o esquema da figura 15. Assim, os termos geoplano e plano ambiental no espaço urbano, atingindo uma simultaneidade dos processos, embora o plano ambiental possua características resultantes da atuação dos processos de produção e reprodução social do espaço. O geoplano

resultaria de uma especificidade transversal das categorias de análise da geografia.

Tanto o planejamento ambiental quanto o geoplanejamento, são vistos como processos dinâmicos e interdependentes que podem ser visualizados por etapas: a primeira delas é o inventário que consiste na compreensão da realidade urbana da cidade para a proposição do diagnóstico no qual permite avaliar os principais problemas territoriais, inserindo-se neste contexto o geoprocessamento que, subsidia o geoplanejamento.

Posteriormente, a etapa do prognóstico que configura como uma das mais importantes do ponto de vista socioambiental já que, propicia alternativas de intervenção, mediante a adoção de cenários. Outro ponto do planejamento ambiental participativo, é a capacidade de gestão plena das proposições do plano de ação, nesta etapa, requer uma flexibilidade maior e uma continua evolução do processo, por meio da fiscalização, da avaliação e reavaliação, da revisão e da administração dos problemas advindos.

A análise Geoambiental integrada e reflexiva fornece um arcabouço teórico-metodológico que permite uma investigação mais consistente para a compreensão da complexidade Socioespacial do lugar, pois o ambiente não é a ecologia, mas a complexidade de mundo. Sendo assim, a emergência dessa temática, possibilita dentro da escala do trabalho, entender as potencialidades e limitações de cada espaço geográfico, permitindo estabelecer perspectivas de utilização, planos de manejo e de conservação dos recursos e restrições ao uso. Fornece também subsídios para avaliação da qualidade dos ambientes e de sua capacidade assimilativa das pressões decorrentes da ocupação e da exploração dos recursos. Este elenco de correlações, análises e sínteses permitirão uma compreensão mais detalhada das condições sociais e hidroecológicas da área para a conclusão da análise e diagnóstico socioambiental.

Inicialmente faz-se necessário o uso de abordagens temáticas com análise, seleção e hierarquização dos atributos dos componentes naturais e sociais da bacia hidrográfica. Posteriormente, uma análise do uso desses componentes pelo

ser humano. Para detectar o nível de degradação geoambiental da área e os possíveis desequilíbrios ocorridos com os sistemas, principalmente no tocante à parte hidrológica, revelando as contradições do processo de produção do espaço neste contexto.

O mapeamento dos processos socioespaciais da área urbana, em escalas temporais e espaciais, define uma análise da produção e reprodução das relações socioespaciais e das relações de produção desenvolvidas no lugar.

A análise das ações humanas seja de cunho urbano e ou rural, que propicia as relações campo-cidade, possibilitará uma avaliação do nível de interferência nas condições naturais do rio seja por assoreamento, por desmatamento da mata ciliar, da poluição e contaminação das águas que consiste na degradação ambiental.

Os estudos da capacidade e potencialidade hídrica da bacia permitem entender os processos atuantes na alteração da estrutura natural tanto da drenagem quanto a composição fluvial de todo o percurso analisado para se estabelecer o potencial e as limitações do Rio e de parte da bacia que o integra.

A avaliação climática viabiliza o entendimento da organização do clima e sua relação com a distribuição fitoecológica e limitações do regime hídrico. A análise da precipitação permite o entendimento do potencial erosivo, elemento essencial para conhecimento da ecodinâmica.

O estudo de vegetação por meio de uma definição fitoecológica, aponta as formações, subformações, vegetação secundária e antropismo. A análise da distribuição florística quando relacionada com seu suporte ambiental (solo, relevo e clima) condiciona o estabelecimento do arcabouço geoambiental que compõe o trecho estudado.

A etapa posterior consiste em proceder a interações temáticas através de sucessivos níveis de síntese, de acordo com as reflexões acerca da complexidade ambiental. Este mecanismo de correlação interdisciplinar conduz à identificação da estrutura e da dinâmica dos espaços diferenciados para composição do Diagnóstico socioambiental.

Pode-se elaborar correlações entre as diversas ações humanas praticadas no contexto do território da bacia hidrográfica e os atuais parâmetros das condições de conservação da vegetação, da água e dos demais condicionantes ambientais; correlações entre os atributos geomorfológicos e as estruturas litológicas, resultando em unidades morfoestruturais; correlações entre o relevo e os solos, na compartimentação morfopedológica e na geração de dados para obtenção das relações pedogênese/morfogênese necessárias para análise da ecodinâmica.

A associação de diversas técnicas de geoprocessamento, tais como sensoriamento remoto, com a utilização de imagens orbitais e do uso do sistema de informações geográficas – SIG conduz a uma leitura mais contextualizada uma cidade.

A cidade de Vitória da Conquista-BA, possui uma estrutura urbana construída em áreas de nascentes e mananciais, advindos da composição hidrogeológica de planaltos inumados, com maciços residuais do pré-cambriano inferior. Tais áreas de nascentes representam duas grandes bacias do leste do Brasil, que são: a Bacia do Rio de Contas ao Norte do município e a Bacia do Rio Pardo ao Sul.

O Rio Verruga, integrante da bacia do Rio Pardo, nasce na Serra do Periperi – área urbana de Vitória da Conquista, em uma reserva ecológica que preserva sua nascente, também conhecida como nascente do Poço Escuro. Os afluentes mais importantes, que também nascem no espaço urbano da cidade, são: o riacho Santa Rita, Córrego Lagoa de Baixo, Córrego São Pedro, Córrego da Jurema, Córrego da Santa Mônica. Além dessa bacia principal, existem outras nascentes secundárias na encosta da Serra do Periperi, tais como o bebedouro da onça, o Riacho Choça no bairro Lagoa das Flores e o Riacho do Saquinho no bairro Primavera.

Do ponto de vista geoambiental, a cidade Vitória da Conquista, pode ser analisada, tendo como ponto de partida a bacia do Rio Verruga que drena uma área de 918 km², sendo que mais de 70% do espaço urbano de Vitória da

Conquista estão inseridos em seu território cujo padrão de drenagem é o dendrítico e o subdendrítico, embora, localmente, ocorram trechos subordinados a falhamentos. A rede de drenagem caracteriza-se por afluentes em sua maioria perenes, enquanto o Rio Verruga flui comumente sobre um leito pedregoso e chato, em certos locais formando rápidos. A maioria dos vales apresenta-se em forma de “U”, medianamente abertos, com fundos chatos e geralmente colmatados.

O mapeamento geológico da cidade evidenciou três unidades geológicas distintas. Uma extensa faixa de cobertura detrítica com depósitos do Terciário o que corresponde a quase todo o território da cidade. Na porção central, um maciço residual em camada do complexo Caraíba-Paramirim, que possui rochas do Pré-Cambriano inferior, com mais de 3 bilhões de anos. Conforme o mapa da figura 9 observa-se outras formações menores que aparecem principalmente na porção central próxima à calha do rio, destacando-se a formação de depósitos aluviais e coluviais do quaternário.

As formações recentes compreendem aos depósitos aluvionais e coluvionais de acumulação detrítica do quaternário, sendo que nesta unidade, as ocorrências, ficam restritas à calha principal do Rio Verruga, seus afluentes e outros riachos menores ao norte da cidade com espessura e extensão muito pouco perceptíveis na escala de trabalho adotada. Entretanto, apesar da pequena representatividade cartográfica, armazenam volume razoável de água subterrânea - manancial de grande importância para a significativa parcela da população que habita as áreas ribeirinhas. As Coberturas detríticas dizem respeito à unidade, relacionadas ao Plioceno-Pleistoceno. Encontra-se amplamente distribuída na área urbana da cidade Vitória da Conquista, (ver o mapa, figura 16).

Apresenta-se disposta discordantemente sobre unidades pré-cambrianas do Complexo Caraíba-Paramirim, e granitóides diversos, com cotas altimétricas entre 800 e 1.100 m, com uma extensa faixa irregular que, centraliza toda a malha urbana de Vitória da Conquista. Encontram-se, na maioria das vezes,

representadas por uma espessa capa de material detrítico amarelado, fino-médio, arenoargiloso e conglomerático, mal consolidado. Segundo Lima et al. (1981), o material que forma os platôs elevados do Planalto de Conquista - não pode ser designado com precisão como sedimento, pois não apresenta quaisquer evidências dos mecanismos formadores, seja hidro ou pneumodinâmicos. Para Lima, constitui, na maior parte, elúvios, isto é, material proveniente do intemperismo das rochas subjacentes e não transportado ou brevemente transportado aos sopés das encostas dos platôs (colúvios).

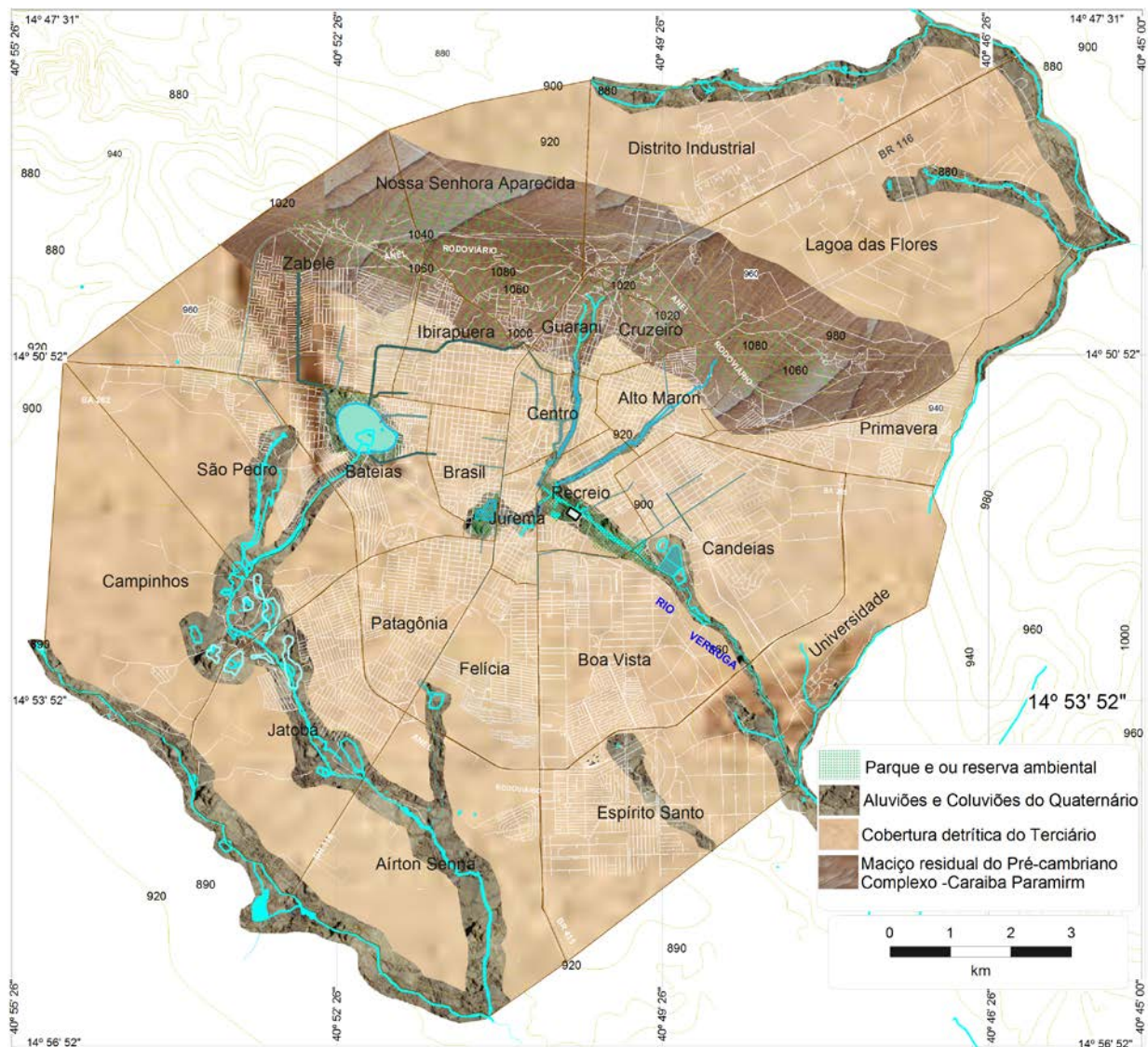


Figura 16- Mapa das feições geológicas do espaço urbano de Vitória da Conquista-BA
 Fonte: Produzido pelo autor com base em imagens SRTM 2005 e dados do RadamBrasil-1980.

É comum ocorrer uma cobertura de material alterado, amarelado-avermelhado, tratando-se, quase sempre, de material coluvial, frequentemente com ocorrência de linhas de seixo na base. A erosão superficial por escoamento difuso e concentrado se faz notar nas bordas que limitam os topos desse planalto, através de ravinas e sulcos que entalham escarpas de declividades variáveis.

O maciço residual da Serra do Periperi faz parte do Complexo Caraíba-Paramirim, representa uma sequencia Polimetamórfica e polifásica, cuja evolução remonta desde o Pré-Cambriano Inferior. É uma das unidades de maior problemática ambiental urbana, estando bem exposta numa faixa orientada no sentido E-W, com cerca de 3 km de largura e 12 km de comprimento. Morfologicamente, se expressa em áreas serranas bem encaixadas, com intensos processos de dobras e dissecação.

A geomorfologia da cidade revela uma morfodinâmica Tricart (1977) que compreende basicamente três unidades de relevo predominantes no território. Essas unidades podem ser constatadas conforme o perfil longitudinal do rio principal. (ver figura 17), nele foi feita uma representação esquemática da topografia de forma linear, demonstrando a ocupação urbana e as feições geológicas-geomorfológicas da área da bacia do Rio Verruga no trecho urbano.



Figura 17- Perfil longitudinal e esboço geológico-geomorfológico do espaço urbano de Vitória da Conquista. Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados dos trabalhos de campo-2011

O território que compreende a cidade de Vitória da Conquista, conforme o mapa do relevo e perfil longitudinal do rio (ver figura 17 e 18) possui altimetria entre 750 e 1050m. Essa área corresponde ao Planalto de Conquista, dos domínios dos planaltos dos gerazinhos.

CARTA IMAGEM DO RELEVO DO ESPAÇO URBANO DE VITÓRIA DA

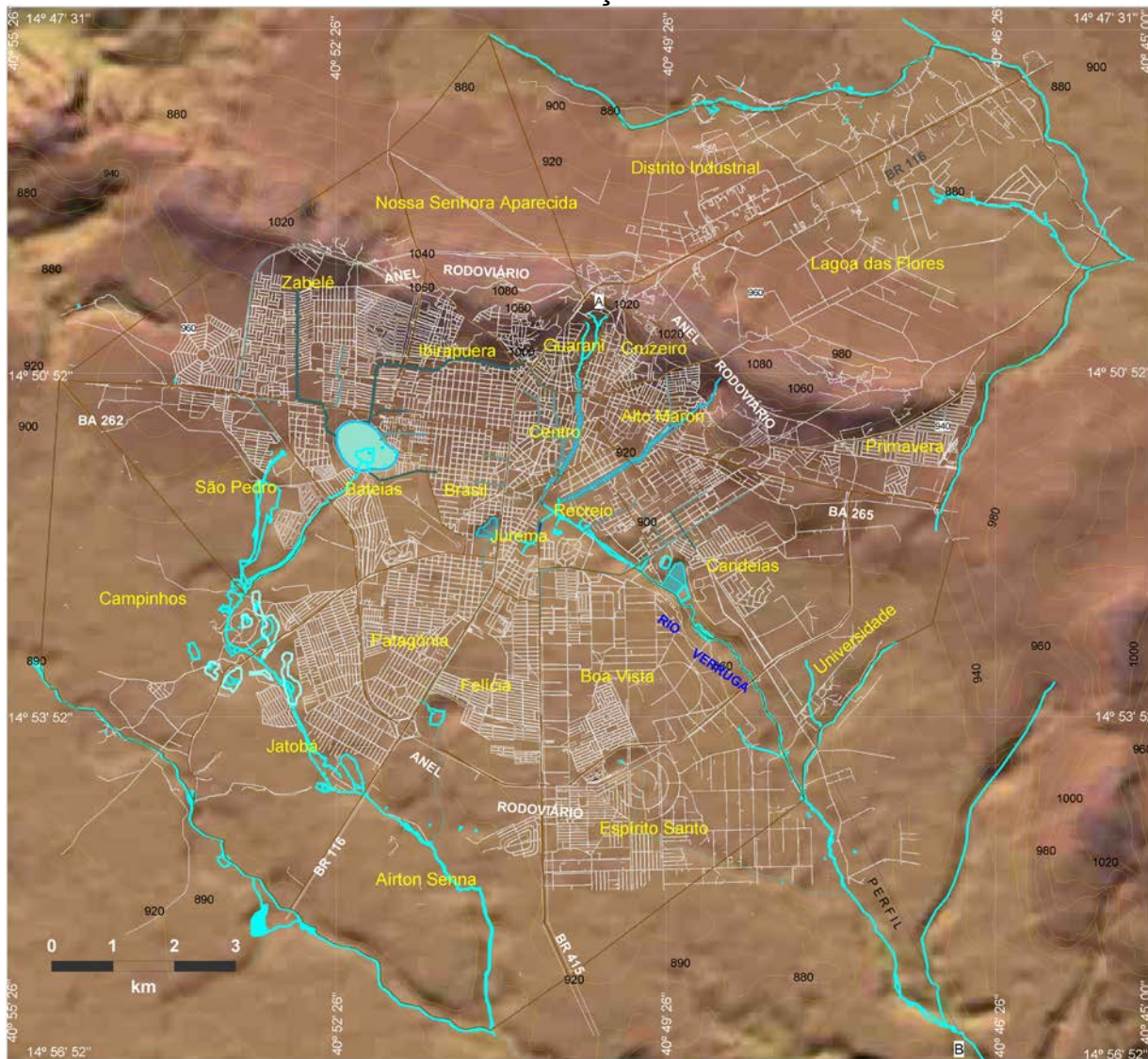


Figura 18 - Carta imagem do relevo com feições geomorfológicas e espaço urbano.
 Fonte: Elaborado pelo autor com base na Imagem SRTM-NASA/EMBRAPA CD 2005.

O planalto possui um relevo sem variações abruptas de nível, apresentando uma extensa faixa de terrenos aplanados de topografia tabular.

Uma exceção é a Serra do Periperi, na área urbana, onde situa-se a principal nascente do Rio Verruga que está acima do nível geral do planalto, com cotas entre 1.000 e 1.100m, esse detalhamento foi contrastado no mapa 3D do relevo demonstrando os diversos níveis de terreno da cidade.

6.2 A Problemática Socioambiental, as condições de ocupação e a planificação territorial voltada para a solução dos problemas ambientais.

Os problemas ambientais dizem respeito às formas pelas quais se produz o espaço geográfico, Rodrigues (1992 p. 14), mas não somente na produção espacial, como também em sua reprodução, pois, na medida em que a sociedade amplia sua ação sobre a natureza, há sempre uma produção e uma reprodução espacial. Essa reprodução é manifestada, sobretudo pelas relações dominantes de produção que como afirma Soja (1993 p.115), são reproduzidas numa espacialidade concretizada e criada.

Assim, a problemática socioambiental deve ser analisada no âmbito da produção e reprodução espacial. No caso do estudo urbano, essa problemática terá o seu prognóstico pela classificação do uso do solo urbano, bem como uma análise da qualidade de vida, sobretudo da população urbana da cidade de Vitória da Conquista – BA, que concentra uma parcela populacional, de 306. 866 habitantes, conforme o último censo do IBGE-2010.

A análise do espaço ocupado e produzido socialmente na cidade de Vitória da Conquista teve como base, a interpretação de mosaicos de imagem de satélite Landsat TM5 e 7 de 1999-2011, cruzando essas informações com imagens CBERS- 2010. Assim, foi possível fazer um mapeamento do uso do solo em níveis e escalas espaciais diferenciados.

Foram estudados os detalhes da área urbana de Vitória da Conquista, com destaque para o mapeamento da cobertura vegetal. Verificam-se áreas com pouca ou nenhuma vegetação correspondendo a 47% do perímetro urbano sendo que existem grandes áreas não urbanizadas, mas, no entanto, sem cobertura vegetal.

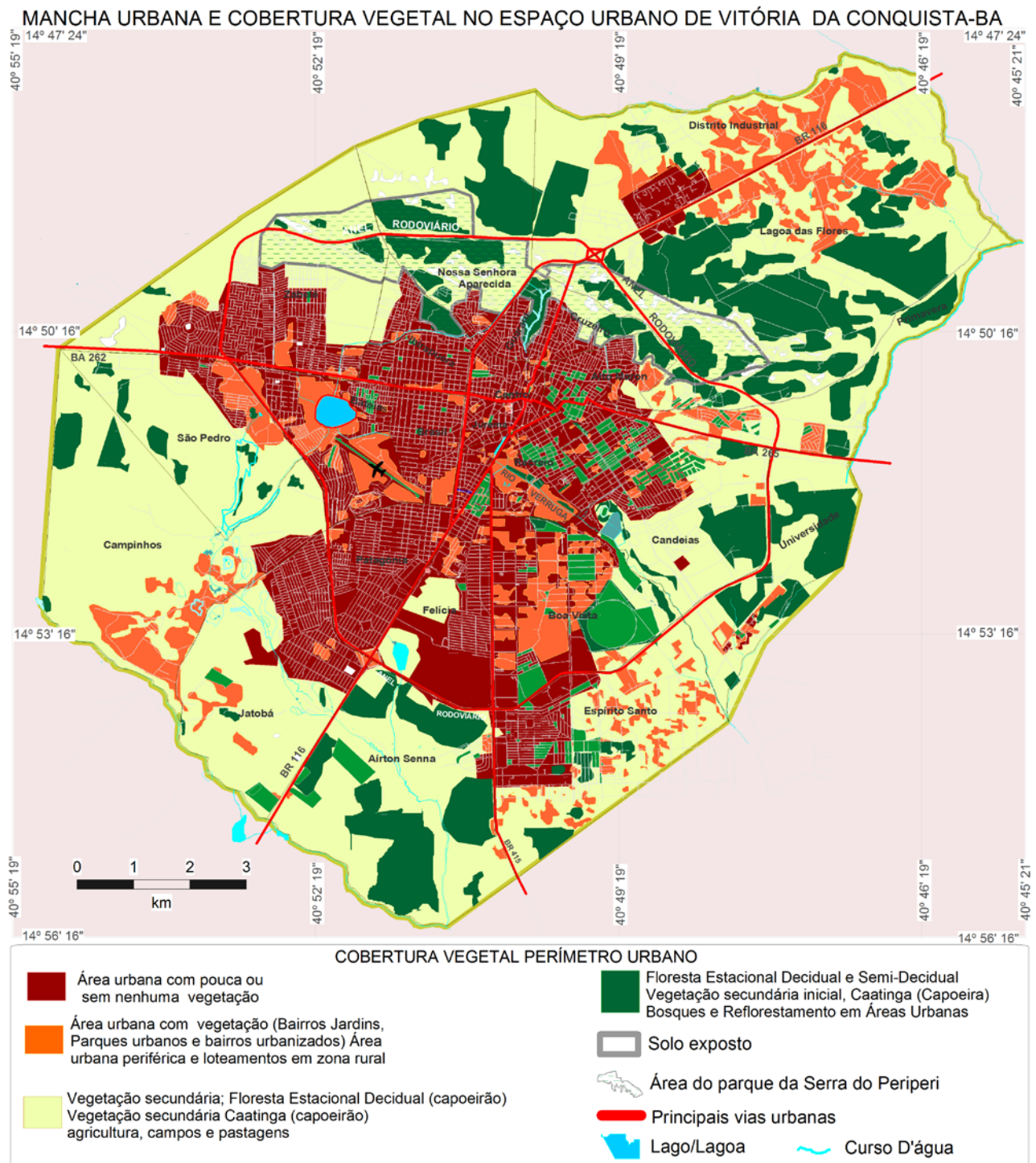


Figura 19- Mapa da Cobertura Vegetal e Mancha Urbana de Vitória da Conquista-BA-2012. Fonte: Produzido pelo autor com base em imagens SBERS e SPOT -2010

Pela análise dos dados obtidos no mapeamento, pode-se afirmar que na sua maior parte, o espaço urbano de Vitória da Conquista possui um sistema de áreas verdes deficitário, sobretudo nas áreas de nascentes e mananciais que por lei deveriam estar protegidos, já que são áreas de preservação permanente, definidas no Código Florestal Federal (Lei 4.771/65), revisado pela lei n 12.651/2012, que instituiu o novo Código Florestal e revogou as demais legislações da área florestal em vigor.

Nas áreas de Floresta Estacional, ocorre um processo semelhante sendo que nessa porção da bacia há uma grande ocupação urbana com cerca de 200 km², o perímetro urbano de Vitória da Conquista. A atual cobertura vegetal das áreas de Floresta Estacional é uma das áreas mais degradadas pela urbanização e pela agricultura tradicional.

No mapa da cobertura vegetal de Vitória da Conquista (figura 18), a mancha urbana é predominante em toda a porção central do mapa da cidade. Conforme Lefebvre (2004), a formatação da mancha urbana de uma cidade, revela uma morfologia que dá conta do que as pessoas fazem no contexto urbano, os traços de mancha urbana, demonstra que não houve uma preocupação no passado recente com a arborização da cidade na medida em que poucas são as áreas verdes que intercalam o espaço ocupado pela urbanização.

Essa constatação evidencia uma falta de planejamento das atividades setoriais que estão diretamente ligadas à gestão política e administrativa do território.

Constata-se que o uso do solo urbano nas áreas próximas às nascentes e mananciais é diversificado. Nos fundos de vale planos e argilosos, as culturas de olerícolas exercem um papel importante nos níveis de degradação das nascentes das áreas de nascentes. Ao lado destas, a criação de gado em pequenas propriedades de sítios e chácaras e a fabricação de tijolos através de olarias rudimentares constituíam e ainda constituem importantes atividades com alto grau de degradação ambiental.

No entanto, a maioria destas áreas recentemente, passou a ter outro caráter quanto ao uso, predominando neste caso, ocupações irregulares de moradias e atividades econômicas rudimentares, com precariedade nas construções sejam de oficinas, serrarias, carpintarias, fábrica de farinha, depósitos, etc. São espaços que camuflam a precariedade social e econômica, evidenciando a contradição do processo de urbanização da cidade.

Em outras áreas de fundo de vale e ou planície de inundação da cidade, ocorrem o corte de terrenos e aterro, dando lugar a grandes galpões comerciais, como é o caso da Baixa da Égua, Baixa do Jurema, Baixa do Sapo e toda extensão da Avenida Bartolomeu de Gusmão que, sofreu aterro de mais de um metro para a sua implementação.

Com relação ao uso do solo urbano destaca-se ainda a criação da reserva do poço escuro e posteriormente, a ampliação para o Parque da Serra do Periperi, localizado na área urbana de Vitória da Conquista - BA, onde encontra-se a principal nascente do Rio Verruga, (veja o mapa da figura 20).

O Parque da Serra do Periperi foi criado pelo Decreto Municipal nº. 9.480/99, com o objetivo de organizar o uso e a ocupação do solo, preservar áreas verdes e remanescentes nas encostas e topo da Serra do Periperi, proteger as nascentes existentes e recuperar as áreas degradadas pela atividade de mineração, minimizando e corrigindo os processos erosivos decorrentes da degradação ambiental.

Constata-se com isso uma das etapas da planificação territorial na cidade com um planejamento setorial importante para a prevenção de alguns problemas sociais e ambientais materializados nessa porção do espaço urbano.

Com a implantação do Parque, foram executadas obras de infraestrutura, consistindo na construção de Sede Administrativa (com Módulo de Educação Ambiental e Núcleo de Apoio à Pesquisa), do Centro de Triagem de Animais Silvestres, além de canal de drenagem, guarita, cercas e aquisição de veículos e equipamentos necessários ao desenvolvimento das atividades de monitoramento, fiscalização e educação ambiental.

De acordo com o mapeamento de uso e ocupação da área principal do parque da Serra do Periperi, onde encontra-se a reserva do Poço Escuro, constata-se uma grande pressão da urbanização sobre a cobertura vegetal e das demais estruturas ambientais da reserva.

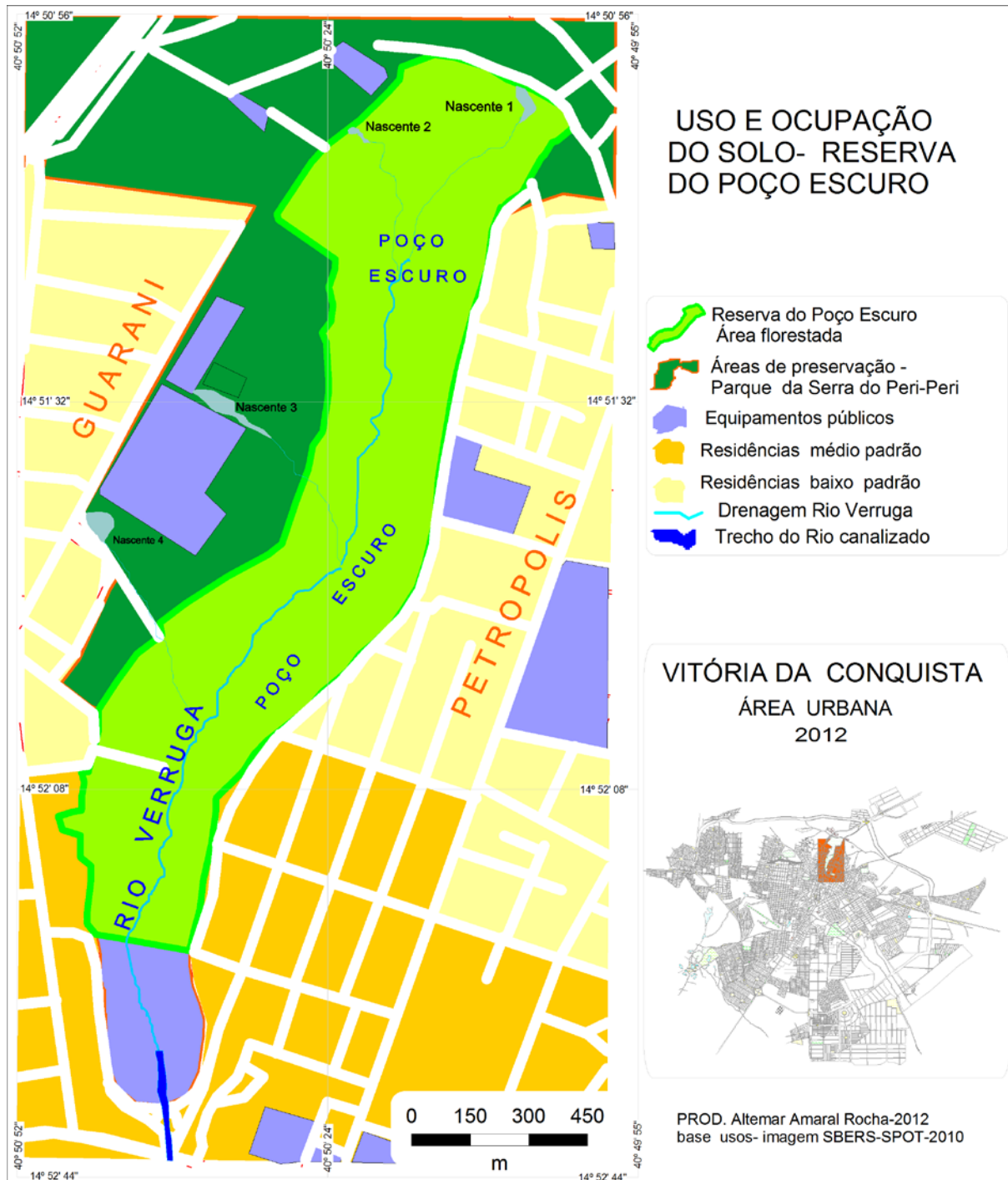


Figura 20- Mapa de uso do solo urbano no entorno da Reserva ambiental do Poço Escuro.

Todo o parque está rodeado por bairros de intensa ocupação residencial por metro quadrado, nesta área, a média de moradores é 4,0 a 5,3 habitantes por domicílios (IBGE 2000). Destacando-se residências de baixo padrão o que evidencia uma grande concentração populacional de baixa renda. Observe o mapa da figura 19. Nele, evidencia-se a dinâmica populacional que mantém uma pressão constante sobre a preservação da reserva e de todo o Parque da Serra do Periperi.

Além das áreas já “protegidas” pela criação do parque da Serra do Periperi, destaca-se, áreas que também necessitam de proteção ambiental permanente por se tratarem de nascentes pertencentes a drenagem da bacia do Rio Verruga. Tais como: Planície de inundação Baixa da Égua, planície de inundação Baixa do Jurema, Planície de inundação do Loteamento Leblon, Planície de inundação Lagoa das Bateias, nascente do alto do Panorama Fazenda Periquito. Mata ciliar do Rio Verruga trecho urbano, mata ciliar do riacho Santa Rita em direção aos Campinhos, mata ciliar do Riacho Lagoa de Baixo, Campinhos Jatobá; nascente no loteamento Morada dos Pássaros e outros riachos menores.

Em todas essas áreas, observa-se uma diminuição considerável do nível da cobertura vegetal, até mesmo a vegetação arbustiva, herbácea e ou gramíneas estão sendo suprimidas pelo processo de urbanização. Constata-se com isso, o aumento do deflúvio em todos os canais localizados no espaço urbano, provocando enchentes nos períodos de chuva, causando com isso transtornos aos moradores dessas localidades.

Tucci (2001) analisa o processo de urbanização em bacias hidrográficas, nessa análise constata-se que o aumento da densidade de construções e de cobertura asfáltica, altera o sistema de drenagem natural, aumenta a área impermeabilizada diminui a carga e recarga subterrânea, já Tundisi (2005, p.41), afirma que a rápida urbanização altera todo o ciclo hidrológico e a qualidade das águas. Esse fenômeno é observado em Vitória da Conquista em que a rápida urbanização da cidade na bacia hidrográfica do Rio Verruga alterou toda a sua dinâmica natural.

De acordo com as condições de uso e ocupação territorial da cidade, foi possível definir unidades ecodinâmicas conforme o mapa da figura 21, sobretudo o grau de fragilidade conforme o uso e ocupação do território.

Esse comportamento morfodinâmico da cidade foi mapeado com o cruzamento de informações do relevo, da geologia, dos tipos de solos e da cobertura vegetal da área, associando-se com os diferentes tipos de uso e ocupação, definindo-se assim unidades geoambientais com estabilidade no comportamento morfodinâmico e unidades com instabilidade que variam de intensidade de acordo com a estrutura e intensidade de uso. Do ponto de vista da ocupação territorial e da variabilidade geoambiental, pode se considerar ainda o comportamento morfodinâmico resultante da morfologia urbana que define áreas de estabilidade e áreas de instabilidade morfodinâmica Ross (2006).

Na avaliação do estado geoambiental da cidade, foi dado um destaque especial ao território com maior densidade de ocupação pela urbanização de Vitória da Conquista, (ver mapa da fig.21). Nessas áreas o detalhamento das informações, permite uma maior compreensão do comportamento morfodinâmico apresentado pela morfologia urbana. Desse modo, conforme Ross (2001), e com base no cruzamento de informações, o mapeamento do estado geoambiental da cidade de Vitória da Conquista, apresenta zonas de equilíbrio e zonas em desequilíbrio ambiental.

- As zonas em equilíbrio ou estabilidade morfodinâmica; são aquelas com estabilidade natural – cobertura florestal natural Ex. reserva do Poço escuro e matas ciliares do rio. Estabilidade por urbanização e impermeabilização do solo em terrenos planos; estabilidade por urbanização de alto padrão.
- As zonas em desequilíbrio ambiental moderado a fraco; foram encontrados em áreas com relevo suave e ocupação pouco densa; instabilidade forte relevo de declividade entre 10 e 30%, com ocupação caótica, solos expostos por retirada de material (areia e cascalho); ex. encosta meridional da Serra do Periperi;

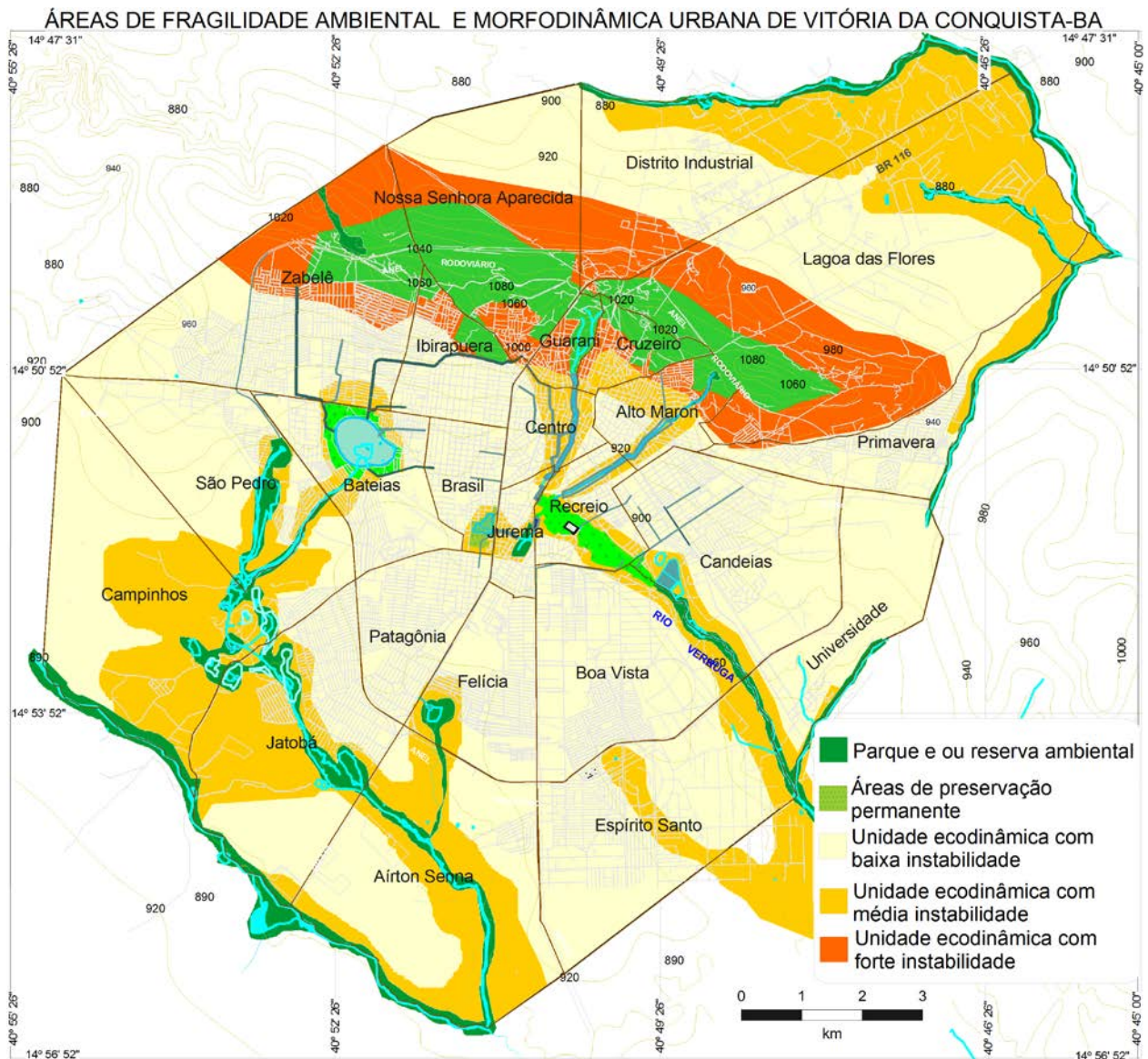


Figura 21- Mapa de unidades ecodinâmicas e grau de fragilidade espacial da cidade de Vitória da Conquista-BA 2010. Fonte: elaborado pelo autor com base nos trabalhos de campo e mapa das feições geológicas, geomorfológicas e da cobertura vegetal.

– As zonas de instabilidade morfodinâmica muito forte com o relevo de planície de inundação e fundos de vales estrangulados por aterros, pontes, tubulações, depósitos de lixo e entulho e construções irregulares; ex. Baixa dos Campinhos, Baixa do São Pedro, Lagoa das Bateias, Baixa do Jurema, Baixa do Sapo, Praça Vitor Brito Avenida Bartolomeu de Gusmão, Baixa da Égua, Ponte sobre a Av. Luis Eduardo Magalhães, ambos próximos do leito principal do Rio Verruga.

Assim, a dinâmica de apropriação territorial aponta para as seguintes tipologias de uso e ocupação:

- Os vales e fundo de vales em área urbana estão sendo ocupados por pastagens, atividades de extração de argila e areia, condução de efluentes, esgoto e moradias;
- As áreas de fundo de vale sofrem intervenções arbitrárias, incluindo canalizações dos córregos e riachos, destacando-se a área urbana de Vitória da Conquista-BA que ocupa fundos de vales do Riacho Santa Rita, Córrego Lagoa de Baixo, Córrego São Pedro, Córrego das Bateias, Córrego do Jurema e o Rio Verruga.
- As nascentes e mananciais localizados em área urbana estão desprovidos de cobertura vegetal do entorno exceto a nascente principal do Rio Verruga localizada na Reserva do Poço Escuro;
- As áreas de preservação permanente definidas pelo Código Ambiental do município estão sendo destinadas ao lazer e em outras, foram ocupadas por loteamentos e invasões para moradia;
- Os fundos de vale e nascentes, foram transformados em depósito de lixo, entulho e receptáculos de efluentes domésticos e industriais; contribuindo para a poluição e contaminação das águas.
- As nascentes e mananciais da área urbana, passam por um processo de revitalização com a incorporação dessas áreas no plano de saneamento ambiental da cidade, com a criação da reserva do poço escuro e do parque da Serra do Periperi, com a construção da Lagoa das Bateias e urbanização das invasões ali existentes; com a expansão do sistema de macrodrenagem da cidade.
- As encostas da Serra do Periperi parte meridional, onde localiza-se boa parte das nascentes urbanas, sofreram corte e aterro para a construção da BR 116 e do Anel Rodoviário, propiciando o intenso processo de ravinamento e voçorocamento.

Foi detectada uma grande quantidade de sulcos e ravinas no perímetro urbano de Vitória da Conquista com construção de estradas; corte e aterro, principalmente com a implantação do anel rodoviário após 1999, vários trechos de

ravinamento e voçorocamento surgiram observe as fotos da figura 22. Isso evidencia que os processos de planificação territorial não seguem a lógica do planejamento eficaz.

Os processos erosivos do Anel rodoviário ocorrem na drenagem da alça oeste com canais entre 2 e 15 m de profundidade e cerca de 3 km de extensão convergem para a baixa do Córrego São Pedro, carreando milhares de toneladas de resíduos sólidos para as nascentes e córregos da bacia.



Figura 22- fotos com processos erosivos nas margens do anel rodoviário, espaço urbano de Vitória da Conquista-BA. Fonte: trabalho de campo dez 2009.

Complementando a avaliação do estado geoambiental da cidade, pode se dizer que os processos erosivos detectados projetam vários pontos críticos na parte mais urbanizada, merecendo destaque além dos representados pelas fotos da figura 22, outros pontos como a baixa dos campinhos que alguns trechos recebem aterro naturalmente pelas águas da chuva ou pelas obras de urbanização da prefeitura e em outros sofrem a retirada de material.

Com relação à drenagem e sua distribuição pelo território, constata-se que com ausência da cobertura vegetal arbórea em quase toda a área urbana, ocorre um aumento do escoamento superficial no período das chuvas estrangulando vários pontos dos canais de drenagem urbana.

Mas a drenagem que apresenta maiores problemas é justamente na parte do Alto da Serra do Periperi, e nas planícies de inundação, permeadas pela malha urbana da Cidade de Vitória da Conquista-BA. Entre a parte alta da cidade e as áreas de inundação, foram verificados diversos processos de canalização, corte e aterro dos córregos e riachos cortam a cidade, além da criação de canais de micro e macrodrenagem urbana que convergem principalmente para as áreas de nascentes e mananciais do Rio Verruga.



Figura 23- Macrodrenagem urbana de Vitória da Conquista-BA com canalização aberta revestida em pedra, convergindo para o Rio Verruga. Fotos do autor -2009

Suertegaray (2002), afirma que os aterros urbanos, são soluções técnicas para a criação de novas áreas ou para apropriação de espaços frágeis. E o que se verifica no espaço urbano de Vitória da Conquista é a consolidação dessa premissa nos diversos períodos da planificação territorial. (ver fotos da figura 23).

Entre os problemas detectados com relação à drenagem urbana, destaca-se: a falta de planejamento para a expansão urbana, despreocupando-se entre outras coisas com o arranjo do traçado urbano – como a implantação de longas avenidas, sem rede de drenagem, que no período de chuvas intensas se transformam em verdadeiros cursos d'água; implantação de vias preferenciais nas encostas da Serra do Periperi, aumentando a velocidade de escoamento;

Outra questão são as ocupações arbitrárias das áreas de drenagem natural, diminuindo o processo de infiltração e aumentando o escoamento superficial das chuvas; impermeabilização do terreno com a pavimentação asfáltica e construção de prédios, aumentando o volume das águas superficiais pluviais de forma exponencial e todo o processo de degradação ambiental. Cunha (2003, p. 229), afirma que “nas áreas urbanas, as estruturas de revestimento dos canais são utilizadas como indicador da degradação”.

Ocorre também a retinização dos canais de drenagem construídos, aumentando a velocidade das águas pluviais e conseqüentemente o seu volume nas partes mais baixas, causando estrangulamento do leito dos córregos e riachos receptores, daí as constantes inundações em períodos chuvosos, é o caso da de toda a porção central da cidade, que é cortada pelas galerias fechadas do leito do Rio Verruga, da Praça Vitor Brito e da Avenida Bartolomeu de Gusmão.

Devido à inexistência de um sistema de esgotamento sanitário eficiente em cerca de 30% da cidade, os dispositivos de drenagem existentes, recebem efluentes residenciais e industriais, sem nenhum tratamento, aumentando os índices de poluição e contaminação das águas. Outro fator é a ineficiência do sistema de limpeza pública, aliado à falta de educação ambiental da população,

em locais em que a coleta é insatisfatória, o lixo é depositado nos canais de drenagem. (ver fotos da figura 24).



Figura 24. Acumulo de lixo na nascente do Rio Verruga-Reserva do Poço Escuro. Despejo de esgoto in-natura na Lagoa das Bateias.

No processo de avaliação socioespacial da cidade de Vitória da Conquista, fica evidente a necessidade de compreender as condições ambientais e os processos de destruição e degradação da água. Petrella (2004) destaca alguns processos de degradação da água tais como: a irrigação na agricultura intensiva e industrializada; a poluição e contaminação causada por atividades industriais e pela falta de gerenciamento do lixo urbano, entre outros.

Aqui será feito uma análise da degradação da água em detrimento das condições de saneamento ambiental do espaço urbano de Vitória da Conquista-BA. Atualmente o Sistema de Esgotamento Sanitário da cidade de Vitória da Conquista, compreende duas sub-bacias, denominadas pela empresa de saneamento de sub-bacia Oeste e sub-bacia Leste. A parte oeste da cidade, não possui estação de tratamento de esgoto - ETE.

Neste caso, os bairros que possuem rede coletora, conduzem todo o efluente in-natura para as nascentes e mananciais da Bacia do Rio Verruga. É o caso dos bairros Zabelê, Bateias, Nossa Senhora Aparecida, parte do bairro Ibirapuera, Parte do Bairro Brasil, que distribuem seus dejetos diretamente na Lagoa das Bateias. O tornando as águas que nascem no local e converge para o Rio Verruga uma das mais poluídas e mais contaminadas de toda a bacia. Já os Bairros São Pedro, Parte do bairro Patagônia, Jatobá e Campinhos, destinam os

efluentes diretamente nos canais de córregos e riachos que cortam a sub-bacia oeste.

A parte leste da cidade é parcialmente coberta pela rede de esgotamento que converge para a estação de tratamento da EMBASA – ETE (Ver figura 25), localizada na margem esquerda do Rio Verruga, próximo ao estádio de futebol Lomanto Junior no bairro Candeias. No seu entorno existe uma área reflorestada com eucaliptos, mas devido a proximidade das residências, mau cheiro incomoda bastante os moradores da vizinhança que compreende um bairro de classe média a alta e uma invasão com moradias de baixo padrão que segue em toda a faixa ocidental da margem direita do Rio Verruga, paralelo ao reflorestamento de eucalipto.

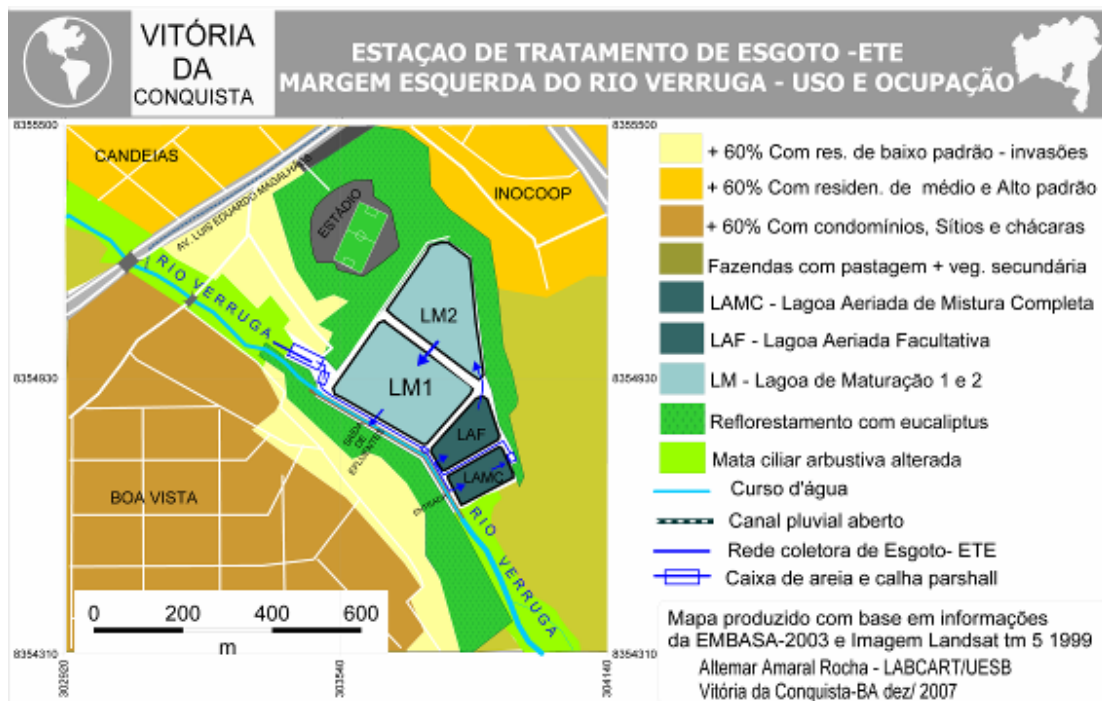


Figura 25 - Mapa do entorno da estação de tratamento de esgoto da embasa e sua estrutura de funcionamento.

Segundo a EMBASA (2006), a ETE é composta por caixas de areia para gradeamento e desarenagem dos resíduos e por quatro unidades de tratamento, que compreende: uma lagoa aerada de mistura completa (LAMC), uma lagoa aerada facultativa (LAF) e duas lagoas de maturação (M1, M2).

De acordo com a EMBASA (2006), As lagoas funcionam em série, LAMC, LAF, M1, M2, sendo o efluente final lançado no rio Verruga, (Ver figura 26). O sistema funciona da seguinte forma: A LAMC - lagoa aerada de mistura completa é a primeira porta de entrada dos efluentes com 10 aeradores de 30cv cada, com tempo de detenção de 1,5 dias; daí segue para a lagoa LAF, que funciona como lagoa aerada facultativa com 10 aeradores de 7,5 cavalos cada, com tempo de detenção de 2 dias; e posteriormente, as lagoas LM1 e 2 que funcionam como lagoas de maturação, por alguns dias devolvendo os efluentes ao Rio Verruga.



Figura 26- Fotos da estação de tratamento da embasa margem esquerda do Rio Verruga; ao fundo barreira com eucaliptos contra o odor dos efluentes.

Conforme o relatório estratégico para implantação do Plano Diretor Urbano -PDU de Vitória da Conquista-BA, a fim de verificar as condições operacionais das lagoas, foram analisados os valores da Densidade Bioquímica de Oxigênio -

DBO de entrada e saída dos esgotos e os valores de Densidade Química de Oxigênio - DQO. Para o PDU (2006), “embora, de modo geral, haja eficiência em termos de remoção de DBO, verifica-se que os valores atingidos pelos efluentes ainda são bem elevados (30mg/l)”, provavelmente por conta dos resíduos industriais contidos nos efluentes. Isso aumenta o índice de turbidez das águas do rio Verruga que chega antes da estação relativamente límpida.

O sistema da ETE, até 2009 atendia parcialmente os bairros da sub-bacia leste, representando cerca de 50% do total de residências do espaço urbano de Vitória da Conquista, evidenciando uma ineficiência do sistema de coleta e tratamento dos efluentes produzidos pela sociedade local. Desse modo, a qualidade das águas da Bacia do Rio Verruga fica totalmente comprometida, na medida em que os dejetos sólidos e efluentes líquidos convergem para os canais de drenagem da bacia e contamina toda a água do rio, inviabilizando o uso para fins de dessedentação humana entre outros usos.

Entre 2009, e 2012, iniciou-se uma nova planificação do sistema de esgotamento sanitário da cidade, com a expansão da rede coletora de esgoto e a construção de uma nova estação de tratamento do tipo fechada que elimina o odor diminuindo o impacto de vizinhança na estação em fase final de implantação, o funcionamento será com um Reator Anaeróbio de Fluxo Ascendente (RAFA) e Digestores Anaeróbios de Fluxo Ascendentes (DAFAS) ambas estão em tanques fechados.

O novo sistema de tratamento do esgoto implantado ocorre com um sistema biológico que é realizado por um processo anaeróbio, isto é, sem oxigênio. A decomposição da matéria orgânica é feita por microorganismos presentes num manto de lodo ativado para o tratamento do esgoto, cuja eficiência segundo a empresa de saneamento (EMBASA-SA), será de 95%, de limpeza da água, que continuará sendo devolvida aos canais de drenagem do Rio Verruga, já que a nova estação assim como a antiga está às margens do Rio.



Figura 27- Fotos da nova estação de tratamento da embasa margem esquerda do Rio Verruga; próximo à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Fonte: Minplanpac-2012.

O processo de avaliação da espacialidade urbana, com vistas na identificação dos processos de planificação pautados na integração de fatores transversais que emanam da questão ambiental, sobretudo no que diz respeito ao processo de planificação urbana materializado em uma área de bacia hidrográfica, onde há a necessidade de planejar suas ações para que as águas não fiquem poluídas e ou contaminadas. Segundo Sperling (2007), uma bacia hidrográfica possui naturalmente zonas de autodepuração das impurezas, principalmente as que resultam do despejo de efluentes e esgoto. Para Sperling (Op. Cit.), numa bacia hidrográfica existem quatro zonas de autodepuração: zona de degradação, zona de decomposição ativa, zona de recuperação e zona de águas limpas, é o que foi verificado no espaço urbano de Vitória da Conquista, a

cidade está numa área de degradação, onde todos os dejetos caem diretamente sobre os canais de drenagem que converge o rio principal.

No trecho urbano do Rio Verruga, existem diversos pontos que estão em processo de degradação ambiental acelerado, especialmente nas áreas de nascentes e próximas aos vales e fundo de vales. Pois, há uma extensa ocorrência da zona de degradação definida por Sperling (op.cit), como zona de lançamento de águas residuárias, seguida por uma zona de decomposição ativa com ambientes aeróbicos e anaeróbicos. Na zona de recuperação há aspecto melhorado, mas não consegue limpar toda a poluição despejada no rio, sendo assim, a zona de água limpa é muito pequena ou quase inexistente, já que sua nascente também está poluída e contaminada por coliformes fecais. Mesmo sendo considerada uma zona de água limpa por estar localizada numa reserva ambiental protegida por floresta.

Dessa problemática, o que mais sobressai, são os processos erosivos, com sulcos, ravinas e voçorocas, principalmente nas cabeceiras das nascentes, seguidos de solapamentos das margens fluviais dos canais de drenagem, acarretando o assoreamento e muitas vezes a interrupção do leito natural do Rio.

No que diz respeito ao nível de proteção das margens fluviais com vegetação, no trecho urbano da bacia, a mata ciliar é ausente, em alguns pontos restam pouca vegetação muito alterada, que exerce a função natural de proteção.

A degradação das águas da Bacia é agravada pela deposição irregular de resíduos sólidos em área urbana, provenientes de entulho, lixo residencial e industrial, além da entrada de efluentes in natura de cerca de 50% do total produzido pela sociedade Conquistense.

O abastecimento de água para a população urbana de Vitória da Conquista é realizado por um sistema de transposição entre duas bacias hidrográficas distintas, especificamente, entre a bacia do Riacho Água Fria situada na porção oriental do Planalto da Conquista e a bacia do Rio Verruga.

Isso porque a intensa ocupação da bacia do Rio Verruga pelo processo de urbanização que consolidou a cidade de Vitória da Conquista como um centro

regional modificou a qualidade das águas do Rio Verruga, tornando a imprópria para o consumo humano.

Para entender a lógica desse processo, é preciso saber como ocorre a materialização da transposição. “O ato da transposição de águas em si é muito simples de se entender: trata-se do transporte de um determinado volume de água entre bacias distintas”, Suassuna (2000, p.6). Mas para que ocorra essa transposição é preciso realizar um recalque-também chamado de adução que, segundo Suassuna (2001) significa o simples transporte de água de um determinado ponto a outro (geralmente para um local mais elevado) utilizando-se, para tanto, um sistema de bombeamento d’água, também chamado de sistema adutor.

No caso do sistema de abastecimento de Vitória da Conquista-BA, o seu funcionamento é pela transposição de águas da barragem Água Fria I e II com recalque e adução até à estação de tratamento. Veja a ilustração da figura 28.

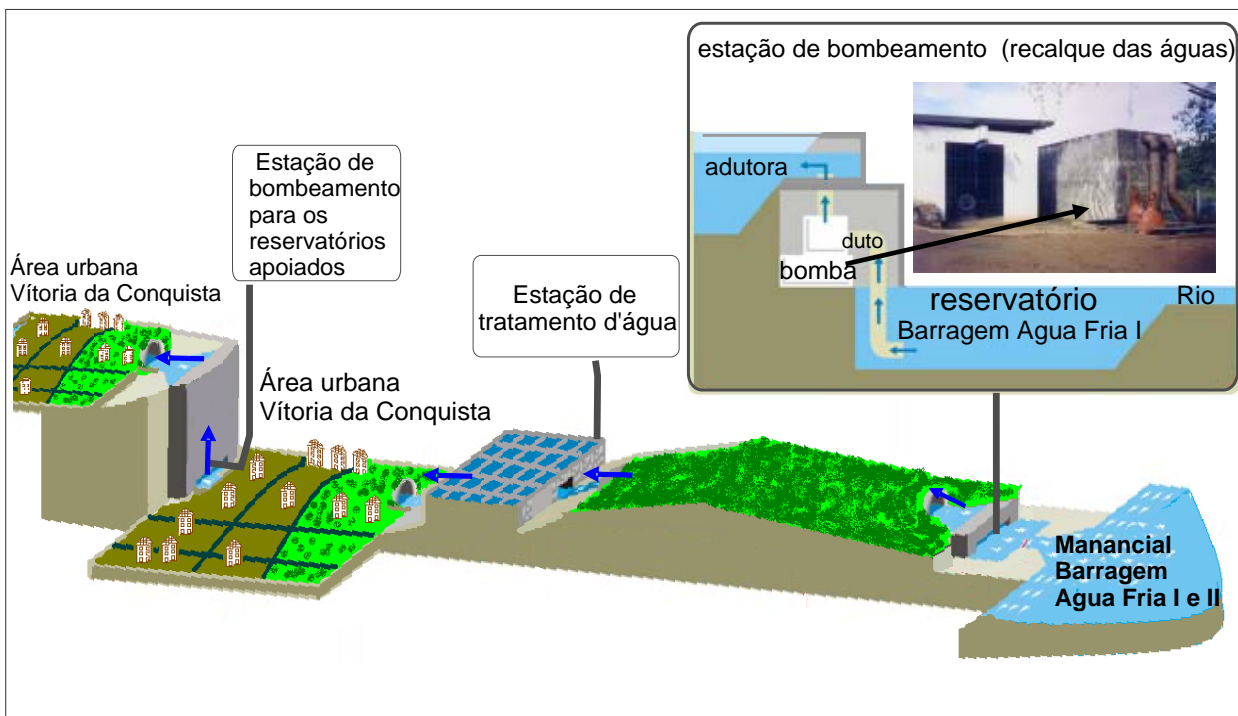


Figura 28- Esquema de ilustração do sistema de transferência de águas entre a bacia do Rio Água Fria e a bacia do Rio Verruga. Fonte: elaborado pelo autor 2011.

O sistema de abastecimento de água de Vitória da Conquista é operado pela EMBASA - Empresa Baiana de Água e Saneamento, implantado na década de 1960, com um pequeno reservatório (Barragem Água Fria). Com a expansão urbana e o aumento da demanda pelo consumo de água, foi construída a Barragem Água Fria II, logo abaixo do primeiro reservatório interligada por uma adutora de ferro dúctil com captação flutuante. Observe a ilustração da figura 29.

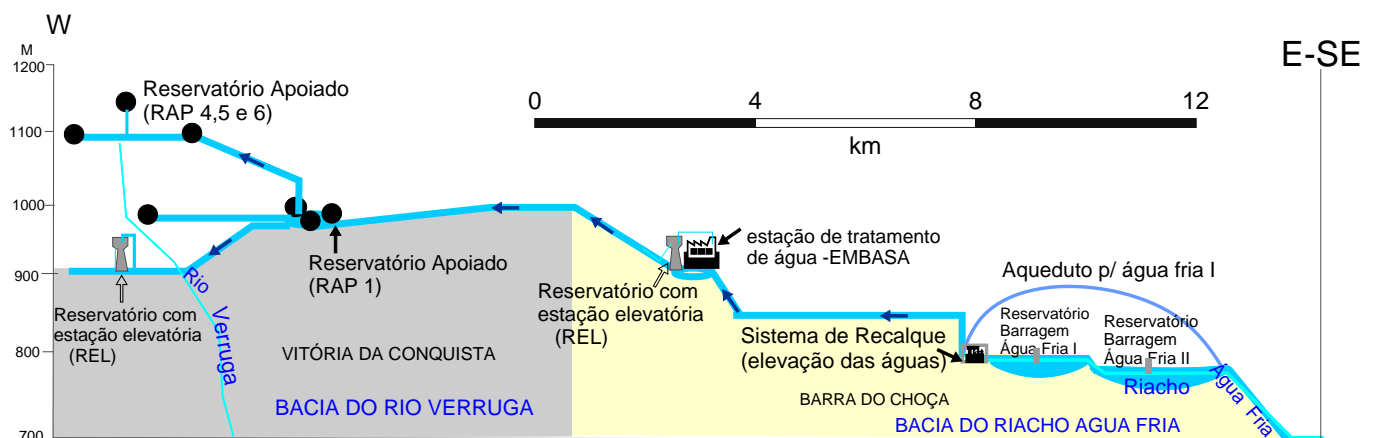


Figura 29- Perfil longitudinal do sistema de transposição de águas para o abastecimento humano em Vitória da Conquista-BA. Fonte: elaborado pelo autor -2011

A água captada na barragem de Água Fria II é encaminhada para o sistema de recalque da barragem de Água Fria I, através de uma adutora em ferro dúctil, com diâmetro de 700 mm e extensão de 3.200 metros. A partir do sistema de Água Fria I, a água é conduzida para a estação de tratamento, também localizada em terras do município de Barra do Choça, através de uma adutora de 11.900 metros de extensão em aço carbono, com diâmetro de 700 mm, e mais uma outra linha de mesma extensão, em ferro fundido cinzento, funcionando em paralelo à primeira.

A estação de tratamento da água é do tipo convencional e, segundo a EMBASA (2006), possui a capacidade para tratar 1000 l/s sendo constituída das seguintes unidades: Calha Parshall, floculadores, decantadores, filtros e sistema de desinfecção. Após o tratamento, a água é bombeada para o reservatório apoiado RAP 1, localizado na sede de Vitória da Conquista, de onde a água é encaminhada para os demais reservatórios integrantes do sistema, além dos

distritos de José Gonçalves, Bate Pé, Pradoso, Iguá, e São Sebastião. O consumo de água em Vitória da Conquista é de 600l/s no verão e 400 l/s no inverno. A embasa realiza diariamente constantes bombeamentos de água para cotas mais elevadas, pois já existem ocupações urbanas que atingem a cota de 1080m e, no entanto a estação de tratamento encontra-se a 950m de altitude. Além disso, há déficit entre o consumo e a capacidade de armazenamento já que diariamente há um consumo médio de 45.000m³ de água e os reservatórios comportam apenas 23.000m³.

Outra questão é o tamanho dos reservatórios atuais que segundo a embasa, comportam 6 milhões de metros cúbicos mas já não é o suficiente para abastecer a cidade de Vitória da Conquista pois com os constantes períodos de seca na região a barragem fica em níveis críticos por longos períodos de estiagem, fazendo com que o abastecimento seja interrompido por dias e dias este é um dos problemas da falta do planejamento para o setor, que já possui mais de 40 anos de instalado e está defasado para os atuais níveis de consumo da população.

De toda água consumida pela população de Vitória da conquista cerca de 85% dela tem a destinação final diretamente nos canais de drenagem da bacia do Rio Verruga. O que justifica o alto índice de poluição das águas no trecho urbano da bacia. Tucci (2001) argumenta que o aumento da densidade populacional, especificamente em área urbana aumenta a demanda por água e em paralelo, aumenta o volume de águas residuárias que em sua maioria transformam-se em esgoto in natura estando estes diretamente interligados: bacia hidrográfica e espaço urbano acabam por deteriorar os rios a jusante da área urbana.

No caso de Vitória da Conquista, esse processo de deteriorização vem desde a sua origem enquanto núcleo urbano que data dos finais do século XVIII e início do século XX, forçando a busca por águas de outras bacias o que resultou na transposição das águas da bacia do rio Água Fria para o Rio Verruga, mantendo de certa forma a perenidade das águas e uma regularidade na vazão

das águas com o despejo de cerca de 45.000m³ de água e esgoto diários no leito Rio Verruga.

A questão da qualidade das águas é uma preocupação mundial que ganhou evidência com o acirramento do uso pela escassez da água potável. Segundo Petrella (2004), existem alguns argumentos explicam essa preocupação entre eles estão: a distribuição desigual de recursos hídricos; o desperdício pelo mau uso e gerenciamento da água; o aumento da poluição e da contaminação pela indústria e demais usos e o crescimento populacional. Tais questões aliadas à falta de políticas públicas e má gestão política dos recursos hídricos, certamente, aumentam a possibilidade de disputa pela água.

No Brasil, com a sanção da Lei Federal nº. 9.433, de 8 de janeiro de 1997 foi instituída a Política Nacional de Recursos Hídricos, tendo como um dos fundamentos gerir tais recursos, proporcionando múltiplos usos, em consonância com objetivos que assegurem “à atual e às futuras gerações a necessária disponibilidade de água, em padrões de qualidade adequados aos respectivos usos”.

A questão da água então passou a ter uma preocupação maior não somente quanto ao uso, mas também quanto à gestão política e o gerenciamento dos recursos hídricos. Isso porque em todo o globo, surgem novas vertentes econômicas tais como a privatização e concessão dos serviços de exploração e distribuição da água para diversos fins, principalmente para abastecimento urbano.

Assim surge uma preocupação com a integração da gestão quanto aos aspectos de qualidade e quantidade, destacando-se, também, a “integração da gestão de recursos hídricos com a gestão ambiental”.

Com essa Lei, surge o enquadramento dos corpos de água em classes, importante instrumento de gerenciamento de recursos hídricos, que demanda um conhecimento da qualidade das águas a serem geridas e das questões ambientais e antrópicas capazes de alterá-la. Neste caso, a utilização das normas de qualidade das águas, garantirá os padrões de qualidade tendo como base

parâmetros para a definição das normas e dos usos múltiplos desejados pela comunidade, preservando os aspectos qualitativos para a vida aquática e demais usos.

Os parâmetros e respectivos padrões de qualidade da água são determinados em função dos seus usos preponderantes atuais e futuros. Para garantir o atendimento das necessidades, a vontade futura dos usuários da água e, a proteção da vida aquática, os limites fixados devem ser respeitados para que não venha prejudicar os usos prioritários.

A resolução CONAMA nº. 357 de 2005 dispõe sobre a classificação e diretrizes ambientais para o enquadramento dos corpos de água superficiais, bem como estabelece as condições e padrões de lançamento de efluentes. Já a portaria 518/04 do Ministério da Saúde - MS dispõe sobre a qualidade da água para o consumo humano e normatiza os critérios para a definição do padrão de qualidade da água. Para Branco (1991), a qualidade da água deve ser entendida de acordo com o mérito, grau ou valor de uso e não somente pela condição de substância em questão.

Sobre a qualidade da água, Sperling (2007), afirma que além do ciclo natural da água, existe um ciclo de alteração de sua qualidade no interior da bacia hidrográfica, relacionando-se com a intensidade do uso e ocupação do solo na área da bacia.

Neste sentido, com o intuito de analisar os processos de planificação territorial da cidade e o objetivo de verificar o grau de poluição e contaminação das águas na área urbana de Vitória da Conquista, foi realizada uma análise microbiológica e outra físico-química com as amostras coletadas em diversos pontos do Rio Verruga, seguindo a metodologia recomendada pela portaria 518/2004-MS, que define os padrões de potabilidade da água. A escolha dos pontos de coleta foi de acordo com o padrão de drenagem da bacia e pelo grau de intensidade de uso e ocupação, principalmente pelos processos de urbanização.

Cabe ressaltar que no trecho urbano percorrido pelas águas do Rio Verruga, existe uma parte subterrânea e outra com vegetação arbustiva, entrelaçada por herbáceas que influenciam na limpeza tanto da poluição quanto da contaminação dessas águas, formando uma zona de autodepuração. Sperling (2007) define esse tipo de processo como o e autodepuração para Sperling (op.cit.), a autodepuração refere-se à capacidade de assimilação dos rios. Ou seja, o quanto um corpo d'água suporta poluentes sem apresentar problemas do ponto de vista ambiental.

Assim, em relação às fontes poluidoras das águas, constata-se que as fontes com grandes riscos de poluição e contaminação, são as de usos não consuntivos dessas águas, principalmente aquelas que resultam no despejo direto das águas residuárias nos rios e nascentes oriundas do espaço urbano de Vitória da Conquista. Em função do desenvolvimento urbano regional de Vitória da Conquista, do número de habitantes elevado, das atividades econômicas, a cidade produz muita água residuária e esgoto que converge para os canais de drenagem do espaço urbano da cidade.

Outro fato é que a população urbana consome muito, principalmente produtos industrializados com grande número de materiais ditos descartáveis que em sua maioria não são coletados pelo serviço público e acaba indo para as nascentes, mananciais e fundos de vale por onde correm as águas dos rios urbanizados. Além disso, a cidade de Vitória da Conquista concentra grande número de indústrias e casas com serviços especializados que sempre produzem resíduos altamente poluentes e contaminantes que certamente convergem para drenagem urbana.

Conforme Lorandi & Cançado (2005), a poluição hídrica é caracterizada por qualquer alteração nas condições naturais de um corpo d'água. Evidencia-se na cidade um cenário de degradação por diversos agentes de poluição hídrica. Dentre eles destacam-se a decomposição de matérias orgânicas, o despejo de águas residuárias, os resíduos sólidos e outros. Essas fontes potenciais de poluição foram identificadas em grande parte no espaço urbano de Vitória da

Conquista, principalmente aquelas relacionadas ao despejo de águas residuárias nos trechos selecionados para obtenção das amostras de água, mostrando a relação direta das atividades humanas, com o nível de poluição identificado na amostragem e nos corpos d'água de toda a bacia hidrográfica.

Os efluentes líquidos urbanos e industriais associados com os resíduos sólidos configuram as principais fontes potenciais de poluição e representam as piores situações de risco para os mananciais de água superficial da bacia.

Dos trechos analisados, a maioria possui altos índices de poluição por termotolerantes e situações de riscos de contaminação da população, principalmente por coliformes fecais, devido às fontes de esgoto doméstico e dejetos de animais.

Os produtos químicos oriundos das indústrias, da lavagem de roupas e utensílios domésticos é outra fonte de poluição e contaminação bastante peculiar nos trechos analisados.

Assim, para o controle dessa poluição, é necessária uma estratégia que associe o tratamento dos esgotos, o controle da poluição difusa, a regularização da vazão do curso d'água, a aeração dos esgotos tratados, a alocação de outros usos para o curso d'água, para estabilizar ou diminuir a quantidades de poluentes que permanecem nos corpos d'água dos rios que estão no espaço urbano de Vitória da Conquista.

6.3 Das questões ambientais às contradições socioespaciais na configuração territorial urbana de Vitória da Conquista- BA

Na definição dos aspectos mais relevantes, segue-se o mapeamento das nascentes e mananciais no perímetro urbano que evidencia a drenagem e os problemas decorrentes, além da elaboração do mapa geoambiental e do uso do

solo. Todo esse material funciona como base para sintetizar os impactos diagnosticados tais como: destruição dos mananciais superficiais da bacia na área urbana; aterro de parte das margens do rio principal e seus afluentes, aterro das lagoas que formam as nascentes, aterro das planícies de inundação, entre outros.

Segundo Sposito (2003), o espaço topográfico da cidade, deve ser visto à luz de sua formação geológica, de conjunto de condições geomorfológicas, no contexto da drenagem que desenham a topografia. Além disso, uma análise da estrutura topográfica do lugar e a avaliação da capacidade de drenagem do espaço urbano importante na medida em que busca-se o estudo integrado do ambiente, priorizando a leitura dos processos de planificação que atuaram e atuam no desenvolvimento de estruturas para solução dos problemas resultantes da expansão urbana em um solo de alta fragilidade ambiental. A integração dos componentes da análise, foram subsidiados por mapas temáticos sobre a problemática geoambiental urbana, sobre o uso do solo próximo às nascentes e mananciais da área urbana.

A sociedade atual revela-se como uma sociedade urbana, real, concreta e virtual. Concreta e real na medida em que revela uma cotidianidade materializada numa geometria singular e particular, que corresponde ao *lugar*. Virtual porque está permeada por um fator universalizante, mediatizada por sistemas de simbólicos da linguagem e do modo de produção. Na visão de Sposito (2003), uma primeira perspectiva de análise pode ser a compreensão do que seja o ambiental nas cidades. Pois na maioria das vezes confunde-se o ambiental com o natural, sem levar em conta o social que permeia a questão ambiental.

As paisagens urbanas escondem lugares. Os guetos e favelas desenvolvem-se em tal grau de isolamento que podem se constituir uma unidade de contradição, desenvolvendo um modo de vida bastante independente. Esses lugares são paisagens urbanas indesejáveis do ponto de vista do capitalismo, mas é a condição da contradição que sustenta o próprio modo de produção.

Em sua maioria, tais lugares são os que espacialmente falando, estão localizados em áreas de alto grau de fragilidade ambiental quer seja nas encostas, ou nas planícies de inundação. O fato é que a cidade, “resultado maior da capacidade social de transformar o espaço natural, não deixa, em função disso, de ser parte desse espaço e de estar submetida às dinâmicas e processos da natureza” (SPOSITO, 2003, p. 295).

Pode-se dizer que, o espaço das cidades deve ser hoje, mais do que nunca, o alvo por excelência da pesquisa geográfica e da análise socioambiental, mas não sob o ponto de vista apenas do ecologismo, como afirma Seabra (2003), a sociedade mobiliza-se na atualidade muito mais conforme os impulsos e demandas do movimento ecológico, naturalizando o processo social.

A mancha urbana (Carlos, 2004) é a imagem refletida de um todo complexo formado por realidades diametralmente opostas, absorvendo a dimensão social e a da natureza. O gênero de vida urbano aglutina na imagem uma constelação de lugares singulares que, por mais distantes espaço-temporalmente estejam, parecem coexistir na imagem.

O estudo das cidades permite compreender, em escala local, a natureza complexa do mundo moderno. O urbano é a síntese do global. Equivale a um espelho e uma projeção de uma realidade mundial homogeneizada pela produção e pelo consumo e, materializada no espaço da cidade por meio dos fluxos. Essa circulação conecta a cidade com o mundo. Permite estabelecer um elo dentro de uma rede virtual fazendo surgir deste processo a metrópole e, evoluindo o cidadão à condição de cosmopolita. Pois, “a natureza ou naturalidade do mundo cósmico, dádiva, entra na história humana pela sua geografia”, Seabra (2003 p. 311).

A imagem da cidade e seus aspectos geoambientais, precisam ser decifrados pelo geógrafo. O urbano deve ser encarado na análise geográfica enquanto sistema ilusório de sobreposições infinitas de imagens. Ilusório porque a realidade urbana não existe como tal, existem apenas correlações. (LEFEBVRE, 2006 p. 38).

Essas sobreposições criam as condições de isolamento e, ao mesmo tempo, mascaram as descontinuidades espaço-tempo que separam as paisagens urbanas. Para o geógrafo, às vezes, um bairro pode esconder várias células espaço-temporais. Por outro lado, uma pequena cidade do interior pode apresentar características homogêneas suficientes para ser caracterizado com um único bloco espaço-tempo. Neste sentido:

O ambiental como resultado das relações entre o natural e o social deve ser visto como de resto tudo mais, a partir da dimensão temporal. Trata-se neste caso, das formas como se articulam ou entram em contradição duas escalas temporais – a da natureza e a da sociedade. (SPOSITO, 2003, p. 295).

A materialização dos eventos sociais num determinado ponto da superfície pode ser entendida em termos de produção e de reprodução espacial, levando em consideração a análise das relações sociais com a natureza, sendo impulsionada pelo modo de produção vigente. Percebe-se que o ritmo de transformação da natureza pelas causas ditas naturais, é diferenciado do ritmo de produção e reprodução implementado pela sociedade, sobretudo no modo de produção capitalista, que tem como base o estímulo à produtividade e a exploração da natureza transformada em recursos para o desenvolvimento das forças produtivas e da sociedade como um todo.

As condições da ocupação humana da cidade são definidas basicamente pela expansão urbana e pela materialização dos processos de planificação territorial implementos ao longo dos tempos. Vitória da Conquista teve a materialização do núcleo inicial da urbanização e toda a sua expansão urbana nas margens do Rio Verruga e de suas principais nascentes e mananciais.

Em Vitória da Conquista - BA, a Lei Orgânica Municipal de 1990, aborda uma série de questões territoriais, fiscais, ambientais, habitacional e de legislação. No capítulo VI, trata da questão ambiental de forma genérica: o artigo 141 dispõe sobre a preservação ambiental, fala da recuperação de áreas

degradadas sem direcionar as categorias e ou os componentes naturais a serem preservados. Já em 2006 foi aprovada a Lei Municipal nº. 1385, estabelecendo o Plano Diretor Urbano que define as diretrizes de uso e ocupação do solo urbano. O PDU aponta cenários sobre a questão ambiental de Vitória da Conquista - BA e define quatro unidades geoambientais que carecem de atenção especial e preservação, ambas estão situadas na Bacia do rio Verruga.

Atrelado ao plano diretor foi aprovado o Plano de Saneamento Ambiental com novas regras, sancionado em 23 de fevereiro de 2007, prevendo boa parte da problemática ambiental urbana de Vitória da Conquista – BA e direciona algumas ações para este propósito, mas muito pouco do que foi proposto está sendo executado.

Em junho de 2007, foi aprovada a Lei Municipal nº. 1410 que cria o Código Ambiental do Município, definindo entre outras funções a promoção e manutenção de um inventário e mapeamento da cobertura vegetal nativa e dos rios e córregos além da criação do Fundo Municipal para Recuperação Ambiental do qual receberá os recursos advindos das penalidades administrativas relativas aos danos ambientais flagrados no município de Vitória da Conquista. O código ambiental ratifica a criação do Parque da Serra do Periperi, da Reserva do Poço Escuro, cria a Reserva da Lagoa das Bateias, da Baixa do Jurema e confirma outras áreas de preservação permanente de acordo com a legislação ambiental brasileira em vigor.

A análise das contradições socioespaciais decorrentes das diferentes formas de uso e ocupação das áreas de nascentes e vales e fundos de vales da bacia do Rio Verruga, parte do pressuposto teórico abordado anteriormente, relacionando-se com as normas da legislação ambiental vigente, para a proposição de cenários ambientais e ou socioespaciais, de degradação ou não, definidores da qualidade de vida da população em detrimento dos processos produtivos e das relações espaciais que definem o uso e ocupações adequadas ou inadequadas para o modo de vida da atual fase da sociedade contemporânea.

Do ponto de vista da ocupação e aglomeração humana por edificações, destaca-se a expansão urbana da cidade, com a crescente urbanização irregular na Lagoa da Baixa do Jurema, no entorno da Lagoa das Bateias, da Baixa da Lagoa do Sapo, no entorno da nascente do Córrego São Pedro, nos Campinhos (planície de inundação, confluência entre o riacho Santa Rita, Lagoa de Baixo e Córrego São Pedro), entorno da nascente no Bairro Morado dos Pássaros, entorno da nascente na Urbis VI (Renato Magalhães); aterro por entulho e edificações nas margens do canal principal do Rio Verruga, cerca 8 km em área urbana com a supressão da vegetação e consequente processo de assoreamento e solapamento da calha. Veja as fotos da figura 30.



Solapamento da margem direita do Rio Verruga – Visão sobre e sob a Ponte da Av. Luís E. Magalhães - área urbana de Vitória da Conquista-BA :



Trechos com assoreamento ao longo do leito do Rio Verruga – área urbana de Vitória da Conquista-BA:



Figura 30: Fotos da problemática ambiental decorrente dos processos de uso e ocupação de áreas de inundação no espaço urbano de Vitória da Conquista

Desse modo, fica evidenciado conforme as ilustrações das figuras 21 a 30, que existe uma ineficácia no Planejamento Ambiental Municipal de Vitória da Conquista e na execução das políticas e planos executivos que contribuam para a diminuição eficaz da problemática ambiental da Bacia do Rio Verruga, sobretudo no trecho da malha urbana, seja por problemas de micro e macrodrenagem, pela supressão da cobertura vegetal, por acúmulo de lixo e entulho, pela poluição e contaminação das águas com efluentes domésticos e industriais, pela falta de saneamento básico em mais de 50% da área urbana e, de um saneamento ambiental que contemple o afastamento das águas residuárias do leito do rio Verruga e seus afluentes da área urbana, a destinação do lixo industrial para um aterro sanitário industrial. Apesar de existir uma legislação municipal bem direcionada para a solução dessa problemática.

O fato é que em área urbana os danos ambientais são bem maiores. Guerra et al (2002), afirma que o desmatamento associado às construções de prédios e o surgimento de ruas e avenidas causam uma impermeabilização das encostas e colúvios, fazendo com que as inundações e sejam cada vez maiores nessas cidades (grifos meus).

Uma das várias contradições da ocupação humana em área urbana é o da preservação e conservação ambiental já que da ocupação humana precede a urbanização e do crescimento das cidades precede a transformação da natureza

pela produção e reprodução das relações socioespaciais, mesmo quando existe uma legislação dizendo como e quando preservar.

Daí, que como ressalta Rodrigues (1996), "trata-se, assim, de compreender as contradições desse processo socioespacial", é preciso considerar que a questão ambiental é plural e universal dentro de uma complexidade que se materializa num dado território do qual evidencia-se aqui, no estudo da bacia hidrográfica e do espaço urbano, imbricado de contradições dados pela problemática ambiental presente em sua espacialidade.

A problemática ambiental deixa claro, a necessidade da delimitação territorial para analisar os pressupostos do desenvolvimento social e econômico em detrimento da proposição dos objetivos para o vislumbamento de cenários ambientais condizentes com a equidade social e manutenção da natureza.

A interface sociedade-natureza está muito pouco definida do ponto de vista do conhecimento na atualidade. Na análise socioambiental deve-se trabalhar a complexidade que permeia as relações sociedade-natureza de forma mais consistente, rumo a uma participação maior da sociedade nas decisões sobre intervenções em quaisquer que seja a problemática ambiental vivenciada.

Atualmente, segundo Leff (2006), "a crise ambiental vem questionar a racionalidade econômica que induz a destruição da natureza e gera pobreza". Daí a emergência de uma democracia socioambiental, participativa voltado para um planejamento equitativo participativo e articulado, levando à revisão das políticas socioambientais autoritárias e centralizadas numa só esfera de poder. O princípio de gestão participativa dos atributos sociais e ambientais implica numa democracia ambiental direta, ou seja, feita a partir das bases em que materializa a questão ambiental e não somente diante do domínio dos "tomadores de decisão".

Assim, conforme Almeida et. all. (1998), "No planejamento participativo, a coletividade deve dispor de mecanismos eficazes para influenciar a condução da máquina pública, ter acesso aos meios de comunicação e dispor de informações". A participação da coletividade torna-se assim, inerente ao planejamento,

principalmente no planejamento urbano, onde as instancias municipais atuam com mais frequência.

Neste sentido, sobremaneira, há que rever a concepção predatória da sociedade dominada pelo paradigma atuante, na direção de uma condição emancipatória das atuais formas de gestão da problemática ambiental.

Não cabe aqui, a elaboração de um planejamento efetivo de execução, pois esse fato diz respeito ao processo político/administrativo, principalmente na esfera municipal, também as questões espaciais e de planificação urbana inserem-se no planejamento da esfera Federal e Estadual.

Realiza-se aqui um exercício teórico-metodológico para visualizar situações de recuperação, de conservação e preservação, além da perspectiva da participação popular e de educação ambiental, tendo em vista a problemática socioambiental, decorrente da produção social do espaço. Os estágios previstos nessa projeção referem-se às condições socioespaciais e ambientais em estágio avançado, estabilizado e de recuperação. Assim temos:

- Expansão do parcelamento do solo urbano de Vitória da Conquista que possui vetores de crescimento para a zona sul, da cidade.
- Aumento da impermeabilização dos solos pela expansão urbana que aumentará o escoamento superficial das águas pluviais, aumentando de forma exponencial o volume das águas dos canais de drenagem urbana, causando estrangulamento e inundações nas partes mais baixas do espaço urbano;
- Aumento dos processos erosivos, assoreamento dos canais de drenagem e solapamento das margens dos canais em área urbana, promovendo aterramento e desvios das calhas fluviais no espaço urbano;
- Supressão da cobertura vegetal e das matas ciliares com redução das áreas verdes do Espaço urbano pela concentração das edificações, incidindo maior carga pluvial no Rio Verruga e declínio da qualidade ambiental da cidade de Vitória da Conquista-BA;

- Aumento significativo das ocupações irregulares em áreas de nascentes e fundos de vale da Bacia na parte urbana de Vitória da Conquista-BA.

O estágio estabilizado demonstra a permanência da problemática ambiental, mas, contudo, sem progressão, ou seja, há uma tentativa de conter a evolução dos problemas, sem uma solução definitiva. É o que contempla, por exemplo, o Código Ambiental Municipal Lei nº. 1410/2007, que prevê:

- Implantação das proposições territoriais e socioambientais apontadas no Plano Diretor Urbano Lei Municipal nº. 1385/06
- Melhoria nos sistemas de micro e macrodrenagem urbana
- Exigência da legislação em vigor para implantação de novas indústrias com a Exigência de EIA e RIMA para equipamentos e ou construções o estabelecido na legislação;

Já o estágio de recuperação, trabalha com uma perspectiva das condições sociais, espaciais e ambientais em que os cenários de preservação e conservação ambiental, avançam em direção a uma realidade socioambiental menos comprometedora do espaço urbano de Vitória da Conquista-BA.

- Diminuir ao máximo os trechos canalizados do rio verruga para com isso, diminuir a sua retinização que aumenta o volume das águas em períodos de chuva intensa, provocando estrangulamento dos canais e inundações em área urbana;
- Recuperar a sinuosidade natural dos rios e córregos nas áreas retificadas por processos de urbanização, marcando com setas o sentido da correnteza, para evitar o aumento do volume exponencial das águas pluviais;
- Recuperar áreas degradadas por processos erosivos do tipo ravinas, voçorocas e deslizamentos de encostas em áreas de risco ambiental, levando em consideração o ambiente anteriormente existente.
- Redirecionar as atividades produtivas que causam o desmatamento das áreas verdes do espaço urbano, a poluição do ar e das águas;

- Melhorar o nível de qualidade dos processos produtivos com os padrões internacionais de ISO e normas técnicas de produção nacional.
- Implantação de Parques nas margens dos córregos e riachos que cortam o espaço urbano para melhorar a preservação da cobertura vegetal e as matas ciliares;
- Elaboração de um plano integrado para a contenção de enchentes na área Urbana de Vitória da Conquista-BA, contendo os itens a seguir:
- Criação de locais específicos para destinação do entulho, sobretudo, sobras das construções, para que não seja mais depositados nas margens dos cursos d'água.
- Expansão da macrodrenagem urbana com a implantação de galerias pluviais transversais ao Rio Verruga no Espaço urbano de Vitória da Conquista-BA, principalmente nas ruas e avenidas do Bairro Recreio, quebrando a concentração da carga exutória pluvial num só ponto;
- Alargamento e aprofundamento da calha do Rio Verruga entre a Praça Vitor Brito, e a Avenida Bartolomeu de Gusmão, seguindo até a ponte de acesso ao Caminho do Parque, mantendo a sinuosidade do Canal principal do Rio.
- Construção de bacias e ou reservatórios de contenção das águas pluviais nos diversos pontos críticos de estrangulamento de canais: bacia de contenção 1 - canal da Avenida Rosa Cruz Bairro Loteamento Panorama próximo a Avenida Presidente Vargas; bacia de contenção 2 - canal da Serra Urbis IV próximo ao CAIC, Avenida Contorno; bacia de contenção 3 - Canal da Conquistinha fundos da biblioteca municipal; bacia de contenção 4 - Final do canal da Avenida Presidente Dutra na Lagoa do Jurema bacia de contenção 5 – final do canal da Serra na lagoa das Bateias, para impedir o rápido assoreamento da Lagoa.
- Alteração do Código Ambiental Municipal, incorporando outras Áreas de Preservação Permanente, não contempladas na edição da Lei 1410/07. A

- saber: a Área da Lagoa do Sapo, Área da Lagoa da Urbis VI, Área da Lagoa do Morada dos Pássaros área da Lagoa do São Pedro;
- Implantação de dissipadores de energia nas margens do anel rodoviário na encosta da Serra do Periperi, tanto na alça leste, entre a Serra e a saída para a Barra do Choça, como na alça oeste, entre a Serra e a Lagoa do São Pedro para impedir o aumento dos graves processos erosivos existentes nesses trechos.

OS PROCESSOS DE PLANIFICAÇÃO TERRITORIAL E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS EM VITÓRIA DA CONQUISTA-BA

“As relações de produção capitalistas, ao mesmo tempo em que provocam uma tendência crescente à aglomeração urbana, imprimem um tríplice limite a qualquer organização racional, socializada, do planejamento urbano e da planificação urbana” (LOJKINE, 1997, p. 175).

7 OS PROCESSOS DE PLANIFICAÇÃO TERRITORIAL E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS EM VITÓRIA DA CONQUISTA-BA

A lógica da planificação urbana passa pela adoção de políticas públicas que possibilite a produção de um espaço com estruturas urbanas comprometidas com o bem estar social. Para Carlos 2007, o espaço é o lugar da planificação de uma lógica de crescimento sob o arrimo do Estado, Neste sentido, falar sobre planificação urbana é buscar compreender como o poder publico age sobre o território, desvendando daí a lógica de atuação dos demais atores que compõe essa produção espacial, e os reflexos dessas ações na composição da sociedade como um todo.

É preciso, no entanto não confundir o conceito de política urbana com o conceito de planificação, nem tampouco, confundir planificação urbana com projetos urbanísticos sobre a cidade. Nos dizeres de Lojkin (1997), existe uma abrangência maior na política urbana que por sua vez possui uma dimensão planificadora, uma dimensão operacional e uma dimensão urbanística, mas essas dimensões da política urbana, passam por relações espaciais entre tais práticas políticas e a planificação urbana propriamente dita.

Em Vitória da Conquista, os processos de planificação territorial, são pautados numa lógica assimétrica, ou seja, não acompanha o crescimento populacional da cidade, bem como todos os desencaminhamentos que advém desse crescimento. Um dos grandes problemas da planificação local é que na medida em que se executam as tarefas planejadas estas já não respondem aos anseios da sociedade e tão pouco dá conta de resolver os problemas existentes no espaço urbano, seja do ponto de vista da circulação de pessoas, do acesso aos equipamentos públicos, do acesso a moradia entre outros.

Neste capítulo será abordado a lógica de fragmentação do espaço urbano mediante a atuação das incorporadoras e da participação dos agentes do capital que atuam na composição do espaço urbano da cidade, bem como, analisa o

desenvolvimento e execução dos planos e projetos de planificação territoriais existentes na cidade, desde a sua origem até os dias atuais, dando ênfase aos planos desenvolvidos nos últimos 40 anos.

7.1A Política urbana e os processos de planificação territorial no espaço urbano de Vitória da Conquista

Em vitória da Conquista, a lógica de produção de planos para a estruturação do espaço urbano, é marcada pela ausência de planos mais elaborados que contemple a cidade como todo.

Desde a sua materialização 1840 com a emancipação política da cidade e com a implantação da câmara de vereadores e da prefeitura municipal, o poder publico municipal, teve ao longo desse período uma elaboração de projetos que correspondiam apenas aos anseios de determinados seguimentos da sociedade conquistense. Veja um exemplo dessa planificação ocorrida na cidade, a comissão encarregada elaborar um plano de ordenamento territorial e definir locais e lugares próprios para ruas e travessas, que deveria ser implantada na Villa Victória logo após a sua emancipação em 1840.

"he de parecer que devem haver três becos, a saber um junto a casa do Sr. Moreira dos Santos da parte de cima com duas braças de largura, outro acima da casa de Anna Victoria da Conceição, em direitura a fonte, lugar indispensável para o trãnsito dos que vão buscar água, contendo tão bem duas braças de largura, e outro na rua nova do Espinheiro entre a casa de Manoel Lino Mares, e Leandro Luis França com quatro e meia braças por ser a embocadura da Estrada Geral que se segue para deferentes lugares; quatro ruas travessas, e uma direita além das existentes, a saber, uma rua travessa junto a casa dos herdeiros da finada Faustina da parte de cima, outra junto a casa do Reverendo José de Barros Cavalcante, e a de Cordata Maria de Carvalho, uma rua direita entre a casa onde mora Cesário da Silva Mello, e a de

Constança de Souza do Espírito Santo, outra rua travessa entre a casa de Justina Gomes Freitas, e Teles Costa Rodrigues de Oliveira, e outra dita junto a casa que está fazendo Francisco Felis de Souza Faria da parte de baixo, todos com quatro e meia braças de largura, menos o que segue para a Estrada da Choça, entre a dita casa de Cesário da Silva e Mello, e Constança de Souza do Espírito Santo, porque esta não pode ter mais que três e meia braças de largura; ora a comissão leva ao conhecimento da câmara que na rua travessa junto a casa do Padre José de Barros Cavalcante se acham quatro esteios fincados, e para que ai fique uma rua, é indispensável que sejam arrancados, bem como outros quatro que se acham tão bem fincados na de entre as ditas casas de Justina, e Felisberto; portanto a comissão submete a câmara o seu parecer, o qual sendo lido e posto em discussão foi aprovado" (atas da Câmara de Vereadores de 1841).

Percebe-se que o poder público, na maioria das vezes, executava projetos de acordo com a solicitação desses segmentos sociais mais influentes na gestão pública, seja o setor do comércio local, com as exigências de calçamento e ou pavimentação de ruas no entorno do setor varejista, seja pelas elites locais que exigiam a ornamentação das praças que circundam as suas casas.

Essa lógica de gestão municipal perdurou por muito tempo, a partir de 1940, com a implantação de alguns equipamentos territoriais tais como as rodovias interestaduais que surgiam no plano de integração nacional, houve uma dinâmica maior na configuração territorial urbana da cidade e com isso, algumas medidas setoriais foram tomadas no sentido de organizar o espaço urbano de Vitória da Conquista veja o mapa da figura 31.

Entre as medidas setoriais que surgiram na cidade de Vitória da Conquista, destacam-se a criação de loteamentos para além das principais rodovias federais, o surgimento de conjuntos habitacionais alinhados com a política nacional de habitação de 1964, a implantação de sistema de abastecimento de água em 1966 e do sistema de tratamento de esgoto.

Desde 1840, ano da emancipação política da cidade até 1975, não foi elaborado nenhum plano mais abrangente sobre a estrutura urbana e funcionamento da cidade de Vitória da Conquista como um todo. Somente em meados do ano de 1975 quando a população urbana já havia alcançado 100.000(cem mil) habitantes é que inicia-se a elaboração de um plano diretor, com uma equipe para pensar e planejar um modelo de planificação urbana para a cidade.

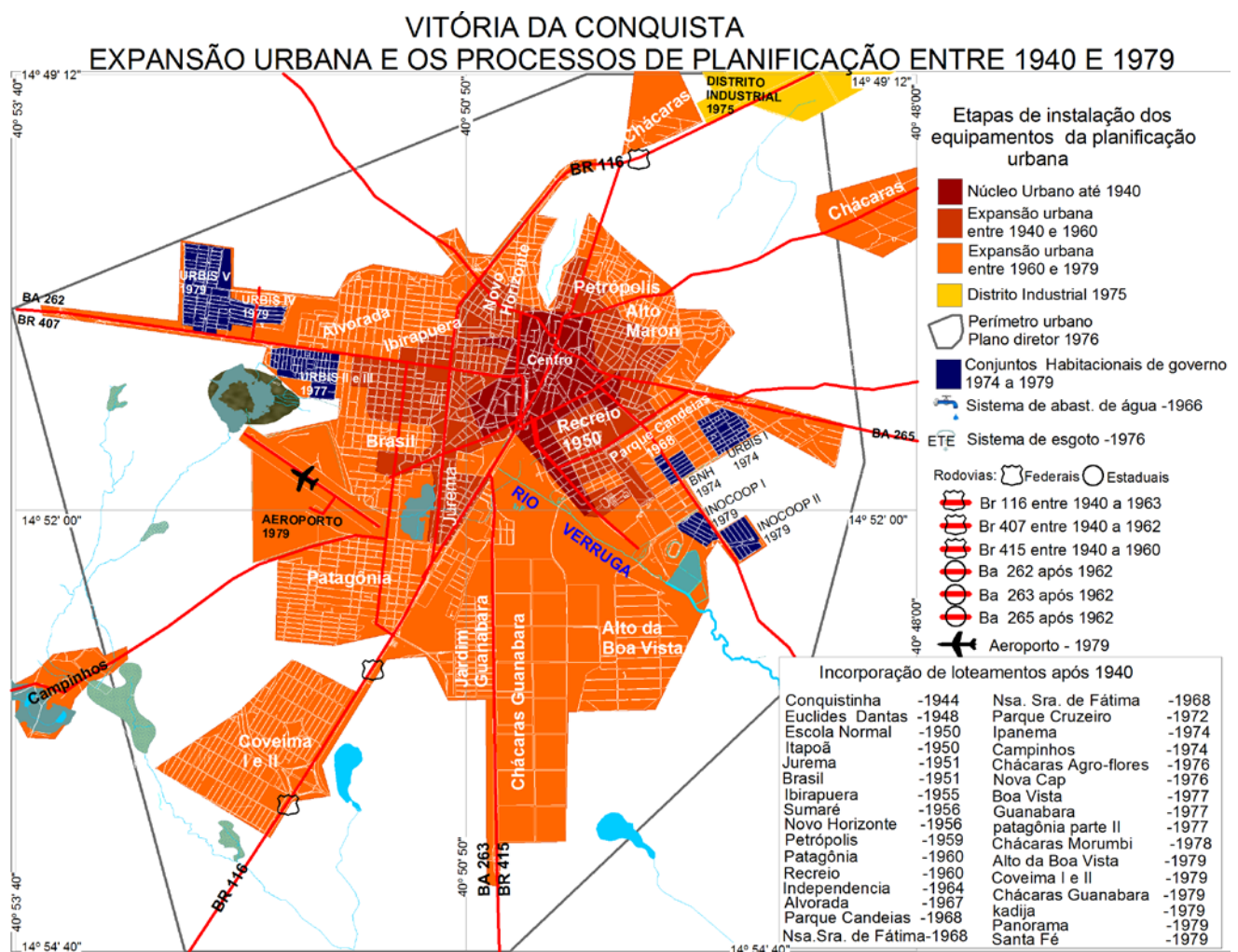


Figura 31- Mapa da expansão urbana e os Processos de Planificação até 1979 – Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados do arquivo municipal - PMVC e levantamento de campo 2012.

O plano diretor arquitetado em 1975/76 visava racionalizar a materialização do contingente populacional que vislumbrava o espaço urbano de Vitória da Conquista, ordenar a espacialidade urbana pelo território e, aperfeiçoar os investimentos públicos nos diversos seguimentos sociais que compunha o

espaço urbano da cidade. Nesse plano, foram feitas diversas proposições acerca da organização do espaço urbano, sem, contudo prever uma maior flexibilização das propostas elaboradas para os diversos setores e seguimentos do espaço urbano.



Figura 32- Mapa do perímetro urbano de Vitória da Conquista, definido pelo plano diretor lei nº 118-1979 – Fonte: elaborado pelo autor com base na lei nº 118-1976.

Outros aspectos do plano diretor de 1976 foram: a busca pela compreensão da evolução urbana da cidade, e suas tendências de crescimento,

mediante um diagnóstico identificador dos problemas urbanos, definição de um plano para o sistema viário urbano, já que existiam grandes vias interestaduais implementadas nas décadas de 1940 a 1960, sem, contudo, existir uma ligação dessas rodovias federais com as vias de circulação dos bairros da cidade.

Neste sentido um fator positivo do plano, foi apontar esse problema da circulação interna da cidade e propor vias de circulação que interligava as rodovias interestaduais com o centro da cidade e os demais bairros que já estavam consolidados naquele período, contudo a execução dessas vias de interligação somente foram implementadas nos últimos 12 anos, como por exemplo, a implantação do anel rodoviário que já estava previsto no plano de 1976, e somente foi executado nos anos 2000, além de outras vias arteriais tais como a av. Olivia Flores, Av. Integração, Av. Luis Eduardo Magalhães, Av. Brumado entre outras somente tiveram suas estruturas repensadas e ou implantadas na primeira década do século XXI.

Um dos principais problemas diz respeito ao perímetro urbano que no plano proposto, previa um adensamento contínuo do espaço urbano, mas as proposições do próprio plano permitia a extrapolação desse limite, quando em suas propostas, previa a criação lotes do tipo chácaras e jardins, e as deliberações feitas pelo poder público municipal para a criação desses loteamentos rompeu com os limites estabelecidos na lei nº 118/1976.

Com o aumento populacional da década de 1970, no espaço urbano de Vitória da Conquista, e com rápida ascensão econômica do país nesse mesmo período, a pressão para construção de moradia era muito grande. Neste sentido, as incorporadoras, os proprietários de terras e os loteadores encontraram as condições ideais para incrementar novos terrenos e lotes para moradia. Após a criação do plano diretor em 1976, o número de loteamentos saltou de três loteamentos anuais para 11 loteamentos em 1977, com cerca de 1.000 novos lotes incorporados ao espaço urbano, nos anos seguintes, houve uma explosão de loteamentos com grandes fatias de terras loteadas e incorporadas ao processo de urbanização da cidade.

O fato é que cinco anos após a aprovação do plano diretor, o setoramento definido no inciso I do artigo 11, da lei 118 de 1976, já não abarcava mais as áreas de expansão urbana em andamento, tanto é que em 1980, uma nova lei para definição do perímetro urbano foi criada, (lei 205/1980), alterando os limites até então pensados no plano de 1976. Veja no mapa da figura 33, como o novo limite urbano difere daquele pensado pelo plano diretor vigente na época.

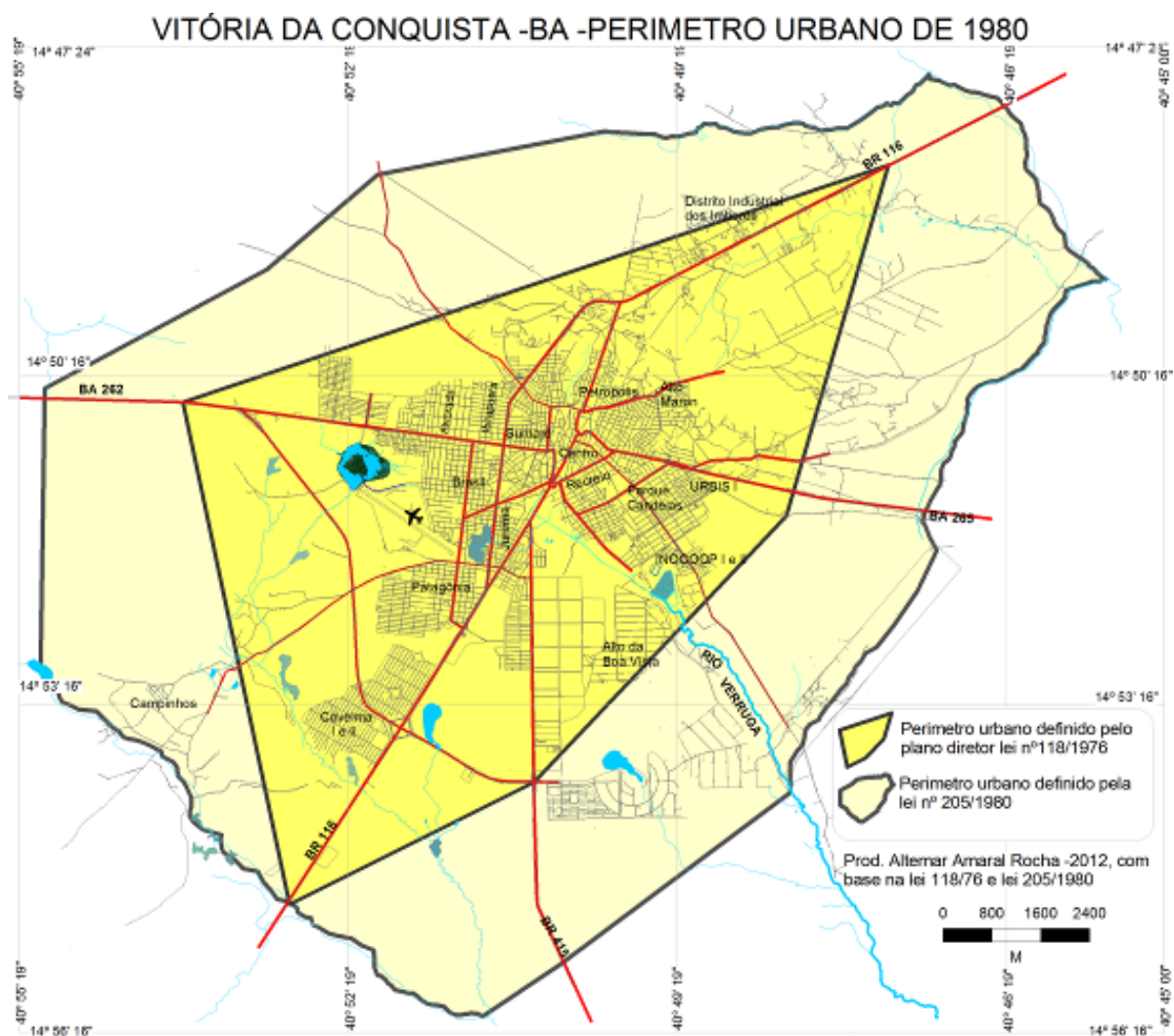


Figura 33- Mapa do Perímetro urbano de Vitória da Conquista definido pela lei 205-1981. Fonte: elaborado pelo autor com base na lei nº 205-1981

Na verdade o poder público municipal, nesse período, esteve pressionado pelo rápido crescimento populacional e, por outro lado, os interesses dos

proprietários de terras que circundavam o espaço urbano, juntamente com os loteadores de plantão, pressionavam a prefeitura para a liberação de novos loteamentos em diferentes pontos do território. Assim, as terras vizinhas por serem mais baratas passavam a ser objeto de interesse para os loteadores, pois, não havia nenhuma preocupação com a criação da infraestrutura urbana nesses locais, apesar da legislação prever os critérios para a abertura de tais loteamentos.

Com essa explosão imobiliária entre 1976 e 1990, o poder público municipal, alterou mais uma vez os limites do setor urbano em 1993, certamente para atender aos interesses dos atores que representam o segmento do setor imobiliário. Nessa nova lei municipal, grandes áreas fortemente produtivas no setor agropecuário foram incorporadas ao espaço urbano, sem nenhuma perspectiva de ter ocupação populacional, pontos territoriais completamente isolados do contexto social e urbano, passam a compor o rol das áreas urbanas. Muitos dos loteamentos lançados nesse período, nunca tiveram ocupação por moradias. Isso porque nessas áreas, a infraestrutura mínima (água, saneamento, energia elétrica, transporte) para habitação urbana nunca existiu.

O novo limite da área urbana definido pela lei nº 717/1993, altera drasticamente a capacidade de ação do poder público para atender os requisitos mínimos de serviços urbanos definidos nas atribuições do município enquanto gestor do território destinado à ocupação urbana da cidade (ver mapa da figura 34), na medida em que incorpora ao espaço urbano comunidades tipicamente voltadas para as atividades agrícolas ao território da cidade. São exemplos dessa lógica, os atuais bairros Campinhos e Lagoa das Flores que, desde os anos de 1960, seus moradores produzem produtos tipicamente rurais como as hortaliças na Lagoa das Flores e a produção de farinha de Mandioca nos Campinhos. Com a urbanização dessas áreas, os moradores estão perdendo aos poucos, seus espaços produtivos diminuindo cada vez mais a produção.



Figura 34- Mapa do Perímetro urbano de Vitória da Conquista definido pela lei 717-93. Fonte: elaborado pelo autor com base na lei nº 717 -1993.

A expansão dos limites para área urbana pela lei 717/1993, pouco tem relação com o espaço urbano consolidado em Vitória da Conquista. Fica claro que essa política municipal adotada na década de 1990, pelo poder público municipal, estava voltada para atender os interesses, de um lado dos proprietários de terras que circundam o espaço urbano da cidade de outro, dos agentes imobiliários que pressionam cada vez mais o setor público com o intuito de promover a especulação imobiliária, aumentando as áreas loteadas, e com isso, desestruturando cada vez mais a capacidade de resolução dos problemas urbanos advindos dessa expansão urbana desordenada.

Medeiros (1979), já chamava a atenção para o surgimento de loteamentos sem o controle do poder público municipal, desde loteamentos ditos populares quanto os loteamentos direcionados para a classe média todos eles eram

implantados sem o cumprimento da lei 118/1976 do plano diretor que, estabelecia as diretrizes do ordenamento territorial bem como o seu zoneamento conforme as atividades desenvolvidas em cada setor urbano.

Após aprovação do plano diretor em 1976, não houve um processo de planejamento sistemático das propostas elencadas no plano e, conseqüentemente, suas atribuições foram paulatinamente sendo modificadas. Os limites territoriais urbanos da cidade previstos no plano diretor foram alterados pela lei nº 205, de 27.08.1980. Posteriormente, foi modificada, pela Lei n.º 717, de 19.07.1993.

Outra alteração do plano diretor foi com a Lei nº 279, de 30.12.1983, que amplia as obrigações dos novos loteamentos, incluindo a instalação da rede de água no arruamento e, nos loteamentos rurais ou localizados em bairros populares ou proletários, estabelece a reserva de 10% de áreas verdes, dos quais 5% deverão ser contínuas, fixando-se a largura mínima de 20 metros para as novas ruas abertas nesses loteamentos.

Para garantir a acessibilidade das pessoas no espaço urbano da cidade e, na tentativa de adequar as edificações da cidade às disposições constitucionais da constituição federal de 1988, destinadas a garantir o acesso adequado às pessoas portadoras de deficiência, foi aprovada a Lei municipal n.º 446, de 10.11.1988, que normatiza a construção de edificações públicas e privadas quanto aos requisitos de acessibilidade.

Já a Lei n.º 701, de 27.04.1993, altera o Art. 70 do plano diretor de 1976 que regulamentava os tipos de lotes, estabelecendo quatro classes de lotes e loteamentos, de acordo com a categoria econômica da área na qual se situasse, estabelece também os critérios para a composição de loteamentos e cria categorias de lotes do tipo sítios e chácaras.

A lei nº 798/95, estabelece a divisão de bairros no espaço urbano de Vitória da Conquista, sendo reformulada pela lei 850/96 e posteriormente pela lei 952/98 que reestrutura e cria novos bairros, passando a existir 24 bairros na cidade, sem, contudo, abranger os limites estabelecidos pela lei de 1993, ficando a nova

configuração urbana por bairros, semelhante àquela estabelecida pela lei nº 205 de 1980. (veja o mapa da figura 35).

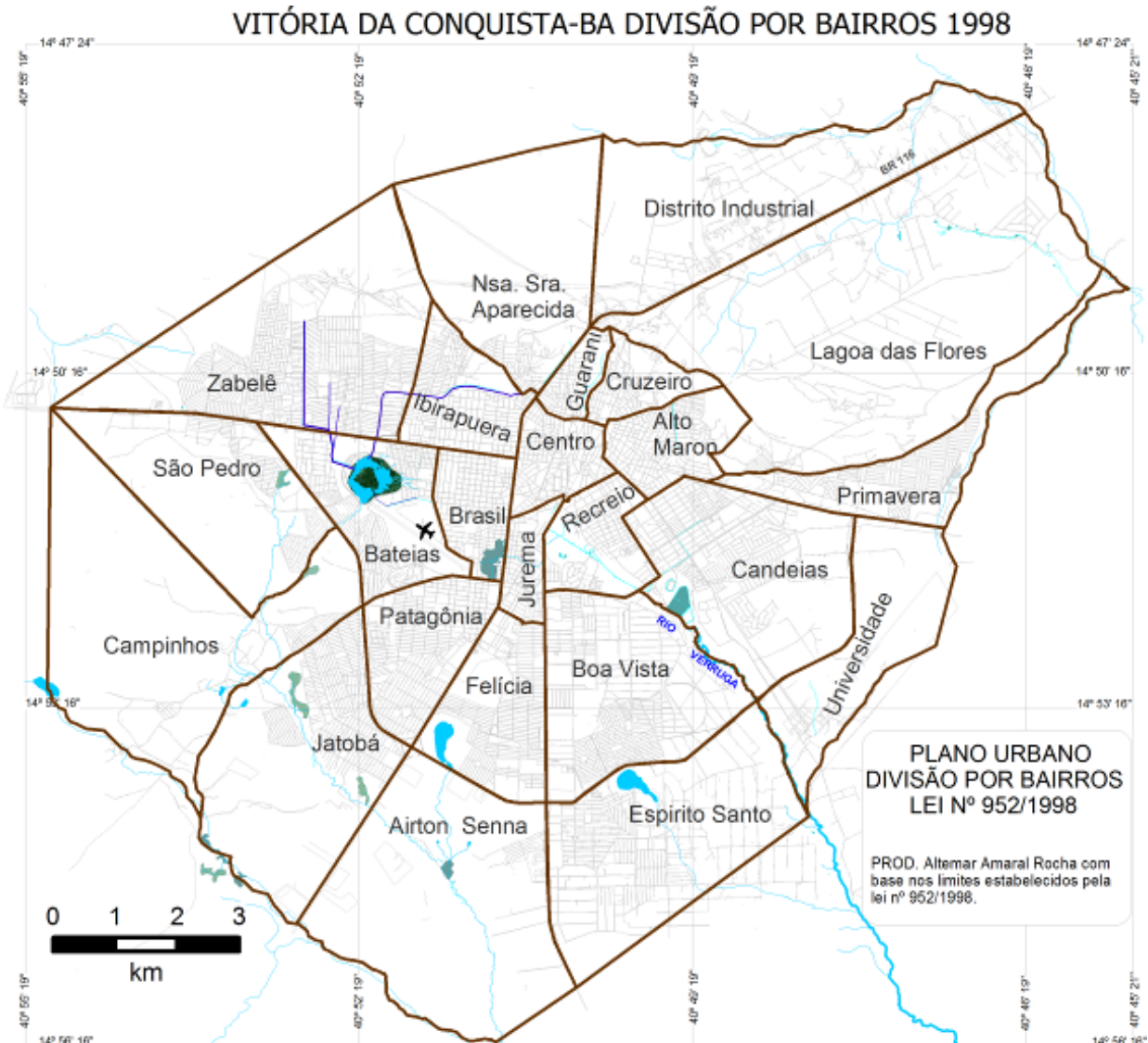


Figura 35- Mapa da divisão por bairros definido pela lei 952-98 Fonte: elaborado pelo autor com base na lei nº 952-1998.

Entre os anos de 1990 a 2010, alguns regimentos municipais foram criados com o intuito de normatizar o processo de urbanização da cidade. Dentre eles destaca-se a lei orgânica do município criada pela lei nº 528/1990 posteriormente alterada em 2007 por uma nova lei orgânica. Em 1991, foi criado o programa e o fundo municipal de habitação popular, cujos princípios norteadores eram a

definição de áreas a serem loteadas para fins de habitação popular, elaboração de projetos da unidade habitacional, cadastramento e distribuição de lotes e moradias à população de baixa renda e ou sem rendimentos.

Em 2003, foi instituída a política municipal de habitação popular, através da lei nº 1186/03, cujos princípios norteadores são as novas políticas habitacionais implantadas a nível nacional, pautadas no estatuto das cidades. Com o novo programa de habitação popular, o poder público municipal reconhece as deficiências das habitações em áreas de ocupação, reconhece o déficit de moradias existente na cidade e redefine as normas para a aquisição, regulamentando as ocupações em diversos pontos da cidade bem como, cria mecanismos para aquisição de novos espaços para a territorialização das habitações populares.

Sobre o plano diretor de 1976, as avaliações efetuadas revelam que a maioria de suas proposições estava direcionada para o físico-territorial, mas continham proposições de grande eficácia para a estruturação da cidade. O problema é que desde a sua aprovação até o início dos anos 2000, não houve uma implementação consistente das medidas previstas na lei 118/76, aliada às profundas transformações socioespaciais ocorridas no espaço urbano de Vitória da Conquista, bem como as grandes transformações políticas, sociais e econômicas pelas quais tivemos a nível nacional tais como a promulgação da Constituição de 1988 que aponta um novo modelo de gestão das cidades e da legislação complementar, especialmente o Estatuto da Cidade, a lei de uso do solo, entre outras, levaram o poder público municipal a elaborar um novo plano diretor em 2004.

O novo plano diretor de Vitória da Conquista aprovado pela lei Nº 1.385/2006 está pautado em orientações gerais, ou seja, tudo precisa ser regulamentado em lei posterior, isso é um prato cheio para a sua ineficácia, como afirma Villaça (2000) “os interesses imobiliários não querem nada além de princípios, diretrizes ou políticas gerais. Nada que seja autoaplicável”.

O atual plano diretor de Vitória da Conquista, não define uma série de questões pertinentes ao espaço urbano especificamente, não define prioridades de investimentos. Não aponta a origem dos recursos e quais são os recursos destinados aos projetos previstos no plano, não relaciona em nenhum artigo, questões referentes à educação básica que de responsabilidade do poder municipal, tais como, definição de espaços para construção de escolas, reformas e ou melhorias nas unidades já existentes, não prevê metas para as políticas educacionais do município. Com relação ao sistema municipal de saúde, não há nenhuma menção a respeito do tema saúde, recursos para equipamentos de saúde tais como postos e ou unidades de pronto atendimento, bem como a manutenção e atenção básica nas redes de atendimento.

O plano Não aponta com critérios mais definidos os problemas de infraestrutura urbana, como por exemplo, a questão dos nós de tráfego do trânsito urbano. Na medida em que a cidade cresce, aumenta também o número de automóveis e com ele, a necessidade de normatizar as vias de circulação com a reestruturação da nodosidade existente em toda a malha viária da cidade, na tentativa de reduzir os engarrafamentos já existentes em várias vias da cidade, além disso, não há uma definição clara da política de transporte público coletivo da cidade.

A grande maioria dos 99 artigos da lei 1385/2006 do Plano é constituída de generalidades – diretrizes, objetivos, conceitos entre outros, que não obrigam ninguém a fazer ou deixar de fazer nada. A lei do plano diretor está repleta de princípios gerais, enuncia uma série de regras gerais para a cidade, sem ter uma noção clara de aplicabilidade, não se sabe quem vai executá-las, nem quando, nem como será executada, nem há uma previsão orçamentária para as poucas proposições existentes no plano.

No campo da educação, existe a proposta de criação de uma cidade universitária, sendo que as universidades são de cunho estadual ou federal, quem define como e onde a universidade federal irá ficar é a união, ou seja, existe a possibilidade do poder municipal interferir na esfera federal, a não ser que seja

em forma de sugestões para que os órgãos federais sigam o que o município propõe.

No artigo 84 da lei 1384 do plano diretor, existe a proposição de alguns projetos estratégicos para o município, mas nenhum dos seguimentos propostos é da alçada do poder municipal, a criação de um novo aeroporto, por exemplo, é da alçada do governo federal com auxílio do governo estadual, um centro de convenções também é da alçada do governo estadual, um centro de logística industrial e ou de serviços também está mais na alçada do governo federal e estadual do que municipal, bem como a criação da cidade universitária. A transformação da BR 116 em via urbana, não compete ao município fazer essa transformação, ou seja, mesmo que altere toda a estrutura da via, ela continua sendo da esfera federal, até porque ela corta a cidade ao meio e por excelência, já é uma via urbana.

No entanto Não há no Plano Diretor referencia alguma sobre os investimentos provenientes dos governos Federal, Estadual e Municipal para quaisquer projetos elencado como projeto estratégico, não se sabe onde e quando ocorrerão tais projetos ditos como estratégicos para o município.

Quanto aos Programas de habitação, há uma indexação da lei de política habitacional no plano diretor, mas não se referem as políticas habitacionais do governo federal que agora é representada pelo PAC- Programa de Aceleração do Crescimento do governo federal, que tem grande atuação no município.

A atuação do PAC, no Município de Vitória da Conquista-BA, representa boa parte dos investimentos totais do município, principalmente no eixo de Infraestrutura Social e Urbana com projetos nos setores de Saneamento e Habitação, com a previsão de investimentos em obras e assistência técnica, atingindo um montante em torno de 98 milhões de reais em 2010 e 400 milhões de reais em 2012, conforme os dados do Banco Central, da Caixa Econômica Federal, e do Ministério das Cidades.

No entanto, o plano diretor, não esclarece nem especifica nenhuma estruturação física de equipamentos urbanos, tampouco a especifica a localização

de tais empreendimentos em seu macrozoneamento que define as áreas de adensamento urbano bem como os critérios de ocupação do solo urbano. Apenas dispõe de algumas diretrizes gerais para o saneamento e drenagem, e diretrizes mais gerais ainda para o sistema viário que não esclarece quais melhorias devem ocorrer, por exemplo, nos pontos de nodosidade das vias urbanas que são complicadas do ponto de vista do funcionamento, nem esclarece como será o intercâmbio entre as ciclovias e as principais vias de circulação da cidade.

A política de ocupação do solo urbano, não está clara no plano diretor da 1386/2006, fala apenas do princípio de direito a terra urbanizada, mas não especifica quem irá urbanizar os espaços criados pelos atores que atuam na produção do espaço urbano. Essa ocupação está definida no plano diretor pela criação de macrozonas que não responde a real situação urbana da cidade na medida em que o uso do solo urbano de Vitória da Conquista é bem diversificado e complexo, não cabe nas sete macrozonas criadas pelo plano. “I. Macrozona de Ocupação Consolidada; II. Macrozona de Adensamento Controlado; III. Macrozona de Adensamento Condicionado; IV. Macrozona de Expansão Urbana Condicionada; V. Macrozona de Expansão Urbana Preferencial I VI. Macrozona de Expansão Urbana Preferencial II; VII. Macrozona de Expansão Urbana Rarefeita.” Não dá para especificar toda a complexidade de uso do solo urbano apenas pela definição dessas zonas de ocupação.

O zoneamento é importante para o ordenamento do solo urbano, mas precisa englobar as principais questões que são da alçada do poder público municipal, como a educação, a saúde, a mobilidade urbana que engloba o sistema viário e o sistema municipal de transporte, não foi definido no plano diretor, por exemplo, a integração dos diversos meios de transporte urbano para melhorar a mobilidade e a acessibilidade das pessoas.

Hoje existem mecanismos mais eficientes para melhorar essa mobilidade urbana que em Vitória da Conquista, é uma das mais caras do Brasil, com grandes deficiências no acesso das pessoas. O transporte coletivo da cidade poderia adotar o sistema intermodal com um intervalo de tempo para uso das

passagens garantindo ao usuário a sua chegada ao destino final em qualquer ponto da cidade, o que acontece atualmente é que cada indivíduo paga uma tarifa que não o conduz até o destino final, tendo que pagar duas ou mais tarifas por viagem para percorrer um trecho urbano, não existe um bilhete único no sistema de transporte coletivo da cidade. E o plano diretor, não criou um mecanismo para a resolução desse problema que é eminentemente da alçada do poder público municipal.

Outro aspecto que deveria ser resolvido pelo zoneamento, é a questão da alocação dos espaços públicos, hoje o executivo municipal, destina por lei simples qualquer espaço público em área construída, diminuindo sensivelmente os espaços destinados à coletividade que na maioria das vezes estão sem nenhuma infraestrutura urbana adequada para o uso coletivo, principalmente as praças públicas da cidade.

Não existe no macrozoneamento da cidade feito pelo plano diretor, nenhuma proposição para a resolução dos problemas existentes em cada ponto dessas macrozona, o plano simplesmente delimita o perímetro das zonas e define o coeficiente de ocupação, mas não aponta nenhuma direção ou determinação para qualquer infraestrutura existente em cada macrozona criada. É tudo que o setor imobiliário quer, ou seja, apenas diretrizes gerais sem nenhuma auto-aplicação, tudo precisa ser regulamentado posteriormente por força de lei e resolve o problema porque a gestão municipal, uma nova ideia surge e com isso, o plano diretor vai ficando para o segundo plano. Ou seja, não se aplica na realidade.

Como complemento do novo plano diretor foi aprovado a lei 1.481/2007 que institui o código de ordenamento do uso e da ocupação do solo e de obras e edificações. Essa lei na verdade refere-se apenas a uma série de códigos conduta de obras destinadas às especificações de como deverão ser as edificações de forma geral, sem, contudo estabelecer um parâmetro com o plano diretor na medida em que cada lei foi elaborada separadamente sem nenhuma conexão entre ambas, ou seja, o plano diretor não define onde as coisas devem

estar ou devem ficar, e remetem tais definições para o código de ordenamento, o código por sua vez não territorializa as coisas no espaço urbano na medida em que não aponta onde as coisas irão ficar.

Existem várias especificações sobre como os loteamentos e lotes devem ser, mas não aponta o onde devem está. Além disso, aponta uma série de obrigações que cada cidadão deve cumprir, mas no conjunto total da obra não existe as atribuições e ou políticas urbanas voltadas para a resolução dos problemas de infraestrutura urbana da cidade.

Foi elaborada também uma nova lei orgânica do município aprovada pela Lei nº 1.532/2008 de 30/06/2008. Cujos princípios são também princípios gerais, sem maiores detalhamentos sobre a aplicabilidade de determinados segmentos da espacialidade urbana que se materializa e conduz a sociedade conquistense.

Também foi aprovado o código municipal do meio ambiente pela lei nº 1.410/2007, que estabelece a política ambiental do município e reestrutura o sistema municipal de meio ambiente, com normas e diretrizes gerais, sem uma definição clara de autoaplicação das regras já existentes no âmbito da legislação nacional.

Já existia no momento da aprovação do plano diretor a lei que instituí a política municipal de habitação popular e o programa de habitação municipal, estabelecido pela lei nº 1186/03, o que o plano diretor fez foi dispor a criação Zonas Especiais de Interesse Social- (ZEIS), áreas definidas no Art. 38 do plano como “porções do território destinadas, prioritariamente, à recuperação e regularização urbanística, à regularização fundiária e à produção de habitações de interesse social, incluindo a recuperação de imóveis degradados”. O plano diretor fala muito sobre as ZEIS, no entanto, não há uma delimitação espacial mais precisa dessas áreas no espaço urbano da cidade de Vitória da Conquista, as áreas destinadas às ZEIS, são muito amplas e inexatas porque o mapeamento feito para definir as ZEIS é o mesmo para definição das macrozonas, isso significa que metade do espaço urbano da cidade é destinado às ZEIS.

O plano diretor estabelece critérios de Ordenação e controle do uso e ocupação do solo de modo a evitar a retenção especulativa de terrenos. Mas não esclarece os procedimentos de quando e como será realizada a aplicação de instrumentos de ordenamento territorial que o plano define como: “Parcelamento, Utilização e Edificação Compulsórios”, o “IPTU Progressivo no Tempo” e o “Direito de Preempção”, o plano apresenta somente dispositivos amplos sobre essa questão. O Controle do Uso e Ocupação do Solo urbano far-se-á mediante o macrozoneamento, na verdade todos os critérios de da política urbana ficaram amarrados com o macrozoneamento, isso dificulta a aplicação do plano diretor na cidade, na medida em que a dinâmica urbana a cada ano, ganha novos contornos, novos empreendimentos, ou seja, uma nova espacialidade e, o macrozoneamento por si só não responde a realidade altamente dinâmica que é o espaço urbano de Vitória da Conquista.

7.2 Da criação de loteamentos ao surgimento das incorporadoras: a lógica de fragmentação do espaço urbano.

Nos últimos anos, a transformação do espaço em mercadoria, fenômeno típico da urbanização capitalista, diversifica-se pela lógica da fragmentação e amplia-se pela diversificação delas. A cada momento histórico da urbanização em um determinado lugar, de uma determinada cidade, verificam-se novas estruturas do urbano sendo incorporado ao processo de produção espacial.

Em Vitória da Conquista esse processo de incorporação de novas estruturas urbanas na composição da cidade, foi num primeiro momento muito lenta, mas que se explodiu num ritmo acelerado a partir dos anos de 1970.

Desde a sua fundação até os anos de 1940, o núcleo urbano de Vitória da Conquista, manteve-se confinado ao arruamento irregular, com ruas de terra

batida, pequenas e estreitas, seguidas por casas enfileiradas parede a parede, típico da colonização portuguesa do século XIX, com locais onde o trânsito movimentava-se por meio de tração animal.



Figura 36- Vista parcial da Rua Coronel Gugé -1940- porção central da cidade de Vitória da Conquista-Ba: Fonte: Arquivo municipal.

Nesse período, o arruamento seguia o curso Rio Verruga, que hoje passa por galeria subterrânea na Rua Ernesto Dantas e Praça Nove de Novembro no Centro da Cidade. Com a chegada de mais moradores, abriram-se ruas partindo da Rua Grande-atual Praça Barão do Rio Branco e Tancredo Neves. Nesse pedaço de chão urbano concentrava-se a maior parte das edificações da cidade que tinha uma característica marcante como as casas da figura 36.

Gradativamente, as casas foram sendo edificadas, seguindo com o arruamento pelas principais vias de acesso ao núcleo urbano tais como a Estrada de São Bernardo, passando pela rua 10 de novembro, rua Siqueira Campos, estrada dos Campinhos que passava pela Av. Fernando Spínola, e a Rodovia norte Sul que passava da Av. Bartolomeu de Gusmão, rua 2 de Julho, cortando o centro da cidade e daí passando pela rua dos Andradas, praça Sá Barreto, seguindo pela Rua da Corrente.

Do início do Século XX, até os anos de 1940, a cidade fica concentrada em seu núcleo no entorno da principal praça e sua Igreja Matriz. Nesse período, o perímetro urbano não ia além da Praça Sá Barreto ao norte, Praça Vitor Brito ao Sul, Rua Regis Pacheco a Oeste, circundada pela Rua da Misericórdia, indo até o hospital São Vicente, com alguns vazios e prolongamentos por caminhos de roça. Veja a foto da figura 37 nela é possível visualizar todo esse núcleo urbano que perdurou até os finais dos anos de 1940.



Figura 37- Vista parcial da porção central da cidade de Vitória da Conquista-Ba nos finais dos anos de 1940. Fonte: Enciclopédia do IBGE-1950.

A partir de 1940, percebe-se a incorporação de novas porções territoriais ao espaço urbano com o uso não urbano da terra à cidade, uma clássica modalidade de expansão urbana que ocorre na fase contemporânea do capitalismo que é o parcelamento de propriedades rurais em loteamentos urbanos. Esse fenômeno é marcante na trajetória da urbanização recente de Vitória da Conquista, o parcelamento de propriedades rurais para transformá-las em lotes urbanos, explode entre os anos de 1940 a 1980.

Em quarenta anos, foram incorporados ao espaço urbano da cidade, mais de 85.000(oitenta e cinco mil) novos lotes para moradia sem nenhuma infraestrutura urbana, sendo que desse total, cerca de 40% deles ainda não foram

ocupados por edificações e ou moradias. Nos anos de 1990 a 2010, segundo dados da PMVC (2012), foram incorporados ao espaço urbano mais de 30.000 (trinta mil) novos lotes para moradia, sendo que desse total houve uma ocupação efetiva de cerca de 60% com edificações.

No Brasil, a fragmentação do território para a urbanização é marcante em todo o século XX, principalmente com a conversão de glebas rurais em lotes urbanos, quase sempre sem nenhuma infraestrutura urbana.

Em Vitória da Conquista, os loteamentos com maior número de lotes surgem na primeira metade da década de 1950, destacam-se os loteamentos Brasil, do lado oeste da cidade com quase 2000 lotes, o loteamento Patagônia com cerca de 2000 lotes e em menor proporção de lotes, o Ibirapuera, o Jurema, o Sumaré e o Novo Horizonte. A abertura desses loteamentos atendia à crescente demanda motivada pelo crescimento populacional urbano, sobretudo às camadas mais populares da população.

Na porção leste da cidade, surgem outros loteamentos voltados para uma população mais elitizada, é o caso do loteamento Recreio, com 368 lotes, o loteamento Euclides Dantas e o loteamento Escola Normal.

A partir de 1960, a população urbana começa a dar verdadeiros saltos, e a procura por lotes aumenta consideravelmente. Nesse período ocorre a inversão populacional com 61% da população morando em área urbana, segundo dados do IBGE (2010). Este crescimento é marcado pelas altas taxas de natalidade das famílias que moravam na cidade, pela saída dos habitantes da zona rural para a zona urbana e pela migração de pessoas de outras cidades para Vitória da Conquista.

O crescimento populacional começa, portanto, a pressionar os limites da cidade e com novas terras são incorporadas ao processo de urbanização, seja, pela necessidade de novas moradias ou mesmo pela lógica do capital de ter a mais valia pela valorização da propriedade privada da terra. Assim, atendendo os anseios por moradia e pela possibilidade de o proprietário expandir seus negócios, fragmenta-se as terras em lotes cada vez mais aglomerados.

No primeiro momento, os proprietários de terras eram os próprios loteadores, mas com a dificuldade de legalizar e vender os lotes surge as primeiras incorporadoras na cidade, com finalidade de urbanizar e comercializar os lotes para habitação. No entanto, não havia nenhuma legislação específica para o enquadramento desse processo de urbanização pela criação de loteamentos até meados da década de 1970. Somente em 1976 é foi elaborado o primeiro conjunto de leis específica para a questão da urbanização e da edificação em lotes e da abertura de loteamentos na cidade.

O parcelamento da terra rural em área loteada e, por conseguinte espaço urbano, no início, era realizado pelos próprios proprietários ou herdeiros das terras próximas ao sitio urbano, a venda dos terrenos era feita a preços relativamente acessíveis, à população, mas com terrenos sem nenhuma infraestrutura urbana já que entre 1940 e 1976, não havia uma preocupação urbanística mais elaborada para a cidade como um todo. De qualquer forma, os loteamentos surgiram como negócio sem nenhuma preocupação com a planificação urbana, nem por parte do poder público nem pelos loteadores.

Após a implantação do plano diretor em 1976, surgem as primeiras incorporadoras legalizadas com o intuito de promover empreendimentos imobiliários na cidade, alguns já estavam no ramo da abertura de loteamentos como é o caso do Sr. Gildásio Cairo, um dos maiores loteadores entre 1950 e 1990, que converteu suas atividades de comprar e vender terrenos em um empreendimento capitalizado juridicamente falando. Em 40 anos Gildásio Cairo abriu mais de uma dezena de loteamentos sem nenhuma infraestrutura urbana consolidando mais de 15.000 lotes para moradias¹, sobretudo moradias populares, pois nestes locais os lotes eram vendidos a preços mais acessíveis, destacando-se neste contexto, os bairros Jurema, Brasil, Patagônia e os loteamentos, Miro Cairo e Senhorinha Cairo no bairro Zabelê.

Para Gildásio Cairo, citado por (Ferraz 2001 p. 105), a forma mais rápida de vender os lotes de cada loteamento era chamando a população sem moradia

¹ Dados do arquivo público municipal- PMVC-2011

para as áreas loteadas. Segundo Cairo apud Ferraz 2001 p. 105, os terrenos no “mato não vendia”, então o jeito era distribuir posses para as pessoas, com o intuito de vender os terrenos, “eu transformei 250 lotes em 500, fizemos 480 casas, doei 250 de graça e as outras foram vendidas” (GILDÁSIO CAIRO 1992).

Observa-se que o loteador era quem definia toda a estrutura urbana, criando a forma, e, por conseguinte, a morfologia da cidade como um todo na medida em que, centenas de loteamentos, cada um com sua morfologia definida pelos donos dos loteamentos, acabaram definindo a forma urbana de Vitória da conquista num emaranhado de ruas sem planificação dos fluxos e da mobilidade urbana como um todo.

Outro grande loteador e incorporador de terrenos entre 1960 e 1990 em Vitória da Conquista, foi o Sr. Jorge Teixeira. Ele e seus descendentes converteram 1680 hectares de terras rurais em áreas loteadas, fracionando a fazenda Candeias aos poucos em loteamentos como o parque Candeias I, em 1968, “com 1380 lotes” (FERRAZ, 2001 p. 100) e ou, repassando terrenos a uma série de outros empreendimentos, em conjunto com órgãos públicos do sistema nacional de habitação, tais como o BNH e URBIS I, em 1974; INOCOOP I e II, em 1979, além de outros estabelecimentos públicos como a Fundação de Amparo ao Menor Carente - FAMEC, o Colégio Estadual Adélia Teixeira, o Colégio Sacramentinas e outros equipamentos como o estádio Lomanto Junior e seu entorno, a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB e Agrotécnica Sergio de Carvalho com um total de 270 hectares, ocupados com equipamentos públicos.

Segundo Jorge Teixeira Filho, citado por FERRAZ (1999), o proprietário das terras nem precisou abrir rua, foi só propor o loteamento que poder publico municipal que realizou todo serviço de abertura de ruas e colocação dos demais equipamentos como energia elétrica, água e saneamento básico, sendo que a maioria dos lotes foi adquirido pela elite da época.

Além desses loteadores outros empreendedores criaram grandes loteamentos entre 1976 e 2000. Como é o caso do loteamento Coveima I e II com

mais de 9.000 lotes criados pela incorporadora Coveima Ltda. em 1979, sem nenhuma infraestrutura urbana e continua até os dias atuais com os mesmos problemas do início.

No mesmo ano, outro grande loteamento é lançado pela incorporadora Machado Costa Ltda. é o Alto da Boa Vista com empreendimento de loteamento, surge com mais de 600 hectares de terra loteada e cerca de 2000 lotes voltados para moradias de alto padrão, no entanto, não houve uma ocupação efetiva dos lotes e, toda a infraestrutura montada foi abandonada sendo retomada sua urbanização aos poucos somente nos anos 2000.

A partir de 1980, várias incorporadoras surgem na cidade com a intenção de lotear terras e construir moradias de médio e alto padrão, baseado nos modelos de chácaras, vários loteamentos desse estilo surgem, tais como a Villa Elisa, Destinadas aos sítios chácaras, lançado pela incorporadora Unilisa, o Parque Imperial, lançado pela incorporadora Oliveira Sá Ltda. com mais de 700 hectares de terra e 700 lotes, cada lote em média com um hectare de terra em área urbana, sem nenhuma infraestrutura. Outros sítios e chácaras em menor proporção foram lançados nesse período tais como: Chácaras Alto da Boa Vista, Chácaras Guanabara, Chácaras Candeias entre outros.

Outra modalidade de loteamentos surge também em 1980, implantado pela incorporadora Odebrecht Ltda., são os condomínios horizontais fechados com moradias de alto padrão, o primeiro da modalidade em Vitória da Conquista foi o Caminho do Parque, com 241 lotes já com toda a infraestrutura montada, pronto para morar, o problema é que nem todos os lotes foram ocupados e ainda hoje existem áreas para a construção de moradias com uma hipervalorização dos terrenos vagos desse empreendimento.

O fato é que em 1980 as incorporadoras e o poder público municipal, vislumbraram uma expansão urbana para a cidade que não ocorreu de fato, por uma série de razões entre elas a crise da economia em escala nacional, que afetou todos os seguimentos da produção, incluindo a economia cafeeira que era o carro chefe da expansão da cidade naquele período, aliado ao grande numero

de habitantes que permeavam as camadas mais pobres da população que não tinha poder aquisitivo para consumir tantos espaços de moradia nem tão pouco especular com a compra de lotes.

Assim, a grande maioria dos loteamentos criados nesse período ficou sem ocupação efetiva por moradias e com isso, vários espaços vazios permearam o sítio urbano da cidade, principalmente entre os locais escolhidos para a implantação de habitações do sistema nacional de habitação destinada às políticas de habitação popular e o centro da cidade, fragmentando cada vez mais o espaço urbano que expandia sem controle pelo poder público municipal.

Porém, não se pode argumentar que os loteamentos criados sem infraestrutura podem de responsabilidade apenas da iniciativa privada, ou que esses fatos contrarie a planificação urbana. Já que nesse período, (1976), já estava em vigor o plano diretor urbano com a lei nº 118, que normatizava e criação de lotes e loteamentos, com dispositivos legais que permitem ao poder público controlar o uso do solo urbano com aspectos favoráveis a toda a comunidade. Como está expresso na lei nº 118/1976, a planificação da área loteada é de responsabilidade do loteador ou da incorporadora:

"todo loteamento estará sujeito às seguintes obrigações: a) locação de ruas, quadras e lotes; b) movimento de terra; c) assentamento de meio-fios; d) pavimentação das ruas; e) outras obrigações constantes do termo de acordo e compromisso"(Art. 84); "para aprovação do plano de loteamento deverá ser exigida uma caução equivalente a 30 por cento da área útil em lotes, cuja liberação se dará na seguinte proporção: a) 30 por cento quando concluída a terraplanagem, assentamento de meio-fio e locação dos lotes; b) 70 por cento quando concluída a pavimentação"(Art. 85); "Aprovado o plano de loteamento, o proprietário assinará, depois de pagar as taxas devidas, um termo no qual constará, obrigatoriamente: I - expressa declaração do proprietário, obrigando-se a respeitar o projeto aprovado; II - indicação dos 30 por cento de área útil com designação e numeração de quadras e lotes, os quais serão gravados como garantia das obras a serem efetuadas no loteamento; III- designação das áreas de utilidade pública, que serão cedidas gratuitamente à Prefeitura, a esta, de logo, transmitido o domínio, mediante escritura pública, sem ônus para o Município; IV - indicação minuciosa das obras a serem executadas pelo proprietário e dos prazos em que se obriga a

efetuá-las, não podendo exceder de 3 (três) anos; V- referência às multas previstas para cada tipo de infração; VI- as demais obrigações estipuladas no processo"(Art. 85). (PLANO DIRETOR LEI Nº 118, p. 18, 1976).

Verifica-se que nesse período o poder público municipal, já possuía instrumentos legais para impedir a expansão sem planificação da forma e estrutura urbana, que garantisse os quesitos mínimos do que foi estabelecido na lei. Entre 1976 até 1999, segundo os dados da PMVC 2012, foram abertos mais de 80.000 (oitenta mil) novos lotes em 270 loteamentos, quase todos sem infraestrutura urbana. Isso reflete o que Castells 1997, afirma "os empreendedores somente constroem e assim mesmo nem sempre aquilo a que são obrigados a construir".

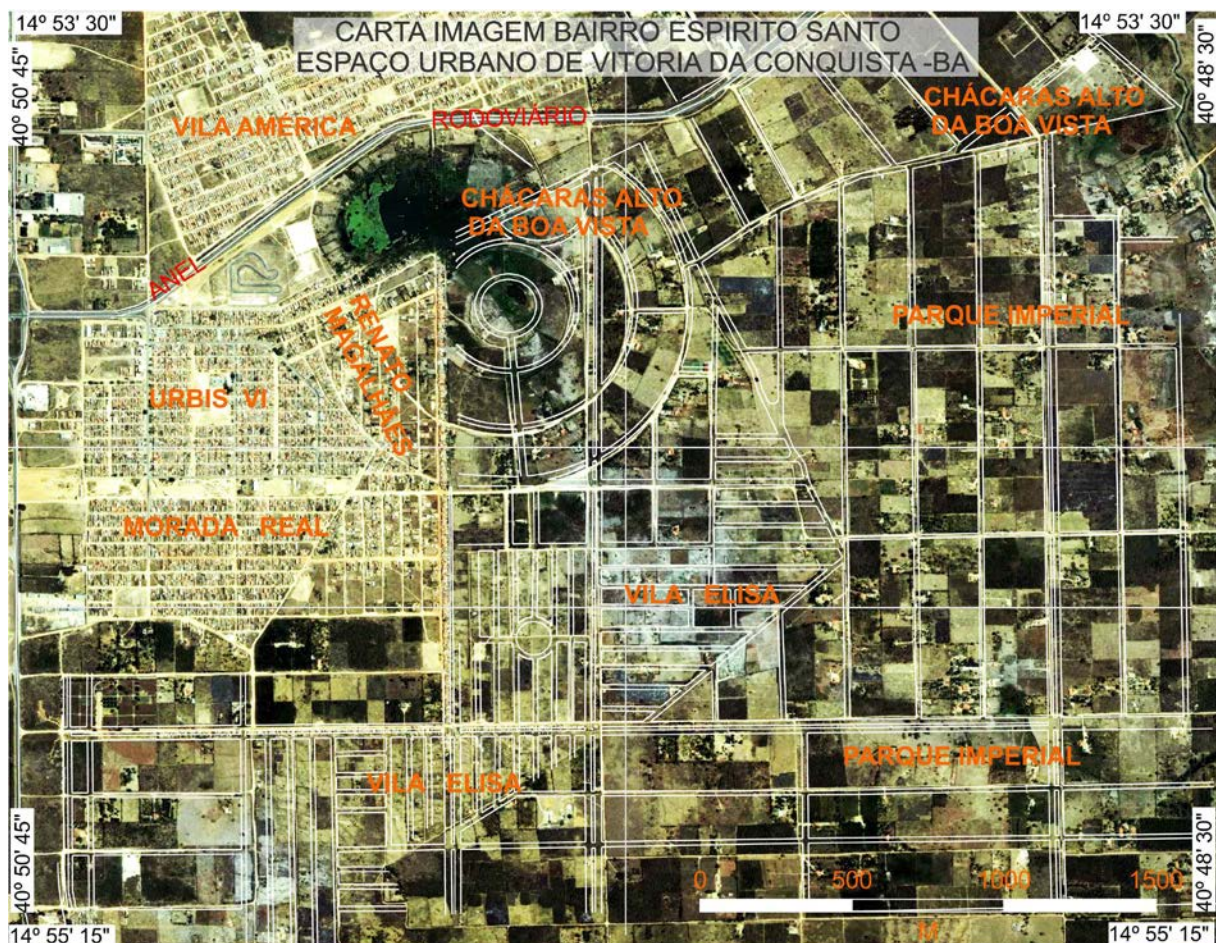


Figura 38- Carta imagem de Vitória da Conquista com áreas loteadas em 1979 sem ocupação efetiva por moradias. Fonte: elaborado pelo autor com base em imagens spot-2008

O boom da abertura de loteamentos foi registrado entre 1979 e 1989 em dez anos, segundo dados da PMVC-2012, foram abertos 109 loteamentos com um total de 56.217 lotes para moradias, sendo que desse total boa parte continua sem uma ocupação efetiva, a taxa de ocupação para esses lotes é de 50%.

Em muitos lugares da cidade parte desses loteamentos continuam vazios sem edificações como é o caso do Parque Santa Mônica que foi projetado em 1986, nele existem 1208 lotes e, pouco mais de 50 casas foram construídas, ao longo desses 26 anos.

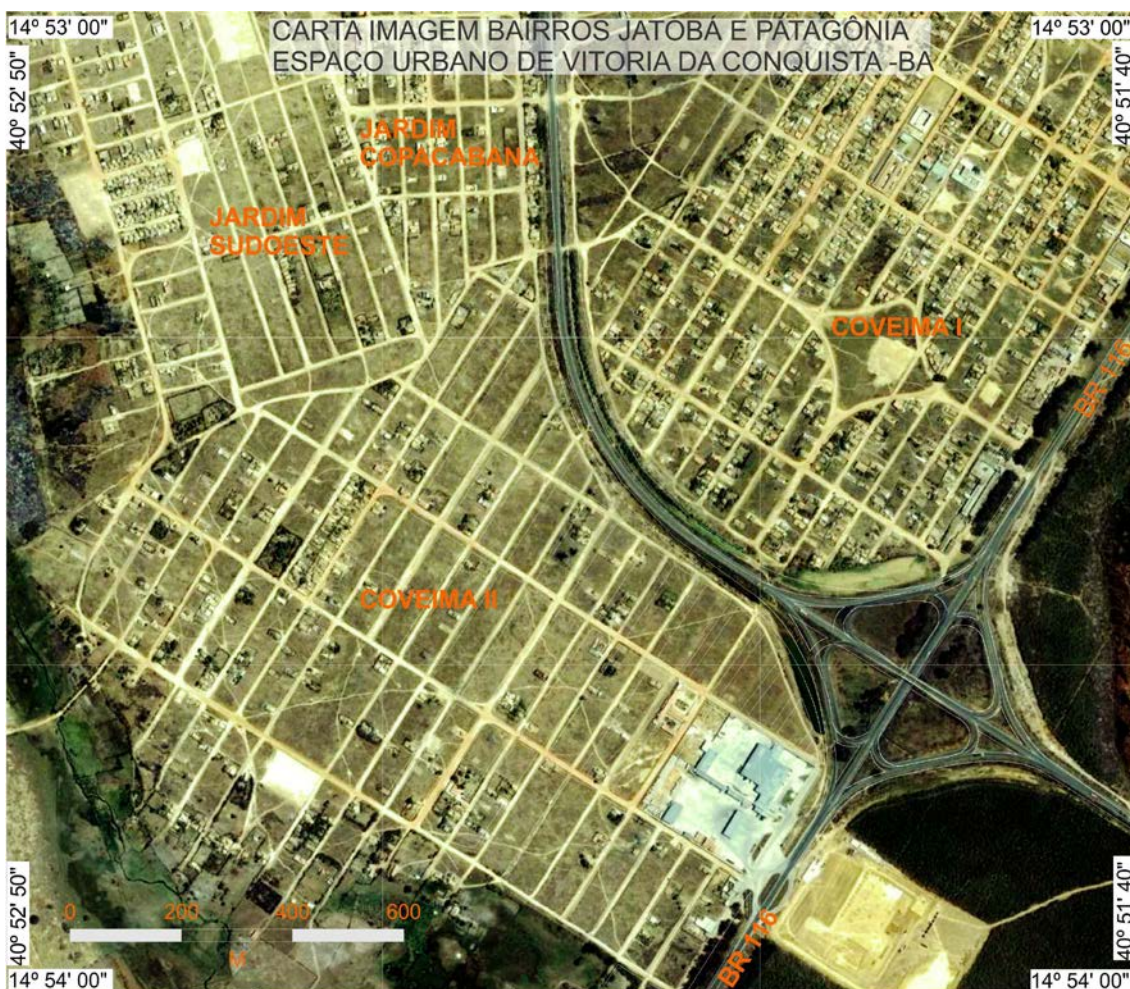


Figura 39- Carta imagem de Vitória da Conquista com áreas loteadas em 1979 sem ocupação efetiva por moradias. Fonte: elaborado Pelo autor com base em imagens spot-2008.

De igual forma está o Coveima II, criado em 1979, com 5224 lotes e 90% sem ocupação efetiva; o Alto da Boa Vista (1979), com 2000 lotes e 70% sem ocupação por moradias; O loteamento Primavera (1983), com 3.447 lotes sem

nenhuma moradia, o Alto da universidade (1987), com 774 lotes sem nenhuma moradia. Além desses, uma série de outros loteamentos encontram-se na mesma condição de ocupação, tais como o Parque Imperial, Vila Elisa, Cidade Maravilhosa, Jardim Sudoeste, Jardim Copacabana, São Pedro, Bateias I e II, Laje Grande, entre outros. Veja a Carta imagem da figura 38

Mesmo com a definição das regras para abertura de loteamentos, a PMVC, continuou autorizando lotes e loteamentos sem nenhuma infraestrutura urbana, o resultado é que até hoje o poder público municipal não consegue sanar todos os problemas advindos dessa, expansão sem controle.

Por outro lado constata-se que a falta de políticas públicas para o assentamento populacional de forma mais efetiva, fez com que o poder público deixasse de lado as exigências mínimas para tais loteamentos, facilitando o estabelecimento dos habitantes em condições precárias de moradias.

Em Vitória da Conquista, essa lógica de expansão urbana, foi marcante nos últimos 30 anos. Ao longo desse período, surgiram inúmeras áreas de ocupação irregular que formam paulatinamente, um aglomerado de casas de pequeno porte com várias famílias morando ao mesmo tempo e num pequeno espaço, mas ao mesmo tempo em ocorriam as ocupações irregulares de terrenos, vários loteamentos eram abertos pela iniciativa privada sem, contudo, ocorrer uma ocupação efetiva dessas áreas.

Destacam-se áreas de ocupação irregular, que surgira entre os anos de 1980 e 2000 tais como: Ocupação do Alto da Boa Vista no Bairro Boa Vista; Ocupações Renato Magalhães, canteiro Central da Av. José Machado Costa e Rua Paulo Rocha, Canteiro Central da Av. 3 CGC, Tanque Seco e rua Anelita Nunes no Bairro Espírito Santo; Ocupação do Ipanema no bairro Felícia; Ocupações do Santa Helena e Lagoa do Jurema no Bairro Brasil; Ocupações do Santa Cruz e Nossa Sra. de Lourdes no Bairro Bateias, Ocupações do Kadija, Conjunto da Vitória e Coveima I no Bairro Patagônia; Ocupações do Santa Terezinha, Copacabana II e Coveima II no Bairro Jatobá; Ocupações da Vila União e Ubaldino Gusmão no Bairro Ibirapuera; Ocupação Pedrinhas no Bairro

Cruzeiro; Ocupações Alto da Conquista e Parque da Colina no Bairro Alto Maron; e outros pontos menores que não foram identificados pelo poder público municipal.

Boa parte dessas ocupações foi regularizada pela PMVC, como destaca (Almeida 2005), ao pesquisar sobre a política municipal de habitação popular de Vitória da Conquista. Com a política municipal de habitação, além dessas ocupações territoriais para moradia, foi incorporada, uma série de outras localidades pelo sistema de habitação municipal que legalizou tais ocupações e realizou assentamentos populares entre 1990 e 2010.

7.3 A trajetória do mercado imobiliário em Vitória da Conquista e a espacialidade resultante do processo de apropriação do espaço urbano.

Neste item o objetivo é analisar a formação do mercado imobiliário de Vitória da Conquista como base para compreender as transformações socioespaciais decorrentes do processo de planificação territorial e urbana da cidade.

Ao analisar a trajetória do mercado imobiliário em Vitória da Conquista, constata-se que do ponto de vista da planificação urbana uma parte da cidade é regulada por uma legislação e estruturada em macrozoneamento, código de edificações, lei de parcelamento do solo, além da lei de proteção ambiental.

Porém, existe uma parte da cidade onde o poder público não consegue controlar o ingresso de pessoas, seja em áreas de proteção ambiental ou em outras áreas de ocupação por moradias, desconhecendo normas não somente para o uso e a ocupação do solo, mas também para a resolução de conflitos. Para Maricato (2006), essa expansão urbana se deu, portanto sem financiamento

público ou privado, sem o conhecimento técnico organizado, sem seguir a legislação vigente. Assim temos uma condição onde:

Esse processo lento e progressivo de produção da moradia – que não é propriamente capitalista, mas que contribui com a acumulação capitalista – serve de exemplo para desvendar um dos paradigmas do ambiente urbano no Brasil. Se, de um lado, a produção de parte da cidade que aloja moradores de baixa renda é mantida por eles próprios; de outro temos um mercado privado onde 30% da população urbana, quando muito, têm acesso ao produto do mercado. Ele se dirige a uma elite e oferece um produto que confere distinção: um apartamento com vários banheiros e equipamentos que correspondem a um clube em condomínio fechado em localização também plena de simbologia distinguidora. (MARICATO, 2006 p. 213)

Recentemente, o que se observa é que, utilizando-se de mesmas lógicas e práticas, ou seja, as de parcelamento de glebas rurais para transformá-las em urbanas, produzem novos espaços destinados a atividades industriais e/ou comerciais e de serviços, aos quais se associam valores objetivos e subjetivos que atendem e, ao mesmo tempo, criam novas demandas locacionais.

Para Sposito&Finati (2010), são iniciativas que articulam a satisfação dos interesses fundiários aos da produção imobiliária, ao transformarem terras de baixo valor agregado em novos produtos. Na visão dos autores, trata-se de um negócio extremamente rentável para aqueles que o comandam: proprietários fundiários e outros empreendedores que atuam na produção do espaço urbano, tais como incorporadores, construtoras, corretoras e agentes financeiros.

Para entender essa lógica, é preciso compreender como atua o capital imobiliário. Para Singer (1980), o capital imobiliário é um falso capital, uma vez que a origem de sua valorização é diferente da atividade produtiva, mas produz a por outro lado, a “monopolização do acesso a uma condição indispensável àquela atividade,” (SINGER 1980, p.78).

Assim, pode-se complementar que, na medida em que o espaço é uma condição indispensável para a realização de qualquer atividade, também o é no

caso da atividade produtiva capitalista (SINGER, apud SPOSITO 2010). Carlos (2009), afirma que do ponto de vista da morfologia urbana, a construção material e objetiva desse espaço faz-se em detrimento dos setores da população residente nele. Para Carlos, num primeiro momento, ocorre a expulsão da população primária, ou seja, aquela população que primeiro ocupou tais espaços no sentido da moradia, com a finalidade de construir novos edifícios, para fins diversos, ocorre daí uma reativação de novos setores e com isso um rearranjo espacial em detrimento dessas novas incorporações no território da cidade.



Figura 40- Mapa da espacialização dos imóveis segundo a origem do financiamento
Fonte: elaborado Pelo autor com base nos trabalhos de campo-2010-2012

Veja no mapa de figura 40, as modalidades de incorporação de moradias no espaço urbano da cidade, de acordo com o levantamento dos dados em no trabalho de campo e conforme o mapeamento das modalidades de financiamento, a forma mais comum de construção da moradia na cidade de Vitória da conquista

foi na modalidade de autofinanciamento, cerca de 75% do imóveis existentes na cidade, são habitações autofinanciadas pelos proprietários de lotes, que vão paulatinamente sendo construídos cada dia em lugares mais distantes do centro da cidade.

Com a saída da população dessas áreas, em detrimento da valorização que vem junto com esse rearranjo espacial, vão surgindo novas áreas de moradia cada vez mais distantes, criando assim novos espaços habitacionais cada vez mais deteriorados, pois o valor da terra já não é o mesmo, e aqueles que vendem suas propriedades com a intenção de uma nova aquisição, não conseguem adquirir um novo bem e fica na dependência das políticas habitacionais para ter uma nova moradia, ou quando não invadem áreas para a construção de moradias de forma precária.

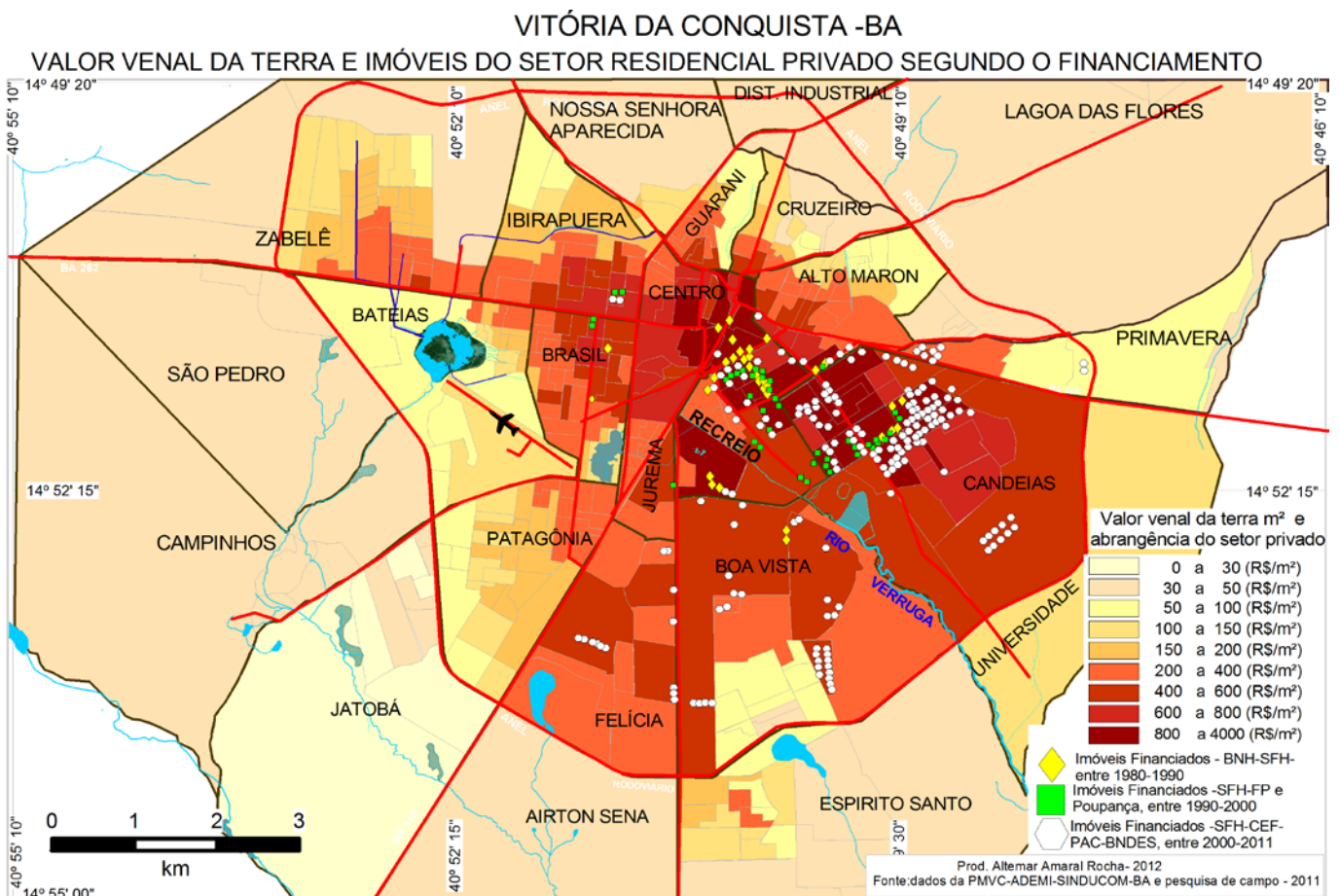


Figura 41- Mapa da espacialização dos imóveis segundo o seu financiamento e valor da terra.
Fonte: elaborado pelo autor com base nos trabalhos de campo-2010-2012

Segundo os dados do censo do IBGE (2010), existem atualmente 86.460 domicílios ocupados no espaço urbano de Vitória da Conquista-BA, sendo que apenas 3% desse total, estão em edifícios verticalizados com apartamentos. O restante são moradias em casas e ou villages espalhadas de forma horizontal no território da cidade, sendo que ainda existe um montante estimado de 50.000 lotes em área urbana sem ocupação efetiva por moradias, revelando como atuam as incorporadoras no espaço urbano da cidade, fragmenta o território e definem normas de comercialização que nem sempre atende a todos os habitantes da cidade.

Desse modo, como controlar a ocupação da terra quando esta é a mola central do capital, e monopólio de um mercado com regras que define uma segmentação, restrita para poucos investidores viciados em ganhos especulativos desenfreados. É uma lógica socialmente excludente.

A localização da terra ou do imóvel edificado é o que conta. Há uma luta constante pelas melhores localizações, assim como pela orientação dos investimentos públicos que causam aumento dos preços e valorização dos imóveis em determinadas áreas da cidade.

Ao lado do capital imobiliário, as grandes empreiteiras de obras de infraestrutura orientam o destino das cidades quando exercem pressão sobre os orçamentos públicos (via vereadores, deputados, senadores ou governantes) para garantir determinados projetos de que podem ser oferecidos ao governante de plantão como forma de marcar a gestão. “As obras determinam o processo de urbanização mais do que leis e Planos Diretores, pois, o que temos em geral, são planos sem obras e obras sem planos”. (MARICATO, 2011 p. 214).

Do ponto de vista dos investimentos privados a cidade de Vitória da Conquista, absorveu nos últimos 5 anos um grande número de incorporadoras que atuam no setor habitacional e com isso uma série de conjuntos habitacionais voltados para a classe média e média alta já foram construídos ou está em fase de construção. Veja no mapa da figura 40, a localização desses imóveis, as diversas formas de financiamento e o valor venal da terra urbana.

No mapa da figura 40, é possível observar que a maior valorização da terra urbana ocorre no setor sudeste, particularmente nos Bairros Recreio e Candeias, justamente onde ocorreram as maiores fatias de implantação dos imóveis de alto padrão da cidade. Outro vetor que surge nos últimos 5 anos é o setor sul-sudeste, entre os Bairros Boa Vista e Candeias, nestes locais concentram mais de 70% dos atuais investimentos das incorporadoras em construção residencial privada.



Figura 42- Vista parcial dos Bairros Candeias, Recreio e ao fundo Bairro Boa Vista. Fonte: pesquisa de campo 2012.



Figura 43- Vista parcial do Bairro Candeias, com os principais investimentos do setor residencial privado entre 2004 e 2012. Foto: miraflores10/2012

Veja nas fotos das figuras 42 e 43, na foto da figura 42, é possível verificar toda a infraestrutura urbana entre os bairros Recreio, Candeias e mais ao fundo, o

Bairro Boa Vista, já na foto da figura 43, é visível os principais investimentos do setor residencial privado dos últimos 10 anos.

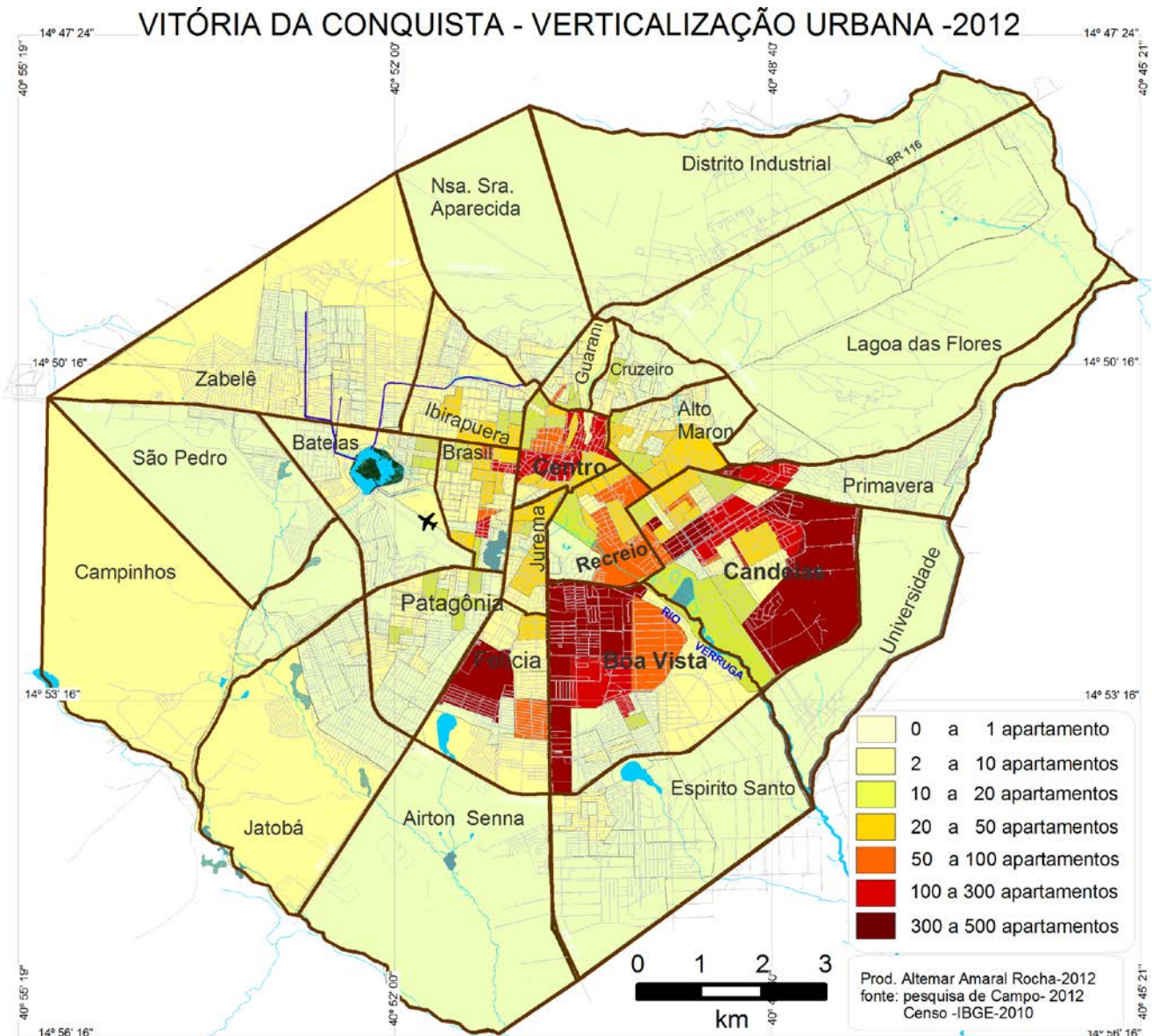


Figura 44- Mapa da verticalização urbana de Vitória da Conquista-BA. Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do trabalho de campo 2012 e dados do Censo IBGE (2010)

A expansão da cidade legal, ou seja, aquela onde a infraestrutura urbana existe, materializa-se na direção Sul e Sudeste, puxada pelo deslocamento de grandes empreendimentos de grupos empresariais e ou empreendimentos de conjuntos habitacionais de luxo, em muitos desses conjuntos habitacionais ocorre

uma tendência à verticalização, embora seja pouco significativa ainda em Vitória da Conquista. Veja no mapa da figura 44, nele é possível ver os pontos onde é maior a densidade de edificações no formato verticalizado em edifícios.

Mesmo com a crescente verticalização dos últimos cinco anos, há um predomínio de construções no padrão horizontal, em todos os bairros da cidade, especialmente com os financiamentos recentes do sistema financeiro, as incorporadoras, entraram definitivamente no setor habitacional para a construção de condomínios horizontais fechados.

Soma-se a essa nova tendência de horizontalidade, as construções edificadas de forma horizontal pelos próprios moradores que adquirem um terreno e constrói a sua casa pela modalidade autofinanciada, ou seja, o proprietário vai aos poucos levantando a sua casa com a economia da renda da força de trabalho e em um médio espaço de tempo, vai montando a casa e incorporando novos cômodos ao tamanho da moradia inicial.

A questão é que tais incorporadoras adquirem financiamento do Sistema Financeiro Habitacional – SFH, pelo Programa de Arrendamento Residencial - PAR ou pelo Programa de Aceleração do Crescimento – PAC do Governo Federal, através do Banco Nacional de Desenvolvimento Social – BNDES e Caixa Econômica Federal–CEF, e compram terrenos, constroem conjuntos habitacionais e condomínios fechados a preços especulativos e não contribuem para o bom funcionamento da cidade na medida em que grandes áreas são muradas, excluindo um pedaço do espaço urbano do contexto da circulação das pessoas que habitam e circulam na cidade.

Com a instalação dos condomínios horizontais fechados, ocorre uma privatização do espaço público na medida em que há o fechamento das ruas para os demais espaços públicos adjacentes e para o seu entorno. Tais práticas espaciais como afirma Harvey (2003), refletem um domínio e controle do espaço pela adoção de “bairro exclusivo”. Essa exclusividade exclui toda a coletividade do espaço urbano.



Figura 45- Vista aérea do primeiro condomínio horizontal fechado de Vitória da Conquista implantado em 1981. Fonte: pesquisa de campo 2012 foto: miraflores10-2011

Uma forte tendência do setor residencial privado é a produção de moradias em condomínios fechados. Essa realidade é marcante em Vitória da conquista desde 1981, quando deu início à construção do primeiro condomínio fechado na cidade, o Caminho do Parque no bairro Recreio (ver foto da figura 45) de já foram construídos mais de uma dezena deles.



Figura 46- Vista parcial do condomínio horizontal fechado Cidade das Flores iniciado em 2011- Bairro Boa Vista - Vitória da Conquista. Fonte: construtora PEL-2011.

A lei municipal nº 1481/2007, normatiza a construção dos condomínios horizontais, mas não especifica se tais condomínios podem ser fechados ou não. Desse modo, as incorporadoras atuam livres no tocante ao fechamento de todo o seu empreendimento, verifica-se, que após a aprovação da lei, dezenas de condomínios fechados já foram implantadas na cidade, contudo, há um projeto de lei federal que coíbe a prática dessa modalidade de construção, mas ainda carece de regulamentação. Veja no quadro da figura 46, a expansão dos condomínios e conjuntos habitacionais implantados pelo setor residencial privado em Vitória da Conquista – BA.

CONDOMÍNIOS/CONJUNTOS HABITACIONAIS	ANO	TIPO	LOCALIZAÇÃO NA CIDADE
Caminho Do Parque	1980	Casa	Recreio
Vila Dos Pinheiros	1981	Casa	Boa Vista
Ouro Verde	1990	Apt	Candeias
Ouro Branco	1990	Apt	Candeias
Alameda Das Flores	1990	Apt	Candeias
Alameda Das Acácias	1990	Apt	Candeias
Mirante Das Candeias	2005	Apt	Rod. Barra do Choça/Primavera
Vog Candeias Residence	2008	Apt	Candeias
Green Ville	2008	Casa	Guanabara-Boa Vista
Vila Roma	2008	Village	Guanabara-Boa Vista
Vila Grécia	2008	Village	Guanabara-Boa Vista
Central Parque	2008	Casa	Recreio
Solar Boa Vista	2009	Apt	Guanabara-Boa Vista
Mirante Da Conquista	2010	Apt	Rod. Barra do Choça/Primavera
Vog Cajaiba	2010	Apt	Candeias
Brisas Do Guanabara	2010	Apt	Guanabara-Boa Vista
Itapuã	2010	Apt	Guanabara-Boa Vista
Sul América	2010	Apt	Guanabara-Boa Vista
Copacabana	2010	Apt	Guanabara/Felicia
Morada Nobre	2010	Casa	Caminho do Parque - Recreio
Parque das Águas	2010	Casa	Candeias
Mirante Da Vitória	2011	Apt	Rod Barra do Choça/Primavera
Vog Itamarati	2011	Apt	Candeias
Vivendas Costa Azul	2011	Casa	Guanabara – Boa Vista
Vista Reale –	2011	Apt	Guanabara –Boa Vista
Vila Constanza	2011	Casa	Guanabara-Boa Vista
Cidade das Flores-	2011	Casa	Guanabara-Boa Vista
Cidade Jardins	2011	Casa	Guanabara-Boa Vista
Jardim Botânico	2011	Casa	Guanabara-Boa Vista
Plaza Morada Dos Pássaros	2011	Apt	Morada dos

			Pássaros/Felícia
Solar Morada Dos Pássaros	2011	Apt	Morada dos Pássaros/Felícia
Vila Verde –	2011	Casa	Primavera
Vila das Flores	2012	Casa	Primavera
Vila dos Pássaros	2012	Casa	Primavera
Vila do Bosque	2012	Casa	Primavera
Horto Premier Residence	2012	Casa	Rod Barra do Choça/Primavera
Vog Jardins	2012	Apt	Guanabara-Boa Vista
Jardins Residence	2012	Apt	Candeias
Portal Do Sol	2012	Casa	Av. Brumado-São Pedro
Reserva Parque Imperial	2012	Casa	Parque Imperial/Espírito Santo

Figura 47- Quadro da distribuição dos conjuntos habitacionais e condomínios fechados implantados pelo setor residencial privado entre 1980 e 2012.
Fonte: pesquisa de Campo -2012

No Artigo 22 da lei 1481/07 diz que “a implantação de condomínios horizontais e conjuntos habitacionais poderá ocorrer em glebas não loteadas ou em lotes regulares, resultantes de parcelamento aprovado pela Municipalidade”. No entanto, não define as formas admissíveis de fechamento do perímetro e a máxima extensão murada; também não define os requisitos mínimos julgados necessários para assegurar a integração com o sistema viário existente ou projetado, a mobilidade urbana e o acesso a equipamentos comunitários.

Com a adoção dos 270 novos loteamentos implantados entre 1950 e 2010, a forma mais comum de construção da moradia na cidade de Vitória da conquista foi na modalidade de autofinanciamento. Cerca de 75% do imóveis existentes no espaço urbano em 2012, são habitações autofinanciadas pelos proprietários de lotes, e ou herança familiar também autofinanciada. (ver mapa da figura 39 e 40).

Essa forma de financiamento habitacional vai desde a chamada autoconstrução, onde o próprio dono do terreno constrói a sua moradia, com a ajuda de parentes e amigos, ou pela compra realizada por pequenas empresas ou construções menores, financiadas pelo proprietário que acumulou dividendos ao longo dos tempos e reinvestiu na construção civil, essa prática é muito comum na cidade, onde empresários do setor de comércio e serviços, diversifica seus investimentos na compra de terrenos e posteriormente na construção civil.

Os demais imóveis vieram das políticas e dos programas habitacionais, dentre eles, o BNH, a URBIS, o INOCOOP, o PAR, o Programa Moradia, o PMHP, o MCMV e outros financiamentos do SFH e do PNH. (ver mapa da figura 39).

É importante destacar que o setor imobiliário, por si só é contraditório na medida em que tramita entre duas contradições básicas do capitalismo e em particular do setor que é a questão da propriedade da terra e da renda fundiária decorrente da própria natureza do setor. Para Topalov (1997), essa contradição do setor imobiliário permeia todo o movimento de produção e reprodução do capital financeiro e do capital imobiliário.

Por outro lado, verifica-se que a demanda desse setor é fragmentada pela diversidade de usos do solo e do espaço urbano, aliadas às diversas faixas de renda da população que procura um imóvel para morar. Correia (2011), afirma que a renda da terra urbana e a habitação, são objetos de interesses generalizados, envolve agentes sociais com ou sem capital formal ou informalmente organizado.

Em Vitória da Conquista, as práticas espaciais do setor imobiliário, reflete toda essa contradição entre a propriedade fundiária, renda da terra e a valorização dos terrenos e imóveis, ao passo que é perceptível a barreira existente entre uma parcela significativa da população e o acesso à moradia de qualidade, potencializando uma união estável entre o capital e o setor imobiliário, tornando-se um sistema altamente excludente das camadas sociais menos favorecidas.

Com isso, resta a atuação do Estado na regulação do setor, e na intervenção no processo de aquisição da moradia, com a adoção de políticas públicas que garanta a essa população de baixa renda ou sem rendimentos, ao direito a moradia. Desse processo de exclusão é que surge a segregação socioespacial e fragmentação territorial da cidade na medida em que a materialização das pessoas no espaço urbano ocorre de forma desigual e nessa

desigualdade é que surgem os problemas de infraestrutura e todos os demais problemas que atingem a população de baixa renda.

7.4 O sistema habitacional, as políticas habitacionais e os diversos segmentos de financiamento.

No Brasil, o Sistema Financeiro da Habitação – SFH, foi criado pela Lei 4.380, de 21 de agosto de 1964, que também criou a correção monetária nos contratos imobiliários, o Banco Nacional de Habitação- BNH e as Sociedades de Créditos imobiliários.

Os principais objetivos do SFH consistiam em assegurar a aquisição da casa própria mediante um financiamento bancário. Desta forma, para obter o financiamento o adquirente não podia ser proprietário de outro imóvel, além de ter que comprovar a renda familiar exigida pelas instituições financeiras, cuja comprovação poderia compreender o rendimento do comprador do imóvel, do cônjuge, dos dependentes e de terceiros.

No entanto, existe um grande problema nessa política habitacional que segundo o governo era voltado para a população de baixa renda e, no Brasil, até os dias atuais a população de baixa renda não tem como comprovar rendimentos, pois a maioria ainda atua no setor informal ou não possui rendimentos, o resultado, o surgimento de favelas por todo lado principalmente nas grandes cidades do país.

Outro princípio básico do SFH, era implementar a construção civil, em decorrência da aguda recessão na indústria da construção civil (1964), cujos empreendimentos habitacionais estavam paralisados pela queda da poupança e a recusa das instituições financeiras em conceder empréstimos, pois naquele período havia uma grande bolha inflacionária, bem como falta de garantias por parte dos trabalhadores em pagar seus empréstimos e financiamentos.

Nesse período o Déficit habitacional no Brasil já era elevado, pois o rápido processo de crescimento da população urbana em curso fez com que as cidades passassem a receber cada vez mais moradores em um curto espaço de tempo. Aliado ao processo migratório as altas taxas de natalidade que ocorrera nas cidades entre 1940 e 1980. Veja no quadro abaixo como foi a evolução da população brasileira, da Bahia e de Vitória da Conquista entre 1940 e 2010 .

TABELA 3 - Distribuição da População Brasileira de 1940 a 2010

Anos	População Urbana	População Rural
1940	31,20%	68,80%
1950	36,20%	63,80%
1960	45,40%	54,60%
1970	55,90%	44,10%
1980	67,70%	32,40%
1991	75,50%	24,50%
2000	81,20%	18,80%
2010	84,35%	15,65%

Fonte: IBGE- Censo demográfico

TABELA 4 - Distribuição da População Baiana de 1940 a 2010

Anos	População Urbana	População Rural
1940	23,4	76,6
1950	25,9	74,1
1960	34,8	65,2
1970	41,4	58,6
1980	49,4	50,6
1991	59,1	40,9
2000	67,1	32,9
2010	72,1	27,9

Fonte: IBGE- Censo Demográfico.

TABELA 5 - Distribuição da População de Vitória da Conquista de 1950 a 2010

Ano	População Rural	%	População Urbana	%	TOTAL
1940	24.910	74,3	8.644	25,7	33.554
1950	26.993	58,4	19.463	41,6	46.456
1960	31.401	39,3	48.712	60,7	80.113
1970	41.569	32,5	85.959	67,5	127.528
1980	43.245	25,3	127.652	74,7	170.897
1991	36.740	16,3	188.351	83,7	225.091
2000	36.949	14,1	225.545	85,9	262.494
2010	32.127	10,4	274.739	89,6	306.866

Fonte: IBGE- Censo Demográfico

A expansão da urbanização brasileira é marcada pela rápida inserção da população nas cidades, em 30 anos entre 1940 e 1970, houve uma inversão na

taxa de habitantes quando a maioria da população já é urbana, atingindo 55% de urbanização em 1970. Em Vitória da Conquista esse processo de inversão foi ainda mais rápido em 1960 já havia 60,7% da população morando na zona urbana.

Como podemos ver entre as décadas de 1940 de 2010 houve um crescimento contínuo da população urbana de Vitória da Conquista com 3078,38%, tendo crescido 125,16% entre as décadas de 1940 e 1950; 150,28% entre as décadas de 1950 e de 1960, o maior índice registrado durante o período; esses dados refletem a grande explosão de loteamentos para moradias nas décadas seguintes, já que com o passar do tempo essa população que era jovem passa a incorporar uma significativa parcela de pessoas adultas no espaço urbano, aumentando a pressão por habitações.

Daí que surge em meados da década de 1960, uma política habitacional para tentar resolver o problema da moradia que cada vez mais aumentava em todo o país. Para Lojkine (1997), uma política habitacional, reflete as dimensões da política urbana definida por uma determinada sociedade para o autor, as dimensões da política urbana, são três: “a dimensão planificadora, a dimensão operacional e dimensão urbanística, que condensa, e mede os efeitos da planificação e operacionalização das variáveis da política urbana” (LOJKINE, 1997).

No caso brasileiro, a política habitacional vigente, seguiu o modelo implementado a partir de 1967 pelo Banco Nacional de Habitação-BNH, ao qual baseava-se em um conjunto de características que deixaram marcas importantes na estrutura institucional e na concepção dominante de política habitacional nos anos que se seguiram.

Aliado às políticas habitacionais do BNH, surge na Bahia em 1965 o Sistema de Habitação e Urbanização - URBIS, que tinha por finalidade, estudar as questões relativas à habitação popular planejar e executar uma política habitacional e de desenvolvimento econômico e social do Estado; formular, coordenar e executar o plano estadual de habitação e seus diversos

subprogramas; promover a urbanização de áreas habitacionais carentes de infraestrutura básica e propiciar a ocupação de vazios urbanos destinados à implantação de assentamentos residenciais de interesse social, particularmente aqueles voltados a população de baixa renda.

Entre as principais características da política habitacional em nível federal, estão a criação de um sistema de financiamento, apoiado no Fundo de Garantia de Tempo de Serviço – (FGTS) e no sistema de Poupança e Empréstimo bancário; a criação e operacionalização de um conjunto de programas que estabeleceram, a nível central, as diretrizes gerais a serem seguidas, em nível descentralizado, pelos órgãos executivos, sobretudo nos estados e municípios e criação de uma rede de agências em nível local (principalmente estadual), responsáveis pela operação direta das políticas.

Esse período ficou conhecido como o período do BNH, que foi encerrado tragicamente em 1986, mas deixou uma herança de toda a política habitacional vigente no país até os dias atuais, comandada agora pela Caixa Econômica Federal-CEF.

Em Vitória da Conquista-Ba, o BNH, realizou a primeira intervenção política para tentar resolver o problema da moradia nas décadas de 1960 e 1970, nesse período, foi implantado um conjunto habitacional com este mesmo nome no Bairro Candeias em 1974.

Além do conjunto habitacional BNH, outros conjuntos seguiram os moldes operacionais na forma e estrutura, sendo incorporados ao espaço urbano da cidade com dinheiro do SFH, parte dos recursos eram da CEF, outra parte, pelo sistema de cooperativa de crédito, ou ainda os conjuntos habitacionais da URBIS-SA, iniciado com a URBIS I em 1974, URBIS II e II em 1977, URBIS IV e V em 1979, INOCOOP I e II, 1979 URBIS VI em 1980 e conjunto VILA SERRANA iniciado em 1989. Nesses conjuntos habitacionais, o governo subsidiava boa parte do imóvel, sendo o restante financiado em valores bem menores que os oferecidos pelo mercado financeiro.

Outros conjuntos habitacionais financiados, mas com subsídios menores foram implantados, destacam-se os conjuntos habitacionais, Alameda das Acácias, Alameda das Flores, Morada do Bem Querer, todos no Bairro Candeias. Além desses, o Conjunto habitacional Parque Serrano no Bairro Brasil.

O grande problema desses conjuntos habitacionais e da política habitacional iniciado em 1964, é que nesse período em Vitória da Conquista, a classe média e média alta era quem possuía um trabalho assalariado com carteira assinada estes estavam aptos a obter o financiamento que, pelas normas da política habitacional somente poderia ter acesso ao crédito e ao financiamento da moradia as pessoas que possuísem renda comprovada, com isso, uma parcela significativa da população não conseguia ter acesso a moradia e optavam por ocupar terrenos vazios, surgindo com isso as favelas – conjunto ou aglomerado de moradias sem infraestrutura urbana.

Maricato (2006), afirma ser essa questão, “invasões de terrenos” um forte indicador dos problemas urbanos advindos da política habitacional e do avanço do capitalismo no Brasil, ou seja, a gigantesca ilegalidade dos terrenos, no espaço urbano, reflete a grande desigualdade social existente e a incapacidade dos planos habitacionais em resolver a falta de moradia no País. Para Maricato (2006), a ilegalidade dos terrenos e a irregularidade dos loteamentos no Brasil, virou regra e não exceção.

Em Vitória da Conquista a URBIS-SA, juntamente com o BNH, promoveu uma série de conjuntos habitacionais nas décadas de 1970 e 1980, com um aporte de mais de 8.000 domicílios. Contudo, não foi o suficiente para resolver a questão da moradia já que nesse período a expansão urbana da cidade ocorria em ritmo acelerado e acelerado também era o aumento da pobreza, fazendo com que uma parcela significativa da população ficasse fora das políticas habitacionais adotadas.

Assim entre 1980 e os anos 2000, a pressão por moradia foi elevada, fazendo com que muitas ocupações irregulares materializem no espaço urbano da cidade. Tanto pela crise das políticas habitacionais a nível nacional, quanto

pelo aumento da pobreza e das desigualdades sociais no país como um todo e em particular na cidade de Vitória da Conquista.

Ao analisar evolução da população por faixas de renda, conforme os dados do IBGE-2010 verifica-se que houve um aumento de mais 300% no número de pessoas em idade adulta sem rendimento nesse período; ao passo que houve apenas 90% de aumento nos que recebiam mais 10 salários mínimos. Isso evidencia um alto índice de desigualdade na renda e, por conseguinte, dificuldades no acesso a moradia.

Para tentar resolver o problema da moradia e diminuir essa pressão habitacional foi criado no município um plano municipal de habitação em 1991 com a finalidade de reduzir o déficit habitacional, atendendo a população de baixa renda sem moradia. A lei 570/1991, que estabelecia o programa municipal de habitação popular, visava captar investimentos e cooperação técnica dos órgãos públicos na esfera federal e estadual. Além da destinação de áreas para a execução do programa. Quando da implantação do programa de habitação popular, já existia uma série de ocupações em terrenos públicos com a tentativa de forçar o poder público municipal a regularizar tais moradias e na maioria dos assentamentos realizados pela PMVC, entre 1986 e 2000, foi a legalização das áreas ocupadas pela população em outros casos, houve a compra dos terrenos e em seguida a doação para a construção das casas, poucos foram os casos em que a PMVC, construiu a casa para doação.

O resultado disso foi uma série de construções sem nenhuma infraestrutura e com poucas condições de habitabilidade já que os beneficiados ganhavam o terreno, mas não tinha o recurso para construir sua casa, num primeiro momento, as moradias desses assentamentos eram barracos construídos com sobras de edificações, madeira e lona, aos poucos os moradores iam aumentando cômodo por cômodo até chegar numa casa de alvenaria com dormitório, cozinha e sala. Essa realidade foi constatada por Ferraz (1999) e Almeida (2005), onde as antigas ocupações: Alto da Conquista ocorrida em 1991, Conjunto da Vitória – 1991, Alto da Boa Vista - 1988, Santa Cruz-1988 e Encosta do Coveima I – 1991

estavam desprovidas de qualquer infraestrutura que evidenciam a urbanização com justiça social.

Em 2003, foi implantado pela lei 1186, a Política Municipal de Habitação Popular, cujo objetivo era propiciar a oferta de condições dignas de moradia, a melhoria das unidades residenciais e a regularização urbanística, imobiliária e fundiária dos aglomerados de habitações ocupadas por populações de baixa renda, assegurando a alocação adequada de espaços, equipamentos e serviços públicos. Com essa política o poder público municipal esperava reduzir o déficit habitacional das famílias desprovidas de moradia própria.

No Art. 3º da lei 1186/2003, afirma que para a execução da Política Municipal de Habitação, “ficam criados o Programa Municipal de Habitação Popular, o Conselho Municipal de Habitação Popular e o Fundo Municipal de Habitação Popular, que se regerão na forma desta Lei”.



Figura 48- Mapa da espacialização das políticas habitacionais em Vitória da Conquista entre 1974 e 2012. Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa de campo -2012.

A criação dessa política municipal foi impulsionada pela necessidade de adequação das políticas habitacionais ao novo estatuto das cidades criado pela lei federal nº 10.257/01, que alterou toda a política de estruturação urbana, com novas exigências para as cidades, sobretudo as cidades médias. Veja no mapa da figura 47 a espacialização dessa política habitacional e sua materialização com a ação das esferas governamentais no âmbito Federal, Estadual e Municipal.

Conforme o mapa da figura 48, destaca-se períodos distintos de atuação da política habitacional, o primeiro entre 1974 a 1986, com as políticas do BNH e da URBIS-SA, associando-se a esse período, as políticas municipais, que instituiu o programa municipal de habitação popular, instalando moradias e assentamentos populares. O segundo entre 2003 a 2012, com a implantação da PMHP lei nº 1186/2003 e com o Programa Minha Casa Minha Vida do Governo Federal.

Com o advento do estatuto das cidades, o Governo Federal cria o ministério das cidades em 2003, com a tentativa de ocupar um vazio institucional, deixado pela falência do Sistema Financeiro da Habitação existente entre 1964 e 1985, uma vez que as políticas federais para o setor habitacional entre 1986 e 2002, tiveram problemas em sua execução ou na maioria das vezes não existiu, sejam pela desestruturação política do país com o neoliberalismo que defendia a livre iniciativa privada para a solução dos problemas como um todo ou pela falta de condições da grande maioria da população que não conseguia financiamento para a moradia, nos moldes da política de financiamento vigente.

O fato é que com a definição da função social da propriedade e da cidade pela constituição de 1988, regulamentado em 2001, pelo estatuto da cidade, os municípios ganharam autonomia para gestionar a questão da habitação municipal. Assim, a política municipal de habitação criada em 2003, na cidade de Vitória da Conquista, visava assentar pessoas em áreas escolhidas previamente pela PMVC, regulamentar áreas já ocupadas pela população, mas que não existiam garantias mínimas de moradia; elaborar e executar planos de urbanização para as ocupações irregulares e planos de urbanização para os

futuros assentamentos, promovendo a distribuição de lotes e de moradias para as famílias previamente cadastradas no programa de habitação popular.



Figura 49- Fotos do padrão de Moradia do Assentamento Vila América Bairro Boa Vitória da Conquista-BA. Fonte: Pesquisa de Campo - 2012.

A implantação dessa nova política habitacional municipal começou em 1999, com a criação do loteamento Vila América, onde já foram assentados até o

momento, segundo a PMVC-2012 cerca de 4500 famílias em seis etapas de distribuição de lotes e construção de casas populares. Conforme pesquisa de campo 2011, foram verificadas no Assentamento Vila América 2574 domicílios, ocupados por moradores, com pouca infraestrutura urbana, evidenciando-se assim, um descompasso no ritmo de cadastramento das famílias e sua real efetivação nos domicílios, já que a maioria das pessoas que ganharam lotes não possui rendimento o suficiente para construir a moradia. (Ver mapa da figura 49).

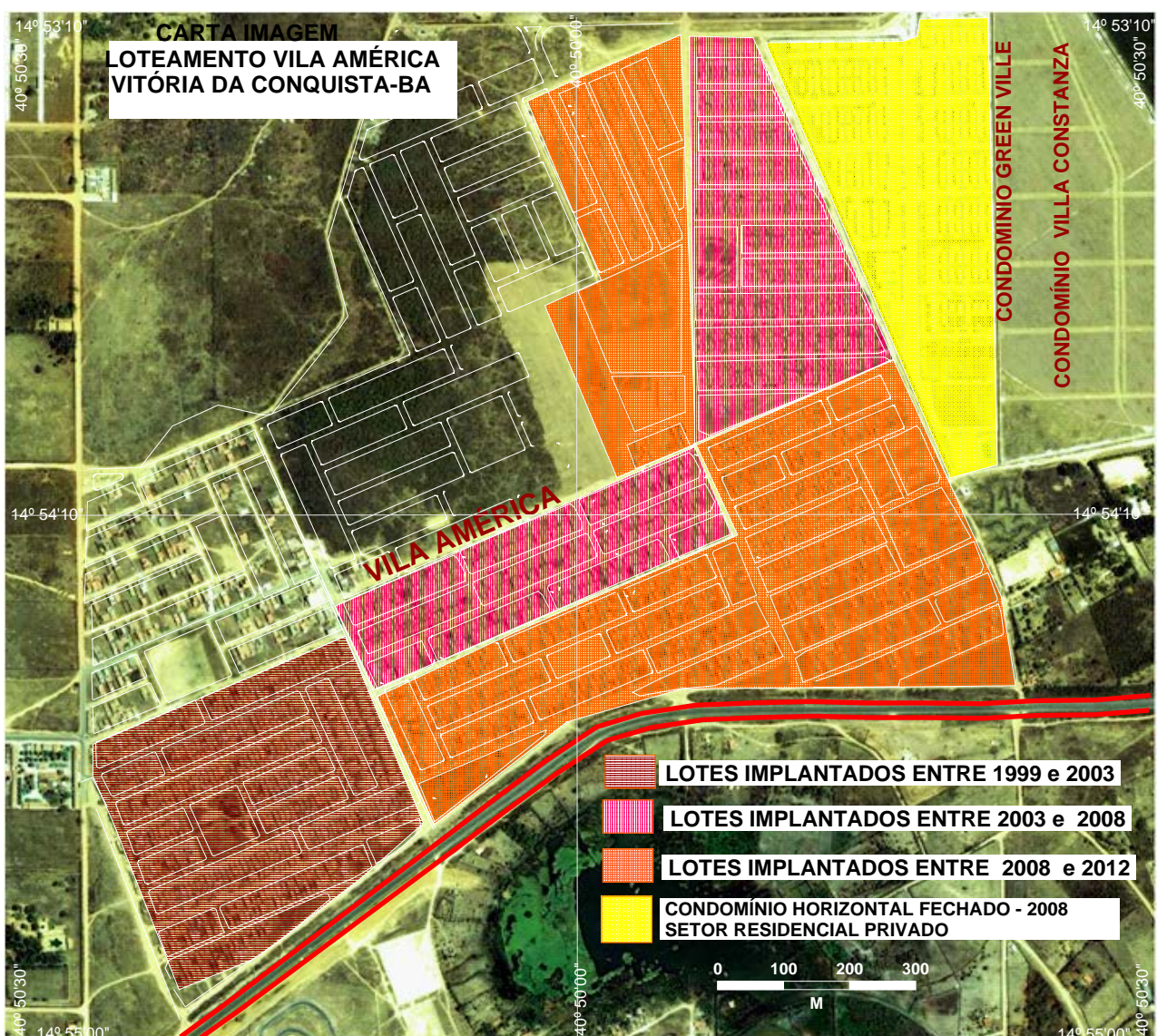


Figura 50- Carta Imagem do Loteamento Vila América- assentamento popular da Política Municipal de Habitação- PMHP, entre 1999 e 2012. Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa de campo -2012 e Imagem Spot-2008 a 2011

O assentamento Vila América, é um misto da aplicação das políticas de habitação municipal, em consorcio com os programas de habitação no âmbito do Governo Federal, mas com uma defasagem na implantação da infraestrutura urbana que garanta as mínimas condições de moradia. A maior parte do Vila América mais de 60% do total, é formado por autoconstruções, ou seja a Prefeitura municipal doava o terreno e o adquirente, teria que construir num prazo de seis meses a sua moradia ou pelo menos começar a construir, o resultado são casas com aspectos e condições de moradia deficitária, veja as fotos da figura 49.

Além do assentamento Vila América, surgiram outros conjuntos habitacionais, em consonância com as novas políticas habitacionais do Governo Federal, que criou o novo Sistema Nacional de Habitação – SNH e reestruturou o Projeto Moradia em 2005, pautando as ações da PNH, em três linhas de atuação: política fundiária, política financeira e estrutura institucional.

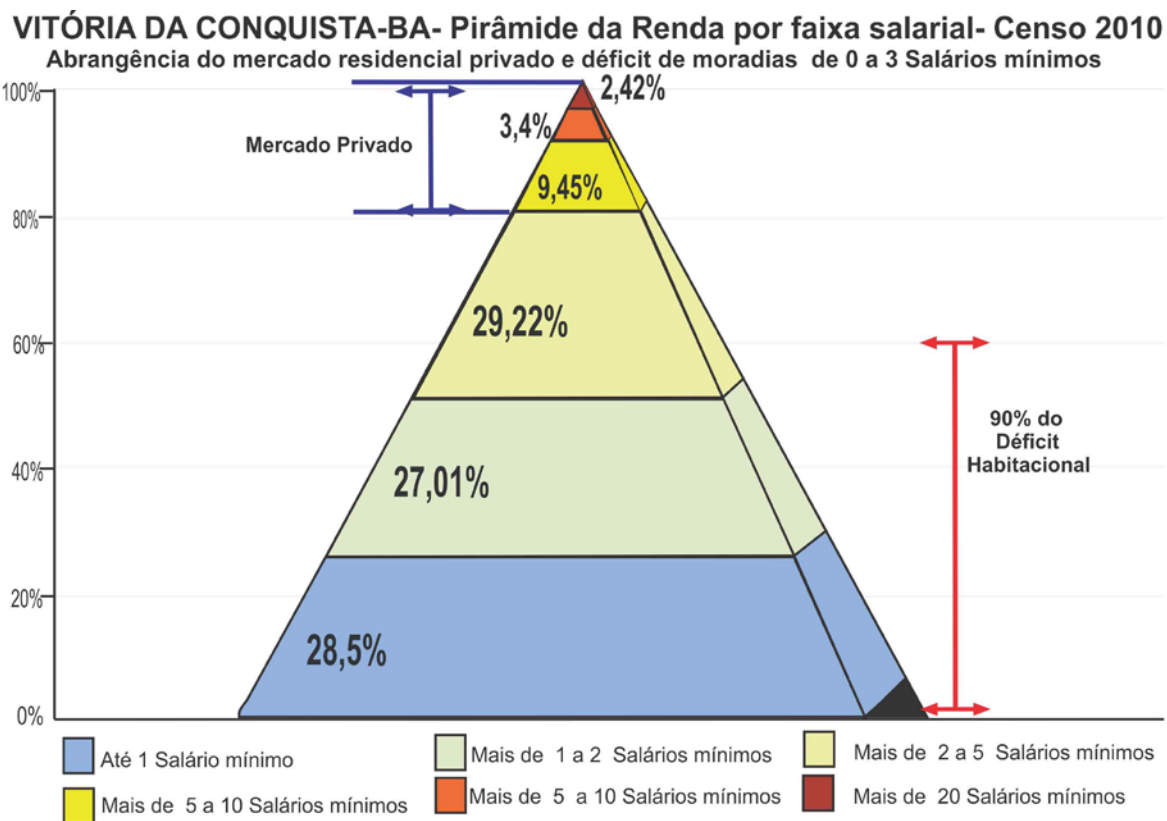
Segundo o Governo Federal em 2009 foi possível lançar o Programa Minha Casa Minha Vida, voltados para famílias com renda de 0 a 3 salários mínimos, com subsídios de até 95% do valor do imóvel para essa faixa salarial. A justificativa é que em todo o país, segundo dados do IPEA, menos de 20% da população é beneficiada com as edificações do mercado residencial privado e, os demais recursos subsidiados pelo SNH, são absorvidos pela classe média, restando uma significativa parcela da população de baixa renda sem alternativas de moradia.

Desse modo, o projeto minha casa minha vida veio para tentar reduzir o déficit habitacional que segundo a Fundação João Pinheiro e o IBGE-2010, 92% do total do déficit está na faixa salarial de 0 a 5 salários mínimos, esclarece Maricato (2012).

Conforme os dados do IBGE- censo 2010, o índice de domicílios ocupados por mais de uma família, cedidos, improvisados ou alugados em Vitória da Conquista é 11% o que corresponde a 9.500 moradias e, segundo a PMVC, o programa minha casa minha vida irá construir 11.000 moradias. Por outro lado, há um incremento populacional anual de 2% vindos de outras cidades para Vitória da

Conquista, essa entrada constante de população pela mobilidade urbana, acaba por pressionar o déficit habitacional, deixando as políticas públicas deficitárias na medida em que não consegue absorver todo o excedente populacional, sobretudo a população de baixa renda que, são atraídos para a cidade.

Em Vitória da Conquista, 90% do déficit populacional estão na faixa salarial de 0 a 3 salários mínimos (ver gráfico da figura 51), já que a classe média conquistense é atendida pelos subsídios atrelados aos financiamentos que vão desde aquisição da casa própria, passando pelo financiamento da compra de materiais de construção ou do terreno para a construção da moradia.



Fonte: Renda e déficit-IBGE-Censo 2010, PMVC-2010, FJP - 2010/Mercado Residencial privado, FNH-2010, SINDUSCON-2011

Figura 51 – Renda por faixa salarial e déficit habitacional de Vitória Conquista –BA 2010: Elaborado pelo autor com base nos dados do IBGE e PMVC-2010

Com o programa Minha Casa Minha Vida iniciado em 2009, Vitória da Conquista já recebeu investimentos que segundo a PMVC-2012, já ultrapassa R\$ 500 milhões, investidos em construção e melhorias habitacionais, saneamento básico, pavimentação asfáltica e iluminação pública. Sendo construída cerca de

5500 moradias com subsídios de até 95% do imóvel para famílias de até 3 salários mínimos.

Os conjuntos habitacionais dessa faixa de investimentos do programa Minha Casa Minha Vida são: Vila do Sul e Vila Bonita com 990 unidades habitacionais, no Bairro Airton Sena; o Residencial Europa Reunida e América Reunida com 680 unidades, o Residencial das Rosas com 251 unidades, o conjunto habitacional Vivendas da Serra com 161 domicílios e o residencial Vivendas do Bosque com 450 domicílios no Bairro Lagoa das Flores; o Residencial Flamboyant e o Jacarandá com 1000 unidades, o residencial das Acácias com 500 unidades, o Residencial Pau-Brasil e Ipê com 740 unidades no Bairro Zabelê; o residencial do campo com 495 domicílios, o residencial campo verde com 495 domicílios, e o parque das flores com 300 unidades no bairro Campinhos.

Todos esses conjuntos habitacionais estão voltados para a faixa 1 do programa minha casa minha vida, onde 95% do valor do imóvel é subsidiado pelo governo federal. Outra questão é que o modelo das casas desse programa segue um padrão de moradia que revela planificação da estrutura urbana pela forma que é composta por casas do tipo village, geminadas em blocos de 6 unidades habitacionais veja a foto da figura 52, observe na foto que cada janela corresponde a uma unidade habitacional.



Figura 52- Foto da Estrutura das habitações do Conjunto residencial Europa Reunida.
Fonte: pesquisa de campo 2012.

Percebe-se que as políticas habitacionais, quando existem, e materializam-se no espaço urbano da cidade, resolvem a questão da infraestrutura urbana já que “a dificuldade de acesso à moradia legalizada é um dos elementos centrais da desordem urbana (que por outro lado constitui uma ordem e obedece a uma lógica) identificada especialmente na ocupação irregular do solo e na segregação territorial” (Maricato 2006 p. 214).

Em Vitória da Conquista, as políticas habitacionais, atuaram de forma significativa em determinados momentos da urbanização da cidade, mas em outros momentos, deixaram lacunas que até hoje estão difíceis de preencher.

7.5 Avaliação da espacialidade urbana de Vitória da Conquista-BA, sua funcionalidade e as contradições socioespaciais advindas desse processo.

O espaço geográfico de Vitória da Conquista comporta relações socioespaciais advindas das estruturas espaciais estabelecidas pelo processo de ocupação decorrente do modo de produção vigente e da relação direta entre sociedade e natureza. As relações socioespaciais passam, sobretudo pelo viés do capitalismo que se manifesta pela contradição e a tarefa da geografia e da teoria espacial neste contexto, “consiste em elaborar representações dinâmicas de como essa contradição se manifesta por meio das transformações” Harvey (2006, p.145).

Até aqui procurou-se demonstrar a reestruturação urbana mediante os processos de planificação territorial para compreender o conjunto de transformações que passa a cidade de Vitória da Conquista no âmbito do modo capitalista de produção. Tais transformações são de grande profundidade que alteram de tal forma a lógica segundo a qual ocorre o processo

de produção da cidade e dela resulta a apropriação dos espaços com isso, as práticas socioespaciais decorrentes desse processo são completamente diversas e delas novas espacialidades são materializadas.

A espacialidade e sua reestruturação urbana vão ser analisadas do ponto de vista da rede urbana, tendo como base os processos de planificação que se desenvolveram no interior da cidade de Vitória da Conquista, considerando em alguns momentos a funcionalidade da cidade e a abrangência das relações espaciais desenvolvidas no interior da cidade.

Para essa análise, será feito um feedback entre as escalas regional e local partindo sempre dos espaços internos da cidade de Vitória da Conquista, tendo como referência, a configuração territorial urbana a sua reestruturação, para mostrar como a lógica que produz o espaço urbano de Vitória da Conquista se materializa.

A avaliação socioespacial pretendida neste tópico visa essencialmente, trabalhar as contradições desenvolvidas no espaço compreendido pela urbanização da cidade, destacando principalmente as condições de uso e ocupação humana, de moradias, e as condições socioeconômicas que formam a qualidade de vida dos moradores da área, além das relações de produção resultantes da ocupação territorial dadas pelas condições naturais e condições desenvolvidas pela sociedade local. Já que em outros pontos da tese, foram discutidos os processos de planificação territorial, as políticas urbanas e todo o arcabouço teórico a esse respeito, aqui será avaliado as influências dessas questões na produção do espaço urbano de Vitória da Conquista.

A partir da instrumentalização dos conceitos gerais sobre a organização espacial e da análise da estrutura dos fatores que interferem na formação do território e do processo de urbanização, segue-se aqui a análise das formas produtivas que consolidam os espaços urbanos, em particular o espaço urbano de Vitória da Conquista. Ao considerar o espaço como produto social resultado da ação produtiva do homem, em todos os seus aspectos, torna-se necessário um aprofundamento sobre as questões mais relevantes na formação do espaço

urbano e, entre eles pode-se destacar: a expansão e acumulação do capital que, em circunstâncias mais específicas gerou uma atração de pessoas de outros lugares para a cidade.

Como qualquer forma de organização social. A cidade não pode ser definida como forma absoluta. Embora se trate de uma instituição existente há muitos séculos, suas características variam de uma época para outra. Desde a cidade-estado grega, que se fundamentava na produção agrícola e, no trabalho escravo, até aos burgos da Alemanha na idade média, diferem-se muito da cidade moderna que existe hoje fundamentada na produção fabril de mercadorias e no uso da mão-de-obra assalariada. Nessa última etapa, os processos de planificação territorial, são cada vez mais intensificados na medida em que a sociedade mundial passa a ocupar cada vez mais os espaços urbanizados.

No caso de Vitória da Conquista, é evidente em seu processo de urbanização, as etapas da planificação territorial e sua evolução em termos de gestão. Para desvendar esses processos, torna-se necessário a compreensão da sua estrutura interna, para a compreensão de sua organização social. Isso, através da análise de suas contradições existentes na sua estrutura social.

Genericamente é possível afirmar que em todas as concentrações urbanas existem contradições, isso porque, elas estão situadas em uma estrutura macro que possui um sistema por natureza excludente que tem no Estado, um mecanismo de controle por meio do qual se tenta impedir que as contradições se transformem em conflito aberto, cujas consequências implicam na destruição dos próprios fundamentos de sua organização social. (HARVEY, 2006).

Ao analisarmos o processo de expansão e as condições em que ocorreu a acumulação de pessoas nas cidades, certamente, deparar-nos-emos com a diferenciação residencial que, como Harvey descreve:

Diferenciação residencial significa acesso diferenciado a recursos necessários para adquirir oportunidades de ascensão social. As oportunidades, como a educação pode estar estruturada de modo que um bairro de classe operária seja reproduzido em outro bairro

ou no mesmo bairro na próxima geração. A diferenciação social produz como unidades distintas com valores próprios do grupo, valores estes profundamente ligados aos códigos morais, linguísticos, cognitivos e que fazem parte do equipamento conceitual com o qual o indivíduo enfrenta o mundo. HARVEY (2006, p.139).

Neste sentido esta diferenciação pode ser vista como meio de reprodução social uma vez que o espaço social previamente ocupado age como elemento condicionador sobre a sociedade e os lugares agrupam a ocorrência das atividades humanas. Vale considerar que essas ações ocorrem numa realidade onde as forças das classes sociais atuam intensamente, promovendo uma reprodução de novas relações sociais.

Nessa análise de acordo com Lefebvre (2006), a reprodução das relações sociais de produção constitui o papel mais importante na organização espacial da cidade, esta por sua vez, está destinada a cumprir e é via áreas sociais segregadas que isto pode ser viabilizado. Ou seja, são espaços diferenciados montados para dar suporte ao setor produtivo, sobretudo na produção industrial (BENKO 1999).

Para elucidar essa condição dada, necessita-se uma análise da distribuição territorial das indústrias que por sua vez, exige uma busca da compreensão da dinâmica que a produz, ou seja, é preciso ir além da localização e constatação dos lugares onde essa produção ocorre. Essa análise, portanto, parte da própria diversidade que o espaço produtivo oferece seja pela concentração de fábricas voltadas para a produção de bens de consumo ou por uma concentração maior da produção agrícola.

A análise da dinâmica dos bens de produção é bastante complexa, mesmo quando o espaço em questão, não possui uma intensificação maior de produção principalmente em relação à produção industrial.

Em Vitória da Conquista, a implantação da indústria, teve início na década de 1970, quando deu-se a criação do distrito industrial do município, seguindo uma política de expansão a nível federal que pretendia, incrementar alguns

setores produtivos na região. Principalmente, no setor de bens de consumo e ou alimentícios, em particular aqueles produtos que despendiam de gastos com transporte e matéria prima. Para tanto, essas políticas se apoiaram em medidas de isenção e renúncia fiscal, dotação da infraestrutura básica, concessão de créditos, dentre outros mecanismos.

O distrito Industrial está localizado a 5 km do centro da cidade, às margens da BR 116, com uma área equipada de 851 mil m². Os principais ramos industriais são produtos alimentares. Minerais não metálicos, química, metalurgia, sabões, bebida e mecânica, cujos insumos são originários em sua maioria, no próprio estado, mas também com fortes ligações com o resto do país. O ramo mais representativo é o de produtos alimentares, seguido do ramo de minerais não metálicos. Observe o painel de fotos da figura 53, essa é uma estrutura parcial do distrito Industrial dos Imborés, com uma representatividade atual, pouco expressiva na produção nacional.



Figura 53- Aspectos da produção industrial implantada em 1970.
Fonte: Trabalho de campo -2012

A dinâmica que se estabeleceu na economia local e regional a partir dessa época, implicou uma diversificação dos ramos industriais por alguns anos, até atingir a sua estagnação na atualidade, permanecendo praticamente as mesmas indústrias que firmaram produção no início da criação do distrito.

O desempenho da indústria na cidade, nos últimos 30 anos foi marcado pela ascensão de alguns setores na década de 1980, tais como o de produtos alimentares que, nesse período correspondia a 42% do total das empresas produtivas sendo que nos anos de 1990, esse setor perdeu cerca de 50% de sua capacidade produtiva.

Nos finais da década de 1990, houve uma queda significativa da quantidade de estabelecimentos industriais em Vitória da Conquista, ocorrendo uma retomada no início dos anos 2000, com uma desconcentração espacial das indústrias, surgindo novas zonas de concentração industrial. Verifica-se essas novas zonas na zona sul da cidade.

Essa desconcentração, no entanto, não foi planejada, pois, o primeiro plano diretor urbano da cidade, foi implantado em 1976, culmina justamente com a criação do distrito industrial. O novo plano diretor urbano da cidade só foi elaborado em 2004 e aprovado em 2006, mesmo assim no novo plano não há uma definição clara sobre a questão da instalação industrial, o que justifica a ausência da planificação territorial para essas novas zonas industriais que surgiram na cidade.

O plano diretor lei nº 1385/2006, reforça o Distrito Industrial dos Imborés como área prioritária para as indústrias dos diversos segmentos, aponta terrenos vazios da zona de expansão urbana preferencial II como sendo destinados a fins industriais e relata que pode ocorrer a relocação de indústrias que causem poluição ambiental. Porém, as maiorias das indústrias de médio e pequeno porte estão espalhadas por toda a cidade.

Um dos motivos para essa lógica industrial da cidade é que na maioria das vezes, as indústrias que surgem na cidade, são aquelas produções caseiras que vão evoluindo para uma produção mais efetiva com a conquista de novos

consumidores do produto produzido, assim, essa produção vai sendo ampliada e conseqüentemente, incorporando novos espaços construídos, foi assim com uma das maiores indústrias hoje da cidade – a indústria alimentícia tia Sonia, que começou com uma produção caseira, logo em seguida instituiu-se a sua logomarca, montou um depósito pequeno para produção e cada ano, ela foi comprando casas e terrenos e expandiu-se o parque produtivo da indústria Tia Sonia.

Assim como esse exemplo, as demais empresas locais da cidade seguem a mesma lógica de instalação, é em qualquer ponto da cidade que proprietário estiver fixado que a produção industrial começa. A única locação planejada da indústria é feita para aquelas indústrias que seguem um padrão internacional que chegam por aqui e fixam suas instalações industriais neste caso, o poder público municipal interfere diretamente na localização das instalações destes empreendimentos.

Por outro lado, evidencia-se uma composição totalmente diferenciada para as instalações voltadas para o atendimento ao consumo direto. A análise da capacidade de circulação de mercadorias passa pela espacialização do setor que, manifesta-se por meio de um fluxo comercial, evidenciando uma concentração de atividades especializadas na área urbana.

Devido a essa concentração, percebe-se uma rede de consumo mais intensa consolidando uma região geoeconômica que culmina na Região Sudoeste da Bahia. A cidade de Vitória da Conquista consolidou-se como pólo comercial e de prestação de serviços, agrupando um território regional com cerca de 90 municípios, com uma população de aproximadamente 2 milhões de habitantes.

Em geral as cidades maiores como é o caso da cidade de Vitória da Conquista podem sofrer alterações em seus papéis funcionais na medida em que aumentam ou diminuem as demandas promovidas pelo desenvolvimento da economia capitalista, mas, nesses casos, o que se observa com maior frequência é o reforço de suas centralidades intraurbanas, em função da lógica de centralização econômica e espacial que o sistema promove e no qual se apoia, para poder alcançar o patamar de metas de rendimento das empresas e

corporações que por ventura se instalaram no espaço urbano da cidade. Por outro lado, as cidades menores que estão no entorno de Vitória da Conquista, do ponto de vista funcional possuem uma escala restrita de abrangência, que pouco competem entre si.

Com base no mapa da figura 54 é possível verificar o raio de abrangência da economia Conquistense que consegue alcançar uma extensa área de influencia tendo como base o setor produtivo, e o setor de circulação de mercadorias e serviços.

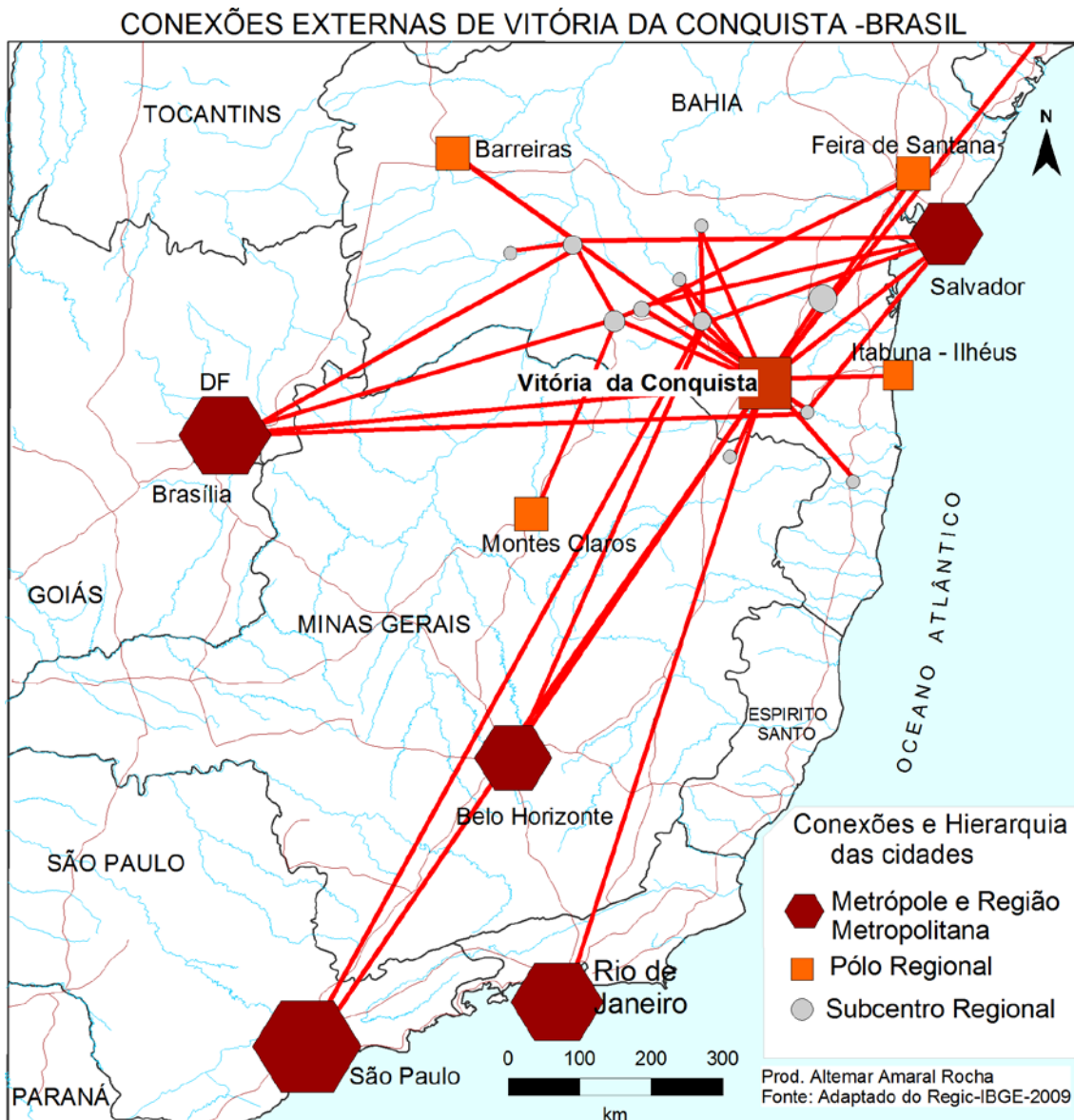


Figura 54- Mapa das Conexões partindo de Vitória da Conquista para o Brasil.
Fonte: elaborado pelo autor com base nos trabalhos de campo -2012 e informações do Regic-IBGE-2009.

Essa característica marcante da econômica local e regional impulsiona o desenvolvimento urbano sobremaneira na medida em que o carro chefe dessas relações em rede está diretamente ligado ao posicionamento de tais atividades no espaço urbano e de sua localização na rede urbana do País. No mapa da figura 55, evidencia-se as zonas de influencia de Vitória da Conquista entre Bahia e Minas Gerais.

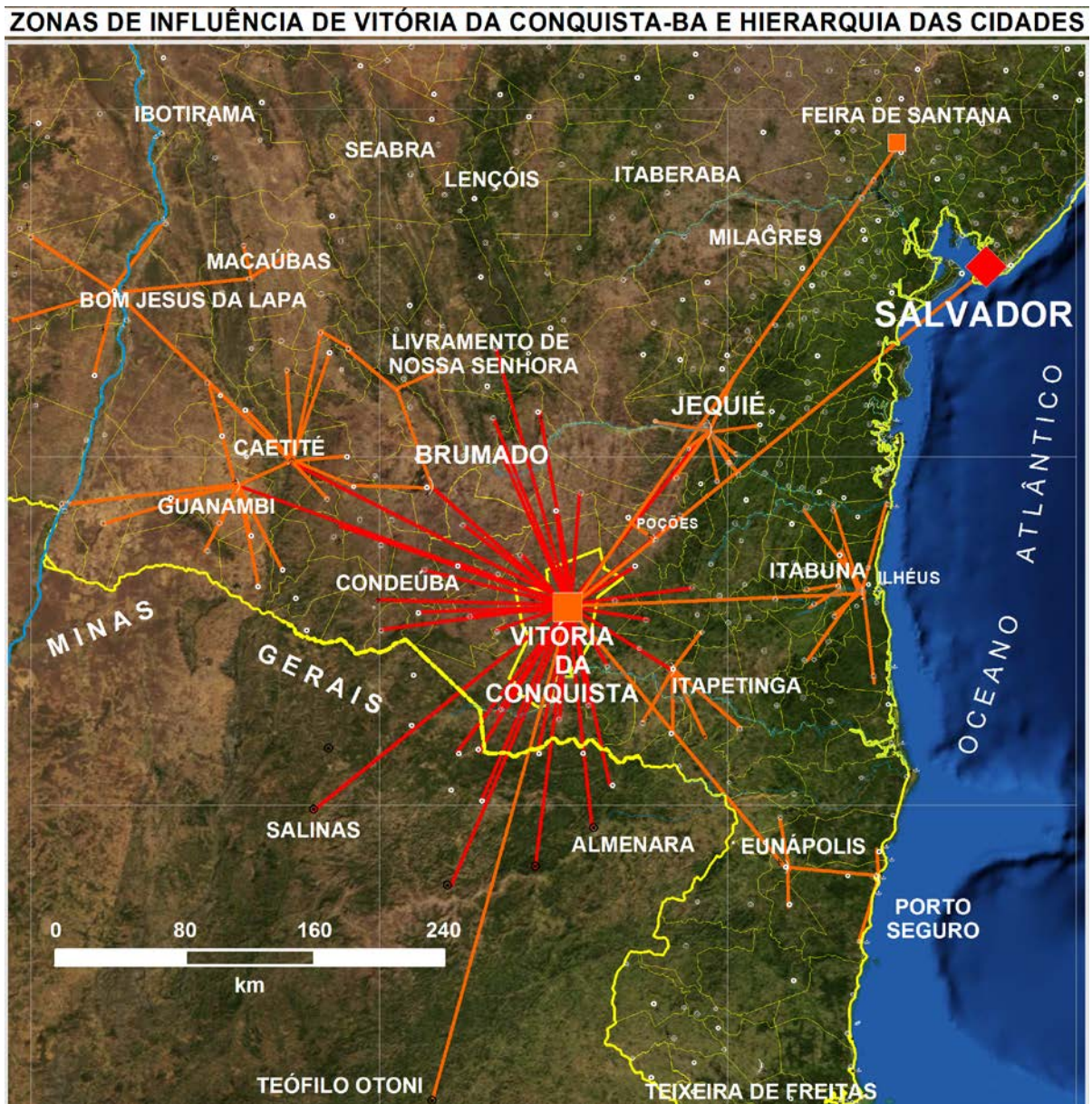


Figura 55- Carta imagem da Hierarquia das cidades e Zonas de Influência da Cidade de Vitória da Conquista-BA. Fonte: elaborado pelo autor com base nos trabalhos de campo - 2012 e informações do Regic-IBGE-2009. Imagem Bluemarble-Nasa-2003

Em geral as cidades como Vitória da Conquista podem ser definidas por sua situação geográfica em relação a outras cidades de mesmo porte; sua distancia maior ou menor das cidades de maior porte. Para Sposito (2005 p. 338) deve-se acrescentar também nessa análise o número de cidades pequenas que estão em sua área de influencia, já que as empresas e as instituições se orientam pelo limite entre as áreas de mercado.

A escala de influência de Vitória da Conquista estabelece um sistema de rede bem definida e, na medida em que essa rede urbana foi se estruturando, modificou e modifica significativamente o espaço intraurbano da cidade. Destaca-se nesse processo de hierarquização dos espaços urbanos, a capacidade da cidade de Vitória da Conquista atrair e materializar em seu contexto urbano, uma serie de atividades humanas resultantes dessa troca de funções entre as cidades mais próximas do seu centro funcional.

Vitória da Conquista desempenha um papel segundo as relações hierárquicas definidas pela rede urbana e sua escala de abrangência onde as cidades menores que estão no seu entorno, se servem dos bens e serviços oferecidos no Espaço urbano de Vitória da Conquista, surge nessa relação a troca e o intercambio entre o que é produzido nessas cidades e o que é comercializado em Vitoria da Conquista, reforçando a estrutura hierarquizada pelo consumo desses bens e serviços oferecidos entre ambos, fortalecendo a cadeia produtiva dos segmentos que mais sobressaem economicamente nessa região.

É importante destacar aqui que as alterações produzidas pelo processo de centralização econômica, propicia uma ao mesmo tempo, uma desconcentração espacial das atividades de produção e consumo, disseminando para essa desconcentração espacial das metrópoles para as cidades que funcionam como polo regional. Esse processo alavancou em Vitória da Conquista uma serie de dinâmicas que refletem claramente a passagem do fordismo para a acumulação flexível, ou seja, Vitória da Conquista passou a ser ponto intermediário da rede mundial de consumo de bens e serviços e em muitos casos ponto intermediário da produção industrial, repercutindo diretamente na

espacialidade interna da cidade, aumentando a capacidade produtiva e proporcionando uma expansão maior da recente urbanização.

Essa realidade pode ser visualizada com os dados do quadro da figura 56, nele destaca-se o ranking das maiores empresas por vendas líquidas no Brasil em 2012, sendo que 41 delas estão presentes no espaço urbano de Vitória da Conquista diretamente ou com suas subsidiárias, refletindo o papel polarizador dessa dinâmica urbana da cidade.

RANKING DAS MAIORES EMPRESAS EM VENDAS NO BRASIL EM 2012, COM ATUAÇÃO DIRETA EM VITÓRIA DA CONQUISTA-BA.					
Ranking (Brasil)	Empresa	Setor	Ranking (Brasil)	Empresa	Setor
1	Petrobrás/BR distribuidora	Energia/vendas	39	Oi (TNL PCS)	Telecomunicações
6	Fiat	Automóveis/vendas	41	Toyota	Automóveis/vendas
7	Volkswagen	Automóveis/vendas	44	Globo	Comunicações
8	Vivo	Telecomunicações	45	Construtora Odebrecht	Indústria da Construção
13	TIM	Telecomunicações	50	Renault	Automóveis/vendas
14	General Motors	Automóveis/vendas	52	Oi (fixo)	Telecomunicações
16	Casas Bahia	Varejo	62	Peugeot Citroën	Automóveis/vendas
17	Walmart	Varejo/Atacado	64	Lojas Americanas	Varejo
18	AmBev	Bens de Consumo	65	Honda Automóveis	Automóveis/vendas
19	ArcelorMittal Brasil	Siderurgia e Metalurgia/vendas	66	Natura	Bens de Consumo
20	Correios	Serviços	75	Magazine Luiza	Varejo
23	Carrefour	Varejo	76	Chesf	Energia
25	Brasil Foods/Sadia	Bens de Consumo	77	Nestlé	Bens de Consumo
26	Brasil Foods	Bens de Consumo	78	Gerdau Açominas	Siderurgia e Metalurgia/vendas
27	Telemar	Telecomunicações	79	Coelba	Energia
29	Ford	Automóveis/vendas	85	Iveco	Automóveis /vendas
30	Atacadão	Varejo/atacado	86	Ponto Frio	Varejo
32	Claro	Telecomunicações	90	Mitsubishi Motors	Automóveis/vendas
34	Embratel	Telecomunicações	93	Avon	Bens de Consumo
35	Moto Honda	Automóveis/vendas			

Figura 56- Quadro da distribuição do ranking das maiores empresas em vendas no Brasil em 2012, com atuação direta em Vitória da Conquista-BA.

Fonte: Melhores e Maiores 2012

Nessa perspectiva de análise, o setor terciário (comércio e serviços) é o que mais cresce e é também o mais dinâmico da economia regional, seguindo uma tendência de crescimento acima da média nacional, a sua participação na renda é bastante significativa para a cidade, sendo o setor que mais tem criado novos empregos.

Para comprovar esse crescimento do setor terciário da cidade, e sua centralidade constata-se entre 2010 e 2012, a incorporação de grandes marcas do setor de bens de consumo do país ao espaço urbano de Vitória, sendo que das 15 maiores empresas de bens de consumo do Brasil entre 2010 e 2012 oito delas estão presentes no espaço urbano de Vitória da Conquista são elas: Hiperbompreço e Max atacado (Grupo Walmart) segunda no ranking nacional, Atacadão (Grupo Carrefour) terceira no ranking nacional. Casas Bahia (Bens duráveis) 5ª no ranking nacional; Lojas americanas 6ª no ranking nacional; Magazine Luiza (bens duráveis) 9ª no ranking nacional; lojas Renner (roupas) 12ª no ranking nacional; Lojas Riachuelo (roupas) 13ª no ranking nacional; McDonalds (fast foods) 15ª no ranking nacional em 2012. (MAIORES E MELHORES, 2012).

Por outro lado, com a centralização das vendas nesses grandes estabelecimentos, verifica-se uma queda no número de estabelecimentos de menor porte que ofereciam os mesmos serviços, porém em menor escala, muitas empresas e microempresas que atuavam nesse segmento, fecharam ou mudaram de setor, ou foram incorporados aos grupos maiores com a fusão de muitas dessas empresas que tinha apenas uma abrangência local ou regional.

Do ponto de vista da funcionalidade e sua territorialização, observa-se que a cidade é composta por uma área fortemente centralizada em comércio e serviços com algumas ruas especializadas em determinados tipos de comércio e serviços. Destaca-se neste caso, as principais vias de acesso da cidade passa a ter determinadas funções tais como serviços médicos, automobilísticos, alimentícios, atacadistas e ou associações dessas classes de funções.

Outra característica importante é verificada na porção mais antiga do centro urbano da cidade, nessas áreas, ocorre certa depreciação dos

estabelecimentos, prevalecendo lojas populares com especialização em certos tipos de produtos como é o caso da Praça da Bandeira, com o mercado de artesanato, a Praça Tancredo Neves com serviços e lazer, e alamedas voltadas para tipos específicos de consumo exemplo: papelaria, armarinhos e outros.

Com base na análise dos processos de planificação territorial implantados na cidade, foram estabelecidas algumas zonas consolidadas distintamente:

- 1- Zona industrial estagnada, - implantada a partir de 1970 com a criação do distrito industrial.
- 2- Zona de comércio e serviços intensos com a presença maciça de lojas, dos diversos segmentos comerciais, representando centro funcional tradicional da cidade.
- 3- Zona de expansão industrial e comercial recente uma área de comércio intermediário representado por tipos específicos de comércio, realizados nas grandes avenidas, em direção ao sul da cidade, destaca-se aí, lojas atacadistas, as madeireiras, materiais de construção, peças de automóveis e combustíveis indústrias de calçado, alimentícias, e do setor da construção civil.

Veja no Mapa da figura 57, que esses centros ou zonas funcionais intercalam subcentros de comércio e serviços interbairros são os chamados centros de bairros que abastecem os moradores locais de produtos de primeira necessidade, funcionam também as feiras livres que auxiliam na manutenção desses centros de bairro. Constatase que funcionalidade, auxilia também na ampliação dos setores circulação e consumo das mercadorias como um todo, criando uma valorização dada pelo capital especulativo do setor imobiliário que acaba influenciando no destino final do uso e ocupação do solo urbano da cidade.

Com o surgimento dessas novas áreas industriais e comerciais, que complementam a zona de expansão urbana, expandiu também paralelo as zonas comerciais e de serviços, a construção de novas edificações residenciais nos mais diversos moldes, carreando mais moradores para essas áreas aumentando também a importância do mercado consumidor interno , tendo em vistas que a

difusão dos mercados nos subcentros regionais faz com que Vitória da Conquista se especialize em centro distribuidor para abastecer também o mercado de consumo direto nessas localidades.

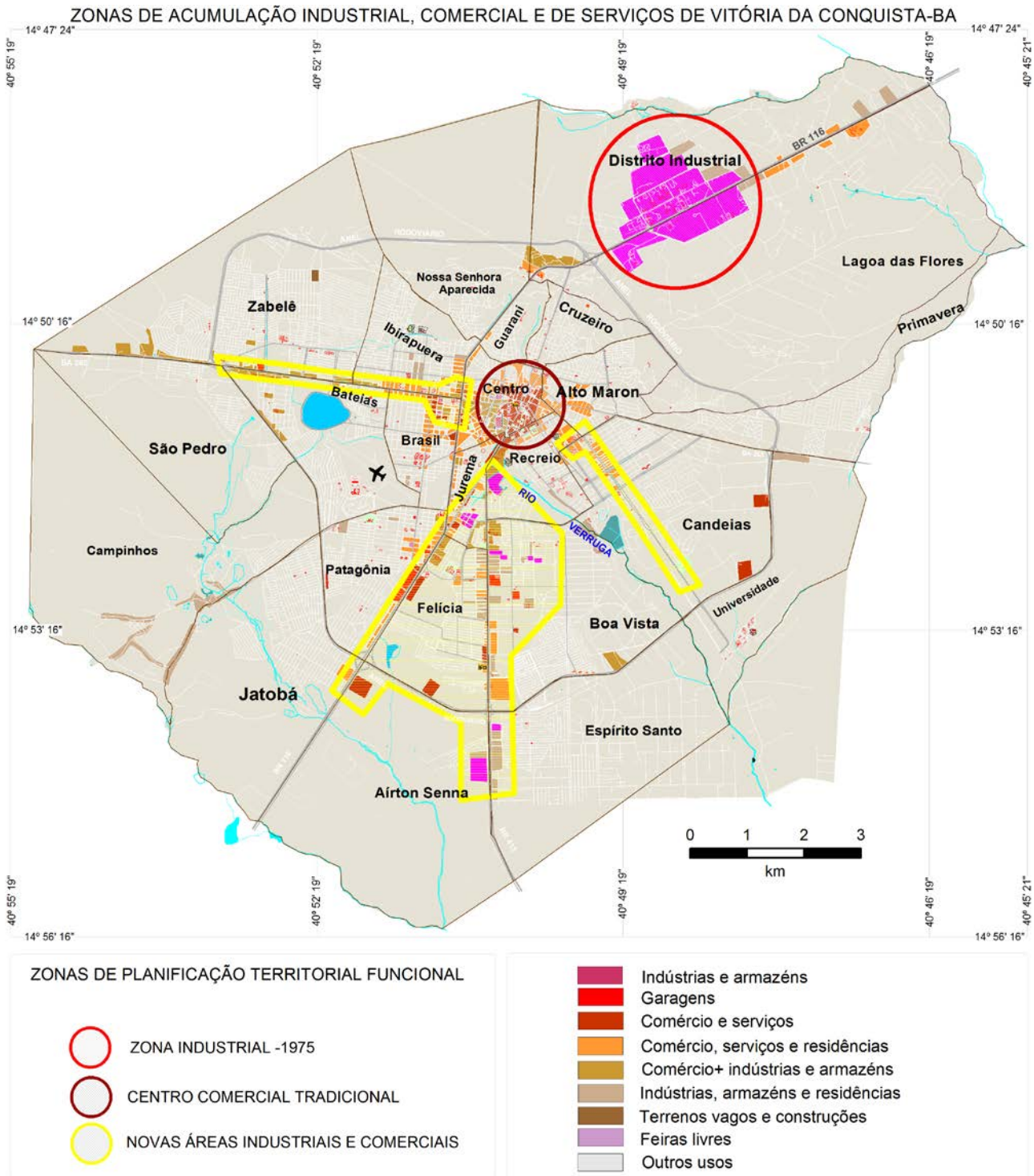


Figura 57- Mapa da desconcentração espacial das indústrias, comércio e serviços de Vitória da Conquista-BA. Fonte: elaborado pelo autor com base no mapa de uso do solo urbano 20012.

Isso fez com que a cidade de Vitória da Conquista, passasse a ser o principal centro comercial e financeiro das regiões centro-sul e sudoeste do Estado da Bahia consolidando áreas especializadas de consumo e serviços em uma escala mais abrangente. Veja no mapa de figura 56, como se expande essa lógica funcional da cidade. Nos últimos 5 anos, a cidade registra a chegada e grandes corporações do setor de abastecimento e serviços que se estabeleceram em pontos estratégicos da mobilidade urbana da cidade.

A espacialidade do consumo possui um caráter funcional, na medida em que tal espacialidade revela o momento da incidência da sociedade sobre um determinado arranjo espacial diverso (SANTOS, 2008). Ora, se as suas temáticas e espacialidades são bastante diversas, os centros comerciais tendem a partilhar atributos característicos, não só a nível local ou regional, como também internacional.

Para destacar o modo como os processos de territoriais e as espacialidades são materializados nas cidades brasileiras e em particular em Vitória da Conquista deve se decifrar como tais cidades estão na atual fase, ou seja, sua conjuntura socioespacial que no geral ainda é mal servida de meios de consumo coletivo e pouco integrada ao conjunto de cidades do Estado da Bahia, restando algumas cidades como é o caso de Vitória da Conquista que polariza uma série de serviços e comanda toda uma região, é preciso compreender a pluralização das formas de produção desses espaços no interior da cidade e sua apropriação pela sociedade.

Verifica-se aqui alguns elementos que proporcionam a cidade de Vitória da Conquista, uma diversidade de funções e novos papéis estruturais advindos do processo de desconcentração espacial das atividades produtivas e de circulação de mercadorias que dissemina pelo espaço urbano da cidade, uma série de novos empreendimentos do setor produtivo e do setor de consumo e serviços, para atender a demanda crescente da polarização regional que a Vitória da Conquista passou a exercer.

Por outro lado, verifica-se também que tais empreendimentos possui uma centralidade dos comandos de decisão nas grandes metrópoles, ou até mesmo

em outros países, direcionando a lógica de contratação de mão de obra, de investimentos, entre outras coisas, é o que se observa nas redes de lojas do Walmart, do Carrefour, do McDonalds que se instalaram recentemente na cidade, estes estabelecimentos possuem uma lógica organizacional que difere dos demais estabelecimentos locais existentes no espaço urbano com uma estrutura de organização local.

Constata-se que no espaço urbano de Vitória da Conquista a área de influência do centro urbano possui um raio de abrangência com certa complexidade e diversificação da economia urbana, sendo a maior diversificação direcionada para o setor terciário, porém não há uma presença efetiva de centros decisórios, pois a maioria das novas corporações que se estabeleceram nessa nova centralidade, são empresas ligadas em sua maioria a multinacionais ou grandes redes do varejo que possuem suas sedes e centros decisórios nas grandes metrópoles como é o caso de São Paulo e Salvador.

Pode-se dizer que a materialização de uma sociedade, sobretudo de uma sociedade urbana, é entendida pelo dimensionamento das práticas espaciais (SOJA, 1993). A espacialidade do consumo é uma dessas formas de dimensionamento das práticas espaciais de uma sociedade.

“A urbanização comprime e aproxima espaços” (MOREIRA p. 96 2007) neste contexto, a vida urbana constitui-se por dimensões espaciais que ora se distinguem, ora se complementam. A dimensão individual e a coletiva pode diferenciar a forma como são consumidos os meios estruturantes do tecido urbano e da vida social, Mészáros (2006), afirma que o consumo não é individualista nem passivo. Neste sentido, a análise sobre o consumo deve se feita mediante sua participação na produção do espaço. Essa participação nos remete a uma análise de sua espacialidade na medida em que a categoria consumo é explicada como processo.

Para Santos (2008), a espacialidade é um momento e que resulta em uma soma e uma síntese, conformando o espaço. A espacialização do consumo seria o momento da inserção territorial dos processos sociais, ou seja, a materialização imediata das diversas formas de consumo e de seus respectivos lugares. A

tipologia do consumo define formas, a forma define as fronteiras, geralmente demarcadas por indicadores físicos ou simbólicos (Giddens, 1991).

Nessa perspectiva, a espacialidade urbana do consumo, compõe-se pelas mais diversas tipologias, áreas e ofertas de serviços, os centros de consumo funcionam como um lugar central no quotidiano urbano do cidadão. Estes por sua vez desempenham novos papéis enquanto locais de representação, ou de espacialidades de consumo. Desse modo, as praticas espaciais (MOREIRA, 2007) e os fatores sociais (MÉSZÁROS, 2006) estão interligados tanto no consumo como na produção.

Seja em que ponto do globo estiver sempre encontraremos elementos de desenho, conteúdos ou formas de apresentação que serão sempre familiares. E, neste contexto, a universalização das coisas pelo modo de produção, mas ao mesmo tempo os lugares se especializam em determinadas atividades e espacialidades de consumo que só existem ali naquele ponto do planeta tornando singular e particular em detrimento do universal. Pois, cada lugar do consumo, é permeado de ação. É a ação que une o Universal ao particular (Lefebvre, 1995) levando o universal ao lugar, cria-se uma particularidade mutuamente fecunda (Santos, 2004), materializada pelo consumo, mas não um consumo empobrecido pelas relações antagônicas do Capitalismo. Nessa lógica surgem os centros especializados em consumo.

A característica da espacialidade universalizada do consumo é claramente, a compra de produtos ou a prestação serviços; contudo essa não é a sua característica diferenciadora do restante tecido comercial urbano. De uma forma geral, ligado à rede de lojas comerciais, existe sempre um primeiro nível de serviços e equipamentos infraestruturais que pode ir dos sanitários adaptados a pessoas de mobilidade reduzida, fraldários, multibancos, telefones, primeiros-socorros e estacionamento, até cacifos, farmácias, correios, lavagem de carros, Internet sem fios, empréstimo de cadeiras de rodas, carrinhos de bebê ou mesmo de pulseiras de segurança para crianças.

Entrelaçados aos seus espaços comuns e de circulação, encontra-se um segundo nível de ofertas acessórias de ócio e lazer – áreas de convívio e de descanso, arranjos paisagísticos, parques de diversão para crianças, instalações desportivas, restauração, etc. Num terceiro nível, serviços públicos e um conjunto de ofertas ligadas à esfera cultural tais como: filiais de museus, livrarias, galerias de arte, ou mesmo exposições, feiras de antiguidades, workshops, desfiles de moda ou espetáculos de música e dança; gravação de filmes, de novelas e ou programas de televisão etc..

Analisando a espacialidade do consumo, na verdade o que se constata é que para um mesmo bem ou serviço, “instalam-se diversos modos produtivos, várias modalidades de intercâmbio e múltiplas formas de distribuição e de consumo, segundo níveis de capital, de trabalho, de informação e de organização” (SANTOS, 2004). Além disso, a intensidade e variedade de bens de consumo, acompanhada de uma ampla gama de comodidades, conduz espaços de consumo à tendência de evasão e diversão mediante o consumo.

A materialização dos eventos sociais num determinado ponto da superfície pode ser entendida em termos de produção e de reprodução espacial, levando em consideração a análise das relações sociais com a natureza, sendo impulsionada pelo modo de produção vigente. Percebe-se que o ritmo de transformação da natureza pelas causas ditas naturais, é diferenciado do ritmo de produção e reprodução implementado pela sociedade, sobretudo no modo de produção capitalista, que tem como base o estímulo à produtividade e a exploração da natureza transformada em recursos para o desenvolvimento das forças produtivas e da sociedade como um todo.

No mundo concreto em que as sociedades vivem, tanto as localizações como as relações entre as mesmas - que constituem o espaço econômico-materializam-se, e por tanto, passam pelo processo de produção. Desse mesmo modo, é que surgem as novas espacialidades do consumo, ou seja, tais espacialidades são processos funcionais que dependem da produção do espaço (Santos 2008).

Neste contexto é que se define a contradição das relações de produção desenvolvidas no âmbito da configuração do território de Vitória da Conquista, tendo em vista o surgimento de novas espacialidades do consumo e toda sua complexidade. Neste caso, os shoppings centers, hipermercados e as lojas especializadas estão inseridos. Eles representam novos espaços de consumo (Rodrigues, 1996) e de lazer, onde se manifesta uma gama de atividades. Como lugar urbano de consumo, eles mantêm a prática de consumir em constante movimento através das suas ofertas e dos seus incentivos para ações rotinizadas (GIDDENS, 2003), espacialmente distribuídas com ações regionalizadas numa relação espaço-tempo simultâneas (HARVEY, 2005).

Em Vitória da Conquista, as transformações espaciais foram mais visíveis na medida em que se intensificava a urbanização. Com a expansão urbana, percebe-se o surgimento de novas funções. Na virada do século XX para o Século XXI até a presente data, várias transformações socioespaciais ocorreram no espaço urbano de Vitória da Conquista, principalmente no que se refere ao surgimento de novas áreas especializadas em determinados tipos de oferta de produtos voltados ao consumo e ou serviços.

Destaca-se o surgimento de espaços de consumo seguindo a tendência europeia e Norte-americana de consumo, com lojas especializadas; hipermercados e shopping centers. Esses novos espaços ou novos centros de consumo, não se instalaram no centro geográfico da cidade de Vitória da Conquista-Ba, ao contrário, como ressalta Sposito (2005), o centro não está necessariamente no centro Geográfico, e nem sempre ocupa o sítio histórico onde esta cidade se originou.

Para Sposito, tais espaços é antes de tudo um ponto de convergência e ou divergência, funciona como um nó do sistema de circulação, o lugar para onde todos se dirigem para algumas atividades, mas ao mesmo tempo, todos interagem a partir das atividades desenvolvidas e ou localizadas nesses novos espaços com os demais espaços e ou ações desenvolvidas no interior da cidade e ou fora dela. Estes novos centros ou novas espacialidades de consumo

integram e dispersam ao mesmo tempo, modificando a lógica funcional da cidade. Veja a materialização dessa lógica no mapa da figura 58.



Figura 58- Mapa das novas espacialidades de Vitória da Conquista-BA- Fonte: Elaborado pelo autor com base nos trabalhos de campo 2012.

Como representantes destes novos espaços do consumo, destaca-se a implantação do Hiper-bompreço (Hipermercado da Rede Walmart), do Shopping Conquista-Sul e do Atacadão (loja especializada do Grupo Carrefour). Além

destes, soma-se uma serie de novas áreas e estabelecimentos mais direcionados para determinados tipos de serviços e consumo, tais como: home centers, restaurantes, pizzarias e outros. A distribuição espacial dessas novas tendências pode ser observada no mapa da figura 58.

Com base no mapeamento dos novos espaços do consumo, verifica-se que está ocorrendo em Vitória da Conquista, um rearranjo territorial, com a chegada dos grandes empreendedores multinacionais do setor de serviços, pois com o afastamento desses novos equipamentos urbanos do centro tradicional, há uma tendência da criação de novos centros e subcentros paralelos a estes novos estabelecimentos. É o caso do Shopping Conquista Sul que em menos de seis anos já consolidou um novo centro de comercio e serviços e com ele, uma nova espacialidade urbana em fase de maturação territorial se aproxima.

Com a implantação do Shopping Conquista Sul, está em curso, uma reestruturação dos espaços do consumo na cidade, sobretudo pela associação da diversão e do lazer, com a compra de bens de consumo proporcionando certo bem estar aos consumidores que pagam por toda essa associação e proporcionando também a expansão dos negócios relativos a diversos segmentos da atividade comercial e de serviços com empreendimentos individuais e ou de grupos corporativos formados por redes diversas destacando, por exemplo, a rede de hipermercados, a rede de eletroeletrônicos; a rede de vestuários e perfumaria e a rede de fast foods, seja por franquias ou não, nacionais ou internacionais, como McDonald's, Subway entre outras.

A espacialidade do consumo possui um caráter funcional, na medida em que tal espacialidade revela o momento da incidência da sociedade sobre um determinado arranjo espacial diverso (Santos 2008). Ora, se as suas temáticas e espacialidades são bastante diversas, os centros comerciais tendem a partilhar atributos característicos, não só a nível local ou regional, como também internacional.

No caso dos Shoppings Centers, sua expansão pelas cidades, representa o signo do moderno, e em detrimento de sua implantação numa cidade como

Vitória da Conquista, começa a ocorrer uma desaceleração do centro funcional tradicional perdendo o status de predomínio em detrimento da expansão multifuncional do Shopping Center que é fortalecido por meio de investimentos públicos em infraestrutura necessária ao funcionamento desse novo espaço do consumo, ampliando linhas de transporte coletivo, aumentando investimento em segurança pública, criando todos os mecanismos de mobilidade urbana direcionados ao Shopping Center e com isso toda a especulação imobiliária chega ao bairro onde foi instalado esse equipamento.

Esse novo equipamento implantado no caso o Shopping Conquista Sul, exigiu que toda a planificação existente antes dele fosse alterada em detrimento de funcionalidade como centro. Essa nova centralidade passa a exigir esforços no sentido de ampliar as avenidas para o maior fluxo de automóveis que destina ao Shopping, maior fluxo de transporte público e maior investimento em infraestrutura, alterando toda a lógica das políticas públicas por período de tempo.

Esse fenômeno ocorreu quando da sua implantação que exigiu a construção de novas Avenidas como é o caso da Av. Juracy Magalhães que foi reestruturada em função do Shopping, e outras ruas adjacentes que também sofreram alteração em função disso, custando aos cofres públicos mais de R\$ 40 milhões, segundo dados da PMVC-2011.

O fato é que a sociedade constrói, através da prática do consumo, um mundo real e objetivo Carlos (2004). Resultando-se assim, na qualidade de uma relação espaço-temporal, pautada na produção de espacialidades e espacializações direcionadas a determinadas especificidades da sociedade. Tais espacializações transformam-se em expressão, no espaço, tendo como interlocutores os eventos, isto é, formas sociais e as coisas-formas físicas.

Os conceitos de espaço e de espacialização derivam da prática social de produção e reprodução no contexto da divisão social do trabalho. Toda sociedade ao desenvolver suas praticas sociais, configuram um determinado território. O conjunto das coisas e das atividades arranjadas em um sistema forma a configuração territorial (Santos 2008). Atividades, isto é, processos de produção

e reprodução que do ponto de vista da organização espacial constituem o uso da ocupação e circulação, requerem uma localização, e entre essas localizações se estabelece uma interconexão de acordo com a interação entre aquelas atividades é o caso das novas espacialidades e das novas espacialidades do consumo.

O entendimento da dinâmica urbana vivenciada passa, portanto, pela recuperação do quadro urbano, levando-se em conta as permanências e mudanças que ocorrem no espaço construído, bem como, o peso do caráter socioeconômico para a compreensão da estrutura espacial da cidade, na atualidade.

Nessa perspectiva de análise, o primeiro aspecto que chama a atenção quando se observa a paisagem urbana é o choque dos contrastes, das diferenças. Contrastes que vão desde o tipo de utilização que se faz da cidade à diferença entre as mesmas utilizações, isto é, a diversidade dos usos do solo e dentro de cada uso, a complexidade da vida em sociedade urbana.

Tais diferenciações baseiam-se no fato de que em função da divisão social do trabalho, a cidade é antes de qualquer coisa uma concentração de pessoas exercendo uma série de atividades concorrentes ou complementares, o que enreda uma disputa entre usos. Por outro lado, a produção do espaço deverá, necessariamente, refletir contradições.

No caso do uso produtivo da cidade, este será determinado pelas características do processo de reprodução do capital ampliado pela planificação territorial. É o caso da localização da indústria apoiada pelas atividades financeiras, comerciais, e de serviços e da rede de circulação que auxiliam a produção e a realização do processo de valorização de capital, assentadas nas necessidades da reprodução das relações sociais. Neste caso, o espaço da cidade se produz enquanto condição da produção.

Em contrapartida, o espaço da reprodução da vida se manifesta no uso residencial, incluindo o lazer e a infraestrutura necessária: escolas, creches, hospitais, prontos socorros, transporte e serviços em geral, todos meios de consumo coletivo. Entretanto, o modo de utilização se articula, necessariamente,

à existência da propriedade privada da terra e, portanto, as condições de acesso ao solo urbano serão determinadas pelo valor que, em seu movimento, redefine constantemente a dinâmica da utilização desse solo. De acordo com Carlos:

Essa dinâmica conduz, de um lado, a redistribuição do uso de áreas já ocupadas levando a um deslocamento de atividades e/ou dos habitantes; e de outro à incorporação de novas áreas que importam em novas formas de valorização do espaço urbano. No caso das grandes cidades ocorre geralmente a deterioração do centro e/ou das áreas centrais que passam a ser ocupados por casas de diversão noturna, pensões, hotéis de segunda classe, zonas de prostituição, cortiços. Isso faz com que os chamados “bairros ricos”, próximos às áreas centrais, sofram uma mudança de moradores e com isso dá-se origem a um movimento no espaço. Os antigos moradores fogem para áreas privilegiadas mais afastadas, surgindo os bairros-jardins, as chácaras, os condomínios fechados. É a moradia como sinônimo de status. (CARLOS 1999, p 83.)

Essa realidade exposta acima já é visível no espaço urbano conquistense, pois, ampliou-se a área do centro comercial, atingindo bairros residenciais tais como Bairro São Vicente, Sumaré e parte do bairro Recreio. Além da expansão dessas atividades ao longo das principais avenidas que formam o eixo viário urbano da cidade.

O processo de industrialização que de forma direta ou indiretamente regula e atrai a massa para a cidade, funciona como elemento dissimulador da urbanização, pois é no lugar do urbano que se dão as relações de produção. Como afirma Lefebvre (2004, p.135), “as forças produtivas da indústria, que tende a concentrar-se nas cidades, atuam poderosamente sobre os campos. É uma verdadeira revolução que a indústria provoca na agricultura e nas relações sociais dos agentes da produção”.

Neste contexto faz-se necessário o desvendamento da dinâmica socioespacial que ocorre no espaço urbano provocando toda a diferenciação evidenciada na espacialidade urbana. O nível de concentração de renda da população, mediante os processos de produção espacial e territorial, contribui

para a diferenciação da configuração espacial das paisagens urbanas de Vitória da Conquista, apresentada por distintos mecanismos de ocupação.

A análise da estrutura espacial urbana resultante dos processos de planificação territorial permite, de um lado, constatar que a segregação social e espacial existe de forma incompleta, mas tende a aumentar e, de outro, as áreas privilegiadas pelos novos investimentos imobiliários, visam as classes mais privilegiadas de poder aquisitivo, aliadas pelo favorecimento do poder público à concessão de bens e serviços prestados para tais locais.

Incluem-se, ainda neste contexto, os “excluídos das atividades das práticas subsidiárias” que servem para amenizar a pressão social. São as chamadas políticas sociais e habitacionais destinadas às classes sociais de baixo poder aquisitivo. Além disso, percebe-se que a presença de espaços sociais segregados é necessária para garantir gradativa valorização dos espaços a serem produzidos socialmente. Isso elegido pelos atores imobiliários do espaço urbano.

Se analisarmos de forma mais profunda o fenômeno da urbanização, depararemos com a dificuldade de definir e concretizar a sua identidade específica. No caso de Vitória da Conquista, a urbanização é marcada pela rápida expansão do número de habitantes no espaço urbano. Em aproximadamente, 50 anos, a distribuição da população conquistense urbano-rural se inverteu, como já vimos anteriormente no tópico que trata das políticas habitacionais.

Na cidade de Vitória da Conquista principal identidade territorial diz respeito à divisão espacial da ocupação territorial é marcada pelas grandes avenidas que cortam o espaço urbano, principalmente a avenida de integração que divide a cidade ao meio. Na parte leste dessa divisão, encontra-se o centro funcional da cidade, Circundando o centro da cidade, têm-se os bairros que abrigam a população de melhores condições financeiras e, portanto são as áreas mais valorizadas no setor de habitação. Como exemplo pode-se citar os bairros que ficam na parte leste da cidade: o bairro Recreio e Candeias, ao sudeste têm-se o Alto da Boa Vista e o Caminho do Parque, nesta área está a maior concentração

de renda por habitante é também onde encontra-se as maiores edificações verticalizadas de alto padrão, e os condomínios fechados que rodeiam toda essa região centralizadora do poder econômico e da renda urbana da cidade.

No outro grande grupo de bairros e loteamentos têm-se como principais a oeste o bairro Brasil, Bateias, Zabelê, Ibirapuera, Patagônia e Jatobá. Nesta região da cidade é que encontra-se as áreas mais populosas como é o caso do bairro Patagônia com maior adensamento populacional, o Zabelê e o bairro Brasil; os três bairros juntos concentram mais 30% do percentual urbano da cidade. Esta região da cidade abriga uma população mais pobre refletindo a falta de projetos da planificação territorial urbana para esta parte da cidade, ou de revitalização dos espaços já existentes tais como praças e demais equipamentos públicos. Evidencia-se a desvalorização imobiliária em detrimento da oferta inferior de serviços tanto em qualidade como em quantidade.

Assim pode-se dizer que existem dois grandes conjuntos territoriais no perímetro urbano da cidade; um “núcleo central”, circundado pelas áreas de urbanização recente. Neste “núcleo central” a formação das ruas é mais irregular, tendo também como característica marcante o fato de serem estreitas resultantes do seu passado histórico divergindo bastante das áreas mais novas, com ruas e avenidas mais largas e retilíneas, evidenciando a planificação territorial nos moldes do fordismo, já que a grande maioria dessas ruas e avenidas foi projetada na década de 1970, período de grande expansão industrial fordista no Brasil.

A estrutura do espaço urbano de acordo com as condições de moradia propicia uma análise mais detalhada da realidade socioeconômica da cidade. Em Vitória da Conquista a equivalência média é 4,6 pessoas para uma unidade domiciliar sendo que a grande maioria da população reside em domicílios de até dois dormitórios. Percebe-se que a forma e a estrutura das moradias do espaço urbano acompanham o nível de distribuição e de concentração da renda. Veja na figura 59, diferentes padrões de moradia encontrados no Espaço urbano de Vitória da Conquista.



Figura 59- Mosaico da estrutura urbana e padrão das moradias da cidade de Vitória da Conquista-BA. Fonte: trabalho de campo -2012

Com relação à estrutura das moradias, constata-se uma grande desigualdade entre os bairros residenciais da cidade. Observe as fotos da figura 58. Percebe-se que os tipos de moradia, variam de acordo com a renda dos habitantes. Esta por sua vez funciona como fator determinante na estrutura dos bairros.

Nota-se que diversos fatores interferem no processo de urbanização. Mas para entender como ocorre a multiplicação das condições impróprias de moradia

é preciso buscar no interior de cada lugar a essência que determina o ritmo e a forma de organização, para compreender toda a dinâmica que a produz.

Essa condição aqui não é diferente das demais cidades do Brasil; poucos são os bairros que dispõem de todos os serviços de que os moradores necessitam tais como iluminação, rede de esgoto, água, coleta de lixo regular, transporte público, escolas, postos de saúde, áreas de lazer e outros. A maioria dos lugares da cidade, sempre falta algum tipo de serviço, mesmo com a grande transformação socioespacial implementada nos últimos cinco anos com a adoção de projetos de planificação territorial mais global, seguidos por projetos setoriais em grande intensidade.

Existem alguns bairros de estrutura intermediária que revela uma qualidade de vida ascendente, mesmo assim, nesses bairros, ainda não possuem todos os serviços considerados como básicos para as mínimas condições de vida. Verifica-se que aos poucos, os moradores adquirem melhorias tais como pavimentação, aumentando o valor imobiliário, expulsando aqueles com menor poder aquisitivo que procuram os bairros periféricos e montam ali suas moradias.

Existem diferentes implicações sociais quando o ponto chave da análise é a renda de cada cidadão, tanto para a aquisição de bens quanto para a sua própria sobrevivência. A luta pela sobrevivência, o baixo salário apesar de muito trabalho, poucos ricos, muitos pobres, tudo isso é o que podemos descrever sobre a estrutura da vida urbana e a forma como a maioria da população de Vitória da Conquista vive. Eis aí uma das contradições da produção do espaço. Neste caso, pode-se perceber uma discrepância na distribuição da renda pelas próprias condições de moradia e sua localização bem como a capacidade de possuir bens de consumo mais duradouros.

O processo de urbanização cria de certa forma, desigualdades que se estampam na estrutura da cidade, implicando diretamente na organização espacial da cidade. O grau de contradição dado pelas desigualdades é por sua vez responsável pela definição de vários agrupamentos que compõe a sociedade. Destaca-se de um lado, os setores ligados ao capital e os que comandam o

processo político-econômico e social. E, de outro, aqueles que somente possuem a força de trabalho com a qual, buscam conseguir sobrevivência empregando-se em funções mal remuneradas.

Pode-se assim afirmar que o espaço urbano, classificado como espaço de fluxos (SANTOS, 2004) necessários à realização da atividade produtiva ou à acumulação de capital, para a maioria da população se apresenta como um espaço de luta pela sobrevivência.

O fato é que a reprodução das desigualdades ocorre de forma macro e acelerada atingindo trabalhadores em geral, mas afeta em especial certas camadas: jovens, mulheres, velhos negros etc. e em outros casos aqueles que estão em situação adequada para um certo tipo de atividade, tais como; as pessoas analfabetas ou semi-analfabetas. Estes são mais prejudicados porque não conseguem adequar a uma nova tendência do sistema produtivo sendo submetidos a empregos de baixos salários, reproduzindo uma condição subumana de vida.

Ao estabelecer diferenciações desse tipo, permitimos que se legitime a estrutura econômica vigente dando ao sistema econômico poderes ainda maior para intensificar a exploração da força de trabalho. E, selecionar aqueles que numa situação de emprego restrito, poderá ser exauridos e substituídos a baixo custo.

Esta análise recai certamente sobre a configuração territorial e espacial da cidade de Vitória da conquista, uma vez que o grande contingente da população em idade economicamente ativa, não consegue ter um rendimento mensal mínimo, que possibilite uma vida menos excludente que a atual.

Neste caso, explica-se pela divisão mais geral que é dada pelas características do processo produtivo evidenciado na análise dos aspectos socioeconômicos que, divide-se em diferentes ramos de produção, utilizando para cada momento do seu processo de trabalho diferentes tipos de especialização da mão de obra, fragmentando os trabalhadores em diferentes profissões, com diferentes níveis de rendimento.

É necessário apontar outros pontos importantes de análise socioespacial e dos aspectos socioeconômicos de Vitória da Conquista, entre eles estão: o processo de urbanização que advinha da concentração humana nesse território; a consolidação da cidade como pólo regional, tendo como base a especialização do comércio e serviços, e a integração da produção industrial e da agropecuária como suporte para o desenvolvimento de relações de produção mais duradouras.

Lefebvre (2006) propõe uma abordagem política da questão urbana cujos preceitos vão desembocar nos anos de 1980, como base teórica para estudar sobre as contradições urbanas e os movimentos sociais urbanos. Essa abordagem influenciou sobremaneira o pensamento dos geógrafos a partir da segunda metade do século XX, pela forma como tratou da questão espacial, ultrapassando o plano dos conteúdos para colocá-la na perspectiva de um entendimento que envolve a lógica da forma e a dialética dos conteúdos.

Para isso, foi formulada uma abordagem do processo de formação socioespacial, e da estrutura regional que a cerca. Ocorre também, uma análise do espaço produtivo e suas implicações. Trata-se da estrutura produtiva do município com base na utilização de dados que demonstram a capacidade produtiva industrial e na agropecuária, além, da análise do espaço de circulação.

Neste contexto é que se define a contradição das relações de produção do espaço urbano e, sobretudo as contradições desenvolvidas no âmbito da configuração do território de Vitória da Conquista, sendo um espaço bem sucedido na produção agrícola e ao mesmo tempo, um grande aglomerado industrial de abrangência regional, comportando forças produtivas distintas, causando um descompasso entre o processo de desenvolvimento social e o produtivo, em detrimento das alterações do ritmo da natureza, ou seja, vivenciamos dois tempos em um mesmo espaço, o da natureza e o da sociedade.

Neste sentido, o estudo apresentado aqui, desponta como importante instrumento para análise do quadro espacial e social da cidade, oferecendo subsídios, em escala local para o planejamento urbano, a curto, médio e longo

prazo, relacionando-se com a definição de estratégias de intervenção em problemas do meio físico e humano e em programas de planificação territorial.

Percebe-se que a sociedade urbana Conquistense materializa-se no espaço geográfico mediante processos de produção e reprodução espacial, refletindo uma espacialidade que se expressa pela formação territorial, social e econômica, seguindo a lógica e o sentido dado pelos agentes formadores do espaço. Güell (2006, p. 60) diz que a “planificação estratégica” deve ser aplicada em cidades com crescimento acelerado para solucionar problemas de uma urbanização tradicional.

Para esse autor a planificação, deve contemplar os processos sociais, econômicos, fisioespaciais e ambientais que por sua vez estão presentes em uma série de projetos setoriais de porte tradicional que se materializam em uma determinada cidade, mas não somente isso; Santos (2004, p. 337), afirma: mais do que a formação socioeconômica, a formação socioespacial, exerce um papel mediador na planificação territorial, uma vez que é o uso do território que supõe as formas geográficas e, por conseguinte, as normas de uso, seja do ponto de vista jurídico ou costumeiro, formais ou informais. Maricato (2002) enfatiza que para concretizar a planificação territorial em um determinado espaço urbano, é necessário, construir “espaços” de participação social. Por outro lado, essa participação social, sempre recai no fato de que a forma urbana é precedida de desigualdades e contradições.

A assimilação da categoria espaço-tempo na análise produção do espaço e da territorialidade urbana significa mais do que a chegada de um novo elemento, representa em última instância a construção de uma nova identidade epistemológica, representada por meio da contradição entre a superfície simultânea da imagem e a natureza espaço-temporal singular do objeto que a emite. Para Harvey (1996, p.187), “O espaço e o tempo são categorias básicas da existência humana”.

No passado recente, espaço e tempo coincidiam amplamente, na medida em que as dimensões espaciais da vida social eram dominadas pela presença,

por atividades localizadas, (GIDDENS, 1998). Atualmente, essa relação espaço-tempo, é dada pela universalização dos fenômenos sociais, e pela singularidade das coisas em sua forma e identidade. Neste sentido, o desvendamento da espacialidade dada pela relação espaço tempo, passa, sobretudo pela diferencialidade das formas.

A espacialidade de um determinado lugar se expressa pela formação territorial, social e econômica, por conseguinte, segue a lógica e o sentido dado pelos agentes formadores do espaço. Na análise geográfica da organização social do espaço a relação sociedade natureza se faz através do trabalho que, por ser um ato social, conduz a transformações territoriais e a construção de espaços diferenciados conforme os interesses da produção no momento.

Numa análise clássica, o território é dado pela configuração das ações dimensionadas pela sociedade tais como rodovias, ruas, avenidas, portos, aeroportos etc. Já o lugar é a métrica, o geométrico do espaço que está representado pela singularidade e particularidade das coisas, universalizadas e transversalizadas pelo modo mais abrangente da sociedade atual que, em última análise, corresponde ao modo de produção capitalista.

A paisagem entra aqui como algo que ao mesmo tempo é representada pelos aspectos visíveis e concretos do real. Mas essa concretude segundo Soja (1993) ocorre quando se compreende que “o concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações”. Neste sentido, a paisagem e o espaço, segundo Santos (1997), não são sinônimos, paisagem refere-se ao conjunto de forma que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima.

É importante definir esses conceitos para compreender as contradições da espacialidade recente da cidade de Vitória da Conquista, pois com as novas dinâmicas socioespaciais que foram introduzidas no processo de produção do espaço urbano da cidade passou a redefinir a sua morfologia urbana, em conjunto com uma série de acontecimentos recentes que se articularam, gerando

dinâmicas espaciais diferenciadas para cada fenômeno dessa urbanização recente causando uma reorientação da lógica estruturadora da nova organização espacial da cidade.

Pelo que foi apresentado até aqui nessa tese, fica evidente que a cidade de Vitória da Conquista vai se reproduzindo apagando sua história, passível de ser apreendida nas construções, no desenho das vias de circulação, construindo uma forma e estrutura sempre cambiante, no modo de vida e no contato entre os indivíduos, no cotidiano cidadão.

Do ponto de vista teórico conceitual, esse fenômeno pode ser explicado pelo fato de que as cidades não metropolitanas tendem a copiar modelos de edificações existentes nas grandes metrópoles, como afirma Capel (2002) “a cidade está mudando profundamente diante dos nossos olhos e não é preciso ir longe para perceber isso” (tradução do autor).

Evidencia-se que a acelerada expansão das cidades gera uma diferenciação no arranjo espacial, que muitos autores classificam como segregação, associada à diferenciação espacial. Harvey (2006) considera que a diferenciação residencial deve ser interpretada em termos de reprodução das classes sociais dentro da sociedade capitalista. Afirma que a estabilidade de um bairro e seus sistemas de valores leva a reprodução e permanência de grupos sociais dentro de estruturas residenciais, enquanto que a segregação gira em torno da renda real.

Para Carlos (1999). Isso significa que há uma relação necessária entre espaço e sociedade, na medida em que a produção da vida não é só a produção de bens e mercadorias, mas, sobretudo de relações sociais. Nessa concepção, percebe-se uma dinâmica social uma vez que ao longo da história, os indivíduos sempre produziram um mundo, com idéias e modos de interpretação distintos e ao mesmo tempo integrado pelo ciclo do avanço da humanidade aliados a um modo de vida, uma cultura, a cidade e o campo. Neste sentido, o espaço urbano é produto humano e social em constante processo de transformação.

Ao pensar a cidade como um espaço construído, deve levar em consideração que ela é antes de qualquer coisa é o resultado do trabalho humano materializado em casas, avenidas, prédios, praças, viadutos, etc. segundo Carlos (1999); é o trabalho social que produz a cidade enquanto espaço de vida urbana, dos contatos imediatos do dia a dia. Para Carlos, a cidade é um produto que vai se construindo ao longo de uma história que, junto com sua fisionomia, transforma também a vida de seus habitantes e, conseqüentemente, as relações no espaço urbano.

Considerando essa proposição da cidade como produto que vai se consolidando ao longo dos tempos, percebe-se que na diferenciação da estrutura espacial urbana de Vitória da Conquista associada a sua organização socioespacial, houve uma concentração espacial das atividades e funções, principalmente no que diz respeito ao centro tradicional, mas essa centralidade adensada foi rompida pela percepção de novas possibilidades socioespaciais detectadas pelos agentes imobiliários - atores da produção territorial urbana – tais agentes seguiram a lógica da desconcentração espacial e ao implantarem os novos condomínios e ou loteamentos fechados, passaram a considerar a acessibilidade como a aspecto fundamental para a definição de suas escolhas locais e não somente a disponibilidade de terrenos.

A localização desses novos empreendimentos acaba ficando próximo dos principais equipamentos modernos como o shopping conquista sul sem necessariamente ter relação com o centro funcional tradicional é o que está determinando as escolhas dos novos empreendimentos e uma coisa foi puxando a outra. Primeiro porque os bairros mais valorizados da cidade, o bairro Candeias e Recreio, ficam próximo das principais escolas e universidades ou muitas delas já estão no próprio bairro. Além dos principais serviços especializados também estarem nesses bairros encontra-se também hipermercados e pontos de lazer e diversão da cidade. Tudo isso faz com que os adquirentes destes empreendimentos, diminuam os deslocamentos intraurbanos, valorizando suas escolhas locais.

Assim as duas novas centralidades funcionais da Cidade que são a Av. Olívia Flores no Bairro Candeias e o Shopping Conquista Sul, passou a ser referências nas escolhas locacionais dos condomínios e loteamentos fechados da Cidade.

Por exemplo, no entorno do Shopping Conquista Sul, nos últimos 2 anos já foram implantados uma dezena de novos empreendimentos do tipo condomínio fechado, os sítios e chácaras urbanas que existiam ou ainda existem num raio de 3 km do Shopping todos eles estão sendo convertido em condomínios fechados tanto na forma horizontal quanto na verticalização principalmente o formato village de edificações é o que mais se destaca. Nessa vizinhança do shopping Conquista Sul estão os condomínios: Solar Morada dos Pássaros, Plaza Morada dos Pássaros, Residencial Green Ville, Residencial Jardim Botânico Residencial cidade Jardins, o Residencial cidade das flores entre outros.

Uma das contradições desse processo de segmentação da cidade pelos condomínios fechados é que a segregação já não é mais simplesmente pela questão da renda, ou seja, a separação entre os ricos e os pobres, a segregação passa a ser também entre os ricos que estão dentro do muro e os ricos que estão fora do muro, não é uma simples separação pela diferenciação de classes é uma separação também física uma cidade dentro da mesma cidade, surge nesse processo uma nova morfologia urbana, pois as ideias tradicionais de limite já não explica mais essa nova realidade materializada no espaço urbano de Vitória da Conquista pela crescente implantação de condomínios fechados tanto de forma horizontal como por villages de 3 e 4 andares.

O aparecimento dos muros dos condomínios fechados dentro da cidade revela que a planificação urbana já não prioridade somente dos demais agentes planificadores do espaço urbano, pois verifica-se que são os próprios incorporadores que planificam a cidade quando da implantação de tais condomínios fechados, já que as incorporadoras definem não somente o lugar onde irá ficar cada condomínio mas também que pode comprar e como poderão usufruir dos equipamentos instalados no interior de cada condomínio. Embora o

Estado seja financiador de boa parte desses empreendimentos pelo programa minha casa minha vida destinada aos trabalhadores na faixa salarial de até 10 salários mínimos.

Nessa perspectiva de análise, essa nova morfologia definida pelos atuais produtos imobiliários que foram implantados ou ainda estão em fase de implantação que são os condomínios fechados, acaba por produzir profundas transformações na estrutura urbana e como resultado uma nova forma espacial, ainda mais fragmentada. Cabendo nessa análise a idéia de processo e movimento contínuo que foi o fio condutor da tese. Sendo que essa é uma das várias transformações socioespaciais encontradas no espaço urbano de Vitória da Conquista e que foram demonstradas em vários tópicos de análise da tese.

8 CONCLUSÕES

Ao longo desta tese, procurou-se demonstrar as características e transformações que passa a cidade de Vitória da conquista Para isso, foi analisado os processos de planificação que se sucederam ao longo dos tempos e suas estratégias de atuação no espaço urbano, através das transformações territoriais e socioespaciais. Buscou-se elucidar também, como essas estratégias, na maior parte dos casos, vão de encontro aos anseios da sociedade e da legislação urbana vigente.

Desse modo, esta tese foi produzida de modo que as conclusões ou considerações finais aqui apresentada são na verdade uma reinteração de tudo o que já foi abordado nos capítulos e subcapítulos, pois os pontos principais de cada capítulo, sempre tiveram algumas considerações finais ao termino de sua redação. Assim a pesquisa foi sendo moldada pela busca da compreensão a cerca das transformações ocorridas no espaço urbano de Vitória da Conquista, tendo como base de análise os processos de planificação e as transformações socioespaciais advindas desses processos.

Para isso, foram analisadas as ações do poder público e suas estratégias políticas que incidiram sobre o solo urbano e materializaram-se na composição da morfologia urbana da cidade. Foram analisadas as estratégias de atuação dos agentes imobiliários, das incorporadoras e as políticas habitacionais que tiveram um papel decisivo na composição da atual estrutura urbana da cidade.

Fica evidenciado que a estrutura urbana de Vitória da Conquista foi sendo construída desde a sua tenra idade pela adoção de intervenções estatais de um lado e por interesses da classe dominante que sempre atuaram nas decisões das políticas publicas voltadas para o ordenamento territorial do núcleo urbano, moldando a forma urbana pelas necessidades

advindas das atividades desenvolvidas em cada período no contexto da urbanização.

Essa lógica de planificação vem desde as suas primeiras intervenções urbanas do século XIX, passando por grandes transformações na segunda metade do século XX, e consolidando esses processos no início do século XXI.

Mas as transformações socioespaciais que estão ocorrendo no espaço urbano de Vitória da Conquista não se restringem aquelas que acontecem no espaço físico. A valorização dos imóveis e lotes para a construção de novas moradias, bem como a valorização de determinados pontos da cidade que passaram a funcionar como novos centros com novas centralidades funcionais comportam aspectos subjetivos e os processos de planificação desenvolvidos para o planejamento da cidade pode não se refletir, de forma extremamente significativa, nos espaços construídos para tais fins específicos.

Na tese, foram desenvolvidas idéias de urbanização como processo, tendo a cidade como sua expressão material e a produção do espaço urbano como dinâmica que coloca em articulação o processo e as formas urbanas, para entender como essa dinâmica ocorreu e ocorre em Vitória da Conquista, foram analisados os processos de planificação territorial e as transformações socioespaciais que deles resultam, proporcionando uma morfologia urbana singular para Vitória da Conquista.

A base que estruturou toda a discussão sobre o tema proposto nesta tese, foi trabalhada no capítulo 1 onde as contradições da planificação urbana foram demonstradas e relacionada com as questões pertinentes ao território e a sua diversificação na natureza, levando em consideração os processos socioespaciais e a materialização das forma urbana que a cada momento, incorporava-se novos elementos na estrutura, consolidando na atual configuração da morfologia urbana de Vitória da Conquista.

Tais processos e formas da foram destrinchados nos CAPÍTULOS 2 e 3 para o estudo da produção territorial da cidade de Vitória da Conquista e a

análise das desigualdades territoriais e socioespaciais que vêm se produzindo nas diversas partes internas da cidade bem como no parâmetro de comparação entre Vitória da Conquista e as demais cidades brasileiras que apresentam-se de forma segmentada e fragmentada.

A lógica dessa fragmentação territorial e urbana de Vitória da Conquista - BA, apresentada ao final do CAPÍTULO 3 apontava a necessidade de uma análise mais detalhada das dinâmicas socioespaciais e econômicas que conduziram ao processo de fragmentação territorial da maioria das cidades brasileiras e que marcam profundamente a morfologia urbana dessas cidades pelas desigualdades socioespaciais e territoriais advindas dessa lógica de produção do espaço, ou seja, a lógica do capitalismo mundial que conduz a maioria da população a viver nas cidades, integradas pelo consumo, mas fragmentada pelas condições sociais de moradia, de transporte e outros atributos da vida urbana.

Esse foi o fio condutor dos CAPÍTULOS 4, 5 e 6, no qual os processos de planificação territorial, e as desigualdades socioespaciais foram analisados a partir de um conjunto de dados populacionais, sociais e econômicos.

Para compreender como os processos de planificação territorial foram sendo moldados pelos atores que compõe o espaço urbano foi montada uma trajetória da formação territorial no contexto da urbanização da cidade de Vitória da Conquista, levando em consideração, as transformações socioespaciais que ocorreram entre meados do século XIX e todo o século XX.

A tenra morfologia urbana que delineava no início da urbanização conquistense já passava por processos de planificação embora incipiente, mas somente nos finais do século XX é que a planificação de fato foi pensada na forma de uma legislação que tentava controlar e ordenar as edificações mas não somente edificações bem como serviços e equipamentos urbanos.

O fato é que tal legislação urbana, na medida em que era implementada já não respondiam aos anseios da sociedade, a cada dia, novas intervenções passaram a ser necessária em diversos cantos da cidade já que o planejamento

não responde ao cotidiano fragmentado e desigual que vem sendo materializado no espaço urbano de Vitória da Conquista. É o que se verifica com a política de habitação popular vigente na cidade, a cada dia novos conjuntos residenciais são produzidos e distribuídos pelo programa de habitação popular, mas a quantidade de pessoas sem moradia é crescente.

É na cidade que se percebe todo o processo mecânico da produção industrial promovendo uma diversidade cada vez maior da natureza e da relação sociedade-natureza, não somente pelas contradições socioespaciais materializadas no espaço urbano, mas pelas espacialidades decorrentes dessas contradições, é o que foi preconizado pelo estudo apresentado até aqui, onde em todas as etapas da análise sobre os processos de planificação territorial as contradições foram evidenciadas no espaço urbano de Vitória da Conquista-BA.

A conclusão dos trabalhos expostos aqui neste estudo formaliza um referencial destinado a fundamentar pesquisas que refletem investigações geográficas, cujas análises se concentram sob as condições que se fizeram presentes na concepção de todo o arcabouço teórico e da base epistemológica engendrada nessa produção.

Ressalte-se dessa base epistemológica, a compreensão do significado da categoria de análise, o espaço e sua articulação com o estudo socioespacial e territorial, articulando-se no desvendamento da relação sociedade-natureza, entendida como ponto de partida para análise socioespacial elaborada no escopo teórico da planificação e do planejamento territorial no espaço urbano.

Do ponto de vista do planejamento urbano, houve uma preocupação em evidenciar a participação da sociedade como ferramenta essencial das políticas de gestão do território e do espaço urbano, tendo em vistas a produção social do espaço geográfico. Outro fator importante é salientar a robustez da legislação urbana, mas que não é efetiva na prática, deixando que as incorporadoras e os agentes imobiliários definam e materializem a maioria dos equipamentos urbanos, produzindo assim, um morfologia urbana, onde a dinâmica socioespacial vai sendo a cada dia segmentada e fragmentada.

Em relação ao perfil socioespacial, constatou-se uma desigualdade social, revelada pela diferenciação das moradias e de todo o desenho urbano materializado na cidade. No espaço urbano de Vitória da Conquista, verificou-se, com o mapeamento de uso do solo, que apenas dois ou três bairros possuem uma classificação com médio ou alto padrão de vida, o que reforça os índices de desigualdades revelados na pesquisa. Os demais Bairros, na medida em que se distanciam desta área, vão progressivamente apresentando queda no padrão socioeconômico da população residente, atingindo os piores índices nos Bairros limítrofes do perímetro urbano e nas ocupações de vales e fundos de vales, que acabam por formar extensas manchas de pobreza no espaço urbano da cidade, justamente nessas áreas, onde concentra-se os maiores problemas socioespaciais.

Percebe-se também que os planos e metas estabelecidos nas diversas políticas públicas voltadas para a resolução desses problemas, não dão conta e não apontam uma solução mais duradoura para essas questões sociais, sobretudo para a questão da moradia e da infraestrutura urbana que sempre é deficitária na maioria dos espaços intrabairros já que boa parte da cidade não possui, por exemplo, pavimentação asfáltica com apenas 60% das ruas pavimentadas, boa parte das casas não possui saneamento básico, mesmo com a ampliação da rede coletora em 2010, mais de 30% da cidade ainda não consegue coletar o esgoto de forma eficiente.

É necessário apontar outros pontos importantes de análise da dinâmica socioespacial e da configuração territorial da cidade de Vitória da Conquista que certamente interfere diretamente no planejamento territorial, entre eles estão: o processo de urbanização que advinha da concentração de pessoas nesse território; a consolidação da cidade de Vitória da Conquista como pólo regional, tendo como base a especialização do comércio e serviços, e a integração da produção industrial e da agropecuária como suporte para o desenvolvimento de relações de produção.

É preciso também considerar que, quando se aborda a questão da ocupação socioespacial e o planejamento territorial, estes têm sido dissociados do processo produtivo como se fossem circuitos fechados, sem nenhuma relação entre os diversos mecanismos que atuam na produção materializada no território sendo, portanto fragmentada. Essa fragmentação não permite a compreensão da complexidade da problemática socioespacial na atualidade.

É preciso considerar que a relação destes fatores com a organização espacial da cidade, é resultante do próprio processo de urbanização. Neste sentido, a produção e reprodução do espaço ficam submetidas às exigências da produtividade e da técnica.

A sociedade conquistense, sob uma perspectiva dinâmica, apresenta-se de duas maneiras: uma onde a estrutura é o campo econômico descrito anteriormente a outra diz respeito ao modo como ela se organiza enquanto ser dinâmico que é a sociedade civil e a estatal. O Estado enquanto gestor das políticas públicas em princípio está voltado para as questões no sentido lato, os problemas de menor proporção são na maioria das vezes deixados de lado e, a sociedade civil quando recorre aos anseios não conseguem alternativas, embora teoricamente a esfera do poder estatal esteja a serviço da sociedade como um todo.

Em resumo, apresentar a dinâmica socioespacial de Vitória da Conquista não foi fácil, pode se dizer que as estruturas de base são permanentes, mas as mudanças estão sempre presentes no espaço geográfico do município. Constata-se que as transformações dos anos 80, 90 e início do século XXI, remodelaram a cidade, criando novas funções especializadas da atividade produtiva e dos fluxos de circulação comercial. A população prossegue sua vida em sociedade sem conseguir solucionar os problemas elementares da vida urbana, pois são muitas as desigualdades e contradições nesse espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB´SÁBER, A. N. Brasil: paisagens de exceção, São Paulo: Ateliê, 2006.
- _____. Domínios da Natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê, 2005.
- AGUIAR, R. Evolução territorial da Bahia. Salvador: Edba, 1979.
- AGUIAR, D. V. de Descrições práticas da província da Bahia, Rio de Janeiro: Cátedra, 1979.
- AYDALOT, Philippe. Dynamique Spatiale et développement inégal. Paris: E. Econômica, 1980.
- ALMEIDA, E. de C. Inventário dos documentos relativos ao Brasil existente nos arquivos do Conselho Ultramarino de Lisboa, vol. 1-8. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional-BN, 1936.
- ALMEIDA, J. R. de et. all. Planejamento ambiental: caminho para participação popular e gestão ambiental para nosso futuro comum: uma necessidade, um desafio. Rio de Janeiro: Thex Ed. Biblioteca Estácio de Sá, 1999.
- ALMEIDA, M.C.C. Produção socioespacial e habitação popular nas áreas de assentamentos e ocupações na cidade de Vitória da Conquista – BA. (dissertação de mestrado). Salvador: UFBA, 2005.
- ALVES, G. A. O uso do centro da cidade de São Paulo e sua possibilidade de apropriação. São Paulo: FFLCH, 2010.
- APB. Seção Colonial e Provincial. Série Governo. Atas da Câmara da Imperial Vila da Vitória: Correspondências. Maço 1463 – 1840-1866. Salvador: FPC, 2012.
- ARAÚJO, J.J. A. Edital do ouvidor geral e Corregedor de Jacobina, sobre a jurisdição na parte do Rio Pardo entre Bahia e Minas Gerais de 26 de junho de 1766 . IN: Inventário dos documentos relativos ao Brasil existente nos arquivos do

Conselho Ultramarino de Lisboa, códice 7457, 1766. . Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional-Ba, acessado em março de 2012.

ARAÚJO N. M.D. et. all. Recursos hídricos e ambiente. Brasília: CEOB, 1995.

ASSAD E. D. & SANO E. E. Sistema de Informações Geográficas aplicações na Agricultura. Brasília. Embrapa/1993

ASSIS, A. S. Fluxos D'água superficiais associados ao relevo Côncavo do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: anais, Vol. 4 - ABGE/ABMS, 1995.

ATLAS do Desenvolvimento Humano do Brasil. Brasília: PNUD/IPEA/Fundação João Pinheiro, IPEA 2003. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br>>. Acesso em: 03/04/2007.

BACHELARD, G. A formação do espírito científico. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARTH, F.T. et. all. Modelos para gerenciamento de recursos hídricos. São Paulo: ABRH/NOBEL, 1987.

BAUDRILARD, Jean. A sombra das maiorias silenciosas. O fim do social e o surgimento das massas. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BENKO, Georges. Economia Espaço e Globalização na aurora do séc. XXI. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOTELHO, A. urbano em fragmentos: a produção do espaço e da moradia pelas praticas do setor imobiliário. São Paulo: Annablume, 2007.

BRANCO, Samuel Murgel. O meio Ambiente em debate. 26ºed. São Paulo: Moderna, 1997.

_____. A água e o homem. In: hidrobiologia ambiental. São Paulo: EDUSP/ABRH, 1991.

_____. Ecosistema, uma abordagem integrada dos paradigmas do meio ambiente. São Paulo: Edgard Blucher, 1981.

BRASIL. BIBLIOTECA NACIONAL. ANAIS: Inventário dos documentos relativos ao Brasil, existente no Arquivo da Marinha e Ultramar de Lisboa vol. 1 a 72. Rio de Janeiro. BN, acessado em março de 2012.

BRASIL. Presidência da República, Código Florestal Brasileiro. Lei nº. 12.651, de 25 de maio de 2012, Brasília: Casa Civil, 2012.

_____. Presidência da República. Programa Minha Casa Minha Vida- PMCMV. Lei Nº 12.424, de 16 de junho de 2011, Brasília: Casa Civil, 2011.

_____. Presidência da República. Programa Minha Casa Minha Vida- PMCMV e regularização fundiária. Lei Nº 11.977, de 07 de julho de 2009, Brasília: Casa Civil, 2009.

_____. Ministério do Meio Ambiente. Conselho Nacional do Meio Ambiente. Resolução CONAMA nº. 357, de 18/03/2005. Brasília: CONAMA, 2006.

_____. Ministério de Estado da Saúde. Norma de qualidade da água para consumo humano e seu padrão de potabilidade. Portaria nº. 518, de 26 de março de 2004. Brasília, 2004

_____. Presidência da República. Estatuto da cidade. Lei Nº 10.257 de 10 de julho de 2001, Brasília: Casa Civil, 2001.

_____. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Recursos Hídricos. Política Nacional de Recursos Hídricos. Lei nº. 9.433, de 8 de janeiro de 1997. Brasília: MMA, 1997.

_____, Ministério das minas e Energia, Secretaria-Geral, projeto RADAMBRASIL, Folha SD, 24 Salvador. Rio de Janeiro: IBGE, 1981.

_____. Presidência da República. Código Florestal brasileiro. Lei nº. 4.771, de 15 de setembro de 1965, Brasília: Casa Civil, 1965.

_____. Presidência da República. Banco Nacional de Habitação-BNH. Lei nº. 4.380, de 21 de agosto de 1964, Brasília: Casa Civil, 1964.

BRITO J.L.S. Os Solos da Bacia do Ribeirão Bom Jardim e suas Relações com Relevo e os Recursos Hídricos - Uberlândia (MG). Revista Caminhos de Geografia, Vol. 2, out./2002.

BRITO J. L. S.; ROSA, R.. Introdução aos sistemas de informação geográfica. Uberlândia: UFU, 1996.

BRITO, J. de S. da G. de M. e T. G. de. Ofício do Governador da Bahia, Conde da Ponte para o Visconde de Anadia, sobre a exploração das margens do Rio

Pardo, pelo Capitão mor João Gonçalves da Costa- Bahia, 31 de maio de 1807. Códice, 29.878 IN: Inventário dos documentos relativos ao Brasil existente nos arquivos do Conselho Ultramarino de Lisboa, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional-BN, acessado em março de 2012.

CANHOLI, A. P. Drenagem urbana e controle de enchentes. São Paulo: Oficina de textos, 2005.

CAPEL, H. S. La morfología de las ciudades. Aedes facere: técnica, cultura i clase social en la construcción de edificios. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2005.

_____. La cosmópolis y la ciudad. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2003

_____. La morfología de las ciudades. I Sociedad, cultura y paisaje urbano. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2002.

_____. Capitalismo y morfología urbana en España. Barcelona – España: Los libros de la frontera, 1983.

CARLOS, A. F. A. A condição espacial. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. O Lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec, 2007.

_____. O espaço urbano. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. Novos caminhos da geografia, São Paulo: Contexto, 1999.

CASSETI, V. Ambiente e apropriação do relevo. São Paulo: Contexto, 1995.

CASTELLS, M. (1974) A questão urbana, Trad. Arlene Caetano, São Paulo: Paz e Terra 2009.

CORRÊA, R. L. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. IN: A produção do espaço urbano - agentes e processos, escalas e desafios, São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Região e organização Espacial (série princípios). 4ª ed. Rio de Janeiro: Ática, 1991.

_____. A Rede Urbana. (princípios). Rio de Janeiro: Ática, 1991.

_____. O Espaço Urbano, (Princípios). 4ª ed. Rio de Janeiro: Ática 1989.

COSTA, J. G. Memória sumária e compendiosa da conquista do Rio Pardo, pelo Capitão mor João Gonçalves da Costa- Bahia, 1806-1807. Códice, 29.878 IN: Inventário dos documentos relativos ao Brasil existente nos arquivos do Conselho

Ultramarino de Lisboa, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional-BN, acessado em março de 2012.

CUNHA, S. B. da & GUERRA, A. J. T. (Org.) A questão ambiental - diferentes abordagens, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. Degradação ambiental. IN: _____.(Org.) Geomorfologia e meio ambiente. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 1996.

DPI INPE. Divisão de Processamento de Imagens. Disponível em: <http://www.dpi.inpe.br/>. Acesso em: jan-2012

DUARTE, P. A. cartografia Básica Florianópolis. UFSC. 1986

_____. Cartografia Temática. Florianópolis: UFSC, 1995.

EINSTEIN, A.(1952). A teoria da relatividade especial e geral. Trad. Carlos A. Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

EMBASA. Empresa Baiana de Água e Saneamento, Relatório de qualidade das águas. Salvador: Embasa, 2006.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária: Brasil Visto do Espaço relevo, Brasília, 2005 CD.

ENGELS, F. (1883), A dialética da natureza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

FERRAZ. A. E. de Q. O urbano em construção: Vitória da Conquista, um retrato de duas décadas. Vitória da Conquista-BA, Edições Uesb, 2001.

FRANCO, M. de A. R. Planejamento ambiental: para a cidade sustentável. São Paulo: Annablume, 2001.

EXAME. Melhores e maiores: as 100 maiores empresas do Brasil em 2012, São Paulo: Editora Abril, dezembro 2012.

_____. Melhores e maiores: os 200 maiores grupos do Brasil em 2012, São Paulo: Editora Abril, dezembro 2012.

GEORGE, P. Geografia Industrial no mundo. São Paulo: Difel, 1979.

GIDDENS, Anthony. A constituição da sociedade. 2ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

_____. As consequências da modernidade. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

GOMES, H. A produção do Espaço Geográfico no Capitalismo. (Repensando a Geografia). São Paulo: Contexto, 1992.

GOTTIEDNER, Mark. A produção social do espaço urbano. São Paulo: Edusp, 1997.

GRANELL-PÉREZ, M. D. C. Trabalhando geografia com as cartas topográficas. Ijuí-RS: UNIJUÍ, 2004.

GUATTARI, F. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. Ano V, N° 16. São Paulo: *Espaço & Debates*, 1985

GUELL, J. M. F. Planificació estratègica de ciutades: Nuevos instrumentos y procesos. Barcelona: Editorial Reverté, 2006.

GUERRA, A.J.T. et. all. Subsídios para a avaliação econômica de impactos ambientais. IN: CUNHA, S. B & GUERRA, A.J.T. avaliação e perícia ambiental, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HAESBAERT, R. Desterritorialização: *entre as redes e os aglomerados de exclusão*. IN: Castro I.E. de, Gomes P.C.C. & Corrêa, R.L. Geografia Conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

HARTSHORNE, Richard. Propósitos e natureza da geografia. São Paulo: Hucitec, 1978.

HARVEY, D. O enigma do capital e as crises do capitalismo. Trad. João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. O direito a cidade. Trad. **Fernando Alves Gomes** In: Fórum Social Mundial-Tenda Reforma urbana, Belém (2009). *Actionaid* Rio de Janeiro: FSM/FNRU2009. Disponível em: http://www.actionaid.org.br/Portals/0/Docs/David_harvey_conferencia.pdf.

_____. A produção capitalista do espaço. Trad. Carlos Szlak, São Paulo: Annablume, 2006.

_____. Espaços de esperança. *Spaces of Hope*. Trad. de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. A condição pós-moderna. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1992.

- HEGEL, G. W. F. (1817) Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio: II_. Filosofia da natureza. Trad. Paulo Meneses e José Machado, São Paulo: Loyola, 1997.
- IBGE. Censo Demográfico 2010 - Resultados do universo. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: out. 2011.
- _____. Banco de Dados Agregados. Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: out 2011
- _____. Censo Demográfico 2000 - Resultados do universo. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: out. 2011.
- _____. Enciclopédia dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1957.
- IPEA. Boletim conjuntural. Rio de Janeiro: IPEA, 2003.
- LAMPARELLI, R. A. C.; ROCHA, J. V.; BHORGUI, E. Geoprocessamento e Agricultura de Precisão - Fundamentos e Aplicações. 1. ed. Guaíba - Rio Grande do Sul: Agropecuária, 2001. V. 01.
- LEFEBVRE, Henry. (1974), A produção do Espaço. Trad. Sergio Martins, Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- _____. (1968) O Direito à Cidade. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2006.
- _____. (1971). A revolução Urbana. Trad. Sergio Martins, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.
- _____. Lógica formal / lógica dialética. São Paulo: Civilização brasileira, 1995.
- LEFF, Enrique. Epistemologia Ambiental. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza. Trad. de Luiz Carlos Cabral, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LIMA, M. I. C. de et al. Geologia. In: FOLHA SD. 24 Salvador. (Levantamento de Recursos Naturais, v. 24), Rio de Janeiro: Projeto RADAMBRASIL, 1981.

LIMA, O. A. L. de RIBEIRO, A. C. Caracterização hidrogeológica do aquífero São Sebastião na área de captação do CIA Bahia, usando perfilagens elétricas de poços. *Revista Brasileira de Geofísica*, São Paulo, n. 1, p. 11-22, 1982

LOJKINE, J. O Estado Capitalista e a questão urbana. Trad. Estela dos Santos Abreu, São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LORANDI, R. & CANÇADO, C. J. Parâmetros físicos para gerenciamento de bacias hidrográficas IN: SCHIAVETTI A. & CAMARGO A. F. M. Conceitos de bacias hidrográficas, teorias e aplicações. Ilhéus: Editus, 2005.

MARICATO, E. As nossas cidades estão ficando inviáveis. Desafios do desenvolvimento, Brasília: IPEA, revista desafios do desenvolvimento nº 66 julho de 2011.

_____. Cidades brasileiras: a matriz patrimonialista In: Políticas Sociais acompanhamento e análise. Brasília, DF: Instituto de Política Econômica Aplicada – IPEA, 2006. p. 211- 220.

_____. Sociedade: A cidade é um grande negócio. *Teoria&Debate*, São Paulo: T&D, agosto de 2006.

_____. Brasil, cidades: alternativas para uma crise urbana. São Paulo: Editora Vozes, 2002.

_____. Cidades brasileiras: a matriz patrimonialista

_____. *Metrópole na Periferia do Capitalismo: Ilegalidade, desigualdade e violência*. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARTINELLI, Marcelo. *Curso de cartografia Temática* São Paulo: Contexto, 1991.

_____. *Fundamentos de cartografia temática*. São Paulo: Contexto, 2002.

MARX K. *O Capital*. São Paulo: Bluker Ltda., 1965.

_____. Para a crítica da economia política. In: *manuscritos econômicos e filosóficos*. São Paulo: Coleção os pensadores, 1999.

MASSEY, D. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Trad. Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MAXIMILIANO, P de W. N. *Viagem ao Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

- MAXIMILIANO, P de W. N. Viagem ao Brasil 1815-1817. São Paulo: Melhoramentos, 1969.
- MENEZES, V. F. C. de. Carta ao Rei de Portugal João V, em 15 de março de 1728, sobre a conquista do Gentio “bárbaro” no “Certão” do Rio das Contas, Rio Verde. Cabeceiras do Rio São Matheus e do Rio Pardo. IN: inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no arquivo de Marinha e ultramar de Lisboa. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional-Ba, 2012.
- MENEZES, M. da C. Ofício para Martinho de Mello e Castro sobre a Capitania de Ilhéus, Lisboa, 12 de agosto de 1780. IN: Inventário dos documentos relativos ao Brasil existente nos arquivos do Conselho Ultramarino de Lisboa, códice 10653, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional-BN, acessado em março de 2012.
- MÉSZÁROS, I. A teoria da alienação em Marx. Trad. Isa Tavares; São Paulo: Boitempo, 2006.
- MIRANDA, E. E. de ; (Coord.). **Brasil em Relevo**. Campinas: Embrapa Monitoramento por Satélite, 2005. Disponível em: <<http://www.relevobr.cnpm.embrapa.br>>. Acesso em: jan. 2012.
- MOREIRA, R. Formação espacial brasileira, uma contribuição crítica à geografia do Brasil, Rio de Janeiro: Consequência, 2012.
- _____. Pensar e ser em geografia. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. Para onde vai o pensamento geográfico? : por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2006.
- OLIVEIRA C. Curso de Cartografia Moderna RJ. IBGE. 1988.
- PETRELLA, R. O manifesto da água: argumentos para um contrato mundial. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.
- PIAGET, J. Psicologia do desenvolvimento. São Paulo: Difel, 1978.
- PRIGOGINE, Ilya. O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.
- QUAINI, M. Marxismo e geografia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- RAFFESTIN C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.

- RAPPAPORT, C. R. Modelo piagetiano. In RAPPAPORT, C. R., FIORI, W. R., DAVIS, C. Psicologia do Desenvolvimento. São Paulo: EPU, 1981.
- RIBEIRO, W.C. A ordem ambiental Internacional. São Paulo: Contexto, 2001.
- ROCHA, J.C.S. Caracterização geológica e hidrológica dos escorregamentos da região serrana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: anais, Vol. 2 ABGE/ABMS, 1991.
- ROCHA, Altemar Amaral. Sociedade & Natureza: A produção do espaço urbano em bacias hidrográficas, Vitória da Conquista, Edições UESB, 2011.
- RODRIGUES, A. M. Moradia nas Cidades brasileiras (Repensando a geografia). 3a ed. São Paulo: Contexto, 1992.
- _____. Produção e consumo do e no espaço, problemática ambiental urbana. São Paulo: Hucitec, 1996.
- ROSS, Jurandyr L. S. Geomorfologia: ambiente e planejamento. São Paulo: Contexto, 2001.
- _____. Ecogeografia do Brasil: subsídios para o planejamento ambiental. São Paulo: oficina de textos, 2006.
- SÃO PAULO, Prefeitura Municipal de São Paulo, programas habitacionais, numero de Favelas na cidade. São Paulo: HABISP, SEAHB, 2012.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. Porto, Portugal: Afrontamento, 1993.
- SANTOS, D. A reinvenção do espaço: Diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo, Unesp, 2002.
- SANTOS, M. & Silveira, M.L. O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI, Rio de Janeiro: Record 2002.
- SANTOS, M. Metamorfoses do Espaço habitado. 6ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- _____. A natureza do espaço: técnica e tempo razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2004.
- _____. Economia espacial. São Paulo: EDUSP, 2003.
- _____. A natureza do espaço: técnica e tempo razão e emoção. São Paulo: hucitec, 1999.

- _____. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1997.
- _____. Técnica espaço tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SEABRA O. A dimensão socioambiental no urbano. IN: Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2003.
- SILVA, Armando Corrêa. Ontologia analítica: teoria e método. In. Geografia território e tecnologia. São Paulo: Terra Livre, 1992.
- SINDUSCON. Custos da construção civil. Salvador: Sinduscon-BA, 2012.
- SINGER P. (1998). Economia política da urbanização. São Paulo: Contexto 155p.
- SIQUEIRA, L. Contribuição da geologia à pesquisa de água subterrânea no cristalino. *Água Subterrânea*, Recife, v. 2, n. 9, p. 1-24, jan./mar. 1967.
- SMITH, N. Desenvolvimento desigual. Natureza, capital e a produção do espaço. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988.
- SOJA, E. W. Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- SOUSA M. L. de. A Cidade, a palavra e o poder: práticas, imaginárias e discursos heterônomos e autônomos na produção do espaço urbano. IN: A produção do espaço urbano - agentes e processos, escalas e desafios, São Paulo: Contexto, 2011.
- _____. A prisão e a ágora: Reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- _____. O Desafio Metropolitano, um estudo sobre a problemática socioespacial nas metrópoles brasileiras. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- SPERLING, M. V. Estudos e modelagem da qualidade da água de rios. Belo Horizonte: ed. UFMG. 2007.
- SPÓSITO, M. E. B FINATTI. R. Produção do espaço urbano e fluidez territorial: análise das escolhas locacionais associadas ao condomínio empresarial Techno Park Campinas Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais – v.12, n.2, São Paulo, ANPUR, 2010.

SPOSITO, M. E. B. A produção do espaço: Escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. IN: A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo. Contexto. 2011.

_____. O chão em pedaços: Urbanização, Economia e Cidades no Estado de São Paulo. 2005. Tese (Livre Docência) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

_____. O embate entre as questões ambientais e sociais no urbano. IN: Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2003.

SUASSUNA, J. Transposição do São Francisco: alguns descaminhos. Recife: FUNDAJ/DESAT, 2000.

_____. Recalque e transposição de águas: equívocos nos conceitos. Recife: FUNDAJ/DESAT, 2001.

SUERTEGARAY, D. M. A. Geografia física e geomorfologia: uma [re] leitura. Ijuí-RS: Unijuí, 2002.

TEIXEIRA, A. L. A., C. Sistema de Informações Geográficas São Paulo: Hucitec, 1999.

TOPALOV, C. Do Planejamento à Ecologia: nascimento de um novo paradigma da ação sobre a cidade e o habitat?. Cadernos IPPUR. Rio de Janeiro, Ano XI, nº1e 2, 1997.

_____. Os saberes sobre a cidade. Tempos de crise? Espaço & Debates, São Paulo: NERU, nº 34, 1991.

TRICART, J. Ecodinâmica. Rio de Janeiro: Fundações Brasileiras de Geografia e Estatística, 1977.

TUCCI, C.E.M. hidrologia. Ciência e aplicação. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

TUNDISI, J.G. a água no século XXI: enfrentando a escassez. São Carlos: Rima IIE, 2005.

VALENÇA, M. de. Carta patente pela qual o Governador Marquez de Valença nomeou João Gonçalves da Costa a Capitão mor da Conquista do sertão da Ressaca - Bahia, 31 de julho de 1781. Códice 21.725. IN: Inventário dos

documentos relativos ao Brasil existente nos arquivos do Conselho Ultramarino de Lisboa, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional-BN, acessado em março de 2012.

VEIGA, T. C. & XAVIER-DA-SILVA, J. Geoprocessamento aplicado a identificação de áreas potenciais para atividades turísticas: o caso do Município de Macaé-RJ IN: geoprocessamento & análise ambiental: aplicações. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2004.

VIGOTSKY, L.S. Pensamento e linguagem, São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VIGOTSKY, L.S. et. al. Linguagem desenvolvimento e aprendizagem. Col. Educação Crítica. São Paulo: Ícone ed., 1998.

VILLAÇA, F. O espaço intraurbano no Brasil. São Paulo, Studio Nobel, 2001.

VITÓRIA DA CONQUISTA, Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista Bahia. Arquivo público municipal. Vitória da Conquista: PMVC, 2009.

Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista Bahia. Lei Orgânica do Município, Lei nº 1532 de 30 de junho de 2008. Vitória da Conquista: PMVC, 2008.

_____. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista Bahia. Plano Diretor Urbano, Lei nº. 1481 de 28 de dezembro de 2007. Vitória da Conquista: PMVC, 2007.

_____. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista Bahia. Código Municipal Ambiental, Lei nº. 1410, de 05 de junho de 2007. Vitória da Conquista: PMVC, 2007.

_____. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista Bahia. Plano Diretor Urbano, Lei nº. 1385 de 26 de dezembro de 2006. Vitória da Conquista: PMVC, 2007.

_____. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista Bahia. Política Municipal de Habitação Popular, Lei nº. 1186 de 18 de novembro de 2003. Vitória da Conquista: PMVC, 2003.

_____. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista Bahia. Criação de bairros, Lei nº. 952 de 15 de dezembro de 1998. Vitória da Conquista: PMVC, 1998.

_____. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista Bahia. Criação de bairros, Lei nº. 850 de 26 de dezembro de 1996. Vitória da Conquista: PMVC, 1996.

_____. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista Bahia. Criação de bairros, Lei nº. 798 de 24 de novembro de 1995. Vitória da Conquista: PMVC, 1995.

_____. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista Bahia. Perímetro urbano, Lei nº. 717 de 19 de julho de 1993. Vitória da Conquista: PMVC, 1993.

_____. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista Bahia. Alteração do Plano Diretor Urbano, definição de categorias de lotes e loteamentos. Lei nº. 701 de 27 de abril de 1993. Vitória da Conquista: PMVC, 1993.

_____. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista Bahia. Fundo Municipal de habitação popular, Lei nº. 570 de 29 de maio de 1991. Vitória da Conquista: PMVC, 1991

_____. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista Bahia. Lei Orgânica do Município, Lei nº. 528 de 07 de junho de 1990. Vitória da Conquista: PMVC, 1990.

_____. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista Bahia. Alteração do Plano Diretor Urbano, lei de acessibilidade. Lei nº. 446 de 10 de novembro de 1998. Vitória da Conquista: PMVC, 1998.

_____. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista Bahia. Alteração do Plano Diretor Urbano, Lei nº. 279 de 30 de dezembro de 1983. Vitória da Conquista: PMVC, 1983.

_____. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista Bahia. Perímetro urbano, Lei nº. 205 de 27 de agosto de 1980. Vitória da Conquista: PMVC, 1980.

_____. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista Bahia. Plano Diretor Urbano, Lei nº. 118 de 22 de dezembro de 1976. Vitória da Conquista: PMVC, 1976.

XAIVER-DA-SILVA, J. & ZAIDAN, R.T. (org.) geoprocessamento & análise ambiental: aplicações. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2004.

ANEXOS

.

.



LEI N.º 118/1976

DISPÕE SOBRE O PLANO DIRETOR DE VITÓRIA DA CONQUISTA.

O PREFEITO MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, Estado da Bahia:

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei.

LIVRO I – DO URBANISMO

CAPÍTULO I – DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º - A matéria contida nesta legislação compreende os elementos direcionais básicos, que instrumentarão o processo de planejamento do Município. As informações contidas nos documentos apresentados são imprescindíveis na política de decisões e ajuste das ações na execução do Plano Diretor.

Art. 2º- A presente Lei disciplina o uso de terra, estabelece normas para as construções, visando assegurar condições adequadas de habitação, circulação, trabalho e recreação, bem assim preservar monumentos e sítios notáveis pelos seus aspectos históricos, culturais e paisagísticos.

Art. 3º - Incumbe ao Governo Municipal implantar e zelar pelo cumprimento desta Lei.

Art. 4º - É instituído o Plano Diretor de Vitória da Conquista, cuja execução será procedida com observância das normas estabelecidas nesta Lei.

Art. 5º - O Plano Diretor abrange todo o território Municipal, dispondo sobre o uso do solo; o sistema viário; o desenho da cidade; vilas e povoados; a preservação da paisagem natural; proteção aos cursos d'água, açudes, fontes e reservas florestais, elementos propiciadores do equilíbrio ecológico.

Art. 6º - São considerados como parte integrante desta Lei, o relatório, as plantas e mapas anexos, devidamente rubricados pelo Prefeito e pelo Presidente da Câmara Municipal.

Art. 7º - As modificações de desenho, necessárias ao aprimoramento e ajuste do Plano, decorrentes de atualização ou de estudo de detalhe para execução, e que não alterem a estruturação geral e suas disposições legais, poderão ser introduzidas da seguinte forma:

a) novas plantas ou mapas feitos em substituição às referidas no art. 6º, deverão conter nota referente à modificação feita, assinada pelo técnico e pelo Prefeito passando a integrar o Plano Diretor;

b) as plantas ou mapas, quando substituídos serão arquivados, não podendo ser eliminados ou alterados no seu desenho, constituindo-se em documento comprobatório de legalidade, assim como o histórico da evolução do Plano.

Art. 8º - As áreas para recreação, edificações públicas tipo centro cívico, feiras, educação, etc., necessárias à execução do Plano Diretor, são declaradas de utilidade pública e o Poder Municipal promoverá, quando julgar oportuno, a sua desapropriação.

Parágrafo Único – A Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista proporá anualmente a votação de dotação orçamentária para atender os programas de desapropriação e de implantação do Plano Diretor.

Art. 9º - Para assegurar a preservação das condições do meio-físico da cidade e especialmente de sua flora e hidrografia não será permitido ao poder público ou privado realizar atos ou obras:

a) que concorram para mudar o clima e desfigurar a paisagem local;

b) que resultem em poluição atmosférica, hídrica, térmica ou sonora;



c) que acelerem o processo de erosão das terras ou comprometam a estabilidade das encostas.

Art. 10º - Para assegurar-se a preservação dos valores culturais da Cidade, não se poderão realizar obras ou atividades que destruam tradições e costumes, ou simplesmente degradem a significação estética ou cultural da área.

II – DO SETORAMENTO

Art. 11º– O Município de Vitória da Conquista fica dividido, para efeito desta Lei, em 3 (três) setores a saber.

I. Setor Urbano 1 – Este setor é delimitado por um polígono que tem o vértice inicial na nascente do córrego do Periperi; daí seguindo em linha reta, até a confluência do córrego da Batalha com o córrego da Muritiba; daí, seguindo pelo córrego da Muritiba até a sua nascente no Saguim; daí segundo em linha reta até o açude “Dos Fernandes” no córrego dos Quatis; daí seguindo pelo córrego dos Quatis, até a sua confluência com o córrego da Barriguda; daí seguindo em linha reta, até a confluência do córrego do Pé de Galinha com o córrego da Santa Rita; daí, seguindo pelo córrego da Santa Rita, até a sua confluência com o córrego da Lagoa de Baixo; daí seguindo em linha reta, até a confluência do córrego da Serragem com o córrego do Verruga; daí, segundo em linha reta até a confluência do córrego do Leão com o córrego do São Bernardo; daí, seguindo pelo córrego do São Bernardo até a sua confluência com o córrego da Estiva; daí seguindo pelo córrego da Estiva até a sua nascente; daí, seguindo em linha reta até a nascente do córrego do Saquinho; daí seguindo pelo córrego do Saquinho até a sua confluência com o córrego do Choça; daí seguindo pelo córrego do Choça até a sua confluência com o córrego do Periperi; daí seguindo pelo córrego do Periperi, até a sua nascente vértice inicial do polígono; **(Inciso alterado pelas leis n.º 205/80 e 717/93)**

II. Setor Urbano II – abrange todas as vilas do Município delimitado por um perímetro que acompanha a distância máxima de 100m (cem metros) os limites dos melhoramentos urbanos e/ou das edificações contínuas;

III. Setor Rural – é o contido entre os limites dos Setores Urbanos e o do Município, em acordo com os itens I e II deste artigo, cujas áreas destinam-se às atividades agropecuárias de um modo geral.

Art. 12º– Para fins desta Lei adotam-se as seguintes classificações e definições:

I. O Setor Urbano compreende: Área Urbana e a Área de Expansão Urbana;

a) Entende-se por Área Urbana a que abrange as edificações contínuas da cidade e/ou distritos servidas por alguns destes melhoramentos: iluminação pública, rede de esgoto sanitário ou de águas pluviais, rede de abastecimento d'água, calçamento ou guia para passeio e executados pela Prefeitura Municipal, por sua concessão ou com sua autorização;

b) Entende-se por Área de Expansão Urbana da cidade ou distrito a que for prevista neste Plano, para ser ocupada por edificações contínuas para atender o crescimento da população nos próximos 10 (dez) anos.

II. O Setor Rural compreende a área rural.

Art. 13º – A divisão da terra no Município estará regulamentada através da Lei de loteamento, respeitando-se todas as exigências estabelecidas nesta Lei para o setor onde se situa a área a lotear.



Art. 14º – A utilização da terra, construção e uso estará regulamentada através do Código de Obras, respeitando-se todas as exigências estabelecidas nesta Lei para o setor onde se situa a área.

III – DO SETOR URBANO I

Art. 15º – Para os efeitos deste Plano e no interesse de melhor localização das atividades da população urbana da cidade, esta fica classificada em Zonas, obedecendo-se o critério de predominância de uso, e em Áreas destinadas a fins especiais. As Zonas e as referidas Áreas do acordo com a planta 20 (Hipótese 2), do Plano Diretor de Vitória da Conquista estão assim denominadas:

a) ZONAS

- Zona do Comércio e Serviço (ZCS);
- Zona de Transição Residencial/Comércio (ZT);
- Zona de Apoio Rodoviário (ZAR);
- Zona Residencial (ZR);
- Zona Cultural/Educacional (ZC);
- Zona Cultural/Educacional e Residencial (ZCR);
- Zona de Expansão da Zona Cultural (ZEC);
- Zona de Parques e Jardins (ZP);
- Zona Industrial (ZI).

b) ÁREAS:

- Área para feira livre;
- Área para o Centro Cívico-Administrativo;
- Áreas para grandes edificações de caráter geral;
- Áreas de Expansão Urbana;
- Áreas para Cemitérios.

Parágrafo Único – Os usos são considerados para efeito desta Lei adequados (A), tolerados com restrições (T) e inadequados. A tabela 1 (um) do Zoneamento Urbano, anexa, define o grau de permissibilidade do uso em relação a cada Zona do Setor Urbano n.º 1, assim como os coeficientes de utilização (U) e taxas de ocupação (TO). **(Artigo alterado pela lei n.º 517/90)**



LEI Nº 205/80

Altera a redação do inciso i, do art. 11 da lei nº 118, de 22 de dezembro de 1976 - plano diretor urbano.

O PREFEITO MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, Estado da Bahia;

Faço saber que a câmara de vereadores decretou e eu sanciono a seguinte lei:

1º - o inciso i, do art. 11, da lei número 118 de 22 de dezembro de 1976, passa a vigorar com a seguinte redação:

art. 11:

- setor urbano I - delimitado por um polígono que tem seu vértice inicial no ponto em que o eixo da estrada Conquista-Brumado corta a nascente do riacho da Muritiba, daí em linha reta até a nascente do riacho da Santa Rita, na fazenda Quatis, daí descendo o riacho de Santa Rita até a foz do córrego Lagoa de Baixo, daí em linha reta a foz do córrego Agrotécnica no Verruga, daí subindo o córrego Agrotécnica até sua nascente, daí descendo o córrego dos eucaliptos até a sua foz no riacho Choça, daí subindo o córrego do Periperi até sua nascente, daí em linha reta até a garganta na fazenda Olhos D'água na serra do Periperi, daí em linha reta até o ponto inicial.

2º - esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito Municipal de Vitória da Conquista, em 27 de junho de 1980.

Raul Ferraz
Prefeito



LEI Nº 717/93

ALTERA REDAÇÃO DO INCISO I, DO ART. 1º DA LEI Nº 205, DE 27 DE JUNHO DE 1980.

O PREFEITO MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, Estado da Bahia,

Faço saber que a Câmara Municipal decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - O inciso I, do artigo 1º da Lei 205, de 27 de junho de 1980 que modificou o Inciso I, do Art. 11, da Lei 118 – Plano Diretor Urbano, passa a vigorar com a seguinte redação:

Art. 1º -

I – Setor Urbano 1 – Este setor é delimitado por um polígono que tem o vértice inicial na nascente do Córrego do Peri-Peri; daí seguindo em linha reta, até a confluência do Córrego da Batalha com o Córrego da Muritiba; Daí, seguindo pelo Córrego da Muritiba até a sua nascente no Saguim; daí seguindo em linha reta até o açude “Dos Fagundes” no córrego dos Quatis; daí seguindo pelo Córrego dos Quatis, até a sua confluência com o Córrego da Barriguda; daí seguindo em linha reta, até a confluência do Córrego do Pé de Galinha com o Córrego da Santa Rita; daí, seguindo pelo Córrego da Santa Rita, até a sua confluência com o Córrego da Lagoa de Baixo; daí seguindo em linha reta, até a confluência do Córrego da Serragem com o Córrego do Verruga; daí, seguindo em linha reta até a confluência do Córrego do Leão com o Córrego do São Bernardo; daí, seguindo pelo Córrego do São Bernardo até a sua confluência com o Córrego da Estiva; daí seguindo pelo Córrego da Estiva até a sua nascente; daí, seguindo em linha reta até a nascente do Córrego do Saquinho; daí seguindo pelo Córrego do Saquinho até a sua confluência com o Córrego do Choça; até a sua confluência com o Córrego do Peri-Peri; daí seguindo pelo Córrego do Peri-Peri, até a sua nascente vértice inicial do Polígono.

Art. 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito Municipal de Vitória da Conquista, 19 de julho de 1993.

José Fernandes Pedral Sampaio

Prefeito



LEI N.º 798/95

INSTITUI OFICIALMENTE OS BAIRROS DA CIDADE DE VITORIA DA CONQUISTA.

O PREFEITO MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, Estado da Bahia,

Faço saber que a Câmara Municipal decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art.1º - Fica a Cidade de Vitória da Conquista dividida oficialmente em 22 (vinte e dois) Bairros, com as seguintes denominações:

01 – CENTRO;			12	–	BOA	VISTA;
02	–		GUARANI;	13	–	FELICIA;
03	–		CRUZEIRO;	14	–	PATAGONIA;
04	–	ALTO	MARON;	15	–	BATEIAS;
05	–		RECREIO;	16	–	ZABELE
06	–		JUREMA;	17	–	UNIVERSIDADE;
07	–		BRASIL;	18	–	VETADO;
08	–		IBIRAPUERA;	19	–	VETADO;
09 – NOSSA SENHORA APARECIDA;			20	–		VETADO;
10	–		PRIMAVERA;	21	–	CAMPINHOS;
11	–		CANDEIAS;	22	–	SÃO PEDRO.

Art.2º - Os Bairros acima identificados tem seus limites discriminados na seguinte forma:

01 – CENTRO:

Inicia-se no ponto em que a Rua Nilton Gonçalves corta a Av. Presidente Dutra (BR 116 – Rio-Bahia), seguindo pelo eixo da Rua Nilton Gonçalves, continuado pelo eixo da Rua Paulino Santos, passando sobre o viaduto encontrando a Praça Sá Barreto, daí descendo pelo eixo da Rua João Pessoa, até encontrar a entrada da Rua Sifredo Pedral Sampaio, indo pelo eixo desta até o cruzamento com a Av. São Geraldo, descendo pelo eixo desta, seguindo pelo eixo da Rua Ascendino Melo até encontrar a Praça Victor Brito, contornando-a no eixo, pela parte inferior até o cruzamento com a Av. Fernando Spínola, seguindo pelo eixo desta até Av. Presidente Dutra (BR 116 - Rio-Bahia), subindo pelo eixo desta até encontrar a Rua Nilton Gonçalves, retornando ao ponto inicial.

02 – GUARANI

Inicia-se no ponto onde a BR 116/Rio-Bahia intercepta a cumeada da serra (Anel de Contorno Rodoviário, projetado), seguindo por esta até um ponto nela colinear com a extremidade leste da mata do Poço Escuro, descendo por esta até encontrar o eixo da Rua Henriqueta Prates, seguindo por esta até a altura do viaduto da Rua Paulino Santos (mudando de nível), continuando pelo eixo desta, seguindo pelo eixo da Rua Nilton Gonçalves até interceptar a cumeada da Serra (Anel de Contorno Rodoviário, projetado), retornando ao ponto inicial.

03 – CRUZEIRO

Inicia-se na cumeada da Serra (Anel de Contorno Rodoviário e Av. da Serra, projetados) em ponto nela colinear com a extremidade leste da mata do Poço Escuro, seguindo por esta cumeada (eixo do Anel do Contorno Rodoviário continuando pelo eixo da Av. da Serra, projetados) até o cruzamento com a Estrada da Corrente, descendo pelo eixo desta, seguindo pelo eixo da Rua da Corrente até a Praça Sá Barreto, contornando-a pelo eixo, nos lados sudeste e sudoeste, descendo pelo eixo da Rua Paulino Santos até o Viaduto, daí subindo pela extremidade leste da mata do Poço Escuro (mudando de nível), até encontrar a Rua Henriqueta Prates, subindo por esta até o fim, voltando a contornar a extremidade leste da mata do Poço Escuro até um ponto colinear contido na cumeada da Serra (Anel de Contorno Rodoviário, projetado) retornando ao ponto inicial.

04 – ALTO MARON

Inicia-se no ponto de cruzamento entre a Praça Sá Barreto e a Rua da Corrente, subindo pelo eixo desta seguindo pelo eixo da Estrada da Corrente até interceptar com a cumeada da serra (Av. da Serra, projetada), indo por esta até o cruzamento com uma rua a ser nominada, localizada entre a cumeada da serra e a Av. Bela Vista, descendo pelo seu eixo até encontrar a Av. Bela Vista, indo pelo eixo desta até o cruzamento da Av. Primavera, descendo pelo eixo desta até interceptar com a Av. Presidente Vargas (BA 265/ Vitória da Conquista-Barra do Choça), seguindo pelo eixo desta até o cruzamento com a Av. Rosa Cruz, descendo pelo eixo desta até interceptar com a Rua Sifredo Pedral Sampaio, indo pelo eixo desta até o cruzamento



com a rua João Pessoa, subindo pelo eixo desta até a Praça Sá Barreto, subindo pelo eixo do lado sudoeste da Praça até encontrar com a Rua da Corrente, retornando ao ponto inicial.

05 – RECREIO:

Inicia-se no ponto em que a Av. Juracy Magalhães cruza a Av. Bartolomeu de Gusmão, seguindo pelo eixo desta até encontrar a Praça Vítor Brito, contornando-a no eixo, pela parte inferior até o cruzamento com a rua Ascendino Melo, seguindo pelo eixo desta, continuando pelo eixo da Av. São Geraldo até encontrar a Rua Sifredo Pedral Sampaio, segue pelo eixo desta até o cruzamento com a Av. Rosa Cruz, descendo pelo eixo desta até interceptar com a rua Siqueira Campos, subindo pelo eixo desta até encontrar a Av. Contorno, seguindo pelo eixo desta e pelo seu prolongamento (projetado) até o cruzamento com a Av. Juracy Magalhães, seguindo pelo eixo desta até encontrar a Av. Bartolomeu de Gusmão, retornando ao ponto inicial.

06 – JUREMA

Inicia-se no ponto em que a Av. Fernando Spinola corta a Av. Presidente Dutra (BR 116/Rio-Bahia) seguindo pelo eixo da Av. Fernando Spinola até interceptar com a Praça Vítor Brito, contornando-a no eixo pelo lado oeste até o cruzamento com a Av. Bartolomeu de Gusmão, seguindo pelo eixo desta até o cruzamento da Av. Juracy Magalhães, seguindo pelo eixo desta até interceptar com a Rua “S” do loteamento Guanabara, seguindo pelo eixo desta até interceptar a Rua Líbano, seguindo pelo fundo da Quadra 29-B, do loteamento Guanabara até interceptar a Av. Filipinas, cortando-a e continua seguindo pelo eixo da Av. Cristo Rei, até encontrar a Av. Presidente Dutra (BR 116/Rio-Bahia), seguindo pelo eixo desta até o cruzamento com a Av. Fernando Spinola, retornando ao ponto inicial.

07 – BRASIL:

Inicia-se no ponto de cruzamento da Av. Barreiras com a Av. Brumado, seguindo pelo eixo desta até interceptar a Av. Presidente Dutra (BR 116/Rio-Bahia), seguindo pelo eixo desta até o cruzamento com a Av. Paraná, seguindo pelo eixo desta até encontrar o cruzamento com a Av. Frei Benjamin, subindo pelo eixo desta até um ponto colinear com o muro do Aeroporto, seguindo por este até um ponto colinear com o eixo da Rua Alberto Farias, seguindo pelo eixo desta até interceptar com a Av. Barreiras, subindo pelo eixo desta até o cruzamento com a Av. Brumado, retomando ao ponto inicial.

08 – IBIRAPUERA:

Inicia-se na cumeada da serra (Av. da Serra, projetada), em um ponto nela colinear com o eixo da Rua “Q” do Loteamento Nenzinha Santos – 2ª Etapa, seguindo por esta cumeada (eixo da Av. da Serra, projetada) até o cruzamento com a estrada da Batalha, seguindo pelo eixo desta até a Rua Santa Madalena, seguindo pelo eixo desta até encontrar uma rua a ser nominada, localizada entre a Rua Caravelas e a Travessa Acre, seguindo por seu eixo até o cruzamento com outra rua a ser nominada, localizada entre a Travessa Acre e o cruzamento com a Av. Presidente Dutra (BR 116 Rio-Bahia), sempre pelo eixo descendo pela BR 116 Rio-Bahia até interceptar com a Av. Brumado, seguindo pelo eixo desta até o cruzamento com a rua projetada a ser nominada, que limita os terrenos de propriedade de Pedro Moraes – URBIS IV e Giordano Bacelar, seguindo pelo eixo desta até interceptar com o prolongamento da Av. Para onde intercepta com o eixo da Av. “A” do Loteamento Nenzinha Santos – 1ª Etapa, seguindo pelo eixo desta, continuando pelo eixo da Rua “Q” do Loteamento Nenzinha Santos – 2ª Etapa até um ponto colinear contido na cumeada da serra (Av. da Serra, projetada), retornando ao ponto inicial.

09 – NOSSA SENHORA APARECIDA:

Inicia-se no cruzamento da Estrada da Batalha com a cumeada da Serra (Av. da Serra, projetada), seguindo por esta até o cruzamento com a BR 116/Rio-Bahia, descendo pelo eixo desta até interceptar com o eixo de uma rua a ser nominada, localizada entre este cruzamento e a Travessa Acre e a Rua Caravelas até interceptar com o eixo da Rua Santa Madalena, seguindo por esta, dando continuidade pelo eixo da Estrada da Batalha até o cruzamento com a cumeada da Serra (eixo da Av. da Serra, projetada), retornando ao ponto inicial.

10 – PRIMAVERA:

Inicia-se pela BA 265 – Vitória da Conquista/Barra do Choça, vindo m sentido oeste pelo seu eixo até o cruzamento com a Av. Primavera, seguindo pelo eixo desta até interceptar com a Av. Bela Vista, subindo pelo eixo desta até o cruzamento com uma rua a ser nominada, localizada entre a Av. Bela Vista e a cumeada da Serra (Av. da Serra, projetada), seguindo pelo seu eixo, continuando pela cumeada da Serra (Av. da Serra, projetada), tendo seu limite leste em aberto.

11 – CANDEIAS:



Inicia-se no cruzamento da Av. Rosa Cruz com a BA 265/Vitória da Conquista - Barra do Choça, seguindo pelo eixo desta até interceptar com o Anel de Contorno Rodoviário, seguindo por seu eixo até interceptar com o Córrego do Verruga, seguindo pelo eixo desta até o cruzamento com a Av. Contorno, seguindo pelo eixo desta até interceptar com a Rua Siqueira Campos, seguindo pelo eixo desta até o cruzamento com a Av. Rosa Cruz, retomando por seu eixo ao ponto inicial.

12 – BOA VISTA:

Inicia-se no ponto em que a Av. Juracy Magalhães intercepta o prolongamento da Av. Contorno, seguindo pelo eixo desta até interceptar com o Córrego do Verruga, descendo pelo eixo deste até o cruzamento com o eixo do Anel de Contorno Rodoviário, projetado, seguindo por ele até interceptar com a BA 415 – Vitória da Conquista/Ilhéus (Av. Juracy Magalhães), seguindo pelo eixo desta até encontrar com o prolongamento da Av. Contorno, projetada, retornando ao ponto inicial.

13 – FELICIA:

Inicia-se no cruzamento da BR 116/Rio-Bahia (Avenida Presidente Dutra) com a Av. Cristo Rei, seguindo pelo eixo desta até interceptar a Av. Filipinas, cortando-a e continua seguindo pelo fundo da Quadra 29 B do Loteamento Guanabara até interceptar com a BA 415/Vitória da Conquista – Ilhéus (Av. Juracy Magalhães) descendo pelo eixo desta até o cruzamento com o Anel de Contorno Rodoviário, seguindo pelo eixo deste até o trevo que intercepta a BR 116/Rio-Bahia, subindo pelo eixo desta até o cruzamento com a Av. Cristo Rei, retornando ao ponto inicial.

14 – PATAGÔNIA:

Inicia-se no ponto de cruzamento da Estrada dos Campinhos com a Av. Paraná seguindo pelo eixo desta até interceptar com a Av. Presidente Dutra (BR 116/Rio-Bahia), seguido pelo eixo desta até o trevo que intercepta o Anel de Contorno Rodoviário, seguindo pelo eixo desta até o cruzamento com a Estrada dos Campinhos, seguindo pelo eixo desta até interceptar com a Av. Paraná, retornando ao ponto inicial.

15 – BATEIAS:

Inicia-se na interseção do Anel de Contorno Rodoviário, com a Av. Brumado (BA 262/ Vitória da Conquista-Brumado), seguindo pelo eixo desta até o cruzamento com a Av. Barreiras, descendo pelo eixo desta, seguindo pelo eixo da Rua Alberto Farias até um ponto colinear com o muro do Aeroporto, seguindo por este até um ponto colinear com o eixo da Av. Frei Benjamim, descendo pelo eixo desta até interceptar com a Av. Paraná, seguindo pelo eixo desta até a Estrada dos Campinhos, seguindo pelo eixo desta até interceptar com o Anel de Contorno Rodoviário, seguindo pelo seu eixo até a interseção com a Av. Brumado (BA 262/Vitória da Conquista-Brumado), retornando ao ponto inicial.

16 – ZABELÊ:

Inicia-se pela BA 262/Vitória da Conquista-Brumado, vindo no sentido leste pelo seu eixo, Av. Brumado, até o cruzamento com a rua projetada a ser nominada, que limita os terrenos de propriedade de Pedro Morais – URBIS IV e Giordano Bacelar, seguindo pelo eixo desta até interceptar com o prolongamento da Av. Pará onde intercepta com o eixo da Av. “A” do Loteamento Nenzinha Santos – 1ª Etapa, seguindo pelo eixo desta, continuando pelo eixo da Rua “Q” do Loteamento Nenzinha Santos – 2ª Etapa, até um colinear contido na cumeada da serra (Av. da Serra, projetada), seguindo pelo eixo desta, tendo o seu limite oeste em aberto.

17 – UNIVERSIDADE:

Inicia-se pelo eixo do Córrego do Verruga até interceptar com o Anel de Contorno Rodoviário, projetado, segue pelo eixo deste até o cruzamento com o eixo da BA 265/Vitória da Conquista/Barra do Choça, seguindo por esta no sentido leste, tendo este limite em aberto.

18 – (VETADO):

Inicia-se na BA 415/Vitória da Conquista – Ilhéus seguindo no sentido norte, pelo seu eixo, até interceptar com o eixo do Anel de Contorno Rodoviário, seguindo por este até o cruzamento com o Córrego do Verruga, seguindo pelo seu eixo no sentido sudeste, tendo o limite Sul em aberto.

19 – (VETADO):

Inicia-se no trevo de interseção da BR 116/Rio-Bahia com o Anel de Contorno Rodoviário, seguindo pelo eixo deste até interceptar com o eixo da BA 415/Vitória da Conquista – Ilhéus, seguindo por esta até o cruzamento com o Córrego Lagoa de Baixo, seguindo pelo eixo deste até interceptar com a BR 116/Rio-Bahia seguindo pelo eixo deste até o trevo de interseção com o Anel de Contorno Rodoviário, retomando ao ponto inicial.

20 – (VETADO):



Inicia-se no cruzamento da estrada dos Campinhos com o Anel de Contorno Rodoviário, seguindo pelo seu eixo até o trevo de interseção da BR 116/Rio- Bahia, descendo pelo eixo desta Rodovia até interceptar com o Córrego Lagoa de Baixo, subindo pelo eixo deste até interceptar com a Rua São José, seguindo pelo eixo desta, continuando pelo eixo da estrada dos Campinhos, até o cruzamento com o Anel de Contorno Rodoviário, retornando ao ponto inicial.

21 – CAMPINHOS:

Inicia-se no eixo da Rua São Lourenço, continuando pelo eixo da Rua São José, seguindo pelo eixo da estrada dos Campinhos até a interseção com o Anel de Contorno Rodoviário, seguindo pelo eixo deste até o pontilhão do Córrego dos Campinhos, descendo pelo eixo deste mesmo Córrego até a confluência com o Córrego de São Pedro e deste ponto em linha reta até a Rodovia BA 262/Vitória da Conquista-Brumado no ponto limite do Perímetro Urbano, tendo seu limite oeste em aberto.

22 – SÃO PEDRO:

Inicia-se em um ponto na Rodovia BA 262/Vitória da Conquista – Brumado, limite do Perímetro Urbano, seguindo pelo eixo desta Rodovia até a interseção do Anel de Contorno Rodoviário, segue pelo eixo do Anel até o pontilhão do Córrego dos Campinhos, descendo pelo eixo deste Córrego até a confluência com o Córrego de São Pedro e deste ponto em linha reta até a Rodovia BA 262/Vitória da Conquista-Brumado, no ponto limite do Perímetro Urbano, retornando ao ponto inicial.

Art. 3º - Esta Lei entrara em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, 24 de novembro de 1995.

José Fernandes Pedral Sampaio
Prefeito



LEI N.º 850/96

CONFERE DENOMINAÇÃO A BAIROS QUE ESPECIFICA.

O PREFEITO MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, Estado da Bahia,

Faço saber que a Câmara Municipal decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Os Bairros aprovados pela Lei n.º 784/95 e indicados sob os n.ºs 18, 19 e 20, ficam com denominação e delimitação seguintes:

I – BAIRRO ESPÍRITO SANTO:

Inicia-se na BA 415/Vitória da Conquista – Ilhéus seguindo no sentido norte, pelo seu eixo, até interceptar com o eixo do Anel de Contorno Rodoviário, seguindo por este até o cruzamento com o Córrego do Verruga, seguindo pelo seu eixo no sentido sudeste, tendo o limite Sul em aberto.

II – BAIRRO AYRTON SENNA:

Inicia-se no trevo de interseção da BR 116/Rio-Bahia com o Anel de Contorno Rodoviário, seguindo pelo eixo deste até interceptar com o eixo da BA 415/Vitória da Conquista – Ilhéus, seguindo por esta até o cruzamento com o Córrego Lagoa de Baixo, seguindo pelo eixo deste até interceptar com a BR 116/Rio-Bahia seguindo pelo eixo deste até o trevo de interseção com o Anel de Contorno Rodoviário, retornando ao ponto inicial.

III – BAIRRO JATOBÁ:

Inicia-se no cruzamento da estrada dos Campinhos com o Anel de Contorno Rodoviário, seguindo pelo seu eixo até o trevo de interseção da BR 116/Rio- Bahia, descendo pelo eixo desta Rodovia até interceptar com o Córrego Lagoa de Baixo, subindo pelo eixo deste até interceptar com a Rua São José, seguindo pelo eixo desta, continuando pelo eixo da estrada dos Campinhos, até o cruzamento com o Anel de Contorno Rodoviário, retornando ao ponto inicial.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito Municipal de Vitória da Conquista, 26 de dezembro de 1996.

José Fernandes Pedral Sampaio
Prefeito



LEI Nº 952/98

ALTERA LIMITES DE BAIROS INSTITUÍDOS PELA LEI Nº 798/95 E 850/96 E INSTITUI NOVOS BAIROS.

O PREFEITO MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, Estado da Bahia,

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Os Bairros da Cidade de Vitória da Conquista, instituídos oficialmente pelas Leis Municipais nºs 798, de 24 de novembro de 1995 e 850, de 26 de dezembro de 1996, indicados com números de 09, 10, 11, 12, 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 22, passarão a ter os seguintes limites:

09 - Nossa Senhora Aparecida

Inicia-se no cruzamento da Estrada da Batalha com a BR 116 (Rio Bahia), na torre da estação repetidora da Telebahia, descendo pelo eixo desta até confrontar com a Rua Santa Ana, pelo seu eixo até a Rua Santa Luzia, pelo seu eixo até a Rua Santa Madalena, pelo seu eixo até estrada da Batalha, pelo seu eixo até a Garganta na Fazenda Olho D'água, daí em reta até a nascente do Riacho do Peri-Peri, daí em linha reta até a torre da estação repetidora da Telebahia, no entroncamento da estrada da Batalha com a BR 116 (Rio Bahia), ponto inicial.

10 - Primavera

Inicia-se no encontro do Riacho dos Eucaliptos com a BA 265 (Vitória da Conquista - Barra do Choça) vindo no sentido Oeste pelo seu eixo até o encontro com a Avenida Primavera, pelo seu eixo até a estrada para o São Bernardo, pelo seu eixo até a estrada para o Povoado do Choça, pelo seu eixo até o Riacho do Choça, continuando por este até a Foz do Riacho dos Eucaliptos, por este até a BA 265 (Vitória da Conquista - Barra do Choça), ponto inicial.

11 - Candeias

Inicia-se no cruzamento da Avenida Rosa Cruz com a BA 265 (Vitória da Conquista - Barra do Choça), seguindo pelo eixo até confrontar com a Rua para o CREAME, por esta até confrontar com a linha de transmissão da COELBA (Anel de Contorno Projetado), acompanhando esta linha até interceptar com o Córrego do Verruga, seguindo pelo eixo deste até o cruzamento com a Rua José da Silva Guimarães, por seu eixo até a Avenida Siqueira Campos, seguindo pelo eixo desta até à Avenida Rosa Cruz, retornando por seu eixo até a BA 265 (Vitória da Conquista - Barra do Choça), ponto inicial.

12 - Boa Vista

Inicia-se no ponto em que a Avenida Juracy Magalhães BA 415 (Vitória da Conquista - Ilhéus) intercepta o prolongamento da Avenida do Contorno, seguindo pelo eixo desta até interceptar com o Riacho do Verruga, descendo pelo eixo deste até o cruzamento com a linha de transmissão COELBA (Anel de Contorno Projetado), acompanhando esta linha até interceptar com a BA 415 (Vitória da Conquista - Ilhéus - Avenida Juracy Magalhães), seguindo pelo eixo desta até encontrar com o prolongamento da Avenida do Contorno, ponto inicial.

16 - Zabelê

Inicia-se pela BA 262 (Vitória da Conquista - Brumado), no cruzamento com o Riacho da Muritiba, vindo no sentido Leste pelo seu eixo, Avenida Brumado até o cruzamento com a rua projetada a ser nominada, que limita os terrenos de propriedade de Pedro Morais - URBIS IV e Giordano Bacelar, seguindo pelo eixo desta até interceptar com o prolongamento da Avenida Pará onde intercepta com o eixo da Avenida "A" do Loteamento Nenzinha Santos - 1ª Etapa, seguindo pelo eixo desta, continuando pelo eixo da Rua "Q" do Loteamento Nenzinha Santos - 2ª Etapa, daí em linha reta até a estrada da Batalha, pelo eixo desta até a garganta da Fazenda Olho D'água, daí em linha reta até a BA 262 (Vitória da Conquista - Brumado) no cruzamento do Riacho da Muritiba, ponto inicial.

17 - Universidade

Inicia-se no cruzamento Riacho do Verruga com a Linha de Transmissão da COELBA, acompanhando esta até o seu confronto com a rua do CREAME, pelo eixo desta até a BA 265 (Vitória da Conquista - Barra do Choça), pelo eixo desta até seu encontro com o córrego Agrotécnica, pelo seu eixo até sua Foz no Córrego do Verruga, pelo eixo deste até o cruzamento com a linha de transmissão da COELBA, ponto inicial.

18 - Espírito Santo

Inicia-se na BA 415 (Vitória da Conquista - Ilhéus) no cruzamento com a linha de transmissão da- COELBA (Anel do Contorno Projetado), acompanhando esta até seu cruzamento com o Córrego Verruga, pelo eixo deste até a Foz do Riacho Agrotécnica, e daí pela reta entre a Foz



do Riacho Agrotécnica, no Riacho do Verruga e a Foz do Riacho Lagoa de Baixo no Riacho Santa Rita até o cruzamento da BA. 415 (Vitória da Conquista - Ilhéus), pelo eixo desta até o cruzamento com a linha de transmissão da COELBA, ponto inicial.

19 - Ayrton Senna

Inicia-se no trevo de interseção da BR 116 (Rio Bahia) com o Anel de Contorno Rodoviário, seguindo pelo eixo deste até interceptar com o eixo da BA 415 (Vitória da Conquista - Ilhéus), seguindo pelo eixo desta até o cruzamento com a reta entre a Foz do Riacho Agrotécnica no Córrego Verruga e a Foz do Riacho Lagoa de Baixo, no Riacho Santa Rita, pelo eixo deste até o cruzamento com a BR 116 (Rio Bahia), pelo seu eixo até o trevo de interseção com o Anel Contorno Rodoviário, ponto inicial.

20 - Jatobá

Inicia-se no cruzamento da estrada dos Campinhos com o Anel de Contorno Rodoviário, seguindo pelo seu eixo até o trevo de interseção da BR 116 (Rio Bahia), descendo pelo eixo desta Rodovia até interceptar com o Riacho Santa Rita, subindo pelo eixo deste até interceptar com a Rua São Lourenço pelo eixo desta até a Rua São Cristóvão, pelo eixo desta até a Rua São José, pelo eixo desta até a estrada dos Campinhos, pelo eixo desta até interceptar com o Anel de Contorno Rodoviário, ponto inicial.

21 - Campinhos

Inicia-se no confronto do Riacho Santa Rita com a Rua São Lourenço, seguindo pelo eixo desta, continuando pelo eixo da Rua São José até a estrada dos Campinhos, seguindo pelo eixo desta até a interseção com o Anel de Contorno Rodoviário, seguindo pelo eixo deste até o pontilhão do Córrego dos Campinhos, descendo pelo eixo deste até a confluência com o Córrego de São Pedro e deste ponto em linha reta até a Rodovia BA 262 (Vitória da Conquista - Brumado) no cruzamento com o Córrego da Muritiba, daí em reta até a nascente do Riacho Santa Rita, pelo eixo deste até o confronto com a Rua São Lourenço, ponto inicial.

22 - São Pedro

Inicia-se no cruzamento do Riacho da Muritiba com a BA 262 (Vitória da Conquista - Brumado), seguindo pelo eixo desta Rodovia até a interseção do Anel do Contorno Rodoviário, seguindo pelo eixo deste Anel, até o pontilhão do Córrego dos Campinhos, descendo pelo seu eixo até a confluência com o Córrego de São Pedro, daí em linha reta até a Rodovia BA 262 (Vitória da Conquista - Brumado), no cruzamento com o Riacho da Muritiba, ponto inicial.

Art. 2º - Ficam oficialmente instituídos os Bairros Distrito Industrial (A) e Lagoa das Flores (B), com as seguintes denominações:

23 - Distrito Industrial (A)

Inicia-se no cruzamento do Riacho do Choça com a BR 116 (Rio Bahia), seguindo pelo eixo desta até confrontar com a estrada para a Rodovia Batalha, na torre da estação repetidora da Telebahia, daí em linha reta até a nascente do Riacho do Peri-Peri, seguindo pelo eixo do Riacho do Choça até o cruzamento com a BR 116 (Rio Bahia), ponto inicial.

24 - Lagoa das Flores (B)

Inicia-se no cruzamento da BR 116 (Rio Bahia) com o Riacho do Choça, pelo eixo deste até a estrada para o Povoado do Choça, pelo eixo desta até a estrada para o São Bernardo, pelo eixo desta até a Rua Boa Vista, pelo eixo desta até a Avenida Bela Vista, pelo eixo desta até a Avenida Serra (Projetada), pelo eixo desta até a BR 116 (Rio Bahia), pelo eixo desta até o cruzamento com o Riacho do Choça, ponto inicial.

Art. 3º - Esta Lei entrará em vigor na data da sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito Municipal de Vitória da Conquista, em 15 de dezembro de 1998.

Guilherme Menezes
Prefeito

Nº 1.385/2006

O PLANO DIRETOR DO MUNICÍPIO DE VITÓRIA DA CONQUISTA E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, ESTADO DA BAHIA, no uso de suas atribuições,



Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei Complementar:

**CAPÍTULO I
PRELIMINARES**

Art. 1º. Fica aprovado e instituído o Plano Diretor do Município de Vitória da Conquista, instrumento normativo da política de desenvolvimento urbano, com abrangência de todo o território do Município.

2º. Esta Lei contém, como instrumentos básicos de política urbana:

I. Os princípios, diretrizes e instâncias de planejamento para o acompanhamento e controle social do Planejamento Urbano de Vitória da Conquista e, em especial, o Plano Diretor Urbano;

II. O partido urbanístico e elementos estruturadores do espaço urbano;

III. As diretrizes para a aplicação dos instrumentos de política urbana, previstos no Estatuto da Cidade;

IV. Políticas setoriais e projetos estratégicos; e

V. As diretrizes para a política habitacional de interesse social.

3o. Integram esta Lei os seguintes Anexos:

I. Anexo I - Plantas;

II. Anexo II - Projetos Estratégicos.

**CAPÍTULO II
PRINCÍPIOS**

Art. 4º. O Plano Diretor Urbano tem como princípios:

I. Promoção da justiça social e a redução das desigualdades sociais;

II. Inclusão social, compreendida como garantia de acesso a bens, serviços e políticas sociais a todos os munícipes, particularmente às crianças, aos idosos e aos portadores de necessidades especiais;

III. Estímulo ao desenvolvimento socioeconômico em bases sustentáveis, contemplando a equidade social e a melhoria da qualidade de vida da população, bem como a valorização dos recursos naturais e culturais;

IV. Direito à Cidade para todos, compreendendo o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infraestrutura urbana, ao transporte, aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer;

V. Respeito às funções sociais da Cidade e à função social da propriedade;

VI. Prioridade ao transporte coletivo público, adaptando-o para utilização pelos portadores de necessidades especiais;

VII. Fortalecimento do papel regulador do setor público e valorização das suas funções de planejamento, articulação e controle;

VIII. Participação da população nos processos de decisão, planejamento e gestão;

IX. Compreensão do Plano Diretor Urbano como parte de um processo de planejamento municipal permanente e contínuo, de caráter técnico e político, baseado na participação, negociação e cooperação;

X. Visão estratégica de planejamento, respaldada num projeto de cidade, construído pela sociedade e caracterizada pela viabilidade e oportunidade das propostas.

**CAPÍTULO III
OBJETIVOS**

5º. O Plano Diretor Urbano tem como objetivos:

I. Consolidar e projetar Vitória da Conquista como:

a) pólo comercial e prestador de serviços, potencializando o desenvolvimento do setor industrial e do agronegócio;

b) centro universitário, educacional e de ciência e tecnologia;

c) centro regional de serviços de saúde, projetando-a como centro de referência estadual.

II. Orientar a política urbana para o atendimento das funções sociais da Cidade, promovendo:

a) o adensamento da ocupação do solo na malha urbana da Sede;

b) o combate à degradação ambiental e a recuperação de áreas degradadas;

c) a implantação de infraestrutura, em acordo com diretrizes de proteção ambiental, e a racionalização do uso da infraestrutura, em particular, a do sistema viário e de transportes, evitando sua sobrecarga ou ociosidade;

d) a extensão dos serviços básicos de saneamento e a implantação de drenagem urbana, na Sede;



e) a solução do problema da destinação final de resíduos sólidos; e

f) a inclusão social das áreas segregadas no meio urbano.

III. Promover a adequação dos instrumentos de política econômica, tributária e financeira aos objetivos do desenvolvimento urbano, de modo a privilegiar os investimentos públicos e privados geradores de bem-estar geral e a fruição dos bens pelos diferentes segmentos sociais;

IV. Combater as distorções e abusos do mercado imobiliário urbano e o uso especulativo da terra como reserva de valor, de modo a assegurar o cumprimento da função social da propriedade;

V. Recuperar os investimentos do Poder Público que resultem na valorização de imóveis urbanos;

VI. Buscar equilíbrio entre a situação social do meio urbano e a do meio rural;

VII. Buscar eficácia na ação governamental, promovendo a integração e a cooperação com os Governos federal e estadual e com os demais Municípios da região Sudoeste; e

VIII. Promover o desenvolvimento de atividades de auto-geração de trabalho e renda.

CAPÍTULO IV

SISTEMA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO URBANO INTEGRADO

I

GERAIS

Art. 6º. Fica instituído o Sistema Municipal de Planejamento Urbano Integrado, com os objetivos de:

I. Definir, articular e orientar as ações estratégicas do governo, no tocante à problemática urbana;

II. Identificar as necessidades prioritárias de intervenção urbanística do Município;

III. Fornecer os subsídios necessários para a definição de diretrizes gerais da política de desenvolvimento municipal;

IV. Estabelecer os meios de operacionalização do Plano Diretor Urbano e de sua atualização, bem como dos demais planos setoriais;

V. Fornecer subsídios para a elaboração de programas e projetos executivos; e

VI. Propiciar a ampla participação da sociedade civil organizada e dos movimentos sociais na elaboração de propostas de intervenção urbana.

Art. 7º. O Sistema Municipal de Planejamento será composto pelas seguintes instâncias operacionalizadoras:

I. Coordenação de Gestão do Plano Diretor Urbano;

II. Sistema Municipal de Informações para o Planejamento e Gestão do Município de Vitória da Conquista;

III. Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano;

IV. Núcleo de Acompanhamento e de Impulsão de Projetos Estratégicos; e

V. Conferência da Cidade.

CAPÍTULO V

PARTIDO URBANÍSTICO

Art. 18. O planejamento da organização territorial observará as seguintes diretrizes:

I. Ocupação e densificação compatíveis com a qualificação da estrutura urbana local, com vistas à maior eficiência na distribuição dos equipamentos e serviços públicos;

II. Organização das atividades econômicas comerciais e de serviços e dos equipamentos urbanos, com prioridade para as consideradas estratégicas para o desenvolvimento municipal;

III. Melhoria da mobilidade urbana e da acessibilidade em nível regional;

IV. Qualificação da estrutura urbana e conseqüente melhoria das condições de moradia da população;

V. Distribuição dos equipamentos comunitários, de forma a atender a todas as regiões da Cidade e do Município, reduzindo a segregação socioespacial; e

VI. Racionalização da aplicação dos recursos públicos, de forma a maximizar os benefícios e minimizar os custos sociais da urbanização.

Art. 19. A estruturação do espaço urbano e a articulação entre os sistemas previstos nesta Lei serão alcançadas com base:



- I. Nas características morfológicas e topográficas do sítio urbano, levando em consideração os recursos naturais, o patrimônio histórico-cultural, a infraestrutura urbana, os eixos viários estruturadores em nível urbano e interurbano; e
- II. No ordenamento do uso e na regulamentação da ocupação do solo.

Art. 20. Em consonância com os princípios básicos que norteiam a estruturação e organização do espaço urbano, são considerados como seus elementos estruturadores:

- I. A definição do Perímetro Urbano;
- II. O macrozoneamento de Ocupação do Solo;
- III. Os parâmetros de Uso do Solo;
- IV. As Áreas Especiais de Valor Ambiental e Cultural;
- V. As Áreas Especiais de Interesse Institucional;
- VI. As Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS); e
- VII. O Sistema Viário e de Transporte.

SEÇÃO I

URBANO

Art. 21. Fica mantido o perímetro urbano estabelecido pela legislação vigente.

SEÇÃO II

DA OCUPAÇÃO DO SOLO NA SEDE MUNICIPAL

Art. 22. Como elemento de estruturação e organização do espaço urbano, ficam instituídas as seguintes macrozonas de ocupação.

- I. de Ocupação Consolidada;
- II. de Adensamento Controlado;
de Adensamento Condicionado;
- IV. de Expansão Urbana Condicionada;
- V. de Expansão Urbana Preferencial I e II; e
- VI. de Expansão Urbana Rarefeita.

Parágrafo único. As macrozonas correspondem à divisão de bairros da Cidade, objeto das Leis nº 798/95, e 850/96, e configuram unidades de análise, em relação às ações de planejamento e intervenções do Poder Público.



Lei Nº 1.481/2007

INSTITUI O CÓDIGO DE ORDENAMENTO DO USO E DA OCUPAÇÃO DO SOLO E DE OBRAS E EDIFICAÇÕES DO MUNICÍPIO DE VITÓRIA DA CONQUISTA E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, ESTADO DA BAHIA, no uso de suas atribuições,

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art.1º Fica instituído o Código de Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo e de Obras e Edificações do Município de Vitória da Conquista-Ba, que estabelece as normas para o licenciamento de parcelamento, urbanização, edificação e de atividades, de observância obrigatória pelos agentes

públicos e privados, tendo como objetivos gerais:

I. estabelecer bases sistemáticas de referência e de direito, para o exercício do poder de polícia administrativa, por parte da Administração

Municipal, em consonância com as diretrizes do Plano Diretor Urbano;

II. priorizar a função de moradia como condicionante para implantação de atividades não residenciais em zonas residenciais;

III. garantir a minimização dos impactos causados na estrutura urbana no exercício das atividades e instalação de empreendimentos que configurem o uso e a ocupação do solo;

IV. evitar a segregação de usos, promovendo a diversificação e mixagem de usos compatíveis, de modo a reduzir os deslocamentos da população e equilibrar a distribuição da oferta de emprego e trabalho;

V. garantir a promoção da qualidade de vida da população e da preservação do meio ambiente;

VI. garantir a redução da segregação e exclusão sociais;

VII. garantir o cumprimento da função social da propriedade;

VIII. assegurar o padrão de qualidade dos empreendimentos, obras, reformas e demolições, de modo a garantir a higiene, o conforto e a segurança;

IX. evitar ou remover os obstáculos à locomoção das pessoas portadoras de necessidades especiais, permitindo o seu acesso a edifícios e logradouros públicos e privados, suas unidades autônomas e dependências.

Art. 2º Integram a presente Lei os Anexos abaixo relacionados:

I. Anexo I: Glossário, contendo conceitos dos termos técnicos adotados;

II. Anexo II: Categorias de Uso do Solo no Município e Áreas de Influência, contendo:

a) Quadro 2.1 - Atividades/ Empreendimentos que configuram o Uso do Solo;

b) Quadro 2.2 - Uso do Solo por Área de Influência;

III. Anexo III: Parâmetros, Critérios e Restrições de Uso e Ocupação do Solo, contendo:

a) Quadro 3.1 - Critérios e Restrições Aplicáveis às Zonas e Corredores de Usos;

Quadro 3.2 - Parcelamento do Solo - Percentual Mínimo das áreas para Usos

Complementares;

c) Quadro 3.3 - Atividades e Empreendimentos por nível de Poluição e Segurança Ambiental;

Quadro 3.4 - Critérios e Restrições Relativos a Pólos Geradores de Tráfego (PGT) e vagas para Estacionamento;

Quadro 3.5 - Sistema Viário - Características Técnicas para Implantação;

Quadro 3.6 - Vagas de Estacionamentos e / ou Garagens segundo o Uso;

Quadro 3.7 - Acessos, Área de Espera, Área de Acumulação e Altura Livre dos

Estacionamentos e/ou Garagens - Critérios e Restrições

Aplicáveis às Zonas e Corredores de Usos;

Quadro 3.8 - Vias Internas de Estacionamentos e/ou Garagens;

Quadro 3.9 - Critérios de Compatibilidade Locacional relativos à via de acesso;

Quadro 3.10 - Critérios de Compatibilidade Locacional referentes à distância entre usos;

IV. Anexo IV - Representações Cartográfica, contendo a representação espacial das Zonas de Uso e Ocupação do Solo da Sede municipal:

a) P/01 - Zoneamento do Uso e da Ocupação do Solo;

b) P/02 - Zonas Especiais Interesse Social (ZEIS);

P/03 - Áreas de Interesse Ambiental.



V. Anexo V, contendo:

- a) Parâmetros Técnicos para Obras - Critérios e Restrições;
- b) Quadro 5.1 - Cálculo da População por Empreendimento;

VI. Anexo VI - Infrações e Multas, contendo:

- a) Quadro 6.1 - Infrações de obras e multas;
- b) Quadro 6.2 - Infrações e Multas de Parcelamento do Solo Urbano.

TÍTULO II

ORDENAMENTO DO USO E DA OCUPAÇÃO DO SOLO

CAPÍTULO I

CATEGORIAS E ORGANIZAÇÃO DO USO DO SOLO

Art. 3º Os empreendimentos e atividades no Município serão classificados, para efeito de controle e licenciamento, de acordo com as categorias de uso do solo relacionadas no Quadro 2.1, do Anexo II e com a Área de Influência relacionada no Quadro 2.2, do Anexo II.

Parágrafo único. Os empreendimentos e atividades não relacionados no Quadro 2.1 serão classificados nas categorias de uso que apresentarem maior similaridade.

Art. 4º Para o licenciamento de empreendimentos e atividades serão necessariamente considerados:

I. as restrições Zonais, definidas com base nas disposições sobre o zoneamento, estabelecidas pelo Plano Diretor para o macrozoneamento e por esta Lei;

II. as normas do parcelamento do solo;

III. os critérios e restrições para empreendimentos e atividades que independem do zoneamento;

Parágrafo único. As condicionantes referentes a terrenos que independem do zoneamento atenderão ao estabelecido nesta lei e no Código Municipal de Meio Ambiente.

II- ZONEAMENTO

Art. 5º A Sede municipal compreende as seguintes zonas, com base no macrozoneamento instituído pelo art. 22, da Lei do Plano Diretor:

I. Zonas de Uso Residencial:

- a) ZR -1 - Área de Ocupação Consolidada;
- b) ZR -2 - Área de Adensamento Controlado;
- c) ZR -3 - Área de Adensamento Condicionado;
- d) ZR -4 - Área de Expansão Urbana Condicionada;
- e) ZR -5 - Área de Expansão Urbana Preferencial I;
- f) ZR -6 - Área de Expansão Urbana Preferencial II;
- g) ZR -7 - Área de Expansão Urbana Rarefeita.

II. Zonas de Usos Diversificados:

a) Centro Municipal;

b) Subcentro do Bairro Brasil.

III. Corredores de Usos Diversificados:

- a) Corredor de Usos Diversificados da Av. Presidente Dutra;
- b) Corredor de Usos Diversificados da Avenida Juracy Magalhães;
- c) Corredor de Usos Diversificados da Avenida Brumado;
- d) Corredor de Usos Diversificados da Avenida Olívia Flores;
- e) Corredor de Usos Diversificados da Av. Luiz Eduardo Magalhães.

IV. Distrito Industrial dos Imborés;

V. Sistema de Áreas de Interesse Ambiental:

a) Parque Municipal da Serra do Periperi;

b) de Proteção Ambiental Municipal das Lagoas e Vales de Vitória da Conquista.

VI. Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS):

a) ZEIS I;

b) ZEIS II;

c) ZEIS III.

INVENTARIO
DOS
DOCUMENTOS RELATIVOS AO BRASIL

EXISTENTES NO

Archivo de Marinha e Ultramar
DE LISBOA //

ORGANISADO PARA A

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

POR

Eduardo de Castro e Almeida

1.^o Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa
e Director da Secção IX (Archivo de Marinha e Ultramar)

IV

5
300

BAHIA

1798-1800



RIO DE JANEIRO

Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional

1916



OFFICIO do ex-Governador da Bahia Manuel da Cunha Menezes para Martinho de Mello e Castro, sobre a *Capitania dos Ilheos*.

Lisboa, 12 de agosto de 1780.

“A Capitania dos Ilhéos tem de costa lavadas pelo Oceano 55 legoas, segundo a informação que me derão differentes praticos, que navegação nas embarcações que transportam as tenues producções desta Capitania para a Cidade da Bahia. Entram no mesmo Oceano differentes rios que fazem as terras da dita Capitania muito fertéis e para que V. Ex. conheça a capacidade e qualidade dos mesmos rios e a distancia que medeão huns dos outros passo a relatar o que consta de hum apontamento que fiz quando intentei conhecer os interesses que a Fazenda Real poderia tirar de huma Capitania até o presente esquecida e habitada a maior parte do seu territorio pelos gentios bravos e errantes.

Na citada Capitania não estrava outro dinheiro mais do que o producto da casca e de algum arroz, gallinhas e ripas, para casas e inda este muitas vezes não entrava por ser permutado a panno de linho, riscados, fazenda da India, chamada *bambá* e carne secca; unica Capitania da America que não tem açougues.

N'esta figura se achava ao tempo em que recebi ordem de S. M. para remetter madeiras para construcção de huma náu de 60 peças e mastreação de oleo para a mesma náu e huma fagata de 34 pés de bocca, para cuja execução, tomando primeiro as informações, achei que nos córtes passados se tinham tirado madeiras da dita Capitania, mandei dinheiros e ordem para a nova abertura, a que se deu principio, porém com huma lentidão alheia e contra o meu genio, de que se seguiu increpar o Inspector, que se esforçou dizendo-me que a lentidão e molleza nascia da falta de bois para a tirada e arrasto das madeiras até o porto do embarque e que para os haver naquelle territorio era preciso leval-os embarcados da Bahia, debaixo do risco de os perderem nos embarques e desembarques das embarcações que os conduzião.

Este foi o modo porque soube de que naquella Capitania havia creação de gados e querendo dar-lhe providencia, não só para que tivessem gados para a lavoura, mas tambem para a extracção das madeiras, em abundancia na mesma Capitania e na que se segue para o sul de Porto Seguro, que igualmente corre a mesma sorte de se desprezarem as preciosidades que encerrão: lembrei-me de abrir huma estrada, que em linha recta cortasse pelo meio da Capitania até sahir na estrada geral do Rio S. Francisco, para cujo effeito, tendo noticia de hum homem, que com a sua familia vivia nas cabeceiras da citada Capitania, no sertão da resaca, chamado *João Gonçalves*, o qual obrigando-se, não sei o motivo, para aquelle deserto por dilatado tempo, não logrou ver fructo do seu traualho, pois lh'o roubavam os Indios bravos e as onças que eram em grande numero, mas como se lhe foram aggregando alguns casaes de Indios domesticos e teve com que comprar alguns escravos; hoje tem no rancho mais de 60 pessoas e vivem socegados das primeiras perturbações e rodeados das fazendas de gado com que fornecem os açougues da Villa de Jaguaribe, povoação de Nazareth e Aldêa, tendo a fazer dilatado caminho para lhe introduzir os gados. Fiz vir o homem a minha presença, tratei-o com todo o carinho e agasalho e propuz-lhe as conveniencias que se lhe seguirião se houvesse hum caminho mais curto e para humas povoações sem açougues e sem gados para a lavoura e transportes, e povoações para onde principiava a entrar com abundancia dinheiros da Fazenda Real, dinheiros dos particulares, para madeiras de construcção de navios e de outras embarcações menores, mastreações, que eu promovia effizamente: não lhe desagradou a proposta, promettendo-me de intentar a abertura, como praticou honradamente, gastando em abril-a quazi 3 annos, comendo e dando de comer á gente que o acompanhou á sua custa; porque nesta manobra não teve a Fazenda de S. M. mais gasto, do que 2 barris de polvora, 2 quintaes de chumbo e huma caixa de guerra, que por inutil se achava nos Armazens Reaes.

No mez de outubro passado se concluiu o trabalho da abertura da estrada, parando o honrado homem com a sua gente no sitio chamado do Funil, sitio proprio para delle destacarem as estradas particulares até ás 6 villas acima ditas e com as noticias que me vierão de ser o sitio agradavel e á margem de hum rio de boa agoa e pescado, determinei fundar huma villa no tal sitio e outras povoações mais interiores afim de se aproveitarem aquellas terras e as madeiras creadas n'ellas.

Levado deste pensamento ordenei destacassem para o referido lugar humas companhias de Indios, que ha na Bahia com soldo e officiaes brancos, chamados da Conquista, as quaes torão creadas para afastarem os gentios bravos das povoações e presentemente não fazem outro serviço mais do que trabalhar cada um para si nas roças que tem feito junto do quartel que lhe foi dado.

DESPACHO do Conselho Ultramarino pelo qual mandou passar provisão de licença ao Capitão *João Francisco da Costa* para edificar uma nova capella na sua fazenda do Capoame.

Lisboa, 26 de novembro de 1800. (*Annexo ao n. 21.715*).

Seguem ao despacho os lançamentos dos respectivos registos. 21.720

REQUERIMENTO do Alferes das Ordenanças *João Francisco dos Reis*, no qual pede a confirmação regia da sua patente. 21.721

CARTA patente pela qual o Governador D. Fernando José de Portugal nomeou *João Francisco dos Reis* Alferes do Terço das Ordenanças do norte.

Bahia, 7 de junho de 1799. (*Annexa ao n. 21.721*). 21.722

REQUERIMENTO do Capitão *João Gomes Cardoso*, no qual pede a confirmação regia da sua patente. 21.723

CARTA patente pela qual o Governador D. Fernando José de Portugal nomeou *João Gomes Cardoso* Capitão das Ordenanças da Villa de N. S. da Livramento do Rio das Contas.

Bahia, 27 de junho de 1795. (*Annexa ao n. 21.723*). 21.724

REQUERIMENTO do Capitão mór *João Gonçalves da Costa*, no qual pede a justificação dos seus serviços. 21.725

CARTA patente pela qual o Governador Marquez de Valença nomeou *João Gonçalves da Costa* Capitão mór da Conquista do sertão da Ressaca.

Bahia, 31 de julho de 1781. *Certidão.* (*Annea ao n. 21.725*). 21.726

PORTARIAS (7) dos Governadores D. Rodrigo José de Menezes e D. Fernando José de Portugal e de outros, dirigidas ao Capitão mór *João Gonçalves da Costa* sobre a conquista do gentio e os serviços por elle prestados na submissão dos Indios Nongonhos.

V. datas. (*Annexas ao n. 21.725*). 21.727—21.733

CARTA do Ouvidor da comarca dos Ilhéos *Francisco Nunes da Costa* para o Capitão mór *João Gonçalves da Costa*, em que se refere á conquista do gentio e o elogio pelos seus relevantes serviços.

Bahia, 17 de fevereiro de 1785. (*Annexa ao n. 21.725*). 21.734

ATTESTADO do Brigadeiro José Clarque Lobo, sobre os valiosos serviços prestados pelo Capitão mór *João Gonçalves da Costa* na conquista do gentio barbaro.

Bahia, 8 de novembro de 1796. (*Annexo ao n. 21.725*). 21.735

REQUERIMENTO de *João Gonçalves da Costa*, no qual pede para juntar a certidão da sua carta patente, por ter a original em Lisboa para a sua confirmação regia.

(*Annexo ao n. 21.725*). 21.736

AUTO da inquirição de testemunhas a que procedeu o Chanceller da Relação sobre a justificação dos serviços allegados pelo Capitão mór *João Gonçalves da Costa*.

Bahia, 16 de dezembro de 1796. (*Annexo ao n. 21.725*). 21.737

APÊNDICE - Formulários

PESQUISA DE CAMPO

Formulário - Levantamento de informações para a construção de um relatório sobre a morfologia da cidade e Perfil do espaço urbano e levantamento de dados sobre os processos de planificação implantados na cidade

Data do Levantamento : __/__/__

1. ESTRUTURA URBANA- (definição da forma e morfologia urbana)

Observação direta em campo, com o levantamento dos diversos equipamentos que compõe a estrutura urbana:

Utilização de imagem de satélite para o levantamento dos dados e informações da estrutura urbana, produção de mapas temáticos gerais e específicos.

- 1- Arruamento, (ruas, praças, avenidas, vielas, becos,)
- 2- Padrão de arruamento(ortogonal, xadrez, poligonal, hexagonal, irregular etc.)
- 3- Edificações (classificação por tipos de edificações, residencial, comercial)
- 4- Estrutura das edificações (classificação por período de construção, padrão e estilo arquitetônico)
- 5- Estrutura das edificações residenciais (definição do padrão de moradia, classes e hierarquia conforme a renda dos moradores, definição dos padrões de moradia por quadra fiscal e por bairro)
- 6- Estrutura das edificações comerciais (definição do padrão de uso e ocupação, localização e tipo de comercio praticado no local.)
- 7- Estrutura das edificações industriais (definição do padrão de uso e ocupação, localização e tipo de industrialização praticado no local.)
- 8- Estrutura das edificações mista (definição do padrão de uso e ocupação, localização e tipo de atividade praticado no local. Moradia, comercio, serviços, industria)
- 9- Estrutura das edificações de equipamentos públicos (definição do padrão de uso e ocupação, localização e tipo de atividade praticado no local)
- 10- Estrutura dos equipamentos da mobilidade urbana
- 11- Estrutura dos equipamentos do sistema de transporte coletivo
- 12- Estrutura dos loteamentos implantados entre 1950 e 2012
- 13- Estrutura dos condomínios horizontais fechados (implantados entre 1980 e 2012)
- 14- Estrutura dos conjuntos residenciais implantados pelas políticas habitacionais entre 1970 e 2010
- 15- Estrutura do centro funcional da cidade
- 16- Estrutura dos novos centros funcionais que surgiram entre 2000 e 2012
- 17- Estrutura do distrito industrial e das demais áreas industriais especializadas no território da cidade de Vitória da Conquista

OBS: Todos estes itens foram levantados em campo no espaço urbano da cidade e utilizados na produção textual e na produção dos mapas temáticos produzidos e incorporados na tese.

GESTÃO URBANA

2.1-INSTRUMENTOS DE GESTÃO

Lei de Perímetro Urbano: () SIM ()NÃO

Código de Postura: () SIM ()NÃO

Ano de Aprovação/última atualização? Atende as necessidades municipais?

Código de Obras/Edificações: () SIM ()NÃO

Ano de Aprovação/última atualização? Atende as necessidades municipais?

Como está sendo aplicado?

Quais outros instrumentos de política urbana o município possui?

Todas essas Legislações são de fácil acesso e entendimento da equipe do Setor?

LEGISLAÇÕES ANALISADAS :

Marcar (X)	LEI	Data de publicação
	Código de Edificações/Código de Obras	
	<i>Código de Posturas</i>	
	Código Tributário	
	Estatuto dos servidores/Plano de cargos e salários	
	Lei da Estrutura Administrativa	
	Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO)	
	Lei de Proteção do Patrimônio Cultural	
	Lei de Uso e Ocupação do Solo	
	Lei de Zoneamento	
	Lei do Perímetro Urbano	
	Lei do Plano Plurianual (PPA)	
	Lei Orçamentária Anual (LOA)	
	Lei Orgânica	
	Lei para Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS)	
	Normas de Proteção Ambiental (código ambiental)	
	Plano Diretor	
	Plano estratégico de mobilidade urbana	
	Plano de ordenamento territorial	
	Outras (especificar)	

ASSINALAR A EXISTÊNCIA DE:

Marcar (X)	INSTRUMENTO	Data de Elaboração
	Agenda 21	
	Orçamento Participativo	
	Plano de Bacia Hidrográfica	
	Plano de Desenvolvimento Turístico Sustentável	
	Plano de Preservação do Patrimônio Cultural	
	Plano Municipal de Assistência Social	
	Plano Municipal de Educação	
	Plano Municipal de Saúde	
	Programa de Regularização Fundiária	
	Zoneamento Ecológico Econômico	
	Política Habitacional Municipal	
	Política urbana de transporte coletivo	
	Plano de integração regional	
	Plano de metropolização da cidade	
	Plano de implantação da zonas especiais de	
	Plano de mobilidade urbana	
	Outros (especificar)	

ASSINALAR A EXISTÊNCIA DE:

Marcar (X)	ITENS
	Áreas com risco de escorregamentos, inundações e/ou áreas contaminadas Quantas? Quais?
	Áreas de nascentes e mananciais no espaço urbano da cidade
	Áreas com problemas de coleta de lixo urbano e saneamento ambiental
	Áreas com problemas ambientais, áreas com fragilidade socioambiental.
	Áreas privadas com ocupações irregulares Quantas? Quais?
	Áreas loteadas sem ocupação urbana
	Áreas públicas com ocupações irregulares Quantas? Quais?
	Áreas de Patrimônio Histórico Quantas? Quais?
	Áreas de Preservação Ambiental Quantas? Quais?

GERENCIAMENTO DE DADOS CADASTRAIS:

TIPOS DE CADASTRO EXISTENTES NO MUNICÍPIO:

Cadastro Imobiliário – Ano: _____ / () Sede / () Vilas –
Quais? _____

Cadastro Econômico – Ano: _____ / () Sede / () Vilas –
Quais? _____

Cadastro de Infraestrutura – Ano: _____ / () Sede / () Vilas –
Quais? _____

Cadastro de Logradouros – Ano: _____ / () Sede / () Vilas –
Quais? _____

ATUALIZAÇÃO DOS CADASTROS

Cadastro Imobiliário: Atualizado? () Não () Sim Ano: ____

Abrangência: () Sede () Novas áreas () Quais? _____

Nº de unidades: ____ Vilas () Quais? _____

Cadastro Econômico: () Não () Sim Ano: _____

Abrangência: () Sede () Novas áreas () Quais? _____

Nº de unidades: _____ Vilas () Quais? _____

Cadastro de Logradouros: Atualizado? () Não () Sim Ano: _____

Abrangência: () Sede () Novas áreas () Quais? _____

Nº de unidades: _____ Vilas () Quais? _____

Cadastro de Infra-estrutura: Atualizado? () Não () Sim Ano: _____

Abrangência: () Sede () Novas áreas () Quais? _____

Vila () Quais? _____

	TOTAL	CADASTRADOS
Total de Distrito		
Total de Setor		
Total de quadra por setor		
Total de Bairros		

INSTRUMENTOS BÁSICOS DO CADASTRO:

PLANTA DE REFERÊNCIA CADASTRAL Possui? ()

Não () Sim

Meio: () Analógico

() Digital

PLANTA DE QUADRA Possui? ()

Não () Sim

Meio: () Analógico () Digital

BOLETIM DE CADASTRO IMOBILIÁRIO Possui? ()

Não () Sim BOLETIM DE CADASTRO ECONÔMICO

Possui? () Não () Sim

BOLETIM DE LOGRADOURO Possui? ()

Não () Sim

PESQUISA DE CAMPO

ENTREVISTAS

- 01- Entrevista com moradores do bairro Recreio sobre a estrutura do bairro conversa informal
- 02- Entrevista com moradores do bairro Candeias sobre a estrutura do bairro conversa informal
- 03- Entrevista com moradores do loteamento Vila America conversa informal
- 04- Entrevista com moradores da Vila Serrana sobre a origem e estrutura do conjunto habitacional conversa informal.
- 05- Entrevista com moradores do conjunto residencial Vila Bonita e Vila do Sul, sobre a origem do conjunto habitacional, saber se era resultante de políticas habitacionais ou não conversa informal.
- 06- Entrevista com moradores do conjunto residencial Europa Reunida e America Reunida, sobre a origem do conjunto habitacional, saber se era resultante de políticas habitacionais ou não conversa informal.
- 07- Entrevista com moradores do conjunto residencial bem querer, sobre a origem do conjunto habitacional, saber se era resultante de políticas habitacionais ou não conversa informal.
- 08- Entrevista com moradores do bairro Boa Vista sobre a estrutura do bairro conversa informal
- 09- Entrevista com o secretário de sistema de transito e Infraestrutura urbana – SINTRANS- Vitória da Conquista-BA- conversa informal.
- 10- Entrevista com o representante da SINDUSCON- Vitória da Conquista- conversa informal